

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# HISTÓRIA AUGUSTA

VIDAS DE PERTINAZ, DÍDIO JULIANO,  
SEVERO, PESCÉNIO NIGRO, CLÓDIO ALBINO,  
ANTONINO CARACALA, ANTONINO GETA,  
OPÍLIO MACRINO, DIADÚMENO ANTONINO,  
ANTONINO HELIOGÁBALO

(VOLUME II)

TRADUÇÃO DO LATIM, COM INTRODUÇÃO E NOTAS  
NUNO SIMÕES RODRIGUES, CLÁUDIA TEIXEIRA  
FRANCISCO OLIVEIRA, JOSÉ LUÍS BRANDÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**Apresentação:** esta série propõe-se oferecer em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre os autores da tradução

Nuno Simões Rodrigues é Doutor em Letras (História da Antiguidade Clássica). Prof. Associado da Faculdade de Letras da U. de Lisboa. Investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da U. de Lisboa e de Estudos Clássicos e Humanísticos da U. de Coimbra.

Cláudia Teixeira é Prof. Associada da U. de Évora e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (U. Coimbra). É co-IR do projeto BioRom (PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

Francisco Oliveira é Prof. Catedrático da FLUC e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Interessa-se pela sociologia do teatro antigo, teoria política na antiguidade, cidadania e misoginia nas sociedades clássicas.

José Luís Brandão é Prof. Associado do Instituto de Estudos Clássicos da FLUC e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. IR do proj. BioRom (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORES PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

**António Manuel Rebelo**

Universidade de Coimbra

**José Luís Brandão**

Universidade de Coimbra

**Margarida Lopes Miranda**

Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

**Daniela Pereira**

Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

**Aires do Couto**

Universidade Católica - Viseu

**Nair Castro Soares**

Universidade de Coimbra

**Arnaldo do Espírito Santo**

Universidade de Lisboa

**Francisco de Oliveira**

Universidade de Coimbra

**Carlos Ascenso André**

Universidade de Coimbra

**Paula Cristina Barata Dias**

Universidade de Coimbra

**Cláudia Teixeira**

Universidade de Évora

**Paulo Sérgio Ferreira**

Universidade do Coimbra

**Elaine Cristine Sartorelli**

Universidade de São Paulo

**Ricardo Cunha Lima**

Universidade de São Paulo

**Italo Pantani**

Università degli Studi di Roma 'La  
Sapienza'

**Saul António Gomes Coelho da  
Silva**

Universidade de Coimbra

**Jacques Paviot**

Université Paris-Est

**Tom Earle**

Universidade de Oxford

**José Löhner**

Universidade de São Paulo

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

# HISTÓRIA AUGUSTA

VIDAS DE PERTINAZ, DÍDIO JULIANO,  
SEVERO, PESCÉNIO NIGRO, CLÓDIO ALBINO,  
ANTONINO CARACALA, ANTONINO GETA,  
OPÍLIO MACRINO, DIADÚMENO ANTONINO,  
ANTONINO HELIOGÁBALO

(VOLUME II)

TRADUÇÃO DO LATIM, COM INTRODUÇÃO E NOTAS DE  
NUNO SIMÕES RODRIGUES, CLÁUDIA TEIXEIRA  
FRANCISCO OLIVEIRA, JOSÉ LUÍS BRANDÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

História Augusta. Vol. II

Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalos

História Augusta. Vol. II

Lives of Helvius Pertinax, Didius Julianus, Severus, Pescenius Niger, Clodius Albinus, Antoninus Caracallus, Antoninus Geta, Opilius Macrinus, Diadumenus Antoninus, Antoninus Heliogabalus

TRADUÇÃO DO LATIM, COM INTRODUÇÃO E NOTAS DE

TRANSLATION FROM LATIN, WITH INTRODUCTION AND NOTES BY

Nuno Simões Rodrigues, Cláudia Teixeira

Francisco Oliveira, José Luís Brandão

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto CONTACT

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Jorge Neves

Proj. BioRom: Rome our Home:  
(Auto)biographical Tradition and  
the Shaping of Identity(ies) (PTDC/  
LLT-OUT/28431/2017)

Impressão e Acabamento PRINTED BY

KDP

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

ISSN

2183-220X

 REPÚBLICA  
PORTUGUESA

ISBN

978-989-26-2075-6

© março 2021

ISBN Digital

978-989-26-2076-3

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis  
Conimbrigensis  
<http://classica.digitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e  
Humanísticos da Universidade de  
Coimbra

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2076-3>

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

## HISTÓRIA AUGUSTA. Vol. II

Vidas de Hélivio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo

## História Augusta. Vol. II

Lives of Helvius Pertinax, Didius Julianus, Severus, Pescenius Niger, Clodius Albinus, Antoninus Caracallus, Antoninus Geta, Opilius Macrinus, Diadumenus Antoninus, Antoninus Heliogabalus

TRADUÇÃO DO LATIM, COM INTRODUÇÃO E NOTAS DE

TRANSLATION FROM LATIN, WITH INTRODUCTION AND NOTES BY

Nuno Simões Rodrigues – *introdução e trad. da vida de Heliogábalo*

Cláudia Teixeira – *trad. das vidas de Caracala, Geta, Macrino e Diadúmeno Antonino*

Francisco Oliveira – *revisão geral e uniformização terminológica*

José Luís Brandão – *trad. das vidas de Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino*

### FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Lisboa; Universidade de Évora; Universidade de Coimbra; Universidade de Coimbra

### RESUMO

Este segundo volume inclui as biografias de Pertinaz, Dídio Juliano, Setímio Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Caracala, Geta, Macrino, Diadúmeno e Heliogábalo. Assim, levando em conta a acessão de Pertinaz ao trono imperial e a morte de Heliogábalo, o volume abrange o período da História de Roma que vai de 192 a 222 d.C. Mas, se tomarmos como ponto de partida o nascimento de Pertinaz (122 d.C.), o conjunto perfaz cerca de um século. O período abrangido pelas vidas aqui reunidas coincide com o da instituição da dinastia dos Severos, que se seguiu à dos Antoninos, que marcou a vários níveis o apogeu imperial romano. De todas as biografias reunidas neste volume, a de Heliogábalo deverá ser, pela riqueza das descrições, a que melhor corresponde a um certo imaginário contemporâneo — ainda que não necessariamente factual — da Roma Antiga: uma civilização pautada pela desmesura, pelo excesso, pelo exotismo, pela crueldade e pela perversão.

### PALAVRAS-CHAVE

História Augusta, Império Romano, Severos, Imperadores

#### ABSTRACT

This second volume includes the Lives of Pertinax, Didius Julianus, Septimius Severus, Pescenius Niger, Clodius Albinus, Caracala, Geta, Macrinus, Didadumnus and Heliogabalus. Thus, taking into account Pertinax's accession to the imperial throne and Heliogabalus' death, the volume covers the period of Rome's history from 192 to 222 AD. If we take into account the birth of Pertinax (A.D. 122), the time covered by this set of lives is therefore about a century. The period covered by the lives gathered here coincides with that of the establishment of the Severan dynasty, which followed that of the Antonines, emperors that marked at various levels the Roman imperial apogee. Of all the biographies gathered in this volume, that of Heliogabalus should be, by the wealth of descriptions, the one that best corresponds to a certain contemporary - though not necessarily factual - imaginary of Ancient Rome: a civilisation marked by excess, exoticism, cruelty and perversion.

#### KEYWORDS

Historia Augusta, Roman Empire, Severans, Emperors

## NUNO SIMÕES RODRIGUES

Doutor em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona matérias relacionadas com a Antiguidade Clássica a graduações e pós-graduações. Investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da ULisboa e de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, tem dedicado a sua investigação à História Cultural da Grécia Antiga (mito, religião e teatro) e à História Social e Política da Roma Antiga (finais da República e inícios do Principado). A receção da Antiguidade Clássica no cinema e na banda desenhada tem também merecido a sua atenção como investigador. De momento, prepara uma monografia sobre Deméter e Perséfone.

## NUNO SIMÕES RODRIGUES

Nuno Simões Rodrigues holds a PhD in Ancient History (Classics). Associate Professor at the University of Lisbon, where he teaches subjects related to Classical Antiquity to undergraduate and graduate students. Researcher at the Centre for History and the Centre for Classical Studies of the ULisboa and at the Centre for Classical and Humanistic Studies at the University of Coimbra, he has dedicated his research to the Cultural History of Ancient Greece (myth, religion and theatre) and to the Social and Political History of Ancient Rome (Ends of the Republic and Beginnings of the Principate). The reception of Classical Antiquity in cinema and comics has also deserved his attention as a researcher. He is currently preparing a book on Demeter and Persephone.

## CLÁUDIA DO AMPARO AFONSO TEIXEIRA

Cláudia Teixeira é Professora Auxiliar da Universidade de Évora e doutorada em Literaturas Clássicas (Literatura Latina). É investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. A sua investigação centra-se na Literatura Latina (épica, romances e biografia) e na tradução de obras neolatinas, produzidas no contexto intelectual da Universidade de Évora nos séculos XVI-XVII. É co-IR do projeto BioRom: “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

## CLÁUDIA DO AMPARO AFONSO TEIXEIRA

Cláudia Teixeira is associate Professor at the University of Évora. She got a PhD in Classical Literatures (Latin Literature) from the University of Évora (2003). She is also member of the Centre for Classical and Humanistic Studies - University of Coimbra. Her chief research interest lies in Latin Literature (epic, novels and biography) and in translation of Neolatin works produced in the intellectual context of the University of Évora (centuries XVI-XVII). She is Co-PI at the project Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies) (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

## FRANCISCO DE SÃO JOSÉ DE OLIVEIRA

Francisco Oliveira, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do seu Centro de Estudos Clássicos e Humanístico, é doutorado em “História da Cultura Clássica. Cultura Romana” pela Universidade de Coimbra (dissertação: Ideias morais e políticas de Plínio o Antigo; traduzida para francês com o título *Idées politiques et morales de Pline l’Ancien*); lecionou comédia grega e romana; tragédia senequiana; historiografia latina; história antiga; história da Cultura Romana; teoria política antiga.

Atuais interesses científicos e editoriais: sociologia do teatro antigo, especialmente Aristófanes e a tragédia de Séneca; teoria política na antiguidade e em particular no fim da República e Alto Império Romano; cidadania e misoginia nas sociedades clássicas; movimentos coletivos femininos na Grécia e em Roma; escolaridade clássica em Portugal.

## FRANCISCO DE SÃO JOSÉ DE OLIVEIRA

Francisco Oliveira is full professor of the Institute for Classical Studies — University of Coimbra / Portugal and Member of the Center for Classical and Humanistic Studies of the University of Coimbra.

Research subjects: theatre in general and especially sociology of theatre and the tragedy of Seneca; political theory in antiquity, actually Cicero and Pliny the Younger; classical education in Portugal; woman and misogyny in classical Greece and Rome.

## JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

José Luís Lopes Brandão, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedica-se ao estudo da língua, cultura e literatura latina (epigrama, romance latino, biografia, historiografia), bem como da história de Roma. Entre os autores que tem estudado salientam-se Marcial, Suetónio, a *História Augusta* e Plutarco, sobre os quais publicou diversos estudos e traduções. Coordenou volumes sobre a história de Roma. No que respeita ao teatro clássico, tem desenvolvido atividade relacionada com a tradução e produção dramática no grupo de teatro *Thiasos* na coordenação do Festival de Teatro de Tema Clássico. É IR do projeto BioRom: “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021. <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839>

## JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

José Luís Lopes Brandão is associate professor at the Institute of Classical Studies of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra and researcher at the Center for Classical and Humanistic Studies. He is devoted to the study of the Latin language, culture and literature (epigraph, Roman novel, biography, historiography) as well as the history of Rome. Among the authors who he has studied are Martial, Suetonius, *Historia Augusta* and Plutarch, on which he published several studies and translations. He coordinated two volumes on the history of Rome. As far as classical theatre is concerned, he has worked in the translation and dramatic production (actor, director and consultant) in the theatre group *Thiasos* and coordinated (2013-2019) the Festival of Classical Theatre (FESTEIA).

PI at the project Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies) (Ref.: PTDC/LLT-OUT/28431/2017): 2018-2021.

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839>

(Página deixada propositadamente em branco)

# ÍNDICE

ÍNDICE	11
ABREVIATURAS E SIGLAS	13
INTRODUÇÃO	15
1. HÉLVIO PERTINAZ	19
2. DÍDIO JULIANO	22
3. SEPTÍMIO SEVERO	24
4. PESCÉNIO NIGRO	29
5. CLÓDIO ALBINO	31
6. CARACALA	33
7. GETA	36
8. MACRINO	37
9. DIADÚMENO	39
10. HELIOGÁBALO	40
HÉLVIO PERTINAZ	45
POR JÚLIO CAPITOLINO	45
DÍDIO JULIANO	63
POR ÉLIO ESPARCIANO	63
SEVERO	73
POR JÚLIO ESPARCIANO	73
PESCÉNIO NIGRO	103
POR ÉLIO ESPARCIANO	103
VIDA DE CLÓDIO ALBINO	117
POR JÚLIO CAPITOLINO	117
VIDA DE ANTONINO CARACALA	133
POR ÉLIO ESPARCIANO	133
VIDA DE ANTONINO GETA	149
POR ÉLIO ESPARCIANO	149
VIDA DE OPÍLIO MACRINO	157
POR JÚLIO CAPITOLINO	157
VIDA DE DIADÚMENO ANTONINO	175
POR ÉLIO LAMPRÍDIO	175
ANTONINO HELIOGÁBALO	187
POR ÉLIO LAMPRÍDIO	187
BIBLIOGRAFIA	233

(Página deixada propositadamente em branco)

## ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>HA</i>	= Historia Augusta
<i>SHA</i>	= Scriptores Historiae Augustae
<i>Ael.</i>	= Aelius
<i>AlexSev.</i>	= Alexander Seuerus
<i>AntCar.</i>	= Antoninus Caracallus
<i>AntDiad.</i>	= Diadumenus Antoninus
<i>AntGeta</i>	= Antoninus Geta
<i>AntHeliog.</i>	= Antoninus Heliogabalus
<i>AntPhil.</i>	= Marcus Antoninus Philosophus
<i>Aurel.</i>	= Diuus Aurelianus
<i>Avid.</i>	= Auidius Cassius
<i>Car.</i>	= Carus et Carinus et Numerianus
<i>Claud.</i>	= Diuus Claudius
<i>ClodAlb.</i>	= Clodius Albinus
<i>CommAnt.</i>	= Commodus Antoninus
<i>DidIul.</i>	= Didius Iulianus
<i>Gall.</i>	= Gallieni Duo
<i>Gord.</i>	= Gordiani Tres
<i>Hadr.</i>	= Hadrianus
<i>MaxBalb.</i>	= Maximinus et Balbinus
<i>Maxim.</i>	= Maximini Duo
<i>OpilMacr.</i>	= Opilius Macrinus
<i>Pert.</i>	= Heluius Pertinax
<i>PescNig.</i>	= Pescennius Niger
<i>Pius</i>	= Antoninus Pius
<i>Prob.</i>	= Probus

*História Augusta*

<i>QuadTyr.</i>	=	Quadrigae Tyrannorum
<i>Sev.</i>	=	Seuerus
<i>Tac.</i>	=	Tacitus
<i>TyrTrig.</i>	=	Tyranni Triginta
<i>Valer.</i>	=	Valeriani Duo
<i>Ver.</i>	=	Verus

Método de citação, exemplos:

SHA *AntCar.* 2.4

SHA *Sev.* 5.2

SHA *AntGeta* 3.2

## INTRODUÇÃO

### ***HISTORIA AVGVSTA:* DE PERTINAZ A HELIOGÁBALO (192-222 D.C.)**

Depois do volume que reuniu as vidas de Adriano, Êlio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo, abrangendo o período que vai de 76 a 192 d.C. (datas do nascimento de Adriano e da morte de Cómodo, respetivamente), este segundo volume inclui as biografias de Pertinaz, Dídio Juliano, Septímio Severo, Pescénio Nigro, Clódio Albino, Caracala, Geta, Macrino, Diadúmeno e Heliogábalo. Assim, levando em conta a acessão de Pertinaz ao trono imperial e a morte de Heliogábalo, o volume abrange o período da História de Roma que vai de 192 a 222 d.C. Se levarmos em conta o nascimento de Pertinaz (122 d.C.), o tempo abrangido por este conjunto de vidas perfaz, por conseguinte, cerca de um século.

Muitas, se não a maior parte, das características historiográficas que assinalámos para o volume I, nomeadamente a autoria e redação, as fontes (sobretudo Mário Máximo, mas também Dión Cássio e Herodiano, além de outros), a datação, as dedicatórias a Diocleciano e a Constantino, e a proximidade do estilo e dos conteúdos suetonianos, voltam a ser identificadas neste segundo conjunto de vidas. Atribuem-se, pois, de novo as autorias de cada uma das biografias a nomes como Júlio Capitolino (*Helvius Pertinax*, *Clodius Albinus*, *Opilius Macrinus*), Êlio Esparciano (*Didius Iulianus*, *Seuerus*, *Pescennius Niger*,

*Antoninus Caracallus, Antoninus Geta*) e Élio Lamprídio (*Dia-  
dumenus Antoninus, Antoninus Heliogabalus*). Com efeito, estes  
voltam a surgir como os alegados autores dos textos. Porém,  
como foi assinalado antes, tudo aponta para que a autoria dos  
textos se deva a um único autor, camuflado sob outros nomes<sup>1</sup>.  
Ainda assim, recorrências e repetições temáticas ao longo do  
texto sugerem a possibilidade da existência de mais do que uma  
mão ou, pelo menos, de uma composição por etapas.

Como assinalámos, o método historiográfico perceptível em  
mais este conjunto de biografias augustanas é intrinsecamente  
suetoniano: de um modo geral, as vidas são enquadradas pelas  
datas de nascimento e morte dos biografados e, entre elas, con-  
tam-se as vicissitudes de cada imperador, incluindo aspetos  
públicos, políticos e privados em que não faltam inclusive os  
elementos de carácter. Estes textos seguem assim a sólida tradi-  
ção biográfica greco-latina, que tem em Plutarco e Suetónio  
dois dos seus mais importantes representantes.

Vários dos imperadores aqui incluídos, contudo, pertencem  
ao grupo dos que podemos chamar «secundários» ou «menos  
relevantes». Em parte, essa classificação deriva do facto de  
sabermos pouco acerca deles, pela natureza das fontes que nos  
chegaram. Por outro lado, essas mesmas fontes são intencio-  
nalmente ou não lacónicas, o que acabou por condicionar a  
informação produzida em torno desses imperadores. Por vezes,  
Dión Cássio e Herodiano permitem-nos preencher lacunas ou  
iluminar aspetos menos conhecidos do tempo de cada bio-  
grafado. Mas nem sempre isso é possível, até porque, outras  
vezes, é também nessas fontes que o(s) autor(es) da *HA* se  
baseou(aram) para compor estas *uitae*. Esse mesmo laconismo

---

<sup>1</sup> Parecer de J. L. Brandão, na introdução a C. A. Teixeira, J. L. Brandão, N. S. Rodrigues <sup>3</sup>2013 10.

favoreceu o recurso a tópicos literários ou a processos de mimese que são amiúde encontrados nestas biografias (e.g. os banquetes de Heliogábalo, reminiscentes do que lemos no *Satyricon* de Petrónio). Esta problemática conduz-nos a uma outra, que tem que ver com o facto de parte destes textos constituir narrativas de ficção, o que faz com que as biografias a que dizem respeito tenham um carácter eminentemente ficcional, composto ao serviço de uma agenda político-ideológica que dirigia os destinos do império no tempo da sua composição e em que a adulação, por parte de quem escrevia relativamente a quem patrocinava a escrita, era um fator omnipresente<sup>2</sup>.

Assim, deparamos com a questão da fidedignidade da *HA* enquanto fonte histórica. Até que ponto são estas biografias fontes para o estudo de factos históricos? Não serão antes textos essencialmente literários sem fidedignidade histórica ao nível dos acontecimentos ali narrados e alegadamente passados? A ser assim, não se relacionará a sua fidedignidade mais com o estudo das mentalidades e da cultura do que com a chamada história *événementielle*? Retomamos aqui as palavras que J. L. Brandão escreveu na introdução ao volume I, que nos parecem resumir muito bem toda a problemática: «não quer dizer que seja propriamente uma falsificação, mas uma espécie de género diferente que se aproxima do romance, ou um exemplo de literatura didáctica escrita para a sua época»<sup>3</sup>. Com efeito, assim é. Contudo, há que levar em conta que esta questão é essencial para o tratamento da *HA* enquanto historiografia e para o que dela podemos retirar para o nosso

---

<sup>2</sup> A. Momigliano 1954; R. Syme 1972a 123-133; D. Rohrbacher 2016.

<sup>3</sup> J. L. Brandão, na introdução a C. A. Teixeira, J. L. Brandão, N. S. Rodrigues <sup>3</sup>2013 11-12.

conhecimento historiográfico-científico do período a que diz respeito.

A problemática é pertinente, abarca todo o *corpus* da *HA* e, parece-nos, essencial para o domínio da História Antiga e da sua relação com a Filologia. Mas a sua solução não tem lugar nesta breve introdução, pelo que apresentamos o problema, mas deixamos a sua discussão e eventual resolução para outro foro.

O período abrangido pelas vidas aqui reunidas coincide com o da instituição da dinastia dos Severos, que se seguiu à dos Antoninos, a qual a vários níveis marcou o apogeu imperial romano. O tempo que vai da morte de Cómodo à de Diocleciano (em 311) é pobre em fontes. Da obra de Díon Cássio, por exemplo, apenas conservamos fragmentos que chegam ao ano 229 d.C. E as restantes fontes disponíveis não satisfazem plenamente as necessidades de informação. Longe disso<sup>4</sup>. Por conseguinte, o que podemos recolher da *HA* é ainda mais importante, ainda que a ausência de referências e de fontes complementares para confirmação dos dados seja um problema acrescido, como assinalámos.

A dinastia dos Severos propriamente dita foi inaugurada por Septímio Severo em 193 d.C.<sup>5</sup> Antes disso, o império conheceu ainda dois príncipes: Hélio Pertinaz e Dídio Juliano, que, todavia, tiveram principados curtos, durante esse mesmo ano de 193. Mesmo depois da aclamação de Septímio Severo como imperador por parte das legiões da Panónia Inferior, houve ainda tentativas de ocupação do trono imperial por parte de outros candidatos: Pescênio Nigro e Clódio Albino. Estes, porém, não passaram de episódios efémeros na história política de Roma, e foi a dinastia Severa que acabou por se instituir, na

---

<sup>4</sup> Sobre esta questão, vide Blázquez 1989 237.

<sup>5</sup> Sobre os Severos, vide M. Grant 1996.

seqüência de uma guerra civil que abalou de novo os territórios imperiais. Com efeito, o período da transição da dinastia Antonina para a dinastia Severa assemelha-se em muito ao que caracterizou a passagem do poder dos Júlio-Cláudios para as mãos dos Flávios e ficou conhecido na História de Roma como «O Ano dos Quatro Imperadores» (69 d.C.)<sup>6</sup>. Instituída a dinastia, foi a Septímio Severo que coube administrar e governar o império. Neste volume incluímos as vidas desses Severos, até Heliogábalo. A dinastia terminará com Alexandre Severo, mas sobre este escreveremos no volume III.

## 1. HÉLVIO PERTINAZ

Públio Hélvio Pertinaz foi imperador apenas por 87 dias, não chegando, por conseguinte, sequer a três meses o tempo que teve para governar Roma. Estranho à ordem senatorial, tal como Vespasiano e Avidio Cássio antes dele, Pertinaz descendia de plebeus. O pai de Pertinaz, Hélvio Sucesso, era mesmo um liberto, pelo que tinha origem servil. Não obstante, era um homem rico (produtor e comerciante de lãs da Ligúria), o que acabou por condicionar favoravelmente a emergência social da família e do filho, em particular. Foi a fortuna que permitiu a Pertinaz obter uma educação esmerada (chegou a exercer o ofício de gramático) e o apoio do patrono da família, Hédio Rufo Loliano, que lhe garantiu o suporte necessário para entrar e progredir na carreira militar. Alguns autores consideram mesmo a possibilidade de Pertinaz ter chegado a centurião, mas este não é um dado adquirido, uma vez que o futuro imperador seria então ainda um plebeu.

---

<sup>6</sup> Vide J. L. Brandão 2020 97-110.

De qualquer modo, sabemos que Pertinaz ingressou na carreira equestre, tornando-se cavaleiro, facto mencionado pela *HA* e confirmado por outras fontes (*L'Année Épigraphique* 1963 52). Ao longo dessa carreira, Pertinaz exerceu funções político-administrativas da maior importância sob os principados de Antonino Pio, Marco Aurélio e Lúcio Vero. Nos anos 60 do século II d.C. alcançou a prefeitura e, c. 170 d.C., transitou da ordem equestre para a ordem senatorial, acabando por entrar no senado aos 44 anos de idade, como *allectus inter tribunicios*. Em 175 d.C., com 49 anos, Hélvio Pertinaz tornou-se cônsul substituto (*suffectus*). Para um patrício, esse seria um feito tardio, mas compreensível no caso de Pertinaz, se levarmos em conta a sua origem plebeia.

Nesse último quartel do século II, Pertinaz assumiu ainda as funções de governador provincial (Síria, 175 e 179; Mésia Inferior, 176-177; Mésia Superior, 177-178; as Dácias, 178-179), regressando depois ao senado, em Roma. No tempo de Cómodo, Pertinaz caiu em desgraça por ação de Sexto Tigídio Perénis, exilando-se na Ligúria, a sua terra natal, onde se dedicou às atividades manufatureiras e comerciais da família. Depois da morte de Perénis, Pertinaz regressou à capital do império, retomando cargos e funções político-administrativas. Em 190, tornou-se prefeito da Urbe, cargo sempre exercido por alguém de elevado estatuto senatorial. Em 192, acumulou este cargo com o de cônsul.

No final de 192, Pertinaz conspirou contra Cómodo juntamente com Leto e Márcia. Tendo a conspiração tido êxito, Hélvio Pertinaz foi aclamado imperador no dia seguinte ao do assassinio de Cómodo.

A presente biografia de Pertinaz, atribuída a Júlio Capitolino, salienta em particular as qualidades militares e as competências político-administrativas do novo imperador,

ainda que outras fontes (Mário Máximo 15.8) refiram que o novo imperador teria aversão ao poder imperial. Com efeito, tendo em conta o que sabemos da vida deste príncipe, experiência não lhe faltava e esse deverá ser um dado fidedigno. No quadro ético que é possível elaborar a partir destas narrativas biográficas, Pertinaz alinha em parte entre os que são tidos como imperadores menos maus. A honestidade, por exemplo, é uma das características de personalidade que lhe é reconhecida antes de ser imperador. Mas uma vez assumido o poder imperial, Pertinaz teria abandonado essa virtude, comprando o apoio da guarda pretoriana. Por outro lado, não escapou à acusação de ter chegado ao poder pobre e de ter enriquecido rapidamente depois de se ter tornado imperador. Por outro lado, demonstraria para com os outros, designadamente para com os soldados, uma austeridade e rigor assinaláveis. Não é impossível que tais referências digam respeito a uma política de rigor orçamental e de controlo de gastos que então se impunha ao tesouro imperial. Talvez tenham sido estas as razões que acabaram por motivar o assassinio de Pertinaz às mãos do exército e de alguns cortesãos descontentes e desiludidos com a ação política do novo príncipe e eventualmente saudosos dos tempos de Cómodo. Alguns autores têm chamado a nossa atenção para a semelhança entre a morte de Pertinaz nesta biografia (11.10) e a de Júlio César em Suetónio (82.2-3). Esta verificação confirma o que temos salientado acerca do carácter suetoniano das vidas augustas.

Pertinaz casou-se com Flávia Ticiana e foi pai de pelo menos um filho<sup>7</sup>. A vida que aqui lemos, inclui informações sobre o seu percurso público (carreira política e militar)

---

<sup>7</sup> Sobre Pertinaz, vide H.-G. Pflaum 1974a; G. Barbieri 1936; A. Chastagnol 1994 249-255.

e privado (origens e família), mas, seguindo a metodologia intrínseca a este *corpus*, também tece considerações sobre a personalidade, as qualidades e os defeitos de Pertinaz.

## 2. DÍDIO JULIANO

Marco Dídio Juliano nasceu em 137 e também ele foi imperador de Roma por pouco tempo: governou apenas dois meses e cinco dias, no ano 193 da nossa Era. Nesse mesmo ano, aos 56 anos, Dídio Juliano foi assassinado.

Segundo o que a vida atribuída a Élio Esparciano refere, Dídio Juliano era filho de Petrônio Dídio Severo, de Mediolano, e de Emília Clara, uma senhora de origem africana (Adrumeto). Dídio Juliano tinha ainda dois irmãos e era parente de Sálvio Juliano, jurista responsável pelo *edictum perpetuum*, no tempo de Adriano. Esta relação familiar originou, aliás, algumas confusões historiográficas que têm sido alvo de análise por parte de filólogos e de historiadores<sup>8</sup>.

A *HA* refere que Dídio Juliano foi educado na casa de Domícia Lucila, mãe do imperador Marco Aurélio, o que nos permite deduzir que Dídio teria estabelecido nesse tempo uma série de ligações pessoais e afetivas com a família imperial que não podem ser desconsideradas ou ignoradas enquanto elementos centrais que deverão ter contribuído para a acessão do biografado ao trono imperial.

Em 161, com 24 anos, Dídio Juliano exerceu a primeira magistratura do *cursus honorum*, a questura, seguindo-se a edilidade e a pretura, com o apoio político de Marco Aurélio.

---

<sup>8</sup> Sobre esta questão, vide A. Chastagnol 1994 280.

O desempenho de funções públicas, distribuídas por vários cargos administrativos, e até militares, como o governo de províncias, estiveram doravante sempre no horizonte de Dídio Juliano. Ainda sob o patrocínio de Marco Aurélio, o biografado neste texto passou a integrar os *sodales Antonini*, colégio sacerdotal que tinha sob sua responsabilidade o culto do imperador, neste caso de Antonino Pio, entretanto divinizado. O exercício desta função é evidência da importância sócio-política a que Dídio Juliano chegou durante a sua carreira. Por outro lado, a morte de Marco Aurélio significou para este magistrado e funcionário imperial um duro golpe político, que começou a ter efeitos logo sob o principado de Cómodo. Esta situação manteve-se sob Pertinaz, até que Dídio assumiu o cargo de procônsul da África.

Deposto Pertinaz, Dídio Juliano foi proclamado imperador pela guarda pretoriana e pelo senado. A biografia incluída na *HA* centra-se em particular nos confrontos que eclodiram entre os pretorianos e os exércitos provinciais, nomeadamente os que estavam às ordens de Pescênio Nigro e de Septímio Severo, e que acabaram por estar por detrás da deposição deste imperador. Como têm salientado também vários filólogos, é de enfatizar que o retrato que a *HA* compõe de Dídio Juliano é, de um modo geral, mais positivo do que o de outros imperadores do seu tempo e ali também biografados.

Herodiano, Dión Cássio e Aurélio Vítor parecem ter sido fontes maiores da vida de Dídio na *HA*, ainda que a crítica interna detecte incoerências e paradoxos, entre aqueles autores e o que lemos nesta *uita*, nem sempre fáceis de explicar<sup>9</sup>. Tal

---

<sup>9</sup> Vide e.g. A. Chastagnol 1994 284; D. Rohrbacher 2013.

como acontece com a biografia anterior, também esta dedica uma parte considerável ao caráter do imperador visado. Mas há que referir que outra parte assinalável do texto contempla já aquela que viria a ser a importância política de Pescênio Nigro e de Septímio Severo, imperadores que lhe sucederão<sup>10</sup>.

### 3. SEPTÍMIO SEVERO

O terceiro imperador biografado neste volume é Septímio Severo. Nascido em 145 d.C. (e não em 146, como sugere a *HA* 1.3), este *princeps* governou de 193 a 211, o que equivale ao principado mais longo dos que são incluídos neste volume.

Com Spetímio Severo instituiu-se a quarta grande dinastia imperial romana: os Severos. Estes eram uma *gens* originária de África, de Léptis Magna, e que ali tinha entrado na ordem equestre. Depois disso, vieram para Itália (um bisavô do imperador), instalando-se em Veios. Sabemos que um dos filhos desse recém-chegado, Lúcio Septímio Severo (avô paterno, portanto, do imperador), viveu em Roma como *eques*, mantendo aí proximidade com o poeta Estácio (*Silu.* 10.4). Já sob Trajano, em 110, regressou a África, tendo exercido funções municipais em Léptis Magna. O outro avô de Septímio Severo, Fúlvio Pio, era também de origem africana. Conhecemos outros membros da família do imperador, verificando-se com todos eles um assinalável posicionamento social e envolvimento político nas redes de poder imperial. Destaque ainda para os casamentos do imperador. Em 175, antes de ter chegado ao trono imperial,

---

<sup>10</sup> Sobre Dídio Juliano, vide J. Eadie 1974; H.-G. Pflaum 1974b; A. Chastagnol 1994 277-285.

Septímio Severo casou-se com Pácia Marciana, uma senhora também originária de Léptis Magna e que morreu por volta de 185 sem ter dado filhos ao marido. Em 187, o futuro imperador casou-se em segundas núpcias, desta vez com uma senhora originária da Síria, Júlia Domna, uma princesa cuja família estava encarregada do sacerdócio e do culto do deus Baal em Émesa. Júlia Domna viria a ser a mãe dos dois filhos de Septímio Severo: Bassiano, mais conhecido como Caracala, e Geta. A *HA* refere ainda duas filhas, mas são mais as dúvidas quanto a essas duas eventuais descendentes (incluindo a sua existência histórica) do que as certezas<sup>11</sup>.

Em Léptis Magna, Septímio Severo teve uma educação de elite, estudando grego e latim. Entre 170 e 173, já em Roma e depois de recebida a faixa laticlava, obteve a questura, que exerceu no território da Sardenia (Sardenha). Nos anos seguintes, foi legado em Cartago e, sob Marco Aurélio, tornou-se tribuno da plebe. Em 178, deslocou-se para a Hispânia como pretor, exercendo depois cargos militares na Síria, já sob o governo de Cómodo. Em 182, tal como outros, Septímio Severo foi afastado dos círculos de poder por influência de Sexto Tígídio Perénis. Severo aproveitou esse período de afastamento político para se instalar em Atenas e aí usufruir do que a cidade grega tinha para oferecer em termos científico-culturais. Em 185, Septímio Severo regressou à vida política ativa, tornando-se governador da Gália Lugdunense. Deverá ter sido nessa época que Septímio Severo se casou com Júlia Domna. Em 189, Severo tornou-se procônsul da Sicília e, no ano seguinte, cônsul substituto (ainda que esse fosse um ano excepcional, no que ao consulado diz respeito<sup>12</sup>).

---

<sup>11</sup> A. R. Birley 1999 90.

<sup>12</sup> Vide A. Chastagnol 1994 303.

Em 191, foi a vez de assumir o governo da Panónia Superior, posto que lhe valeu também o comando de um exército de três legiões, sete coortes auxiliares e cinco alas equestres, que viria a ser fundamental para a sua acessão ao poder imperial. Em 193, foram as suas tropas que o proclamaram imperador. Septímio Severo tinha então 48 anos de idade.

Foi como sucessor e herdeiro de Pertinaz que, após a eliminação de Dídio Juliano, Septímio Severo assumiu o trono imperial. Como nota A. Chastagnol, a narrativa que a *HA* apresenta do principado de Severo é, no essencial, coincidente com o que outras fontes nos permitem saber acerca do período, ainda que os filólogos venham a salientar o carácter por vezes caótico e desordenado da informação ali fornecida<sup>13</sup>. Pelo que é possível saber, os primeiros anos do principado foram ocupados com a oposição dos seus adversários. Por um lado, Pescênio Nigro, o governador da Síria. Com efeito, Pescênio Nigro havia sido também aclamado imperador pelas suas tropas, em Antioquia. Em consequência dessa aclamação, Nigro foi reconhecido como imperador por todo o Oriente e recebeu inclusive o apoio de alguns reis clientelares de Roma, como o rei dos partos. Este foco de oposição foi eliminado apenas depois da batalha de Isso, na Ásia Menor, com a morte de Pescênio Nigro (194 d.C.). Na sequência dessa derrota (Primeira Guerra Pártica), bem como da dos aliados do opositor ao príncipe, foi criada a província romana da Mesopotâmia e Septímio Severo recebeu do senado o epíteto de «Pártico» (195 d.C.). Por outro lado, havia a oposição do governador da Bretanha, Clódio Albino, a quem Septímio Severo teve de «entreter», outorgando-lhe o título de *Caesar*. Esta ação granjeou tempo

---

<sup>13</sup> A. Chastagnol 1994 304.

a Severo, que assim se pôde concentrar no problema oriental, que só se resolveria de forma definitiva em 199, com a Segunda Guerra Pártica, cuja vitória foi celebrada triunfalmente em Roma, em 202.

Em 195, resolvida a primeira etapa do problema a Oriente, Severo focou-se no problema a Ocidente. Clódio Albino fora, entretanto, aclamado *Augustus* pelas suas tropas estacionadas na Bretanha e avançara com elas sobre a Gália. Nesse mesmo ano de 195, também Albino foi derrotado, em Lugduno, acabando por se suicidar dois anos depois.

Em 197, Septímio Severo tem assim o caminho livre para se consolidar no poder. Um dos primeiros passos para esse efeito foi a sua proclamação como filho adotivo e herdeiro de Marco Aurélio e, por conseguinte, irmão de Cómodo (entretanto reabilitado e divinizado), o que o radicava na dinastia Antonina. De seguida, associou ao poder o seu filho Bassiano, que nessa ocasião passou a chamar-se «Marco Aurélio Antonino». Nenhuma dessas fórmulas nominiais, porém, o imortalizou, mas sim a alcunha de «Caracala». Por este conjunto de medidas percebe-se que, para o programa político de Septímio Severo, a questão da hereditariedade voltava a ser crucial para a afirmação do poder imperial. Em plena Segunda Guerra Pártica, Severo apelidou o seu filho Caracala de «Augusto» e o seu filho Geta de «César», dando mais um passo no sentido da consolidação dinástica.

Parte do principado de Septímio Severo apoiou-se nos conselhos de Gaio Fúlvio Plauciano, um cavaleiro também originário de África cuja proximidade ao imperador se revelou de várias formas, nomeadamente através do casamento de uma filha sua, Fúlvia Plaucila, com Caracala (tornando-se assim sogro do «Augusto» filho do príncipe). Acresce que Plauciano foi cônsul ordinário em 203, mas em 205 caiu em desgraça e

acabou por ser executado, aliás, tal como Plaucila. Plauciano foi então substituído por Papiniano.

Em 208, a família imperial deslocou-se à Bretanha para organizar o combate contra os Caledónios, que tentavam passar para cá do muro de Adriano. A missão teve êxito, mas depois de ter também nomeado Geta «Augusto», Septímio Severo morreu em Eburaco (atual York), em 211, aos 66 anos de idade.

A principal fonte de informação desta *Vita* parece ser Mário Máximo, ainda que não deva ser a única. Eutrópio, por exemplo, tem também sido destacado como uma das possíveis fontes da biografia de Septímio Severo na *HA*. E, naturalmente, Díon Cássio e Herodiano também não estão excluídos dessa possibilidade. Um passo da vida refere a existência de uma *historia uitae priuatae* (3.2), que muitos filólogos consideram ser uma autobiografia do imperador. Mas há dúvidas se de facto o autor da vida incluída na *HA* a terá consultado ou não. O facto é que essa autobiografia é referida por outras fontes e mencionada noutras biografias.

Esta vida segue, de um modo geral, o esquema das restantes, valorizando quer a vida pública quer a privada de Septímio Severo. Como assinalámos, há alguma desordem cronológica na forma como os acontecimentos são narrados e, além dos factos objetivos, o autor valoriza também os elementos éticos e morais do biografado<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Sobre Septímio Severo, vide G. Barbieri 1952; T. D. Barnes 1967; A. R. Birley 1999; M. Grant 1996; A. Chastagnol 1994 299-309.

#### 4. PESCÊNIO NIGRO

A biografia de Pescênio Nigro integra-se no que os especialistas na *HA* convencionaram chamar de «vida secundária»<sup>15</sup>. Como já se percebeu, pelo que ficou dito na alínea que acima dedicámos a Septímio Severo, Pescênio Nigro não passou de um episódio efémero na história do Império Romano. Ainda assim, um episódio notável, uma vez que o seu protagonista chegou a ser proclamado imperador e a ser reconhecido como tal. Todavia, por pouco tempo.

De qualquer modo, é pouco o que sabemos sobre este príncipe. Aparentemente, o autor da sua biografia também não sabia muito. Pouco ou nada se diz sobre a família de Nigro e pouco se sabe da sua vida pública. Sabemos que governou a Síria entre 191 e 193 d.C. e que foi aí também, em Antioquia, que foi aclamado imperador pelos seus soldados. Este é o momento que parece despertar o interesse de Dión Cássio e de Herodiano, por exemplo, por Pescênio Nigro. Dión é o primeiro que, por exemplo, revela que Gaio Pescênio Nigro Justo era cavaleiro e de origem itálica (D. C. 74.6.1).

Daí também a falta de informação que temos. Sobre a sua vida pública, praticamente tudo o que sabemos é a sua condição de militar (teria combatido ao lado de Clódio Albino, na Dácia, e de Cómodo, contra os bárbaros), ainda que se suspeite que tenha exercido alguns cargos, magistraturas incluídas. Esse fator explica ainda a razão por que nos são transmitidos tão poucos pormenores sobre a personalidade e a vida privada do

---

<sup>15</sup> Historiadores e filólogos como Mommsen e Syme, que dedicaram atenção especial à *HA*, utilizaram a este propósito os termos *Hauptviten* e *Nebenviten* («vidas maiores ou principais» e «vidas menores ou secundárias»). Sobre esta questão, vide T. Mommsen 1890; R. Syme 1971.

imperador, favorecendo, por outro lado, o tal recurso tópico-ficcional que em alguns casos da *HA* se revela com particular intensidade. Eis alguns exemplos paradigmáticos: os nomes do pai e da mãe do imperador aqui referidos (Ânio Fusco e Lamprídia, 1.3) são claramente uma fabricação engenhosa do autor, que assim sugere um jogo de paródias que faz com a sua audiência<sup>16</sup>; cartas forjadas e atribuídas a Marco Aurélio, Cómodo e Septímio Severo; alusões literárias, nomeadamente a Virgílio, Pérsio e Juvenal (3.11; 8; 16.5); outros nomes inventados<sup>17</sup>. De igual modo, os aspetos morais associados a Pescénio Nigro parecem ser essencialmente ficção elaborada pelo autor, talvez inspirada noutras fontes, como Herodiano. Note-se como se percebem no mesmo texto afirmações em si mesmas contraditórias, como o facto de se dizer que Pescénio Nigro se entregava desenfreadamente aos excessos de todo o tipo de paixões (1.4) e, depois, se referir que os assuntos de Vénus não lhe interessavam, a não ser para fazer filhos (6.6). Por outro lado, os valores morais degenerados contrastam com as qualidades político-administrativas e militares. Na perspectiva de A. Chastagnol, isso resulta num retrato equilibrado do imperador, que assim nem é totalmente negativo nem absolutamente positivo<sup>18</sup>.

É também pertinente que alguma da informação que recolhemos na *HA* sobre Pescénio Nigro esteja registada não na biografia que lhe é dedicada, mas nas vidas a ele associadas, como a de Septímio Severo. A fonte comum poderá uma vez mais ter sido Mário Máximo, ainda que o mais provável seja

---

<sup>16</sup> Vide A. Chastagnol 1994, 343-344; R. Syme 1971 5-7, 74.

<sup>17</sup> Vide A. Chastagnol 1994 346.

<sup>18</sup> A. Chastagnol 1994 346.

que este historiador não lhe tenha dedicado nenhuma biografia específica<sup>19</sup>.

## 5. CLÓDIO ALBINO

Tal como o caso anterior, Clódio Albino foi um imperador efêmero e surge na *HA* sobretudo como mais um candidato ao poder imperial, tendo conseguido ocupá-lo, ainda que por pouco tempo. Neste sentido, as condições de composição da biografia de Clódio Albino assemelham-se às de Pescênio Nigro, recolhendo-se informações em textos dedicados ou centrados em outras personalidades, nomeadamente no próprio Septímio Severo (e.g. Herodiano 2.15.3; juntamente com Mário Máximo, aquele historiador grego deverá ser uma das fontes centrais desta biografia, cf. 12.13).

De igual modo, tal como sucede com Pescênio Nigro, pouco sabemos também acerca da origem familiar de Clódio Albino ou da sua carreira pública antes de 193. Segundo Herodiano, ele era de origem nobre, patricia e senatorial, habituado a riquezas e a luxos (2.15.1). Mas, além desta informação, aliás contrariada por uma referência da *HA* (4.3), pouco mais sabemos da sua vida privada e familiar. Por conseguinte, no que a este tema dizem respeito, não é impossível que as informações complementares, que lemos na *HA*, sejam, uma vez mais, produto da imaginação do seu autor, incluindo a origem africana (Adrumeto), as relações com algumas famílias romanas (os Póstumos, os Albinos e os Ceiónios), os progenitores (Ceiónio Póstumo e Aurélia Messalina) e os parentescos referidos.

---

<sup>19</sup> Sobre Pescênio Nigro, vide G. M. Bersanetti 1949 e A. Chastagnol 1994 341-347.

Mas alguns dados relativos à carreira pública também deverão ter sido invenções. Por exemplo, a *HA* refere que a morte de Pertinaz teria ocorrido por instigação de Albino (1.1), o que deverá ser falso. Alguns têm salientado os possíveis anacronismos forjados nesta vida, o que reforça a hipótese do recurso à ficção por parte do seu autor<sup>20</sup>.

Como assinalámos, tendo um foco de oposição para neutralizar no Oriente, em 193, Septímio Severo terá decidido outorgar o título de *Caesar* a Clódio Albino, quando este era governador da Bretanha. Segundo Herodiano, desejoso de alcançar o poder, Albino teria aceitado a oferta de Severo sem qualquer hesitação, tonalidade que não aparece noutras fontes, contudo. Como vimos também, o objetivo de Septímio Severo fora o de ganhar tempo, o que se confirma com o facto de, em 195, resolvida a questão oriental, Severo declarar Clódio Albino inimigo público. Em contrapartida, em 196, as tropas subordinadas a Albino aclamam-no «Augusto», o que Severo tenta neutralizar, nomeando o seu próprio filho, Bassiano (Caracala), «César» (cf. Herodiano 3.5.2-3.6.8). O confronto entre Septímio Severo e Clódio Albino é pouco desenvolvido na *HA* (9.3), contrastando com a densidade com que a batalha é descrita por Dión Cássio e Herodiano (D. C. 75.6; Herod. 3.7.2).

Como assinalámos, tal como acontece com a vida de Pescênio Nigro na *HA*, também a de Clódio Albino está repleta de ficções, pelos mesmos motivos. O que referimos acerca dos elementos familiares de Albino é exemplo do que acabamos de afirmar. Mas o autor da biografia vai mais além, sendo que é hoje reconhecido que a caracterização moral do imperador

---

<sup>20</sup> A. Chastagnol 1994 370-372.

(Clódio Albino é moralmente uma figura negativa, 5.1; 10.1; 11.2-3) cabe também nessa categoria, bem como a inclusão de algumas personagens ou de documentos forjados<sup>21</sup>. De igual modo, nessa composição ficcional são perceptíveis influências de Virgílio e de Apuleio<sup>22</sup>.

## 6. CARACALA

Como referimos, Bassiano era filho de Septímio Severo e de uma princesa síria de nome Júlia Domna. O nascimento ocorreu em Lugduno, na Gália, em 188 (D. C. 78.6.5), quando o pai exercia as funções de governador da Gália Lugdunense. Bassiano tinha assim apenas cinco anos quando o pai assumiu o trono imperial. Em 196, Bassiano passou a chamar-se Marco Aurélio Antonino (o nome Bassiano herdara-o do avô materno), consequência do processo de consolidação do poder por parte do próprio Septímio Severo. A intenção da escolha do nome era evidente: o imperador associava daquela forma o filho a Marco Aurélio, imperador ainda vivo na memória dos romanos do tempo. Três anos depois, em 199, em contexto da Segunda Guerra Pártica, o agora M. Aurélio Antonino recebia o título de «Augusto», reforçando a sua posição como herdeiro do trono. Além de apostar na relação com a dinastia Antonina, Severo fortalecia assim também o sangue como elemento sucessório. Já o nome Caracala, que o imortalizará no imaginário ocidental, não passa de uma alcunha (tal como

---

<sup>21</sup> A. Chastagnol 1994 375.

<sup>22</sup> Sobre Clódio Albino, vide O. Hirschfeld 1897; A. R. Birley 1999 189-200; A. Chastagnol 1994 367-377.

«Calígula», relativamente a Gaio) derivada de *caracallus*, termo que designa um manto comprido com capuz que o príncipe gostava de vestir.

A biografia de Caracala na *HA* centra-se sobretudo na fase pós-Severo, i.e., quando o jovem herdeiro assumiu o poder imperial, em 211 d.C., terminando com a sua morte em 217 d.C., quando tinha apenas 29 anos de idade. Como mencionámos, desde cedo, Caracala manteve-se próximo da vida militar e, por conseguinte, do exército, o que se revelou de particular importância para a governação deste príncipe<sup>23</sup>. Como foi já anotado, aliás, é precisamente o tema bélico que predomina na vida de Caracala, o que acaba por limitar consideravelmente a construção da narrativa.

Além das questões militares, outro tema que se destaca nesta biografia é o assassinio de Geta, seu irmão, em 212 d.C., e a autêntica «caça às bruxas» que se segue. Este tema é pretexto, sobretudo, para destacar a alegada crueldade deste imperador, o que se insere na problemática do tratamento dos valores morais nas vidas dos imperadores da *HA*.

Não podemos deixar de referir ainda outros dois temas centrais na vida de Caracala e sua relação com a vida integrada na *HA*. Em primeiro lugar, a problemática do conhecido e importante Edito de Caracala, promulgado em 212, que outorgou a cidadania romana a todos os habitantes livres do império. Esta é uma das medidas centrais deste período pelas consequências que teve quer ao nível político-administrativo, ao atribuir o estatuto latino a todas as cidades do império, quer ao nível económico, ao aumentar consideravelmente o rendimento fiscal do tesouro imperial. No entanto, a *Vita Caracalli*

---

<sup>23</sup> A. Chastagnol 1994 400.

é enigmaticamente lacônica no que a esta questão diz respeito, como se pode confirmar por 5.3. Em segundo lugar, a problemática da relação de Caracala com as mulheres. Com efeito, as mulheres dos Severos ganharam um protagonismo particular na História da Roma Antiga. A forma como se descreve a relação do imperador com a sua mãe, Júlia Domna, evoca outros casos e outros imperadores, como Nero e a relação que, segundo Suetônio, sobretudo, mantinha com a mãe, Agripina Menor. Deste modo se confirma uma vez mais a influência da obra do historiador dos Doze Césares na *HA*. Note-se que Júlia Domna não é a única mulher da vida de Caracala (há referências a Plaucila, com quem se casou, mas que rapidamente foi envolvida em conspirações políticas e por isso exilada e, por fim, executada). Mas é sem dúvida uma das mais importantes. Essa relevância é evidenciada pela forma como se insinua a sua participação na vida pública, o que era inusitado para o tempo em questão e o que deverá explicar a introdução, uma vez mais na historiografia romana, do tema de Édipo na vida do imperador (10.1-4). Por outro lado, não podemos deixar de notar que este recurso alinha com a inclusão dos elementos ficcionais na *HA* em geral, a que já nos referimos. O tema do incesto, porém, não se limita às insinuações das relações entre mãe e filho, incluindo-se nessas alusões uma prima do imperador, Júlia Soémia, de quem, segundo alguns, teria tido um filho: o futuro imperador Heliogábalo (9.2). Como nota Chastagnol, muito provavelmente, o próprio Heliogábalo deverá ter sido a origem do boato<sup>24</sup>.

Ao contrário do que acontece com as vidas de Clódio Albino e de Pescênio Nigro, as informações que lemos na *Vita*

---

<sup>24</sup> A. Chastagnol 1994 402. Sobre as mulheres dos Severos, vide J. Babelon 1957; G. Turton 1974; B. Levick 2007; F. Ghedini 1984.

*Caracalli* são, na sua generalidade, confirmadas por outras fontes, nomeadamente Díon Cássio e Herodiano, o que nos leva a considerar não existir nesta biografia grande lugar para a ficção ou para a imaginação do autor. Ainda assim, 5.6-9 é genericamente entendido como um passo de recriação literária ficcional<sup>25</sup>.

## 7. GETA

Tal como acontece com outras vidas aqui reunidas, quando «Élio Esparciano» escreve a vida de Antonino Geta, poucas novidades dá ao seu leitor, na medida em que muito do que havia a dizer está já referido nas biografias dos imperadores que o antecederam, nomeadamente nas de Severo e de Caracala. Ainda assim, são evidentes contradições e informações não coincidentes que reforçam a ideia de que nem sempre o rigor presidiu à elaboração destas *uitae augustanae*. Por exemplo, ao contrário do que podemos ler na *HA*, segundo outras fontes (e.g. D. C. 77.12.5-6), depois de morto, Geta foi alvo de *damnatio memoriae* por ordem do irmão Caracala, o que implicou a morte de todos os que eram próximos do jovem César<sup>26</sup>. Com efeito, à semelhança de outras, a vida de Geta também parece ser espaço de recriação imaginária, a que as obras de Salústio e de Suetónio, uma vez mais, parecem não ter sido estranhas.

A vida de Geta foi curta. Pouco mais novo do que o seu irmão Caracala, Geta foi associado pelo pai ao poder, ao ser nomeado «César», em 198 d.C. Onze anos depois, recebeu

---

<sup>25</sup> Sobre Caracala, vide E. Hohl 1950; H. Heinen 1971; R. J. Penella 1980; C. Letta 1985-1990; A. Chastagnol 1994 397-405.

<sup>26</sup> P. Mertens 1960.

o título de «Augusto», o qual conservou até à sua morte, ordenada pelo irmão Caracala, em 212. Seguindo modelos anteriores, o compositor desta biografia apresenta também elementos para a definição do carácter e dos valores morais de Geta<sup>27</sup>.

## 8. MACRINO

Marco Opílio Macrino terá sido aclamado imperador no quarto dia após a morte de Caracala, em 217 d.C. (79.11). O seu principado durou pouco mais de um ano, pois foi assassinado em 218, quando tinha 53 anos.

Segundo Díon Cássio, Macrino era de origem norte-africana (Mauritânia Cesariana, 79.11). Segundo a *HA*, teria nascido escravo e, uma vez libertado, teria vivido em Roma, mais concretamente no palácio de Cómodo. Com Severo, contudo, teria sido exilado em África, mas teria aproveitado o exílio para estudar direito, tornando-se advogado. No entanto, o testemunho de Díon Cássio é omissivo quanto ao nascimento servil, ainda que confirme a relação de Macrino com o direito. Teria sido, aliás, através do direito que o futuro imperador teria entrado em contacto com Plauciano, que o tomou ao seu serviço e de quem se tornou intendente e gestor de uma considerável fortuna. Como tal, quando, em 205 d.C., Plauciano caiu em desgraça, Macrino ficou também numa situação pouco favorável relativamente a Septímio Severo. Terá sido a intervenção de Fábio Cilão, um senador de origem hispânica, a salvá-lo (D. C. 79.11.2-3). Em consequência, Macrino viria mesmo a tornar-se *eques*, desempenhando

---

<sup>27</sup> Sobre Geta, vide L. Perret 1925; A. Chastagnol 1994 423-429.

a partir de então várias funções públicas, ainda sob Septímio Severo e sob Caracala. Em 216-217 d.C., chegou mesmo a prefeito do pretório. Essa seria a sua função quando, depois do assassinio de Antonino Caracala, atingiu a púrpura imperial. A historiografia tem também contestado a ideia de que Macrino tivesse sido um liberto. Essa deverá tratar-se de mais uma ideia criada pelo autor desta vida augustana. Com efeito, Macrino deveria ser *ingenuus* de nascimento, ainda que, eventualmente, de origem económica muito desfavorecida. Igualmente inventado deverá ser o nome da mulher que, na *Vita Diadumeni*, se diz ser a de Macrino: Nónia Celsa (*Diad.* 7.5).

Apesar da brevidade do principado de Macrino, a sua acção imperial marca um momento importante na história do Império Romano: trata-se da primeira vez que um cavaleiro chega a imperador, sem ter feito o *cursus honorum*<sup>28</sup>. É esse fator que justifica que Macrino seja considerado pela *HA* um *homo nouus* (7.1). Mas foi também este fator que fez com que Macrino não granjeasse grandes apoios nem entre a ordem senatorial, nem entre o exército. Com efeito, a ausência de vida ou carreira militar era tão negativamente determinante para Macrino como a sua origem plebeia. Todavia, o facto de Macrino ter contribuído para a eliminação de Caracala acabou por criar, de início, um sentimento de empatia entre os romanos para com o novo príncipe.

---

<sup>28</sup> Como escreve A. Chastagnol 1994 444, já Vespasiano, Pertinaz e Severo haviam sido imperadores tendo sido antes cavaleiros. Mas, como nota também o mesmo autor, aqueles foram cavaleiros que depois se tornaram senadores e o foram por algum tempo. Foi como membros da ordem senatorial que se tornaram imperadores. Macrino, em contrapartida, tornou-se imperador sendo ainda *eques*.

Uma vez imperador, Macrino solicitou ao senado uma série de prerrogativas: ao mesmo tempo que atribuiu ao filho ainda criança, Diadúmeno (ou Diadumeniano), os títulos de «César» e «Príncipe da Juventude», recorreu ao processo de *adlectio* para o introduzir na ordem senatorial. Apesar de a *HA* referir que o imperador teria recorrido à *adlectio* para si mesmo (7.1), essa informação não deverá corresponder à verdade, uma vez que, tendo sido reconhecido como imperador, a *adlectio* se tornava redundante.

Apesar de Díon Cássio e Herodiano concederem a Macrino o benefício de um exercício competente da administração pública e até uma certa erudição, a *HA* opta por descrever o imperador de uma forma particularmente negativa, quer ao nível físico quer ao nível psicológico<sup>29</sup>.

## 9. DIADÚMENO

Embora a *HA* o designe como *Diadumenus*, o nome efetivo deste imperador era *Diadumenianus*. Mais concretamente: Marco Opílio António Diadumeniano<sup>30</sup>. Com efeito, a *HA* pouco diz sobre ele, o que confirma a ideia de estarmos perante um autor com conhecimentos pouco sólidos sobre este imperador. Como A. Chastagnol salientou, é pertinente que a biografia de Macrino inclua a seguinte referência: *non enim aliquid dignum in eius uita erit, quod dicatur, praeter hoc quod Antoninorum nomini est uelut nothus adpositus* (10.6). Com efeito, seguindo ainda a nota de Chastagnol, a referência que

---

<sup>29</sup> Sobre Macrino, vide H. von Petrikovits 1938; A. Chastagnol 1994 441-449.

<sup>30</sup> A *HA* parece seguir aqui Aurélio Vitor e Eutrópio.

lemos na vida de Macrino prepara a audiência da *HA* para todos os aspetos negativos que veremos associados a Diadúmeno, basicamente apresentado como o produto de uma relação adúlterina, o que deveria corresponder a um rumor que correria então por Roma<sup>31</sup>. Sem prejuízo para o caso de a mesma *HA* se referir também a Macrino como o pai de facto de Diadumeniano (9.3).

Este conjunto de reflexões justifica desde logo, e mais uma vez, o recurso a elementos ficcionais igualmente presentes nesta biografia, apesar de o texto evidenciar também o recurso a outras fontes, como Herodiano, Aurélio Vítor e até Dión Cássio. A título de exemplo, com Chastagnol, citamos a referência segundo a qual Diadumeniano teria sido proclamado *imperator* e *Augustus* com a acessão de Macrino ao poder (1.1; 1.4; 2.2; 8.5), historicamente reconhecida como falsa, sendo que Dión (79.20.1; 79.34.2) atesta que ele teria sido primeiro *Caesar*, e *Augustus* apenas no último mês do seu principado; e Herodiano e Aurélio Vítor dizem ter ele sido apenas «César»<sup>32</sup>. De referir ainda a presença, nesta biografia, de reminiscências de Tito Lívio e de Virgílio<sup>33</sup>.

## 10. HELIOGÁBALO

Uma das características do período severo é a existência de interregnos que, na verdade, não passam de interrupções esporádicas daquela que afinal foi a dinastia que dominou entre 193 e 235 d.C. Apesar de pautada por pequenos interregnos,

---

<sup>31</sup> A. Chastagnol 1994 471.

<sup>32</sup> A. Chastagnol 1994 472.

<sup>33</sup> Sobre Diadumeniano, vide R. Syme 1972b; A. Chastagnol 1994 469-474.

o poder regressou de forma recorrente à família Severa, até ao assassinio de Alexandre Severo. Foi o que aconteceu após a morte de Macrino, quando, em grande parte graças ao apoio de militares descontentes com as experiências políticas anteriores, o exército voltou a apoiar um Severo: Vário Avito Bassiano.

Depois da morte de Caracala, o ramo africano dos Severos tinha-se extinguido. Mas os descendentes sírios da imperatriz Júlia Domna mantinham-se perto dos círculos de poder. Neste quadro, é essencial referirmos de novo as princesas sírias, Júlia Mesa e a sua filha Júlia Soémia, respetivamente irmã e sobrinha de Júlia Domna, que aqui tiveram um papel determinante<sup>34</sup>. Sob Macrino, as princesas orientais foram perseguidas, chegando a abandonar Roma. Exilaram-se em Émesa, na Síria, onde a sua família mantinha um poder assinalável com o sacerdote de El Gabal, o «Senhor da Montanha», identificado entre os romanos como *Sol Elagabalus*. Esse contexto não terá sido estranho ao apoio que a família granjeou entre os soldados estacionados no Oriente, que, em 218 d.C., acabaram por aclamar imperador o filho de Júlia Soémia, Avito Bassiano. Apesar dos seus catorze anos, Avito Bassiano era já sacerdote de El Gabal, por ser então o homem vivo mais velho da família.

Filho de Júlia Soémia e de um cavaleiro e senador de origem síria chamado Sexto Valério Marcelo, Avito Bassiano mudou o nome para Marco Aurélio Antonino, por sugestão da mãe e da avó, nome que era também o de Caracala. Deste modo, Bassiano reforçava a sua ligação à dinastia Severa. Deverá enquadrar-se também aqui o boato que então corria em Roma e que dizia que Avito Bassiano era filho adúlterino de Júlia Soémia e do primo dela, Caracala. Para todos os efeitos, esta era

---

<sup>34</sup> Sobre estas princesas, vide J. Babelon 1957; G. Turton 1974.

uma história conveniente para o novo príncipe. É também esta a razão da fórmula «Pseudo-Antonino» que aparece em alguns dos textos que a ele se referem<sup>35</sup>.

A *HA*, porém, refere-se ao imperador sobretudo como *Heliogabalus*. O nome deriva, evidentemente, de El Gabal ou Elagábalo. Elagábalo era uma divindade originalmente cultuada em Émesa, na Síria, cuja designação era de facto *ilāh hag-gabal* («o deus da montanha», como assinalámos). O culto difundiu-se por todo o império romano, sobretudo a partir do século III d.C.<sup>36</sup> Em Roma, foi um culto associado ao sol (*Sol Inuictus*, o Sol Invencível) e particularmente promovido pelo imperador, que assumiu o nome do deus e que era originário de Émesa: Vário Avito Bassiano. A oscilação entre as formas «Elagábalo» e «Heliogábalo», porém, deverá radicar numa afinidade fonética, por um lado, mas também no simbólico-ideológico: o facto de a divindade oriental se relacionar com o Sol e, em grego, este dizer-se *Helios*.

A julgar pelo que nos dizem os textos, a relação de Heliogábalo com a mãe terá sido sempre muito próxima. Na leitura de alguns, excessiva mesmo, interpretando-a como algo de tipo «freudiano». Na verdade, o filólogo e o historiador olham para estes textos e para a forma como eles abordam a relação entre mãe e filho e percebem de imediato que o que está em jogo é sobretudo a colagem a um tópico presente em autores anteriores, como Suetónio, que retrata a relação de Nero com a mãe, Agripina Menor, de modo semelhante. O objetivo deverá ser, portanto, associar a representação que se pretende negativa de Heliogábalo à imagem tida como negativa do último dos Júlio-Cláudios.

---

<sup>35</sup> A. Chastagnol 1994 493.

<sup>36</sup> J. I. Sánchez Sánchez 2017 55-61.

O retrato negativo de Heliogábalo é em grande parte construído à base da sua prepotência religiosa. Heliogábalo impõe costumes e tradições, ritos e cultos de origem oriental aos romanos. Alguns consideram mesmo a possibilidade de estes elementos poderem remeter para uma crítica velada a Constantino, o imperador a quem, ironicamente, a biografia de Heliogábalo é dedicada e que se caracterizou pelas mudanças religiosas que trouxe ao Estado romano<sup>37</sup>. A essas práticas associam-se as atitudes desmesuradas do jovem imperador, que surge como um amante do luxo e da luxúria, de perversões e do deboche, e com tiques de tirano. Com efeito, também neste aspeto, Heliogábalo aparece como um duplo de Nero e também de Gaio Calígula. Note-se, por exemplo, como Heliogábalo se casa com uma vestal, Júlia Áquila Severa, ou se veste de mulher. Este são temas que encontramos na vida suetoniana de Nero. De igual modo, as inquietações de Júlia Mesa, a avó do imperador, evocam as de Agripina relativamente ao filho. Já a rivalidade em relação ao primo, o futuro imperador Alexandre Severo, recorda a hostilidade de Gaio Calígula para com o seu primo Tibério Gemelo. Este aspeto volta a trazer à colação a problemática do recurso a tópicos e a elementos ficcionais na *HA*.

De todas as biografias reunidas neste volume, a de Heliogábalo deverá ser, pela riqueza das descrições, a que melhor corresponde a um certo imaginário popular contemporâneo — ainda que não necessariamente factual — da Roma Antiga:

---

<sup>37</sup> A. Chastagnol 1994 499-500. Este autor salienta, por exemplo, a forma como a descrição de Heliogábalo usando um diadema cravado de pedras preciosas (4.3-4) parece evocar um anacronismo constantiniano.

uma civilização pautada pela desmesura, pelo excesso, pelo exotismo, pela crueldade e pela perversão<sup>38</sup>.

Resta-nos referir que esta tradução se baseia na edição de A. Chastagnol, *Histoire Auguste. Les Empereurs romains des IIe et IIIe siècles*. Paris, Robert Laffont, 1994. Ocasionalmente, foram também consultadas para confronto das lições as edições de D. Magie, *The Scriptorum Historiae Augustae*, 3 vol. Cambridge, Massachusetts/London, The Loeb Classical Library, 1953/1954; e de R. Turcan, *Histoire Auguste. Vies de Macrin, Diaduménien, Héliogabale*. Paris, Les Belles Lettres, 1993. Queremos ainda agradecer ao Doutor Francisco de Oliveira, que paciente e pormenorizadamente reviu toda a tradução, e ao nosso colega Delfim F. Leão, que, enquanto coordenador científico do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra, acolheu este livro nos projetos de ambas as instituições.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

---

<sup>38</sup> Sobre Heliogábalo, vide J. S. Hay 1972; R. Villeneuve 1984; R. Turcan 1985; A. Chastagnol 1994 489-501; S. Gualerzi 2005; L. de Arrizabalaga y Prado 2010; M. Icks 2011.

# HÉLVIO PERTINAZ

*Por Júlio Capitolino*

**1** Públio Hélvio Pertinaz teve como pai um liberto, Hélvio Sucesso, que confessou ter posto este nome ao filho devido à longa duração do comércio da lã, atividade que exercera com pertinácia. **2** Pertinaz nasceu nos Apeninos, na quinta da mãe<sup>1</sup>. Na altura em que nasceu, um potro subiu para o telhado<sup>2</sup> e, depois de ali permanecer por breves instantes, caiu e morreu. **3** Impressionado com este facto, o pai dirigiu-se a um caldeu, o qual, depois de predizer um futuro grandioso para o jovem, lhe disse que ele tinha desperdiçado o seu dinheiro<sup>3</sup>. **4** Tendo-se iniciado, na infância, nas primeiras letras e aritmética, foi entregue a um gramático grego e, posteriormente, a Sulpício Apolinar<sup>4</sup>, depois do qual também Pertinaz se dedicou ao ensino da gramática.

**5** Mas, como ganhava pouco neste ofício, solicitou, por intermédio de Lólio Avito, ex-cônsul patrono de seu pai, o

---

<sup>1</sup> Em Alba Pompeia, na Ligúria.

<sup>2</sup> A ideia de um “burro no telhado”, *asinus in tegulis*, significando algo de espantoso, aparece no *Satíricon* de Petrónio (63). Vide M. Mayer I Olivé 2014.

<sup>3</sup> *Sípem* é uma correção; o manuscrito P apresenta *stirpem*: assim poderia significar que ele perdeu o filho.

<sup>4</sup> Erudito de origem cartaginesa que ensinou, além de Pertinaz, também Aulo Gélio e é por este bastante elogiado nas *Noites Áticas*. Escreveu resumos métricos (*periochae*) das peças de Terêncio e eventualmente de Plauto. São-lhe ainda atribuídos resumos em verso da *Eneida*. Vide OCD.

acesso ao posto de centurião. **6** De seguida, marchou para a Síria como prefeito de uma coorte, no principado de Tito Aurélio<sup>5</sup>, e, por ter usado o correio público sem um salvo-conduto, foi forçado pelo governador da Síria a fazer o caminho a pé desde Antioquia até ao destino da sua legação.

**II. 1** Graças à diligência demonstrada na guerra pártica, mereceu ser transferido para a Britânia, onde se manteve algum tempo. Depois comandou uma ala de cavalaria na Mésia. **2** De seguida, foi procurador para as instituições alimentares<sup>6</sup> na região da Via Emília. A seguir, comandou a armada da Germânia<sup>7</sup>. **3** A mãe acompanhou-o até à Germânia e lá faleceu: o seu túmulo ainda aí permanece, segundo se diz. **4** Dali foi transferido para a Dácia com um salário de duzentos mil sestércios e, tendo-se tornado suspeito a Marco (sc. Aurélio), incapaz de se medir com as intrigas de um certo número de indivíduos, foi destituído. Mais tarde, por obra de Cláudio Pompeiano, genro de Marco, que o via como futuro ajudante, foi-lhe atribuído o comando de um destacamento de cavalaria. **5** Obtida a aprovação neste cargo, foi nomeado para o senado. **6** Posteriormente, após novo êxito militar, foi descoberto o conluio que contra ele fora preparado, e o imperador Marco, para o compensar da injustiça, nomeou-o pretor e colocou-o ao comando da primeira legião<sup>8</sup>. E ele de imediato libertou as Récias<sup>9</sup> e o Nórico dos inimigos. **7** Dado o excelente desempenho, daí

---

<sup>5</sup> I. e. Antonino Pio.

<sup>6</sup> *Alimenta* são instituições idealizadas por Nerva e desenvolvidas pelos sucessores, que consistiam em apoio monetário aos filhos das famílias pobres de Itália.

<sup>7</sup> A esquadra do Reno.

<sup>8</sup> A *I Adiutrix*, entre 171 e 175.

<sup>9</sup> A Récia. Na altura ainda não estava dividida, o que só aconteceu no séc. IV. Vide Chastagnol 1994 258 n. 2.

resultou, por recomendação do imperador Marco, ser designado cônsul. **8** Está preservado em Mário Máximo um discurso que contém o seu elogio e tudo o que ele fez ou que sofreu. **9** E, além daquele discurso, que seria fastidioso transcrever, Pertinaz foi muito amiúde louvado por Marco, quer em arengas militares, quer no senado. Lamentou ainda Marco em público que, por ele ser senador, não o pudesse nomear prefeito do pretório. **10** Reprimido o levantamento de Cássio, da Síria<sup>10</sup> marchou a dar proteção ao Danúbio e recebeu então o governo de uma e outra Mésia e, pouco depois, da Dácia. **11** Pelos bons êxitos nestas províncias, obteve o governo da Síria.

**III. 1** Pertinaz manteve-se íntegro até ao governo da Síria. Mas, após o trespasse de Marco, empenhou-se em enriquecer, pelo que se tornou alvo de dichotes populares. **2** Depois de quatro províncias consulares, entrou, já rico, na cúria romana, sem nunca a ter visto antes como senador, uma vez que exercera o consulado ausente. **3** De imediato foi mandado por Perene<sup>11</sup> retirar-se para a Ligúria, para a quinta paterna. Com efeito, o pai dele trabalhara numa loja de têxteis na Ligúria. **4** Mas depois de chegar à Ligúria, comprou vários campos, e quanto à oficina paterna, circundou-a de infindáveis construções, mantendo-lhe embora a forma primitiva. Ali permaneceu por um triénio, dedicando-se ao comércio por meio dos seus escravos. **5** Depois da execução de Perene, Cómodo reparou então o agravo a Pertinaz e pediu-lhe por carta que partisse para a Britânia. **6** Partiu e demoveu completamente os soldados da revolta, pois queriam ter outro imperador, fosse quem

---

<sup>10</sup> Onde estava por ter acompanhado Marco Aurélio na campanha contra o revoltoso.

<sup>11</sup> Prefeito do pretório de Cómodo de 182 a 185. Depois, caído em desgraça, foi morto.

fosse, e, particularmente, o próprio Pertinaz. **7** Então Pertinaz foi alvo de maledicência, pois se disse que ele lançara junto de Cómodo a acusação de que Antístio Burro e Árrio Antonino aspiravam ao poder imperial. **8** Verdade é que ele próprio conteve revoltas contra Cómodo na Britânia; ele mesmo correu enorme perigo com a revolta de uma legião, quase sendo morto — pelo menos abandonado entre os mortos. **9** Tal cometimento, Pertinaz reprimiu-o também assaz duramente. **10** Depois disso, solicitou, por fim, a dispensa do comando, alegando que as legiões lhe eram hostis por ele ter mantido a disciplina.

**IV. 1** Depois de empossado um sucessor, foi-lhe atribuída a superintendência das instituições alimentares<sup>12</sup>. **2** De seguida, foi nomeado procônsul de África. Durante este consulado enfrentou muitas revoltas, causadas, segundo se diz, por profecias em forma de cantos<sup>13</sup> que provinham do templo da deusa Celeste<sup>14</sup>. Depois deste posto, foi nomeado prefeito da cidade. **3** Nesta prefeitura, como sucessor de Fuscino, um homem severo, Pertinaz mostrou-se assaz brando e humano e agradou muito ao próprio Cómodo, porque ..... Pertinaz tornou-se cônsul pela segunda vez. **4** Então Pertinaz não recusou a cumplicidade, que outros lhe ofereceram, no assassinato de Cómodo.

**5** Ora, mal Cómodo foi morto, Leto, o prefeito do pretório, e Ecleto, o criado de quarto, foram ter com ele para o persuadirem e conduziram-no ao acampamento. **6** Ali, Pertinaz fez uma

---

<sup>12</sup> Desta vez para toda a Itália. Antes era só para uma região.

<sup>13</sup> Por questão de sentido, acolhemos a correção *carminum* de Peter (edição Loeb), em vez de *canum*, *lição* adotada por Chastagnol.

<sup>14</sup> Templo de Tanit em Cartago. A deusa foi assimilada a Juno Celeste e também a Juno Lucina, a protetora dos partos.

alocução aos soldados, prometeu um donativo, afirmou que o poder imperial lhe fora conferido por Leto e Ecleto. **7** Por outro lado, fingiram que Cómodo tinha morrido de doença, uma vez que também os soldados tinham bastante receio de estarem a ser postos à prova. Finalmente, e em primeiro lugar por poucos, foi aclamado imperador. **8** Tornou-se, pois, imperador tendo mais de sessenta anos, no dia anterior às calendas de janeiro<sup>15</sup>. **9** Do acampamento dirigiu-se, durante a noite, para o senado, mandou abrir a câmara da cúria, mas como não se encontrou o porteiro, retirou-se para o templo da Concor- dia<sup>16</sup>. **10** E, quando veio até junto dele Cláudio Pompeiano, o genro de Marco, a lamentar a sorte de Cómodo, Pertinaz exortou-o a assumir o poder imperial. Mas ele recusou, porque via que Pertinaz já era imperador. **11** Ato contínuo, dirigiram-se todos os magistrados com o cônsul para cúria e, quando Pertinaz entrou, ainda era noite, proclamaram-no imperador.

**V 1** Ora, depois do elogio à sua pessoa, proferido pelos cônsules, e do vitupério contra Cómodo expresso nos gritos do senado<sup>17</sup>, Pertinaz deu graças ao senado e, acima de tudo, a Leto, o prefeito do pretório, sob cuja instigação Cómodo fora morto e ele próprio fora feito imperador. **2** Mas, depois de Pertinaz agradecer a Leto, o cônsul Falcão interveio: “Que género de imperador vais ser, já o estamos a perceber ao vermos atrás de ti Leto e Márcia, os executores dos crimes de Cómodo”. **3** Respondeu-lhe Pertinaz: “Tu és jovem, cônsul, e não conheces a quanto obriga a obediência. Foi contra a vontade que eles obedeceram a Cómodo; quando, porém, tiveram

<sup>15</sup> 31 de dezembro de 192.

<sup>16</sup> Onde o senado muitas vezes se reunia. Ficava no Foro, junto ao Capitólio.

<sup>17</sup> Imprecações transcritas no final da *Vida de Cómodo* (18-19).

essa possibilidade, mostraram o que sempre tinham desejado”.  
**4** No mesmo dia em que foi apelidado de Augusto, também a sua esposa, Flávia Ticiano, foi apelidada de Augusta<sup>18</sup>, à mesma hora em que ele cumpria os seus votos no Capitólio. **5** Na verdade, foi o primeiro que, no mesmo dia em que foi apelidado de Augusto, também recebeu o nome de Pai da Pátria. **6** Ao mesmo tempo, recebeu o poder pronconsular, bem como o direito de apresentar quatro propostas, o que para Pertinaz constituiu um bom augúrio. **7** Dirigindo-se, então, Pertinaz ao palácio, que estava vazio, já que Cómodo foi assassinado na Casa Vectiliana<sup>19</sup>, ao tribuno que lhe pedia a senha no seu primeiro dia, respondeu “militemos”, repreendendo claramente a indolência dos tempos anteriores; além do mais, já tinha usado esta senha em todos os seus anteriores comandos.

**VI 1** Os soldados não toleraram tal repreensão e logo ponderaram mudar o imperador. **2** Ainda nesse dia, Pertinaz convidou para um banquete os magistrados e os principais senadores, um costume que Cómodo tinha interrompido. **3** E quando, no dia a seguir às calendas, derrubaram as estátuas de Cómodo, os soldados lamentaram-se por isso e pelo facto de o imperador lhes ter dado outra vez a mesma senha. Ademais, tinham receio de prestar serviço militar sob as ordens de um imperador velho. **4** Por fim, no terceiro dia antes das nonas<sup>20</sup>, destinado exatamente aos votos públicos, os soldados tentaram conduzir para o acampamento Tirário Materno Lascivo, um senador da nobreza, para o colocarem à frente do Estado

---

<sup>18</sup> Segundo Dión Cássio (73.7.1-2), Pertinaz recusou o título para a esposa Ticiano (cf. 6.9). Mas ela é apelidada de Augusta em cunhagens.

<sup>19</sup> A escola de gladiadores no Célio, perto do Coliseu, para onde Cómodo se tinha mudado: Cf. SHA *CommAnt.* 16.3.

<sup>20</sup> No dia 3 de janeiro. As nonas deste mês correspondem ao dia 5.

romano. **5** Mas ele logrou escapar, nu, foi ter com Pertinaz ao palácio e depois abandonou a cidade.

**6** Deveras forçado pelo receio, Pertinaz confirmou tudo o que Cómodo tinha concedido aos soldados e aos veteranos. **7** Disse que o poder imperial lhe fora confiado pelo senado, quando já o assumira por vontade própria<sup>21</sup>. **8** Aboliu completamente, sob juramento, os processos por crimes de lesa-majestade e fez voltar do exílio os que tinham sido deportados, reabilitando a memória dos que tinham sido executados pelo crime de lesa-majestade<sup>22</sup>. **9** O senado apelidou o filho dele de César. Mas Pertinaz, além de recusar o apelido de Augusta atribuído à esposa, em relação ao filho replicou: “quando ele o merecer!”<sup>23</sup> **10** E como Cómodo tinha lançado a confusão na categoria de pretor através de numerosas promoções<sup>24</sup>, Pertinaz propôs um senátus-consulta a determinar que aqueles que, não tendo exercido o cargo de pretor, o tivessem recebido por promoção, fossem pospostos aos que tinham sido realmente pretores. **11** Mas também isto suscitou em muitos um ódio enorme contra ele. Mandou rever o censo.

**VII 1** Ordenou que fossem severamente punidos todos os delatores, embora de modo mais suave que os imperadores precedentes, ao estatuir uma pena de acordo com a categoria de cada um dos que viessem a incorrer no crime de delação. **2** Apresentou uma lei a proibir que os testamentos antigos

<sup>21</sup> Na verdade, foi eleito pelo senado, segundo D.C. 73.4.

<sup>22</sup> Díon Cássio (73.5.3) diz que os corpos destes condenados foram exumados e colocados nos túmulos da família depois de cuidados.

<sup>23</sup> A expressão lembra um sinal de modéstia de Nero perante o senado que lhe dava graças: retorquiu *cum meruero* “quando eu o merecer!” (Suet. *Nero* 10.2).

<sup>24</sup> Por *allectio*, ou seja, por integração em determinada categoria, neste caso de pretor, sem ter exercido o cargo.

fossem considerados inválidos antes de existirem outros mais completos, e que, por tal motivo, o fisco por vezes se constituísse herdeiro. **3** Ele próprio afirmou que não aceitaria nenhuma herança que lhe fosse atribuída por adulação de alguém ou por litígio urdido para privar os legítimos herdeiros e familiares. E acrescentou ao senátus-consulto as seguintes palavras: **4** “É melhor, Pais Conscritos, manter uma república com poucos recursos do que atingir o auge das riquezas por caminhos perigosos e aviltantes”. **5** Pagou os donativos e distribuições que Cómodo tinha prometido. **6** Tomou as mais ponderadas providências em relação à anona<sup>25</sup>. E, como o erário se encontrava em extrema penúria, ao ponto de ele confessar que não encontrara mais de um milhão de sestércios, foi forçado, contra o que tinha prometido, a cobrar o que Cómodo havia fixado. **7** Finalmente, quando o ex-cônsul Loliano Genciano o censurou por agir ao contrário do que prometera, alegou que se tratava de um imperativo de necessidade. **8** Pôs em hasta pública os bens de Cómodo, ao ponto de mandar vender os rapazinhos e as concubinas, à exceção dos que pareciam ter sido introduzidos à força no palácio. **9** E muitos daqueles que mandou vender, foram chamados de novo à função de satisfazerem os prazeres do velho. Alguns, com outros imperadores, até chegaram à dignidade senatorial. **10** Quanto aos bufões que carregavam a infâmia de nomes bastante indecentes, proscreevou-os e vendeu-os. **11** O dinheiro dessa venda, uma quantia enorme, foi entregue aos soldados como donativo.

---

<sup>25</sup> A *annona*, palavra de difícil tradução, normalmente entendida como o fornecimento de cereais, teria um âmbito mais lato, incluindo azeite, por exemplo. À letra significava “colheita ou produção anual”. Augusto colocou o sistema de armazenamento e distribuição de víveres sob a supervisão de um prefeito da ordem equestre: o *praefectus annonae*. Vide OCD.

**VIII 1** Aos libertos exigiu a devolução dos bens que os haviam tornado ricos aquando dos leilões de Cómodo. **2** De facto, a hasta pública dos bens de Cómodo distinguiu-se pelos seguintes artigos: uma veste em trama de seda entretecida com fios de ouro, além de túnicas, pénulas, lacernas, dalmáticas de mangas compridas, mantos militares com franjas e clâmides de púrpura, à grega, para uso militar, **3** e capuzes à moda dos bardeus<sup>26</sup>, mantos e armaduras de gladiador cravejadas de pedras preciosas e ouro. **4** Vendeu ainda espadas hercúleas, torques de gladiadores e vasos feitos de eletro, de ouro, de marfim, de prata e de vidro. **5** Além disso, pequenos copos em forma de falo<sup>27</sup>, da mesma matéria, e vasos samnitas para aquecer resina e pez para depilar os homens e amaciar a pele. **6** E ainda veículos fabricados com uma nova técnica, com os aros das rodas entrançados e diferentes, e com assentos que se distinguiam por rodarem, ora para evitar o sol, ora para aproveitar a brisa; **7** e outros artificios para medir o caminho e indicar as horas, e tudo o que fosse condizente com os seus vícios. **8** Além disso, restituiu aos seus senhores os escravos que se tinham transferido de casas privadas para a corte. **9** Abandonou as despesas excessivas com banquetes imperiais para voltar a um montante fixo. **10** Cortou ainda todas as extravagâncias de Cómodo. Por outro lado, perante o exemplo do imperador, que se comportava com parcimónia, a moderação geral gerou uma baixa do custo de vida. **11** Com efeito, através da erradicação do supérfluo, reduziu as despesas imperiais a metade do que era costume.

---

<sup>26</sup> Povo da Ilíria.

<sup>27</sup> Há um lacuna: ... *phando* não se entende, embora permitisse a tradução de *vitrobulli* por ‘de vidro em forma cilíndrica’. Seguimos a suposição *phallouitrobuli* (Egnatius).

**IX 1** Instituiu prêmios para os militares. Pagou as dívidas que tinha contraído no início do seu governo. Restituiu o erário ao seu estado normal. **2** Criou uma dotação fixa para as obras públicas. Destinou uma verba para o restauro das vias. Saldou os pagamentos atrasados que estavam em dívida para com muita gente. Finalmente, tornou o fisco capaz de fazer face a todas as munificências assumidas. **3** Vencido o pudor, anulou os apoios alimentares que, segundo o estipulado por Trajano, estavam em dívida havia nove anos. **4** Enquanto cidadão privado, não esteve livre de suspeita de ganância quando em Vada Sabácia<sup>28</sup> estendeu as suas extremas à custa dos proprietários oprimidos pelos juros das dívidas. **5** Por isso, a partir de um verso de Lucílio, foi apelidado de “mergulhão dos campos”<sup>29</sup>. **6** São muitos, com efeito, os que consignaram em seus escritos o comportamento execrável que ele demonstrou também nas províncias que governou como procônsul, pois se diz que vendeu dispensas de serviço e cargos de legado militar. **7** Em suma, embora o património familiar fosse ínfimo e não tivesse recebido qualquer herança, tornou-se subitamente rico. **8** É certo que devolveu todos os bens que Cómodo tinha arrebatado, mas não sem um preço. **9** Assistiu sempre às sessões ordinárias do senado e apresentou sempre alguma proposta. Mostrou-se sempre afável com os que o saudavam e lhe dirigiam a palavra. **10** Aqueles que tinham sido acusados por calúnias de escravos, libertou-os e condenou os delatores, entregando tais escravos à cruz. Reabilitou mesmo alguns que tinham sido mortos.

---

<sup>28</sup> Atualmente Vado Ligure, na província de Savona.

<sup>29</sup> Não se conhece este verso de Lucílio, satirista do séc. II a.C. Faz-se aqui uma associação entre a voracidade da ave, ao caçar peixes, e a rapacidade de Pertinaz. Há aqui elementos parecidos com os usados por Suetónio para caracterizar Galba e Vespasiano, aos quais era imputada a *avaritia* como vício dominante.

**X 1** Falcão<sup>30</sup> preparou um atentado contra ele.... queixou-se no senado...<sup>31</sup> querendo ser imperador<sup>32</sup>. **2** E acreditou nele..., enquanto um certo escravo, como se fosse filho de Fábia<sup>33</sup>... da família de Ceiónio Cómodo, reivindicou, jocosamente, o palácio do Palatino... e, depois de identificado, foi mandado açoitar com azorragues e restituir ao dono. **3** Na punição deste, os que odiavam Pertinaz encontraram, segundo se diz, ocasião para uma revolta. **4** No entanto, Pertinaz poupou Falcão e solicitou ao senado que o não punisse<sup>34</sup>. **5** Assim, Falcão viveu tranquilo na posse seus bens e, ao morrer, deixou a herança ao filho. **6** Em todo o caso, muitos disseram que Falcão nem sabia que o poder imperial estava a ser preparado para ele. **7** Outros disseram que ele foi incriminado com testemunhos falsos por parte de escravos que tinham falsificado as contas.

**8** Mas um conluio contra Pertinaz foi preparado por Leto, o prefeito do pretório, e por aqueles que ele ofendera com a sua retidão. **9** Leto, de facto, arrependera-se de ter feito Pertinaz imperador por este o censurar como “tolo propagandista de ninharias”. **10** Sobretudo pareceu gravoso aos soldados o facto de, no processo de Falcão, Pertinaz ter mandado matar muitos soldados com base no testemunho de um único escravo.

---

<sup>30</sup> Um dos cônsules de 193.

<sup>31</sup> Texto com lacunas.

<sup>32</sup> Segundo D.C. 73.8.2, quem organizou a conjura foi Leto, escolhendo Falcão para imperador.

<sup>33</sup> Irmã de Lúcio Vero. Cf. SHA *AntPhil.* 19.10; *Ver.* 10.3-4. Com a lacuna, perdeu-se o nome do suposto pai.

<sup>34</sup> É que o senado tinha-o declarado inimigo público. Segundo Díon Cássio (73.8.5), Pertinaz terá afirmado que não queria que nenhum senador fosse condenado durante o seu governo, ainda que por justa causa.

**XI 1** Assim sendo, trezentos soldados<sup>35</sup> armados, formados em cunha, avançaram para as mansões imperiais. **2** Diz-se que, nesse mesmo dia, Pertinaz, ao fazer um sacrifício, não encontrou o coração da vítima e, querendo esconjurar tal sinal, não encontrou a cabeça do fígado. Nessa altura os soldados permaneciam ainda no acampamento. **3** Todavia, tendo alguns saído do acampamento para vir escoltar o príncipe – nesse dia, por causa do mau presságio do sacrifício, Pertinaz adiara a deslocação que planeara ao Ateneu<sup>36</sup> para ouvir um poeta –, estes que tinham vindo para fazer escolta começaram a regressar ao acampamento. **4** Porém um outro grupo chegou de súbito ao palácio sem que fosse possível impedi-los ou informar o imperador. **5** Na verdade, o ódio da generalidade do pessoal da corte<sup>37</sup> contra Pertinaz era tal que os soldados eram incitados ao crime. **6** Surpreenderam Pertinaz quando ele supervisionava os escravos da corte e atravessaram o pórtico do palácio até ao lugar chamado Sicília e sala de jantar de Júpiter. **7** Ao tomar conhecimento de tal situação, Pertinaz enviou Leto, o prefeito do pretório, ao encontro deles. Mas este, tendo evitado os soldados, atravessou o pórtico de cabeça coberta e foi refugiar-se em casa. **8** Quando, porém, os soldados irromperam pelo interior do palácio, Pertinaz avançou para eles e logrou aplacá-los com um discurso longo e cheio de gravidade. **9** Mas Táusio, um dos Túngrios<sup>38</sup>, depois de, com as suas palavras, reacender a fúria e o temor dos soldados, espetou uma lança no peito de

---

<sup>35</sup> Dión Cássio (73.9.2) menciona duzentos.

<sup>36</sup> Escola que Adriano criara em Roma para promover os estudos literários e retórica grega e que, mais tarde, acolheu também declamações em latim (cf. OCD).

<sup>37</sup> Trata-se sobretudo dos libertos imperiais que perderam dinheiro com as reformas do imperador; cf. *Pert.* 8.1 e 13.9; D.C. 73.8.1.

<sup>38</sup> Povo belga da região da moderna Tongres.

Pertinaz. **10** Nesse momento, este, invocando Júpiter Vingador, cobriu a cabeça com a toga e foi trespassado pelos restantes soldados<sup>39</sup>. **11** Também Ecleto pereceu com ele, depois de ter trespassado dois atacantes. **12** Os restantes criados de quarto imperiais (é que, mal fora feito imperador, Pertinaz dera os seus criados particulares aos seus filhos emancipados<sup>40</sup>) puseram-se em fuga. **13** Muitos afirmam que os soldados irromperam mesmo pelo quarto e que mataram Pertinaz junto ao leito enquanto ele tentava fugir.

**XII 1** Pertinaz era um ancião respeitável, de longa barba, cabelo puxado para trás, compleição bastante corpulenta, ventre ligeiramente saliente, porte imperial, pouco eloquente, mais brando que benigno e jamais considerado franco. **2** E, se era afável nas palavras, com os bens era de uma mesquinhez que rasava o sórdido, ao ponto de, na sua vida enquanto privado, servir meias alfices e alcachofras aos convidados. **3** E, a menos que lhe trouxessem alguma pitança, ele punha na mesa nove libras de carne repartidas por três serviços, fosse qual fosse o número de amigos<sup>41</sup>. **4** Se, contudo, alguém lhe trazia mais do que isso, ele guardava-o para o dia seguinte, uma vez que tinha sempre muitos convidados para os banquetes. **5** Já imperador, quando não tinha convidados, mantinha os mesmos hábitos ao jantar. **6** Nas poucas vezes em que decidiu enviar aos amigos parte da refeição, enviava dois pedacinhos de carne, ou uma

---

<sup>39</sup> O facto de cobrir a cabeça com a toga parece inspirar-se no relato da morte de César por Suetónio (*Jul.* 82.2)

<sup>40</sup> Isto é, juridicamente livres da *patria postestas*.

<sup>41</sup> A avareza na comida servida faz lembrar as anedotas que Suetónio (*Galb.* 12.3) conta sobre Galba. Talvez a pecha advenha das medidas de restrição que teve de tomar para enfrentar os efeitos das liberalidades de Cómodo, tal como Galba os das extravagâncias de Nero, e ambos sofreram a conseqüente impopularidade.

porção de tripas, por vezes miúdos de galinha. Nunca comeu faisão em banquetes privados, nem o ofereceu a quem quer que fosse. **7** Quando jantava sem amigos, mandava chamar a esposa e Valeriano<sup>42</sup>, que fora professor juntamente com ele, para falarem de literatura.

**8** Na verdade, não removeu nenhum dos que Cómodo colocara em cargos de gestão, esperando pelo dia de aniversário da Urbe<sup>43</sup>, porque queria que esse dia se tornasse a data de início dos seus poderes; e por isso até se diz que os servos de Cómodo planejaram matá-lo nos banhos.

**XIII 1** Tinha tal horror ao poder imperial e a tudo o que era imperial, que alardeava sempre o seu desgosto. Em suma, não queria parecer diferente do que sempre fora. **2** Era muito respeitoso na cúria, ao ponto de reverenciar o senado que o aplaudia, e conversava com todos como se fosse ainda perfeito da cidade. **3** Chegou até a manifestar o desejo de abandonar o poder imperial e voltar à vida privada. **4** Não quis que os seus filhos fossem criados no palácio. Mas foi tão parco e tão ávido de lucro que, sendo imperador, continuou a praticar o comércio em Vada Sabácia através dos seus agentes, sem distinção do que costumava fazer enquanto cidadão privado. **5** E, no entanto, não foi muito amado, uma vez que todos os que falavam livremente, diziam mal de Pertinaz: chamavam-lhe “o Bem Falante”, pois falava bem, mas agia mal. **6** Até os seus conterrâneos, que tinham afluído para junto dele quando já era imperador e dele nada haviam recebido, assim lhe chamavam. Presentes, aceitava-os sempre com agrado, também pela sua avidez de lucro. **7** Sobreviveram-lhe um filho e uma filha, e a esposa, filha de Flávio Sulpiciano, que ele nomeara perfeito

---

<sup>42</sup> Gramático amigo de Frontão.

<sup>43</sup> 21 de abril, dia das Parílias (*parilia*), festa em honra de Pales.

da cidade em seu lugar. **8** Não se interessou minimamente no que respeita à castidade da sua mulher, que tinha um caso às claras com um citaredo. Ele próprio, além do mais, tinha um caso escandaloso com Cornifícia<sup>44</sup>, segundo se diz. **9** Quanto aos libertos da corte, reprimiu-os com rigor; daí o grande ódio que neles suscitou.

**XIV 1** Os prenúncios da sua morte foram os seguintes: três dias antes de ser assassinado, ele próprio pareceu ter a visão de um homem a atacá-lo com uma espada na piscina. **2** E, no próprio dia em que foi assassinado, dizia-se, quem o observasse, não via refletir imagens nas pupilas dos seus olhos. **3** E, enquanto fazia um sacrifício aos deuses Lares, os carvões, apesar de bem vivos, extinguíram-se, quando é habitual pegarem fogo. E, como acima se disse, o coração e a cabeça do fígado não foram encontrados nas vítimas de um sacrifício. Também foram avistadas durante o dia estrelas muito brilhantes junto ao sol, na véspera da sua morte. **4** Diz-se também que ele próprio pressagiou o seu sucessor, Juliano. De facto, certa vez que Dídio Juliano lhe apresentou o filho do irmão, a quem prometia a filha em casamento, Pertinaz, exortando o jovem a reverenciar o tio, acrescentou: “reverencia o meu colega e sucessor”. **5** É que Juliano tinha sido anteriormente seu colega de consulado e seu sucessor no proconsulado<sup>45</sup>.

**6** Os soldados e o pessoal da corte tinham-lhe ódio; o povo, porém, encarou a sua morte com extrema indignação, pois percebia que, com ele, se poderiam restaurar por completo os antigos costumes. **7** Depois de espetarem a cabeça dele na ponta de uma lança, os soldados passearam-na pela cidade até ao acampamento. **8** Os restos mortais, recuperada a cabeça,

---

<sup>44</sup> Filha de Marco Aurélio.

<sup>45</sup> De África.

foram depositados no túmulo do avô da esposa. **9** E Juliano, o seu sucessor, quando encontrou o corpo dele no palácio, prestou-lhe as honras fúnebres que pôde. **10** Este nunca fez qualquer menção pública a Pertinaz perante o povo ou perante o senado, mas quando ele próprio também foi abandonado pelos soldados, o senado contou Pertinaz no número dos deuses.

**XV 1** Além disso, sob o governo do imperador Severo, uma vez que Pertinaz obteve enorme reconhecimento da parte do senado, fizeram um cortejo fúnebre com a sua efígie e com traje de censor<sup>46</sup>, e foi honrado com um elogio fúnebre proferido pelo próprio Severo. **2** O mesmo Severo, pela sua afeição àquele bom príncipe, recebeu do senado o nome de Pertinaz. **3** O filho de Pertinaz foi nomeado flâmine do pai. **4** Os irmãos Marcianos, que zelavam pelo culto do Divino Marco<sup>47</sup>, passaram a chamar-se Helvidianos por causa de Helvídio Pertinaz. **5** Foram instituídos jogos circenses para comemorar a data da sua ascensão ao poder imperial, depois abolidos por Severo, e outros pelo seu aniversário, que ainda subsistem<sup>48</sup>.

**6** Nasceu nas calendas de agosto, no consulado de Vero e Bíbulo<sup>49</sup>, e foi assassinado no quinto dia antes das calendas de abril, no consulado de Falcão e Claro<sup>50</sup>. Viveu 60 anos<sup>51</sup>, 7 meses e 26 dias. Foi imperador durante 2 meses e 25 dias.

---

<sup>46</sup> *Funus Censorium*. Costume da tradição republicana de fazer o funeral dos censores com a toga de púrpura própria desta magistratura.

<sup>47</sup> Cf. SHA *AntPhil.* 15.4.

<sup>48</sup> Mencionados ainda no calendário de 354.

<sup>49</sup> 1 de agosto de 126.

<sup>50</sup> Isto é, 26 de março de 193.

<sup>51</sup> Na verdade foram 66.

7 Concedeu ao povo uma gratificação<sup>52</sup> de cem denários por cabeça. Prometeu aos pretorianos doze mil sestércios para cada um, mas só lhes deu seis mil. O que foi prometido aos exércitos, não foi dado, porque a morte o impediu. 8 O seu horror ao poder imperial é atestado numa carta inserta na sua *Vida* por Mário Máximo. Preferi não a incluir por ser demasiado extensa.

---

<sup>52</sup> O termo latino é *congiarium*. Cf. nota 68 a SHA. *Hadr.* 7.3, vol. I, p. 40.

(Página deixada propositadamente em branco)

## DÍDIO JULIANO

*Por Élio Esparciano*

**1** Dídio Juliano, que acedeu ao poder imperial depois de Pertinaz, teve por bisavô Sálvio Juliano, duas vezes cônsul, prefeito da cidade e jurisconsulto, o que o tornou mais célebre<sup>1</sup>. **2** A mãe foi Clara Emília, o pai foi Petrónio Dídio Severo, os irmãos foram Dídio Próculo e Númio Albino, o tio-avô materno foi Sálvio Juliano, o avô paterno foi um ínsubre<sup>2</sup> milanês, o materno era da colônia de Adrumeto.

**3** Foi criado em casa de Domícia Lucila, mãe do imperador Marco. **4** Graças ao apoio da mãe de Marco, foi eleito para o colégio dos vigintíviro<sup>3</sup>. Foi questor designado antes de atingir a idade regulamentar. **5** Conseguiu o cargo de edil com o apoio de Marco. **6** E com o apoio dele tornou-se pretor. Depois da pretura, comandou a XII Legião Primigénia na Germânia. **7** A seguir, governou a Bélgica com retidão e por longo tempo. Aí resistiu às incursões dos caúcos, povos germânicos que habitavam junto ao rio Elba, com tropas auxiliares recrutadas de improviso entre os provinciais. **8** Por isso mereceu o consulado por recomendação do imperador. Submeteu também os catos.

---

<sup>1</sup> A ligação com este famoso jurisconsulto do tempo de Adriano tem sido por vezes posta em dúvida. Também não é verdade que tenha sido duas vezes cônsul (mas apenas uma) e prefeito da cidade. Vide Chastagnol 1994 279-80.

<sup>2</sup> Povo celta do norte de Itália.

<sup>3</sup> Colégio de 20 homens: 10 para os julgamentos, 4 para o cuidado das ruas; 3 para a cunhagem de moeda e 3 para os crimes de pena capital.

**9** De seguida, recebeu o governo da Dalmácia e livrou-a dos povos vizinhos hostis. Depois governou a Germânia inferior.

**II 1** Depois disto mereceu a curadoria das instituições alimentares em Itália. Nessa altura, foi acusado por um certo Severo, soldado da marinha, de conspirar com Sálvio<sup>4</sup> contra Cómodo. Mas Cómodo, que já tinha mandado matar muitos senadores, bem como nobres e poderosos, em processos de lesa-majestade, para não sofrer uma vexação mais grave, libertou Dídio e condenou o acusador. **2** Absolvido, foi enviado novamente para governar uma província. De seguida, governou a Bitínia, mas não com o êxito das outras.

**3** Foi cônsul juntamente com Pertinaz e sucedeu-lhe como procônsul de África, e por este foi sempre chamado colega e sucessor, particularmente no dia em que Juliano, tendo prometido a sua filha a um familiar, veio apresentá-lo a Pertinaz, que disse: “Este merece respeito, pois é meu colega e sucessor!”<sup>5</sup>

**4** Depois do assassinio deste, e uma vez que Sulpiciano desejava ser aclamado imperador no acampamento dos pretorianos, Juliano dirigiu-se com o genro ao senado, que lhe constava ter sido convocado, mas encontrou as portas fechadas. **5** Aí deparou com dois tribunos, Publício Floriano e Véccio Apro, que começaram a exortá-lo a assumir o posto. Como lhes disse que já outro tinha sido aclamado imperador, eles levaram-no, sob custódia, para o acampamento dos pretorianos. **6** Mas ao chegarem ao acampamento, enquanto Sulpiano, perfeito da cidade e sogro de Pertinaz, arengava na parada e reclamava para si o poder imperial, ninguém deixava entrar Juliano, o qual, do outro lado do muro, prometia mundos e fundos<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Sálvio Juliano.

<sup>5</sup> Cf. *supra*, *Pert.* 14.4.

<sup>6</sup> Cf. D.C. 73.11.

Juliano começou por exortar os pretorianos a não fazerem imperador este que se apresentava como vingador de Pertinaz. Depois disso, garantiu, por escrito, que ia reabilitar a memória de Cómodo. **7** E foi assim que o deixaram entrar e que foi aclamado imperador, com os pretorianos a pedirem-lhe que não fizesse mal algum a Sulpiciano pelo facto de ter desejado ser imperador.

**III 1** Nessa altura, por indicação dos pretorianos, Juliano nomeou Flávio Genial e Túlio Crispino prefeitos do pretório e foi escoltado pela guarda imperial por iniciativa de Maurêncio, que antes até apoiara Sulpiciano. **2** Apesar de ter prometido aos soldados vinte cinco mil sestércios por cabeça, deu trinta mil. **3** Depois de fazer uma arenga na parada militar, ao fim da tarde encaminhou-se para o senado e a este se confiou por inteiro<sup>7</sup>. Na sequência de um decreto do senado, foi proclamado imperador e recebeu o poder tribunício e o direito pronconsular<sup>8</sup>, sendo contado entre as famílias patrícias<sup>9</sup>. **4** Também a esposa, Mália Escantila, e a filha, Dídida Clara, foram apelidadas de Augustas. **5** De seguida, retirou-se para o palácio, mandando chamar a esposa e a filha, que para aí se deslocaram apreensivas e contra a vontade, como se pressentissem a desgraça iminente<sup>10</sup>. **6** Nomeou o genro, Cornélio Repentino, prefeito da cidade em lugar de Sulpiciano. **7** No entanto, Dídio Juliano

---

<sup>7</sup> Numa versão muito mais negativa, Dión Cássio (73.12) transmite, na primeira pessoa, a perspectiva dos senadores, entre os quais o próprio autor se coloca, que tinham razões para temer e odiar Juliano.

<sup>8</sup> A *tribunicia potestas* e o *imperium proconsulare* estavam associados desde o início aos poderes do imperador.

<sup>9</sup> O que passou a hábito a partir do momento em que plebeus se tornaram imperadores.

<sup>10</sup> Herodiano (2.6.7) diz-nos que foram elas e alguns parasitas que o instigaram a dirigir-se ao acampamento pretoriano e a tomar o poder.

era alvo do ódio do povo pelo facto de se ter acreditado que, sob a autoridade de Pertinaz, seria feita a correção dos maus tempos de Cómodo, e de se considerar que Pertinaz tinha sido morto por instigação de Juliano. **8** E então, antes de mais, aqueles que começaram a odiar Juliano, espalharam o boato de que ele, logo no primeiro dia, para desdenhar da mesa de Pertinaz, mandara preparar um banquete sumptuoso guarnecido de ostras, de aves de engorda e de pescado, o que, segundo consta, era falso<sup>11</sup>. **9** Na verdade, conta-se que Juliano era tão parcimonioso que, se alguém lhe enviasse um leitão ou uma lebre, tratava de que fossem repartidos por três dias, e que, muitas vezes, sem qualquer prescrição religiosa, passava sem carne ao jantar, contentando-se com vegetais e legumes. **10** Além do mais, não tornou a jantar enquanto Pertinaz não foi sepultado<sup>12</sup>, e foi com grande pesar pela morte deste que tomou alimento, passando a primeira noite em vigília, angustiado por tamanha força do destino.

**IV 1** Mas, mal nasceu o dia, recebeu o senado e a ordem equestre, que acorreram ao palácio, e dirigiu-se em tom bastante brando a cada um, segundo a idade: como a um irmão, como a um filho ou como a um pai. **2** Mas o povo, nos rostros e diante da cúria, provocava-o em altos berros, na esperança de que ele abdicasse do poder imperial que os soldados lhe tinham dado (e até lhe atiraram pedras). **3** Enquanto ele descia com os soldados e o senado para a cúria, lançaram imprecações contra ele, e, enquanto fazia o sacrifício, desejaram que não

---

<sup>11</sup> Dión Cássio (73.13.1) apresenta a informação como facto comprovado: Juliano rejeita o jantar preparado para Pertinaz, oferece um banquete e joga aos dados enquanto o corpo do antecessor ainda jazia no palácio. Também Herodiano (2.7.1) refere uma *diaita* sumptuosa.

<sup>12</sup> O contrário nos diz Dión Cássio, 73.13.1.

obtivesse presságios favoráveis. **4** Até lhe arremessaram pedras enquanto Juliano procurava continuamente aplacá-los com a mão<sup>13</sup>. **5** Depois de entrar na cúria, pronunciou palavras de paz e sensatez. Agradeceu por ter sido aceite, por tanto ele próprio como a esposa e a filha terem merecido o nome de Augustos. Recebeu o nome de Pai da Pátria; rejeitou uma estátua de prata. **6** Enquanto avançava do senado para o Capitólio, o povo impediu-lhe a passagem, mas, através do ferro, de golpes e de promessas de moedas de ouro, que o próprio Juliano mostrava entre os dedos para inspirar confiança, o povo lá foi afastado e disperso. **7** De seguida, dirigiram-se para um espetáculo de circo. Mas, tendo ocupado indiscriminadamente os lugares<sup>14</sup>, o povo redobrou os insultos contra Juliano e chamava para a defesa da cidade Pescênio Nigro, que, dizia-se, já era imperador. **8** Tudo isto Juliano suportou placidamente e em todo o seu governo foi assaz brando. O povo, no entanto, invetivava com extrema violência os soldados que, por dinheiro, tinham assassinado Pertinaz. Assim, para conciliar o favor do povo, Juliano restabeleceu muitas das medidas de Cómodo, que Pertinaz revogara. **9** Em relação ao próprio Pertinaz, Juliano nada fez, nem bom, nem mau, o que a vários pareceu muito grave. **10** Mas, com medo dos soldados, decidiu ficar calado no que toca a honras para com Pertinaz.

**V 1** Ora Juliano realmente não temia os exércitos da Britânia, nem os da Ilíria. Em contrapartida, enviou um antigo primipilo com a ordem de assassinar Nigro, porque temia especialmente o exército da Síria. **2** Então Pescênio Nigro no Ilírico e Septímio Severo na Síria<sup>15</sup> rebelaram-se contra Juliano

<sup>13</sup> Cf. relato semelhante em D.C. 73.13.3-5.

<sup>14</sup> Sem respeitar os lugares reservados para senadores e cavaleiros.

<sup>15</sup> Os comandos estão trocados.

juntamente com os exércitos que comandavam. **3** Quando lhe foi anunciada a rebelião de Severo, sobre o qual não tinha suspeita, ficou perturbado. Dirigiu-se ao senado e conseguiu que Severo fosse declarado inimigo público. **4** Para os soldados que haviam seguido Severo, também foi estabelecido um prazo, passado o qual seriam considerados inimigos públicos se permanecessem com Severo. **5** Além disso, o senado enviou legados consulares aos soldados para os exortarem a rejeitar Severo e a considerarem imperador o que o senado elegera. **6** Entre outros, foi enviado como legado Vesprônio Cândido<sup>16</sup>, antigo consular, outrora odiado pelos soldados por causa do seu comando intransigente e abjeto. **7** Foi enviado Valério Catulino como sucessor de Severo, como se fosse possível substituir quem já tinha o exército a seu favor. **8** Foi enviado, além disso, o centurião Aquílio, com execuções de senadores no currículo, para assassinar Severo. **9** Quanto ao próprio Juliano, mandou os pretorianos saírem para o campo de treino, para guarnecer as torres, mas os soldados que enviou, indolentes e viciados pelo luxo citadino, apresentavam-se tão completamente renitentes ao serviço militar que pagavam a substitutos para executarem as tarefas que eram atribuídas a cada um deles.

**VI 1** Entretanto, Severo avançava sobre a cidade com forças adversas, enquanto Juliano nada mais conseguia com o exército pretoriano e era cada vez mais odiado e ridicularizado pelo povo. **2** E Juliano, receando que Leto fosse apoiante de Severo, mandou-o matar, sem mostrar gratidão pelo grande favor que ele lhe fizera quando o livrara das mãos de Cómodo.

**3** Ao mesmo tempo também mandou matar Márcia.  
3. Ora, enquanto Juliano assim procedia, Severo apoderou-se

---

<sup>16</sup> Cônsul em 176, foi governador da Dácia no tempo de Cómodo.

da esquadra de Ravena<sup>17</sup>, e os legados do senado, que tinham prometido apoio a Juliano, passaram-se para o lado de Severo. **4** Túlio Crispino, prefeito do pretório, que fora enviado para lançar a esquadra contra Severo, foi repellido e regressou a Roma. **5** Ao dar-se conta de tal situação, Juliano rogou ao senado que as virgens vestais e os restantes sacerdotes fossem com o senado ao encontro do exército de Severo e lhe dirigissem súplicas, exibindo as fitas das vítimas. Uma tentativa vã contra soldados bárbaros! **6** Todavia, à proposta de Juliano opôs-se Pláucio Quintilo, ex-cônsul e áugure, defendendo que não deveria ser imperador quem não fosse capaz de resistir pelas armas a um rival. **7** Muitos senadores foram do mesmo parecer. Por esse motivo, furioso, Dídio mandou vir os soldados do acampamento para obrigarem o senado a obedecer ou para o massacrarem. Mas tal decisão não foi aprovada. **8** E não parecia bem que o senado, que tinha declarado Severo inimigo público por conta de Juliano, sofresse a hostilidade desse mesmo Juliano. **9** Por isso, Juliano apresentou-se no senado com um projeto melhor e pediu que se fizesse um decreto sobre a partilha do poder imperial, o que foi feito de imediato.

**VII 1** Então ocorreu à mente de todos um presságio que Juliano produzira sobre si próprio enquanto recebia o poder imperial. **2** De facto, quando o cônsul designado, ao expor a sua proposta em relação a ele, pronunciou as seguintes palavras: “sou de parecer que Júlio Didiano deve ser proclamado imperador”, Juliano recomendou: “acrescenta também Severo”, isto é, o cognome do seu avô e do seu bisavô que ele adoptara. **3** Há, no entanto, quem diga que Juliano nunca tinha tido a

---

<sup>17</sup> Existiam em Itália duas bases navais: esta em Ravena e outra em Miseno.

intenção de massacrar o senado, uma vez que o senado tinha tomado imensas resoluções a seu favor.

**4** Aprovado o senátus-consulto, logo Juliano enviou um dos prefeitos, Túlio Crispino. **5** Ele próprio nomeou um terceiro prefeito, Vetúrio Macrino, ao qual Severo enviara uma carta a nomeá-lo prefeito. **6** Mas que a paz era fingida e que o assassinio de Severo tinha sido encomendado a Túlio Crispino, prefeito do pretório, não só o dizia o povo como Severo o suspeitava. **7** Finalmente, em consonância com os soldados, Severo preferiu ser para Juliano um inimigo a ser parceiro no poder. **8** Então Severo escreveu imediatamente a muitos em Roma e, em segredo, enviou editos, que foram afixados. **9** Juliano, além do mais, teve a insensatez de, por intermédio de magos, realizar diversos rituais, com os quais pensava quer suavizar o ódio do povo, quer conter as armas dos soldados. **10** Com efeito, os magos imolaram até vítimas não adequadas aos rituais romanos e entoaram cânticos ímpios, ao passo que Juliano levou a cabo aqueles feitiços que se mandam fazer diante de um espelho, para o qual se voltam meninos de olhos vendados e sobre cuja cabeça se entoam encantações<sup>18</sup>. **11** Diz-se que um menino viu então a chegada de Severo e a saída de Juliano.

**VIII 1** Crispino, por sua vez, quando se apresentou perante a guarda avançada de Severo, foi morto por Severo, por instigação de Júlio Leto. **2** Foram também anulados os decretos do senado. Tendo convocado o senado e solicitado pareceres sobre o que era necessário fazer, Juliano não obteve do senado nada de concreto. **3** Mas, depois, por sua iniciativa, mandou Loliano Ticiano armar os gladiadores de Cápua e chamou de Tarracina Cláudio Pompeiano para partilhar o poder, já que fora genro de

---

<sup>18</sup> Na versão de Díon Cássio (73.16.5), ele sacrificou muitos meninos.

um imperador e por longo tempo tivera comandos militares<sup>19</sup>. Mas este recusou a oferta, alegando que era velho e tinha a vista fraca<sup>20</sup>. **4** Os soldados da Úmbria desertaram para Severo. **5** Na verdade, Severo enviara cartas, nas quais ordenava a prisão dos assassinos de Pertinaz<sup>21</sup>. **6** Porém, passado pouco tempo, Juliano foi abandonado por todos e permaneceu no palácio com um dos seus prefeitos, Genial, e o genro, Repentino. **7** Finalmente, foi decidido que, sob a autoridade do senado, o poder imperial fosse retirado a Juliano<sup>22</sup>. Foi-lhe efetivamente retirado e Severo foi de imediato proclamado imperador enquanto corria o boato de que Juliano pusera termo à vida com veneno. **8** A verdade é que foram enviados pelo senado indivíduos sob cuja instigação, por intermédio dum soldado raso, Juliano foi assassinado no palácio enquanto implorava a proteção de César, isto é, de Severo. **9** Ao assumir o poder, Juliano tinha emancipado a filha, dando-lhe um património que lhe foi prontamente retirado juntamente com o nome de Augusta.

**10** O seu corpo foi devolvido por Severo à esposa, Mânlia Escantila, e à filha para ser sepultado, e foi levado para o sepulcro do bisavô, ao quinto miliário, na Via Labicana.

**IX 1** As censuras que se lançavam contra Juliano eram as seguintes: que seria guloso, que jogava aos dados, que teria praticado com armas de gladiadores, e que teria feito tudo isto quando já era velho, uma vez que nunca antes, na juventude,

---

<sup>19</sup> Fora genro de Marco Aurélio. Retirara-se de Roma depois da morte de Pertinaz.

<sup>20</sup> Já recusara o poder depois da morte de Cómodo (SHA *Pert.* 4.10), o que sugere aqui uma duplicação do motivo.

<sup>21</sup> Os soldados prenderam os assassinos e entregaram-nos ao cônsul Sílio Messala: D.C. 73.17.3.

<sup>22</sup> Cf. D.C. 73.17.4.

teria merecido má fama por tais vícios. **2** Foi também acusado de arrogância, embora até no exercício do poder imperial se mostrasse sobremaneira modesto. Pelo contrário, era bastante afável nos banquetes, benevolente no que respeita a petições e ponderado a conceder a liberdade.

**3** Viveu cinquenta e seis anos e quatro meses. Foi imperador durante dois meses e cinco dias<sup>23</sup>. **4** A principal recriminação que lhe fazem é ter colocado à frente da governação da república aqueles que ele deveria governar com a sua autoridade.

---

<sup>23</sup> Dión Cássio (73.17.5) diz que ele viveu sessenta anos, quatro meses e quatro dias e que governou sessenta e seis dias. Com efeito, nascera em 30 de janeiro de 133.

## SEVERO

*Por Júlio Esparciano*

**1** Morto Dídio Juliano, Severo, natural de África, obteve o poder imperial. **2** Teve por cidade natal Léptis, por pai Geta, e os seus antepassados foram cavaleiros romanos antes de a cidadania ser atribuída a todos os habitantes. A mãe era Fúlvia Pia; os tios-avôs paternos, Apro e Severo, tinham sido cônsules; o avô materno foi Macro, o paterno Fúlvio Pio. **3** Ele próprio nasceu no ano do segundo consulado de Erúcio Claro e primeiro de Severo, no dia 6 antes dos idos de abril<sup>1</sup>. **4** Na primeira infância, antes de ser instruído na literatura latina e na grega, nas quais era muito versado, não praticava outro jogo com os da sua idade que não fosse brincar aos juízes, em que ele próprio, precedido dos fâsces e das secures, se sentava e fazia os julgamentos, rodeado por um círculo de meninos. **5** Aos dezoito anos declamou em público. Depois veio para Roma para se dedicar aos estudos; requereu o laticlavo ao Divino Marco e recebeu-o com o patrocínio do seu parente Septímio Severo, que já fora duas vezes cônsul.

**6** Ao chegar a Roma, deparou-se com um seu hóspede, que naquele preciso momento lia a vida do imperador Adriano, facto que ele tomou como presságio de fortuna posterior. **7** Teve ainda um outro presságio do poder imperial: certa vez em que foi convidado para jantar com o imperador e se

---

<sup>1</sup> O que dá 8 de abril de 146.

apresentou vestido de pálio<sup>2</sup>, quando devia ir de toga, aceitou uma toga oficial do próprio imperador. **8** Nessa mesma noite sonhou que estava a mamar nas tetas de uma loba, como Remo ou Rómulo. **9** E, sem saber que não lhe era permitido, até se sentou num trono imperial que um escravo colocara à toa. **10** Além disso, enquanto dormia numa estalagem, enrolou-se-lhe ao redor da cabeça uma serpente que se afastou sem lhe fazer mal quando os familiares despertaram e se puseram aos gritos.

**II 1** Teve uma juventude pejada de loucuras, por vezes até de delitos. **2** Defendeu-se de uma acusação de adultério e foi absolvido pelo procônsul Juliano, a quem sucedeu no proconsulado, de quem foi colega no consulado e a quem de novo sucedeu, como imperador. Exerceu a questura com empenho, sem ter passado pelo cargo de tribuno militar. **3** Depois da questura, calhou-lhe em sorte a Bética, e daqui rumou a África, para, na sequência da morte do pai, regularizar questões familiares. **4** Mas enquanto estava em África, em vez da Bética foi-lhe atribuída a Sardínia, uma vez que os mouros andavam a devastar a Bética<sup>3</sup>. **5** Terminada a questura da Sardínia, recebeu o cargo de legado do procônsul de África. **6** Enquanto era legado, aconteceu que, quando avançava precedido pelos fasces, um conterrâneo de um dos municípios de Léptis, também ele plebeu, o veio abraçar na qualidade de antigo camarada. Ele mandou-o açoitá-lo com as varas, enquanto um arauto fazia o

---

<sup>2</sup> O *pallium* era um manto de origem grega. Dá origem à designação da comédia de assunto grego, *fabula palliata*, em que as personagens aparecem vestidas com pálio em vez da toga, traje identificador do cidadão romano. Augusto pugnou pelo uso da toga em público e o mesmo fez Adriano: cf. SHA *Hadr.* 22.2.

<sup>3</sup> A invasão dos mouros deve ter levado à necessidade de administrar a Bética de forma mais musculada, como província imperial.

seguinte pregão: “Que nenhum plebeu abrace à toa um legado do povo romano!” **7** Daí resultou que os legados agora vão sentados num carro, quando antes iam a pé. **8** Nessa altura, numa certa cidade de África, Severo consultou, ansioso, um astrólogo. Ao ver no horóscopo grandes feitos, disse-lhe o astrólogo: **9** “indica a tua data de nascimento, não a de outro!”. E quando Severo jurou que era a sua, ele contou-lhe tudo o que depois veio a acontecer.

**III 1** Obteve o tribunado da plebe por decisão do imperador Marco e exerceu-o com bastante severidade e rigor. **2** Desposou então Márcia, da qual não falou na história da sua vida privada<sup>4</sup>, mas à qual, depois, no poder imperial, elevou estátuas. **3** Aos trinta e dois anos foi designado pretor por Marco, não como candidato deste<sup>5</sup>, mas entre uma turba de competidores. **4** Por essa altura, enviado à Hispânia, sonhou que lhe diziam que restaurasse o templo de Augusto em Tarragona, que já estava a desmoronar-se; **5** de seguida, do cimo de uma montanha enorme, contemplou o orbe terrestre e Roma, enquanto as províncias cantavam em coro ao som da lira e da flauta. Ofereceu jogos na Urbe, apesar de ausente<sup>6</sup>. **6** Foi colocado de seguida ao comando da IV Legião Cítica, junto de Massília<sup>7</sup>. **7** Depois disso, dirigiu-se para Atenas para estudar e conhecer os ritos sagrados, mas também por causa dos

---

<sup>4</sup> A autobiografia que escreveu, como se diz à frente, em 18.6; e ainda em *ClodAlb.* 7.1 e D.C. 75.7.3.

<sup>5</sup> Non *in candida* sc. *toga* parece significar que ele se não contava entre os *candidati Caesaris*, os que eram diretamente escolhidos pelo imperador. Vide nota da edição Loeb.

<sup>6</sup> A partir de Augusto, os pretores celebram os jogos que antes estavam a cargo dos edis. Já na República os pretores tinham a seu cargo os *Ludi Apollinares*.

<sup>7</sup> Trata-se de um erro. Esta legião estava na Síria.

monumentos e das antiguidades da cidade. Aí, ao sofrer agravos da parte de alguns atenienses, ganhou-lhes inimizade e, já imperador, tirou desforra, cortando-lhes nos privilégios. **8** De seguida recebeu o cargo de legado da província Lugdunense. **9** Tendo perdido a mulher e desejando casar novamente, examinava o horóscopo das noivas, pois ele próprio também era muito versado em astrologia. E, ao ouvir dizer que existia na Síria uma mulher cujo horóscopo lhe prenunciava núpcias com um rei — a saber, Júlia Domna<sup>8</sup> —, pediu-a em casamento e recebeu-a como esposa, por intermédio de amigos. Com ela foi pai imediatamente<sup>9</sup>.

**IV 1** Devido ao seu rigor, deferência e integridade, foi amado como ninguém pelos gauleses. **2** A seguir, governou as Panónias com poder proconsular<sup>10</sup>. Depois disso, coube-lhe em sorte a Sicília proconsular<sup>11</sup>. **3** Em Roma, nasceu-lhe um segundo filho<sup>12</sup>. Na Sicília, foi acusado de ter consultado adivinhos ou astrólogos caldeus como se fosse acerca do poder imperial. Mas, por motivo de Cómodo já então gerar ódio, foi absolvido pelos perfeitos do pretório a quem fora entregue para inquirição, enquanto o caluniador foi parar à cruz. **4** Exerceu o primeiro consulado com Apuleio Rufino, tendo-o Cómodo designado entre muitos. Depois do consulado esteve quase um ano sem cargos. De seguida, com o apoio de Leto, foi colocado

---

<sup>8</sup> Filha de Júlio Bassiano, sacerdote de Elagábalo em Emesa.

<sup>9</sup> De Bassiano, alcunhado Caracala, futuro imperador.

<sup>10</sup> Nessa altura a Panónia estava dividida em Panónia Superior e Inferior, ambas governadas por consulares. Mas na altura da redação já estaria dividida em 4 regiões, devido a uma reforma administrativa do tempo de Diocleciano: a Panónia Superior foi dividida em *P. Prima* e *P. Savia* (ou *Ripariensis*), e a Inferior em *P. Valeria* e *P. Secunda*.

<sup>11</sup> Na verdade, a ordem está incorreta: primeiro foi a Sicília e, depois de exercer o consulado, as Panónias.

<sup>12</sup> Geta, em 199.

ao comando do exército da Germânia<sup>13</sup>. **5** De partida para os exércitos da Germânia, adquiriu uns extensos jardins, ele que antes possuía uma habitação muito pequena, em Roma, e uma única quinta, na região de Veios<sup>14</sup>. **6** Certa vez em que, nestes jardins, tomava uma refeição sentado no chão com os filhos, tendo sido servido um parco jantar, o filho mais velho, que tinha então cinco anos, pôs-se a repartir a fruta existente, a mãos largas, pelos pequenos colegas de brincadeiras. Perante a admoestação do pai, que lhe disse: “reparte mais parcamente, pois não possuis as riquezas de um rei”, ele respondeu: “mas hei de possuir!<sup>15</sup>”. **7** Tendo partido para a Germânia, desempenhou o cargo de legado de tal forma que aumentou a sua fama, já antes enobrecida.

**V 1** Até então desempenhou a carreira militar como um simples particular. Mas, quando se soube que Cómodo tinha sido assassinado e que Juliano exercia o poder imperial no meio de um ódio generalizado, incitado por muitos, foi, apesar da sua resistência, aclamado imperador pelas legiões da Germânia em Carnunto<sup>16</sup>, nos idos de agosto<sup>17</sup>. **2** Ele também ... deu aos soldados uma quantidade de sestércios que jamais outro príncipe dera. **3** Depois, estabilizadas que foram as províncias que deixava para trás, tomou o caminho de Roma, com todos a submeterem-se a ele, fosse qual fosse o caminho que tomasse, pois que os exércitos da Ilíria e da Gália, forçados pelos seus comandantes, já lhe tinham prestado juramento. **4** Era, pois, acolhido por todos como vingador de Pertinaz.

---

<sup>13</sup> Trata-se de um erro. Deve referir-se à Panónia

<sup>14</sup> O texto está corrompido. Alguns lêem *in Venetia*.

<sup>15</sup> Trata-se, pois, do futuro imperador Caracala.

<sup>16</sup> Atual Bad Deutsch-Altenburg, na Áustria. Então ficava na Panónia e não na Germânia.

<sup>17</sup> Teria sido em abril.

**5** Por essa altura, Septímio Severo foi, por instigação de Juliano, declarado inimigo público pelo senado, pelo que foram enviados ao exército legados com uma mensagem do senado a ordenar que os soldados rompessem com ele e seguissem as determinações do senado. **6** Quanto a Severo, ao ouvir dizer que os legados tinham sido enviados por decisão unânime do senado, primeiro ficou muito receoso, depois tratou de corromper os legados para que falassem ao exército em seu favor e se passassem para o seu lado. **7** Ao saber do sucedido, Juliano fez passar um senátus-consulto sobre a partilha do poder com Severo. **8** Não se sabe ao certo se ele de facto procedeu assim com boa intenção ou por dolo, uma vez que já antes tinha enviado uns certos afamados assassinos de generais para matarem Severo, tal como enviara quem assassinasse Pescênio Nigro<sup>18</sup>, o mesmo que contra ele tomara o poder imperial por instigação dos exércitos da Síria. **9** Mas Severo, tendo escapado às mãos dos que Juliano enviara para o assassinar, através de uma carta enviada aos pretorianos, deu sinal ou para romperem com Juliano ou para o matarem, no que foi imediatamente atendido. **10** Com efeito, não só Juliano foi assassinado no palácio, como Severo foi convidado a entrar em Roma. **11** Assim, coisa nunca vista, com um simples aceno de cabeça, Severo tornou-se vencedor e marchou em armas para Roma.

**VI 1** Morto Juliano, e uma vez que Severo permanecia no acampamento e nas tendas, como se atravessasse território inimigo, o senado enviou-lhe uma embaixada de cem senadores para o felicitar e lhe implorar vénia. **2** Estes foram ao encontro dele em Interamna<sup>19</sup> e, estando ele armado e rodeado de

---

<sup>18</sup> Sobre estas ordens para assassinar Severo e Nigro, cf. SHA *DidIul.* 5.1 e 8; *PescNig.* 2.4 e 6.

<sup>19</sup> Na Úmbria, hoje cidade de Terni.

homens armados, saudaram-no depois de revistados, para ver se tinham alguma arma. **3** E, no dia seguinte, num encontro com todos os serviçais da corte, deu setecentos e vinte moedas de ouro a cada legado **4** e enviou-os à sua frente, ressaltando a faculdade de permanecerem, se o desejassem, e de regressarem a Roma juntamente com ele. **5** Nomeou imediatamente como prefeito do pretório Flávio Juvenal, que também Juliano tinha tomado como terceiro prefeito. **6** Entretanto, gerou-se em Roma enorme inquietação entre os soldados e os cidadãos, presumindo que Severo avançava armado contra os que o tinham sentenciado como inimigo público. **7** Acresce que ele descobriu que Pescênio Nigro fora aclamado imperador pelas legiões da Síria. **8** Por intermédio dos que tinham sido enviados à sua frente, Severo intercetou os editos e as cartas de Pescênio destinados ao povo e ao senado, impedindo que fossem apresentados ao povo ou lidos na cúria. **9** Por essa mesma altura, pensou em ceder o lugar a Clódio Albino, a quem, segundo parecia, já Cómodo teria decretado o poder imperial de um César. **10** Mas tendo muito receio de alguns de quem tinha opinião favorável, enviou Heraclito a tomar posse da Britânia<sup>20</sup> e Plauciano a capturar os filhos de Nigro. **11** Quando chegou a Roma, Severo mandou os pretorianos virem à sua presença, desfardados e desarmados. E assim os convocou à tribuna de comando, rodeados de homens armados por todos os lados<sup>21</sup>.

**VII 1** Entrando de seguida em Roma, armado e acompanhado de soldados armados, subiu ao Capitólio<sup>22</sup>. Daqui

<sup>20</sup> Ou da Bitínia, segundo SHA *PescNig.* 5.2.

<sup>21</sup> Segundo D.C. (74.1.1), censurou-os pela sua traição a Pertinaz e baniu-os da cidade, depois de lhes retirar as armas e os cavalos. Cf. Herodiano 2.13.4f.

<sup>22</sup> Díon Cássio (74.3-5), que relata o episódio na primeira pessoa, mostra-se impressionado. Diz que Severo, às portas da cidade,

avançou para o palácio no mesmo aparato, com os estandartes que tomara aos pretorianos à frente, baixados, e não erguidos. **2** Por toda a cidade, os soldados instalaram-se nos templos, nos pórticos, nas mansões do Palatino, como se fossem estalagens. **3** Deste modo, a entrada de Severo foi odiosa e aterrorizadora, com os soldados a rapinarem sem pagar, ameaçando pilhar a urbe. **4** No dia seguinte encaminhou-se para o senado escoltado por homens armados, não apenas soldados, mas também amigos. Na cúria, prestou contas da sua tomada do poder imperial e apresentou como justificação ter Juliano enviado para o assassinar afamados assassinos de generais. **5** Forçou ainda a aprovação de um senátus-consulto no sentido de proibir o imperador de condenar à morte um senador sem consultar o senado. **6** Mas, enquanto estava no senado, os soldados, em revolta, puseram-se a exigir do senado o pagamento de dez mil sestércios a cada um, a exemplo daqueles que tinham conduzido Augusto Otaviano<sup>23</sup> a Roma, os quais haviam então recebido essa quantia<sup>24</sup>. **7** E não conseguindo contê-los, por mais que o desejasse, Severo logrou

---

envergonhou um traje civil, enquanto os soldados prosseguiram armados. Neste aspeto a *Historia Augusta* parece mais hostil. Entrar armado na cidade era considerado uma atitude insolente. Suetónio censura Vitélio por entrar em Roma com as armas à vista (Suet. *Vit.* 11.1). Segundo Tácito (*Hist.* 2.89.1), Vitélio, que se dispunha a entrar na cidade em traje militar, deixa-se convencer pelos amigos a vestir a toga *praetexta*, e os oficiais levam uma veste branca, enquanto em Suetónio envergam o *sagum*, hábito de guerra contraposto à toga.

<sup>23</sup> Otávio assumiu por adoção o nome de Gaio Júlio César, mas não seguiu o costume de acrescentar o nome de Otaviano, formado a partir do nome do pai natural. No entanto, muitos autores antigos e modernos designam-no assim.

<sup>24</sup> Em 43, quando Otávio reclamou o direito a apresentar-se para o primeiro consulado apoiado nas legiões, apesar de ter apenas vinte anos. Cf. Suet. *Aug.* 26.1-2 (descrição da pressão dos militares sobre o senado)

desmobilizá-los depois de os apaziguar com uma liberalidade extra. **8** Prestou honras fúnebres dignas de um censor a uma efígie de Pertinaz<sup>25</sup> e consagrou-o entre as divindades, atribuindo-lhe um flâmine e a irmandade dos Helvidianos, anteriormente designados Marcianos<sup>26</sup>. **9** Determinou também ser chamado Pertinaz, embora tenha, posteriormente, decidido suprimir tal nome, como se fosse pressago. Saldou de seguida as dívidas para com os amigos.

**VIII 1** Depois de atribuir um dote às filhas, deu-as em casamento a Probo e Écio. E embora oferecesse a prefeitura da cidade ao seu genro Probo, este recusou, dizendo que considerava menos importante ser prefeito do que ser genro do príncipe. **2** No entanto, fez imediatamente cônsules a ambos os genros e a ambos tornou ricos. **3** Num outro dia, foi ao senado e, depois de acusar os amigos de Juliano, fê-los condenar à proscrição e à morte. **4** Participou em muitos julgamentos e, provada a culpa, puniu severamente os juízes acusados pelos provinciais. **5** Quanto ao aprovisionamento de cereais, que ele encontrara à míngua, geriu-o de tal modo que, à sua morte, deixou à república o correspondente à contribuição de sete anos.

**6** Partiu para consolidar a situação do Oriente sem nada dizer em público sobre Nigro. **7** Enviou, contudo, legiões para África, para que Nigro, atravessando a Líbia e o Egito, a não ocupasse e oprimisse o povo romano com carestia de cereais. **8** Deixou Domício Dextro como prefeito da cidade em lugar

---

e 95 (observação de voos de abutres, como outrora com Rómulo). Cf. ainda D.C. 46.46.

<sup>25</sup> Como se refere na vida do próprio: *Pert.* 15.1. Para uma descrição do funeral, cf. D.C. 74.4-5.

<sup>26</sup> Vide SHA *Pert.* 15.3-4. Cf. SHA *AntPhil.* 15.4.

de Basso e, trinta dias depois de chegar a Roma, partiu de novo. **9** Mal saiu da cidade, enfrentou, perto de Saxa Rubra<sup>27</sup>, uma enorme revolta do exército provocada pela demarcação do local do acampamento. **10** E de imediato correu ao seu encontro o seu irmão Geta, a quem, contra o que este esperava, Severo ordenou que tratasse de governar a província que lhe tinha sido destinada<sup>28</sup>. **11** Quanto aos filhos de Nigro, que lhe tinham sido trazidos, tratou-os com a mesma consideração que aos seus. **12** Tinha enviado uma legião para se apossar preventivamente da Grécia e da Trácia, de modo a evitar que Pescênio as ocupasse, mas Nigro já estava na posse de Bizâncio. **13** Nigro, querendo ocupar também Perinto<sup>29</sup>, mandou assassinar muitos membros do exército, pelo que foi declarado inimigo público juntamente com Emiliano<sup>30</sup>. **14** Ainda convidou Severo a partilhar com ele o poder, mas foi ignorado. **15** Severo prometeu a Nigro um exílio em segurança, se ele o desejasse, mas não perdoou a Emiliano. **16** Emiliano, vencido de seguida no Helesponto<sup>31</sup> pelos generais de Severo, refugiou-se primeiro em Cízico<sup>32</sup> e, de seguida, numa outra cidade, onde foi morto por ordem destes. **17** Quanto às tropas de Nigro, foram igualmente desbaratadas pelos mesmos generais.

**IX 1** Ao receber estas novas, Severo enviou uma carta ao senado, como se a tarefa já estivesse terminada. De seguida,

---

<sup>27</sup> Na via Flamínia, a 10 milhas de Roma.

<sup>28</sup> Talvez a Dácia, de que era governador em 195, ou a Mésia Inferior.

<sup>29</sup> Cidade florescente da Trácia na costa europeia do Mar de Mármara, também conhecida como Heracleia da Trácia.

<sup>30</sup> Gaio Asélio Emiliano, procônsul da Ásia e partidário de Pescênio Nigro.

<sup>31</sup> Estreito que liga o Egeu ao Mar de Mármara.

<sup>32</sup> Cidade da costa asiática do Mar de Mármara.

enfrentou Nigro, matou-o perto de Cízico<sup>33</sup> e passou a cabeça dele espetada na ponta de uma lança. **2** Quanto aos filhos de Nigro, aos quais dispensara o mesmo tratamento que aos seus, enviou-os, depois destes acontecimentos, para o exílio na companhia da mãe. **3** Enviou ao senado uma carta a dar conta da sua vitória. E não entregou ao suplício nenhum dos senadores que haviam sido partidários de Nigro, à exceção de um. **4** Mostrou-se bastante agastado com os cidadãos de Antioquia, por terem troçado da sua administração no Oriente e ajudado Nigro mesmo depois de vencido. Portanto, retirou-lhes diversas regalias. **5** Aos habitantes de Neápolis, na Palestina, retirou-lhes o direito de cidadania por terem, durante longo tempo, pegado em armas a favor de Nigro. **6** Para além da ordem senatorial, castigou cruelmente muitos dos que tinham seguido Nigro. **7** E ainda infligiu agravos e penalizações a muitas cidades partidárias deste. **8** Condenou à morte os senadores que tinham combatido por Nigro nos postos de generais ou tribunos. **9** De seguida, realizou muitas operações militares na região da Arábia, reconduzindo os partos à condição de vencidos, tal como os adiabenos, que, em conjunto, se tinham entendido com Nigro. **10** E, por isso, no seu regresso, foi-lhe decretado um triunfo e ele foi apelidado de Árabe, Adiabénico, Pártico. **11** Mas ele rejeitou o triunfo, para não parecer que alcançara um triunfo sobre concidadãos. Também recusou usar o nome de Pártico, com o pretexto de não acirrar os partos.

---

<sup>33</sup> A comparação com Díon Cássio (74.7) e Herodiano (3.4.2.f) mostra que não foi em Cízico, mas em Isso. O mesmo erro ocorre em SHA *PescNig.* 5.8. Segundo Díon Cássio (74.8.3), depois de os soldados capturarem Nigro em fuga e o decapitarem, Severo enviou a cabeça para Bizâncio enfiada na ponta de uma vara, para induzir os cidadãos da cidade a aderirem à sua causa.

**X** **1** No seu regresso a Roma, depois da guerra civil de Nigro, foi-lhe anunciada uma outra guerra civil, a de Clódio Albino, que se rebelara na Gália. Foi por este motivo que os filhos deste foram depois mortos juntamente com a mãe. **2** Assim sendo, Severo declarou imediatamente inimigo público Clódio Albino e aqueles que de forma demasiado simpática lhe tinham enviado cartas ou respondido às dele. **3** Quando marchava contra Albino, no caminho, junto a Viminácio<sup>34</sup>, acrescentou ao seu filho mais velho, Bassiano, o nome de Aurélio Antonino e proclamou-o César, para retirar ao seu irmão Geta a esperança do poder imperial que este acalentara. **4** E a razão para acrescentar ao filho o nome de Antonino, foi ter sonhado que um Antonino lhe sucederia. **5** Daí pensarem alguns que também Geta foi chamado Antonino<sup>35</sup>, para que também ele próprio lhe sucedesse no poder imperial. **6** Pensam alguns outros que Bassiano foi apelidado de Antonino porque o próprio Severo desejava ingressar na família de Marco<sup>36</sup>. **7** Inicialmente os generais de Severo foram vencidos pelos de Albino. Então, inquieto, ao consultar os áugures da Panónia, ficou a saber que seria vencedor, mas que o adversário não cairia em suas mãos nem lograria escapar, pois pereceria perto de água. **8** Imediatamente muitos amigos de Albino, desertando, vieram ter com ele; muitos generais foram capturados, aos quais Severo aplicou castigos.

---

<sup>34</sup> Na Mésia, no caminho de Bizâncio para a Gália.

<sup>35</sup> Neste caso, trata-se do filho mais novo de Severo, que será mais tarde morto por Bassiano (Caracala). A ideia de que recebeu o nome de Antonino, presente neste passo e em 16.4, 19.2, em *AntGeta* 1.1 e 5.3, mas negada em *AntDiad.* 6.9, não encontra fundamento nas inscrições nem nas cunhagens. Vide nota ao passo na ed. Loeb.

<sup>36</sup> Cf. D.C. 75.7.4, 76.9.4.

**XI 1** Entretanto, após muitas operações militares na Gália com êxito variável, Severo lutou pela primeira vez contra Albino com resultados bastante favoráveis junto de Tinúrcio<sup>37</sup>. **2** Correu um enorme perigo ao cair de um cavalo, de tal sorte que o julgaram morto por um projétil de chumbo, ao ponto de o exército quase escolher outro imperador<sup>38</sup>. **3** Nessa altura, à leitura de umas atas que louvavam Clódio Celsino, natural de Adrumeto e parente de Albino por afinidade, Severo, irritado com o senado por, desta forma, o senado como que apoiar Albino, determinou que Cómodo fosse contado entre os deuses, como se, por esta via, se pudesse vingar do senado<sup>39</sup>. **4** Primeiro proclamou Cómodo divino diante dos soldados, depois escreveu ao senado sobre esse facto, anexando o seu discurso de vitória. **5** De seguida, mandou esquartejar os cadáveres dos senadores que tinham sido mortos na guerra. **6** Quando depois lhe trouxeram o corpo de Albino, já meio morto, mandou cortar-lhe a cabeça e enviá-la para Roma, acompanhada com uma carta. **7** Albino foi vencido no décimo primeiro dia antes das calendas de março<sup>40</sup>. Quanto ao resto do corpo, Severo mandou expô-lo diante da sua própria residência, onde permaneceu por longo tempo. **8** Além disso, montado num cavalo, conduziu-o por cima do cadáver de Albino e, como o

---

<sup>37</sup> Vide descrição da batalha em D.C. 75.6-7.

<sup>38</sup> Júlio Leto, que, segundo Herodiano (3.7.4), poupou as suas tropas e só terá intervindo quando lhe chegou o rumor da morte de Severo. Mais tarde foi condenado à morte. Segundo Dión Cássio (75.6.8), Leto manteve-se na defensiva, a ver se os dois opositores pereciam, na esperança de ser então aclamado imperador; e só decidiu agir quando viu que o lado de Severo levava a melhor.

<sup>39</sup> A deificação de Cómodo insere-se no processo de integração de Severo na família de Marco Aurélio. Desta forma tornava-se irmão de Cómodo. Cf. D.C. 75.7.4.

<sup>40</sup> I.e., 19 de fevereiro de 197.

animal se mostrava apavorado, incitou-o e deixou-o à rédea solta para que espezinhasse à vontade. **9** Aduzem outros que Severo mandou lançar o cadáver ao Ródano, juntamente com os da sua mulher e filhos.

**XII 1** Foram assassinados numerosos partidários de Albino<sup>41</sup>, entre os quais se contavam muitos dos principais da cidade, muitas mulheres ilustres: a todos foram confiscados os bens, que engrossaram o erário público. Foram na altura mortos também muitos nobres hispânicos e gauleses. **2** Finalmente, Severo concedeu aos soldados um soldo de um montante que nenhum outro príncipe tinha concedido. **3** Graças a esta procrição, também aos seus filhos legou um montante superior ao de qualquer outro príncipe, tornando propriedade imperial grande parte do ouro proveniente das Gálias, das Espanhas, de Itália. **4** Foi então pela primeira vez constituída a procuradoria dos bens privados<sup>42</sup>. **5** Muitos dos que, depois da morte de Albino, lhe continuaram fiéis, foram derrotados por Severo em combate. **6** Nessa mesma altura, chegou a notícia de que a legião da Arábia<sup>43</sup> desertara para Albino. **7** Tendo-se vingado severamente da defeção de Albino com numerosíssimas mortes e com a supressão da sua estirpe, Severo chegou a Roma irritado com o povo e com os senadores. **8** Louvou Cómodo no senado e numa assembleia do povo, proclamou-o deus, disse que ele só tinha desagradado aos ignóbeis<sup>44</sup>, pelo que se se

---

<sup>41</sup> Na Gália. Cf. Herodiano 3.8.2.

<sup>42</sup> *Privatarum rerum procuratio*. A *res privata* era propriedade pessoal de cada imperador, distinta do *fiscus*, o tesouro imperial, e do *patrimonium*, as terras imperiais transmitidas de imperador para imperador.

<sup>43</sup> A Legião III Cirenaica.

<sup>44</sup> Díon Cássio (75.8.2-3) diz que ele desculpou os atos desonrosos de Cómodo (como participar em *venationes* ‘caçadas’ e em artes de gladiadores) por serem hábitos correntes entre muitos dos senadores.

tornava muito claro que Severo estava louco de raiva. **9** Depois disto, discorreu sobre a sua clemência, ele que fora assaz cruel e mandara matar os senadores abaixo inscritos<sup>45</sup>.

**XIII 1** Mandou matar sem julgamento os seguintes nobres: Múmio Secundino, Asélio Claudiano, **2** Cláudio Rufo, Vitálio Vítor, Pápio Fausto, Élio Celso, Júlio Rufo, Lólio Professo, Aurunculeio Corneliano, António Balbo, Postúmio Severo, **3** Sérgio Lustral, Fábio Paulino, Nónio Graco, Mastício Fabiano, Caspério Agripino, Ceiónio Albino, Cláudio Sulpiciano, **4** Mémio Rufino, Caspério Emiliano, Cocceio Vero, Erúcio Claro, L. Estilão, **5** Clódio Rufino, Egnatuleio Honorato, **6** Petrónio Júnior; os Pescénios: Festo, Veraciano, Aureliano, Materiano, Juliano e Albino; os Cerélios: Macrino, Faustianiano e Juliano; **7** Herénio Nepos, Sulpício Cano, Valério Catulino, Nónio Rufo, Cláudio Arabiano, Marco Aselião. **8** Ora, o assassino de tantos e tão ilustres varões — pois muitos deles eram de categoria consular, muitos de categoria pretória, mas todos varões eminentes — era considerado pelos africanos como um deus. **9** Lançou contra Cíncio Severo<sup>46</sup> a calúnia de que o tentara envenenar e assim o mandou assassinar.

**XIV 1** E quanto a Narciso, o estrangulador de Cómodo, atirou-o aos leões<sup>47</sup>. Matou além disso muitos homens de origem humilde, sem contar aqueles que a violência dos combates arrebatou. **2** Depois de tais acontecimentos, para se mostrar agradável aos cidadãos, transferiu o encargo com o serviço

---

<sup>45</sup> Díon Cássio (75.8.3-4) transmite outros números: diz que ele perdoou trinta e cinco e condenou vinte e nove, entre os quais Sulpiciano, sogro de Pertinaz.

<sup>46</sup> O Pontífice que no final da *Vida de Cómodo* (20) encerra a lista de imprecações contra o imperador defunto, propondo a *damnatio*.

<sup>47</sup> Cf. D.C. 73.16.5

postal dos privados para o fisco<sup>48</sup>. **3** De seguida, fez o senado proclamar Bassiano Antonino como César<sup>49</sup>, concedendo-lhe insígnias imperiais. **4** Surgiu depois o rumor de uma guerra contra os partos. Erigiu à sua custa estátuas ao pai, à mãe, ao avô e à primeira esposa. **5** De grande amigo que era de Plauciano<sup>50</sup>, depois de conhecer a vida dele passou a ter-lhe tal ódio que até o declarou inimigo público e, mandando abater as suas estátuas, tornou-o célebre em todo orbe terrestre pela gravidade do castigo. Severo ficou particularmente irritado por ele ter colocado uma estátua sua entre as representações dos familiares e próximos de Severo<sup>51</sup>. **6** Levantou o castigo que os palestinianos tinham recebido por apoiarem a causa de Nigro. **7** Depois reconciliou-se de novo com Plauciano e, entrando na Urbe como que numa ovação<sup>52</sup>, dirigiu-se com ele para o Capitólio, embora passado algum tempo o mandasse matar também<sup>53</sup>. **8** A Geta, o filho mais novo, concedeu a toga viril; ao mais velho, uniu-o em casamento com a filha de Plauciano<sup>54</sup>. Os que tinham declarado Plauciano inimigo público, foram deportados. **9** Deste modo, todas as coisas estão sempre em mudança,

---

<sup>48</sup> Reporta-se ao serviço oficial de correio e transportes criado por Augusto. Inicialmente estava a cargo dos magistrados das cidades, mas com Adriano passou para o tesouro imperial, o fisco. Cf. SHA *Hadr.* 7.5.

<sup>49</sup> Trata-se da confirmação por parte do senado do título de César que já teria recebido (ver 10.3 supra).

<sup>50</sup> O prefeito da guarda pretoriana. Cf. D.C. 75.14-15.

<sup>51</sup> Díon Cássio (75.16.2) fala de um equívoco que levou algumas províncias a destruírem as estátuas.

<sup>52</sup> Cerimónia inferior ao triunfo, em que o triunfador, em vez de desfilar num carro, ia a cavalo.

<sup>53</sup> Sobre a mudança na relação e o fim de Plauciano, vide relato de D.C. 15.16.3-5.

<sup>54</sup> Fúlvia Plautila, depois banida, aquando da morte do pai.

como que por uma lei da natureza. **10** Nomeou de seguida os filhos cônsules. Prestou honras fúnebres ao irmão Geta. **11** Partiu de seguida para a guerra com os partos, depois de oferecer uns jogos de gladiadores e distribuir uma gratificação pelo povo<sup>55</sup>. **12** De permeio, mandou matar a muitos, quer por justa causa, quer por causas forjadas. **13** Na sua maior parte tratava-se de condenados, uns por dizerem graçolas, outros por não dizerem nada, outros por dizerem muitas coisas com jogos de palavras, como por exemplo: “Eis um imperador de nome vero: vero Pertinaz, vero Severo!”

**XV 1** Corria de facto entre o vulgo o rumor de que Septímio Severo empreendia a guerra pártica movido pelo desejo de glória e não por qualquer necessidade. **2** Tendo embarcado o exército em Brundísio, em marcha forçada chegou à Síria e repeliu os partos. **3** Mas, posteriormente, voltou à Síria para se preparar para lançar uma campanha contra os partos. **4** Entretanto, por instigação de Plauciano, perseguiu o que restava dos apoiantes de Pescênio, de modo que atacava até alguns dos seus amigos, sob o pretexto de que atentavam contra a sua vida. **5** Mandou também assassinar a muitos sob o pretexto de que consultavam astrólogos caldeus ou adivinhos sobre a sua saúde. Suspeitava sobremaneira dos que considerava aptos para o poder imperial, uma vez que tinha filhos muito pequenos e acreditava ou ouvia dizer que isso era referido pelos que auguravam para si o poder imperial. **6** Finalmente, quando

---

<sup>55</sup> O *congiarium* consistia inicialmente na distribuição de vinho, azeite numa vasilha que levava um côngio (*congius*) — medida romana usada sobretudo para líquidos que correspondia à oitava parte de uma ânfora (c. 3,25 l). Passou a ser uma designação geral para quaisquer donativos dos imperadores ao povo, mesmo quando os mesmos incluíam dinheiro, cereais ou outros presentes de ocasião. Estas distribuições eram comemoradas em moedas. Cf. SHA *Hadr.* 7.3.

executava alguns, Severo desculpava-se e, depois da morte deles, afirmava que não tinha ordenado fazer o que feito estava — situação que Mário Máximo reporta sobretudo no que respeita a Leto<sup>56</sup>. **7** Quando o veio visitar a sua irmã de Léptis, que mal falava latim, o imperador envergonhou-se muito dela, pelo que, depois de conceder o laticlavo ao seu filho e de a cumular de presentes, mandou-a regressar à pátria, e com o filho, que pouco tempo depois faleceu.

**XVI 1** Portanto, já no final do verão, entrou na Pártia e, depois de expulsar o rei, chegou a Ctesifonte, que tomou no começo do inverno. É que naquelas regiões é melhor fazer as guerras no inverno, apesar de os soldados se sustentarem de raízes de ervas e assim contraírem doenças e achaques. **2** Por isso, com a resistência dos partos e a diarreia dos soldados, provocadas por alimentos não costumados, não conseguiu ir mais além. Todavia, manteve-se firme, tomou a cidade fortificada, pôs o rei em fuga, matou inúmeros e mereceu o nome de Pártico. **3** Por tais feitos, também o filho dele, Bassiano Antonino, que já tinha sido proclamado César, foi declarado pelos soldados como partícipe efetivo do poder imperial, aos treze anos de idade. **4** Também declararam César o filho mais novo, Geta, chamando-lhe Antonino, como muitos autores registam em seus escritos<sup>57</sup>. **5** Por motivo destas aclamações, fez um donativo muitíssimo generoso aos soldados, permitindo-lhes saquear totalmente a cidade dos partos, como os soldados

---

<sup>56</sup> Leto foi morto durante o ataque a Hatra, na Mesopotâmia. Segundo Díon Cássio (75.10.3), Severo tentou alijar responsabilidades, porque a única razão era ciúme pelo facto de Leto ser muito amado pelos soldados.

<sup>57</sup> Sobre a contraditória atribuição do nome de Antonino a Geta, vide 10.5 *supra* e nota correspondente.

reclamavam<sup>58</sup>. De seguida, regressou à Síria vitorioso e Pártico. **6** Os senadores ofereceram-lhe um triunfo que ele recusou, porque, estando enfraquecido pela gota<sup>59</sup>, não poderia manter-se de pé sobre o carro. **7** Mas permitiu a celebração do triunfo ao filho, ao qual o senado tinha concedido o triunfo judaico, em razão dos feitos que Severo também realizara na Síria. **8** Seguidamente, ao passar por Antioquia, concedeu a toga viril ao filho mais velho e designou-o cônsul juntamente consigo, pelo que iniciaram imediatamente na Síria o consulado<sup>60</sup>. **9** Depois disto, aumentou o soldo dos soldados e dirigiu-se para Alexandria.

**XVII 1** No seu caminho, fixou muitas leis para os palestinianos. Proibiu, sob pesada pena, a conversão em judeus. Estabeleceu a mesma sanção no que respeita aos cristãos. **2** A seguir, concedeu o direito a ter senado<sup>61</sup> aos alexandrinos, que viviam sem um conselho público, tal como no tempo em que tinham reis, contentando-se com o único juiz<sup>62</sup> que César lhes tinha dado. **3** Fez, além disso, muitas modificações nas leis deles. **4** Posteriormente, Severo apresentou sempre esta longa viagem como tendo sido do seu agrado, fosse pelo culto do deus Serápis, fosse pelo conhecimento de antiguidades, fosse pela novidade dos animais e dos lugares. Na verdade, ele visitou

---

<sup>58</sup> Sobre o saque de Ctesifonte, cf. D.C. 75.9.4.

<sup>59</sup> Designada por *articularis morbus*.

<sup>60</sup> De 202.

<sup>61</sup> *Ius buleutarum*.

<sup>62</sup> *Iudex*, designado por *iuridicus* de Alexandria. O título de *iuridicus* era dado a oficiais da categoria de pretor nomeados pelo imperador para desempenharem funções judiciais fora de Roma. Mais tarde o título aplica-se especialmente a um alto funcionário judicial do Egipto — o *iuridicus Alexandriae*, conhecido também em grego como *dikaiodotes* (OCD).

com muita atenção quer Mênfis, quer Mémnon<sup>63</sup>, quer as pirâmides, quer o labirinto<sup>64</sup>.

**5** E para não me demorar em pormenores, as suas realizações mais notáveis são as seguintes<sup>65</sup>: depois de Juliano ser vencido e morto, dissolveu as coortes pretorianas<sup>66</sup>; contou Pertinaz entre os deuses contra a vontade dos soldados<sup>67</sup>; mandou abolir os decretos de Sálvio Juliano<sup>68</sup>, resultado que não concretizou. **6** Finalmente, parece que ganhou o sobrenome de Pertinaz não tanto pela sua vontade quanto pela sua parcimónia de costumes. **7** De facto, foi considerado assaz cruel por causa da infinidade de mortes; e certa vez em que um dos seus inimigos se lhe apresentou suplicante e lhe perguntou o que ele próprio teria feito, Severo, sem se deixar comover por tão ajuizadas palavras, mandou matá-lo. **8** Tinha, além disso, o veemente desejo de suprimir as fações e quase nunca se retirou de uma luta sem ser vencedor.

**XVIII 1** Subjugou Abgaro, rei dos persas<sup>69</sup>; aceitou a submissão dos árabes; obrigou os adiabenos a tornarem-se tributários. **2** Protegeu a Britânia — o que é a maior glória do

---

<sup>63</sup> Os chamados Colossos de Mémnon, em Tebas, são na verdade estátuas de Amenófis III (cujo nome egípcio é Amen-Hotep).

<sup>64</sup> Perto de Faium, construído junto com a pirâmide de Hawara por Amenemés III (12<sup>a</sup> dinastia). O labirinto foi descrito por Heródoto, 2.148.

<sup>65</sup> Este segmento segue de perto Aurélio Vítor (*De Caes.* 20).

<sup>66</sup> Cf. 6.11 supra.

<sup>67</sup> Ver 7.8 supra. Cf. SHA *Pert.* 14.10.

<sup>68</sup> Confusão, que ocorre também em Aurélio Vítor (*De Caes.* 20.1), entre o nome de Dídio Juliano e o do famoso jurisconsulto Sálvio Juliano, autor do *Edito Perpétuo*, uma sistematização dos anteriores editos dos pretores feita por ordem de Adriano.

<sup>69</sup> Segundo Herodiano (3.9.2), Abgaro IX, rei de Osroena, e não da Pérsia, ajudou Severo na campanha pártica.

seu supremo poder — com uma muralha que atravessa a ilha de uma à outra costa do oceano<sup>70</sup>. Por isso, recebeu também o nome de Britânico. **3** Devolveu a máxima segurança a Trípolis, de onde era natural, com a destruição de povos assaz belicosos, e garantiu para sempre ao povo romano azeite gratuito, diariamente e em muita abundância.

**4** Não só foi implacável com os delitos como mostrou também singular discernimento para promover os diligentes. **5** Era bastante devotado aos estudos de filosofia e oratória, e também extremamente ávido de erudição. Era em toda a parte um inimigo dos salteadores. **6** Escreveu, ele mesmo, uma autobiografia sobre a sua vida privada e pública com rigor, tentando somente justificar o vício da crueldade. **7** A propósito deste vício, o senado declarou que ele ou não devia ter nascido, ou não devia morrer, uma vez que se mostrava extremamente cruel e extremamente útil à república. **8** Revelou-se menos cauteloso em sua casa ao manter a esposa Júlia, com má fama pelos adúlteros e até culpada de uma conjura. **9** Certa vez em que, por sofrer de gota nos pés, estava a retardar a guerra, os soldados, que suportavam tal circunstância com impaciência, aclamaram como Augusto o filho Bassiano, que estava junto dele. Severo, por sua vez, ordenou que o levantassem e transportassem para a tribuna, e, depois, que perante ele se apresentassem todos os tribunos, centuriões, generais e coortes que tinham sido os autores de tal iniciativa, e, de seguida, mandou comparecer também o filho que recebera o nome de Augusto. **10** E como mandou castigar todos os autores de tal feito, à exceção do filho, e todos os visados suplicavam perdão, prostrados aos pés da tribuna, ele, tocando-lhes com a mão na cabeça, afirmou:

---

<sup>70</sup> Talvez antes um restauro da muralha de Adriano.

11 “Agora percebem que é a cabeça que comanda, não os pés!”. Uma vez que a fortuna o conduzira, degrau a degrau, de uma origem humilde até ao poder imperial, graças aos seus méritos literários e militares, ele dizia: “Tudo fui e de nada me aproveita!”.

**XIX 1** Depois de subjugar algumas nações que se afiguravam perigosas para a Britânia, faleceu em Ebóraco, na Britânia, no ano décimo oitavo do seu supremo poder, já velho, levado por uma doença muito grave. **2** Deixou dois filhos, Antonino Bassiano e Geta, ao qual, em pessoa, ele tinha também dado o nome de Antonino, em honra de Marco Antonino<sup>71</sup>. **3** Foi sepultado no sepulcro de Marco Antonino<sup>72</sup>, a quem, entre todos os imperadores, ele venerou tanto que até contava Cómodo entre os deuses e entendia que, daí em diante, a todos os sucessores devia ser acrescentado o nome de Antonino, como se fosse o de Augusto. **4** Ele próprio foi contado entre os deuses pelo senado, por iniciativa dos filhos, que lhe fizeram um funeral bastante grandioso.

**5** As principais obras públicas que dele subsistem são o Septizónio<sup>73</sup> e as Termas Severianas<sup>74</sup>. Dele também são as Termas Septimianas, na região transtiberina, junto à porta que tem o seu nome<sup>75</sup>, cuja estrutura, ao ruir, inviabilizou imediatamente o uso público.

---

<sup>71</sup> Não parece que Geta tenha recebido o nome de Antonino: vide 10.5. supra e nota correspondente.

<sup>72</sup> O mausoléu de Adriano, local conhecido atualmente como Castel Sant’Angelo.

<sup>73</sup> Ou Septizódio, fachada ornamental na esquina sudoeste do Palatino, virada para a Via Ápia. Tinha a forma de um cenário de teatro (*scaena*) decorado com estátuas e três andares de colunas coríntias. Foi dedicado em 203. Vide OCD.

<sup>74</sup> Talvez situadas a sul das Termas de Caracala.

<sup>75</sup> A Porta Septimiana.

**6** O juízo sobre ele, depois da sua morte, foi unanimemente favorável, sobretudo porque, durante longo tempo, nada de bom veio à república da parte dos filhos e, depois, com muitos povos a invadirem a república, o Estado romano tornou-se alvo de saque para salteadores.

**7** Usava roupa tão simples que a sua túnica tinha somente um pouco de púrpura, e cobria os ombros com uma clâmide de felpa. **8** Era muito frugal na comida, gostava dos legumes da sua terra natal, gostava de beber vinho de vez em quando, passando amiúde sem carne<sup>76</sup>. **9** Ele próprio era de aspeto agradável, muito alto, tinha barba comprida, o cabelo encanecido e encrespado, um rosto que impunha respeito, uma voz harmoniosa, mas com um certo sotaque africano que se manteve até à velhice. **10** Foi bastante amado depois da morte, tendo sido postos de lado tanto o ódio como o medo da sua crueldade.

**XX 1** Lembro-me de ter lido em Élio Mauro, liberto de Flégon, liberto de Adriano<sup>77</sup>, que, moribundo, Septímio Severo manifestava um regozijo sem medida por deixar à república, com poder imperial igual, dois Antoninos, a exemplo de Pio, que deixara à república os seus filhos adotivos, Marco e Vero Antoninos. **2** Melhor ainda, enquanto Pio lhe dera filhos adotivos, Severo dava à república dois governantes por si próprio gerados, a saber, Antonino Bassiano, que tivera de um anterior casamento<sup>78</sup>, e Geta, que gerara com Júlia. **3** Mas tais esperanças saíram bem defraudadas: a república ficou privada deles,

---

<sup>76</sup> Tal descrição parece contrastar com o facto de sofrer de gota.

<sup>77</sup> Cf. SHA *Hadr.* 16.1.

<sup>78</sup> Ideia errónea, que contradiz 3.9 supra. Ele era filho de Júlia Domna. O mesmo erro subsiste em SHA *AntCar.* 10.1 e *AntGeta* 7.3, bem como em Aurélio Vítor 21.3.

um por parricídio, o outro pelos seus próprios costumes, e aquele santo nome em nenhum deles se manteve honrado por muito tempo. **4** E, pensando bem, torna-se-me bastante claro, Diocleciano Augusto, que dificilmente algum grande homem deixou um filho excelente e útil. **5** Em suma, ou esses homens morreram sem filhos, ou, na sua maioria, tiveram filhos tais que, para a humanidade, melhor seria terem partido sem descendência.

**XXI 1** E, para começarmos por Rómulo, nem este, nem Numa Pompílio deixaram qualquer filho que pudesse ser útil à república. Que dizer de Camilo? Acaso deixou filhos parecidos com ele? Que dizer de Cipião<sup>79</sup>? Que dizer dos Catões, que foram magníficos? **2** Mas também no que diz respeito a Homero, Demóstenes, Virgílio, Crispo<sup>80</sup> e Terêncio, Plauto e todos os outros, que poderei eu contar? Que dizer de César? Que dizer de Túlio<sup>81</sup>, para quem melhor fora não ter filhos? **3** Que dizer de Augusto, que não teve sequer um bom filho adotivo<sup>82</sup>, embora lhe assistisse o poder de escolher entre todos os cidadãos? Enganou-se até o próprio Trajano ao escolher um conterrâneo e sobrinho<sup>83</sup>. **4** Mas, para omitirmos os adotivos, de forma a que não nos venham à mente os Antoninos, Pio e

---

<sup>79</sup> Cipião Emiliano não terá tido filhos. Era filho natural de Emílio Paulo, o vencedor de Pidna e neto por adoção de Cipião Africano, uma vez que fora adotado por um filho deste, que também não igualara a glória do pai, difícil de ultrapassar.

<sup>80</sup> Salústio.

<sup>81</sup> Cícero, cujo filho tinha fama de ébrio. Apesar de tudo é-lhe reconhecido esforço na luta pela vingança da morte do pai, ocorrida no contexto das proscricções do triunvirato, por ação de M. António.

<sup>82</sup> Refere-se à má reputação que Tibério deixou para a posteridade como imperador.

<sup>83</sup> Espelha-se aqui a tradição senatorial hostil a Adriano. Trajano e Adriano eram originários de Itálica, na Hispânia.

Marco, divindades da república, voltemo-nos para os filhos de sangue. **5** Que poderia acontecer a Marco de mais feliz do que não ter deixado Cómodo como herdeiro? **6** E a Septímio Severo, não ter gerado Bassiano? Ele que, depois de acusar imediatamente o irmão de maquinar ciladas contra si, inventando a intenção de fratricídio, ainda o assassinou. **7** Ele que tomou como esposa a própria madrasta<sup>84</sup> — e a madrasta, porquê? Na verdade, antes a mãe em cujo seio ele matara Geta, o filho dela. **8** Ele que, por se recusar a justificar o fratricídio, mandou matar Papiniano, templo do direito e tesouro da ciência jurídica, e também prefeito, para não faltar também a dignidade de um cargo<sup>85</sup> a um homem magnífico pela sua pessoa e pelo seu saber. **9** Finalmente, para omitir o resto, considero que foi devido ao caráter de Bassiano que se deu o caso de Severo, homem bastante sombrio em tudo — a bem dizer, bastante cruel —, ser considerado pio e merecedor dos altares dos deuses. **10** Conta-se que, oprimido pela doença, Severo enviou ao filho mais velho aquele inspirado discurso de Salústio

---

<sup>84</sup> Uma calúnia replicada em outros passos (cf. nota a *Sev.* 18.8); ver *AntCar.* 10.1-3. Tais calúnias podem ser resultado das maquinações de Plauciano, que procurava colocar Severo contra Júlia Domna, como diz D.C. 75.15.6 e 78.24.1. A ser verdade, o caso de Caracala seria ainda mais gravoso, uma vez que Júlia Domna não era madrasta, mas mãe dele. Segundo Herodiano (4.9.3, 4.13.8, 5.3.2), os Alexandrinos chamavam-lhe Jocasta, conhecedores do grau de parentesco. Além disso, dois passos da *História Augusta* (*AntCar.* 3.3; *AntGeta* 7.3) sugerem que Caracala desejara juntar o matricídio ao fratricídio, uma vez que tinha, no começo do principado, assassinado o irmão Geta (considerado, nesta coletânea, apenas meio irmão de Caracala). O paralelismo com o assassinio de Britânico terá motivado um processo de “neronização” da pessoa de Caracala, que explicará a acusação de práticas incestuosas e a intenção de assassinar a mãe. Vide Penella 1980.

<sup>85</sup> O termo é *dignitas*, decorrente do cargo: neste caso de prefeito do pretório, que ocupara depois da morte de Plauciano em 205.

em que Micipsa exorta os filhos à paz<sup>86</sup>: tudo em vão! E ... a um homem com tanta saúde! **11** Em suma, Antonino viveu durante muito tempo odiado pelo povo, e aquele nome venerando tornou-se por longo tempo menos amado, embora ele tenha distribuído roupas ao povo, pelas quais foi chamado Caracala<sup>87</sup>, e tenha construído umas termas bastantes suntuosas. **12** Subsiste, pois, em Roma, o pórtico de Severo, a representar os feitos dele, construído pelo filho, segundo informam muitos autores.

**XXII 1** Os sinais da sua morte foram os seguintes: ele próprio sonhou que era arrebatado ao céu por quatro águias num carro adornado de pedras preciosas, enquanto à frente voava uma figura enorme, com forma humana. E que, enquanto era arrebatado, contou até ao número 89, nem mais um ano do que os que ele viveu<sup>88</sup>. Com efeito, chegou já idoso ao poder imperial. **2** E, depois de ser colocado num enorme círculo no ar<sup>89</sup>, ali ficou longo tempo sozinho e abandonado. Mas quando ele temia precipitar-se de cabeça, eis que se viu chamado por Júpiter e colocado entre os Antoninos. **3** Certa vez, num dia de jogos circenses, em que foram colocadas três pequenas Vitórias de gesso com palmas, de acordo com o costume, a do meio, que segurava um orbe terrestre com o nome do imperador gravado, caiu do pódio com um golpe de vento, direita, e assim se manteve, de pé, no chão; a que tinha gravado o nome de Geta desabou e ficou toda feita em pedaços; mas aquela que

---

<sup>86</sup> Trata-se da obra *Guerra de Jugurta*, 10.6.

<sup>87</sup> *Caracallus*, nome de um manto comprido, como se explica na vida do próprio: *AntCar.* 9.7.

<sup>88</sup> O número está errado, tal como em *PescNig.* 5.1. Ele viveu 65 anos e 9 meses, segundo D.C. 76.17.4.

<sup>89</sup> Permanece a dúvida se se deverá ler *aereo* ‘de bronze’ ou *aerio* ‘de ar’.

ostentava uma inscrição com o nome de Bassiano, essa perdeu a palma por causa de um turbilhão de vento e a custo se manteve de pé. **4** Outra vez, depois de inspecionar a muralha das fortificações da Britânia, quando regressava ao acantonamento próximo, não só como vencedor, mas também com uma paz definitiva estabelecida, dando voltas ao pensamento sobre que tipo de presságio encontraria no caminho, eis que um etíope do destacamento militar, com reputada fama de truão e sempre pronto para brincadeiras muito apreciadas, corre para ele com um coroa de cipreste. **5** Como ele, irritado, o mandou desaparecer da sua vista, perturbado pelo presságio da cor dele e da coroa, diz-se que o etíope lhe retorquiu em brincadeira: “Tudo foste, tudo venceste, sê agora um deus, vencedor!”<sup>90</sup> **6** E quando, ao chegar à cidade de Roma, quis fazer um sacrifício, primeiro foi conduzido ao templo de Belona<sup>91</sup> por engano de um áuspice inculco, a seguir foram-lhe trazidas vítimas de cor escura. **7** Tendo-as rejeitado, retirou-se para o palácio, mas, por negligência dos servos, as vítimas negras seguiram o imperador até ao limiar do palácio do Palatino.

**XXIII 1** Subsistem em muitas cidades notáveis obras suas. Mas verdadeiramente magnífico foi o seu sentido cívico ao restaurar todos os edifícios públicos de Roma, que desabavam sob o peso do tempo, quase nunca aí mandando gravar o seu nome, mas conservando sempre as inscrições com os nomes dos fundadores<sup>92</sup>. **2** Ao morrer, deixou uma reserva de cereal correspondente a uma coleta de sete anos<sup>93</sup>, de modo que

---

<sup>90</sup> Sobre as suas vitórias, cf. supra 18.11.

<sup>91</sup> Deusa romana da guerra, de origem arcaica.

<sup>92</sup> Díon Cássio (76.16.3) diz o contrário: que colocava o nome dele como se os construísse de raiz com os seus fundos privados.

<sup>93</sup> Como se disse atrás, em 8.5.

podiam ser gastos diariamente setenta e cinco mil módios, e tanto azeite que bastava para as necessidades de consumo durante cinco anos, não só de Roma, mas de toda a Itália, que dele era deficitária.

**3** Diz-se que as suas últimas palavras foram as seguintes: “Recebi a república em convulsão; deixo-a pacificada até entre os britanos. Sendo velho e doente dos pés, deixo aos meus Antoninos um império firme se eles forem bons, mas débil se eles forem maus”. **4** Mandou de seguida dar como senha ao tribuno “Toca a trabalhar”, porque Pertinaz, quando assumira o poder imperial, tinha dado a senha “Toca a militar”. **5** Além disso, mandou fazer uma réplica da estátua da Fortuna régia que costumava acompanhar os príncipes e ser colocada nos seus quartos, assim deixando esta santíssima imagem a cada um dos seus filhos. **6** Mas quando percebeu que estava iminente a hora da sua morte, consta que mandou colocar a Fortuna em dias alternados nos quartos dos filhos. **7** Tal facto, Bassiano desprezou-o antes de cometer o fratricídio.

**XXIV 1** O corpo dele foi carregado da Britânia até Roma entre grande reverência dos provinciais. **2** Alguns afirmam, no entanto, que se tratava apenas de uma pequena urna de ouro com as cinzas de Severo e que foi depositada no túmulo dos Antoninos<sup>94</sup>, já que Severo teria sido cremado no local onde tinha falecido.

**3** Ao construir o Septizódio, o seu único pensamento foi fazer com que essa obra saltasse aos olhos de quem chegava de África. **4** E se, na sua ausência, uma estátua dele não fosse colocada no meio da Urbe pelo prefeito da cidade, ao que se conta, ele intentaria construir o acesso às mansões do Palatino, ou seja

---

<sup>94</sup> Cf. 19.3 supra. O material da urna varia de acordo com as fontes: cf. D.C. 76.15.4 (porfírio) e Herodiano 3.15.7 (alabastro).

ao átrio régio, daquele lado. 5 Quando, mais tarde, também Alexandre Severo quis fazer tal obra, diz-se que foi dissuadido pelos arúspices, pois, na consulta dos oráculos, não obtivera resultados favoráveis.

(Página deixada propositadamente em branco)

## PESCÊNIO NIGRO

*Por Élio Esparciano*

**I** **1** É raro e difícil serem bem tratadas em obras escritas as vidas daqueles que a vitória de outros tornou tiranos e dificilmente se encontra uma exposição completa sobre eles em obras literárias e anais. **2** Em primeiro lugar, os grandes feitos que abonam a sua honra são deformados pelos escritores; depois, outros são suprimidos; finalmente, não se fazem pesquisas assaz diligentes sobre a sua linhagem e a sua vida, pelo que se toma como suficiente mencionar a audácia deles e a guerra em que foram vencidos, bem como o castigo que sofreram.

**3** Ora, Pescênio Nigro teve, transmitem uns, pais modestos, e, dizem outros, pais nobres. O pai era Antônio Fusco, a mãe Lamprídia, o avô era um curador de Aquino, donde a família era originária. Na verdade, até isto é agora considerado duvidoso. **4** Ele tinha pouca cultura literária, caráter impetuoso, excessivo no que toca a riquezas, parco na vida, apetite desenfreado por todo o gênero de paixões. **5** Foi centurião por longo tempo e, depois de muitos comandos, veio a chefiar o exército da Síria, por ordem de Cómodo, com especial apoio do atleta que estrangulou Cómodo, como então se fazia em todas as coisas.

**II** **1** Este, depois de saber que Cómodo fora assassinado, que Juliano fora proclamado imperador e, também ele, assassinado por ordem de Severo e do senado, que também Albino assumira o nome de imperador na Gália, foi ele próprio aclamado imperador pelos exércitos da Síria, que chefiava, mais por ódio a Juliano, segundo dizem, que por rivalidade com

Severo. **2** Por causa da sua aversão a Juliano, nos primeiros dias do seu poder imperial, Nigro recebeu em Roma tal favor, da parte dos senadores, que também odiavam Severo, que, entre chuvas de pedras e imprecações de todos<sup>1</sup>, só a ele o povo desejava felicidade e o aclamava: “Os deuses o façam imperador, o façam Augusto!” **3** Ora os populares odiavam Juliano porque os soldados tinham assassinado Pertinaz e o tinham aclamado imperador contra a vontade do povo. Em suma, este foi o motivo de enormes revoltas. **4** Então Juliano enviara um centurião primipilo para assassinar Nigro<sup>2</sup> — coisa estúpida, já que este tinha um exército e podia defender-se —, como se um imperador pudesse ser assassinado por um primipilo. **5** E com a mesma insensatez, Juliano enviara também um sucessor a Severo, que já era príncipe. **6** Finalmente, enviou o centurião Aquílio, afamado assassino de generais, como se um tal imperador pudesse ser morto por um centurião. **7** Para terminar, foi com igual insânia que, segundo se conta, tratou de interditar o poder imperial a Severo, para que se visse que Juliano atingira primeiro o poder imperial e de acordo com o direito.

**III 1** O juízo que o povo fazia sobre Pescênio Nigro manifestou-se também no seguinte: certa vez que Juliano oferecia jogos de circo em Roma, o povo, depois de encher os assentos do Circo Máximo de forma indiscriminada e de lhe lançar enormes afrontas, na sua totalidade, a uma só voz, pôs-se todo a reclamar Pescênio Nigro para a tutela da cidade, por ódio a Juliano, como dissemos, e por amor a Pertinaz, que fora assassinado. **2** Conta-se que então Juliano disse que não era a si próprio nem a Pescênio que estava destinado um longo poder supremo, mas a Severo, que era quem mais devia ser alvo do

---

<sup>1</sup> Cf. *DidIul.* 4.3-7; D.C. 73.13.3-5; Herodiano 2.7.3 e 5.

<sup>2</sup> Cf. *DidIul.* 5.1 e *Sev.* 5.8.

ódio dos senadores, dos soldados, dos provinciais e dos populares — tal como os acontecimentos comprovaram.

**3** E Pescênio era amicíssimo de Severo na altura em que governava a província Lugdunense. **4** Com efeito, ele próprio tinha sido enviado para capturar os desertores que, então, em grande número, devastavam as Gálias. **5** Por ter desempenhado este cargo de forma distinta, agradou tanto a Severo que, no relatório que sobre ele enviou a Cómodo, Septímio afirmou que era um varão necessário à república. E, na realidade, era um homem intransigente em assuntos castrenses. **6** Jamais sob o seu comando soldado algum obteve à força lenha, azeite ou trabalho de um provincial. **7** Ele próprio nada aceitava de um soldado. Quando era tribuno, não permitia que ninguém aceitasse. **8** Mesmo já imperador mandou uns soldados auxiliares apedrejarem dois tribunos que comprovadamente recebiam subornos dos fornecedores do exército. **9** Subsiste uma carta de Severo, na qual escreve o seguinte a Ragônio Celso, governador da Gália: “É uma desgraça que não possamos imitar a disciplina militar daquele que vencemos na guerra. **10** Os teus soldados andam de um lado para o outro, os tribunos frequentam os banhos a meio do dia; para eles as cantinas são tabernas, as camaratas são bordéis; dançam, bebem, cantam e dizem que a regra do banquete é beber sem regra. **11** Será que tal acontecia se existisse algum laivo da disciplina dos nossos pais? Trata de corrigir primeiro os tribunos, depois a soldadesca: quanto mais tempo estes te temerem, tanto mais tempo os terás na mão. **12** Mas debes aprender com Nigro também o seguinte: que um soldado não conseguirá ganhar temor se não forem íntegros os tribunos e os generais desses soldados”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Esta como outras cartas são consideradas forjadas.

**IV 1** Isto é o que Severo Augusto escreveu sobre Pescênio. Sobre este, quando ainda era apenas soldado, disse Marco Antonino a Cornélio Balbo: “Tu louvas-me Pescênio; já estou ao corrente. É que o teu antecessor me disse que ele era intrépido em combate, austero no modo de vida, e já então mais que um mero soldado. **2** Por isso, enviei uma carta para ser lida na parada, na qual o mandei colocar à testa de trezentos armênios, cem sármatas e mil dos nossos. **3** Compete-te mostrar que não foi pela adulação, que não se coaduna com os nossos costumes, mas pelo valor que este homem chegou ao lugar que o meu avô Adriano, que o meu bisavô Trajano não atribuíam senão a homens com muitas provas dadas”. **4** Deste mesmo Pescênio dizia Cómodo: “Conheci Pescênio, varão forte, e já lhe dei dois tribunados. Vou dar-lhe em breve o posto de general, quando, por limite de idade, Élio Cordueno deixar de servir a república”. Tal foi a opinião geral sobre Nigro. **5** O próprio Severo muitas vezes disse que teria perdoado a Pescênio se este não porfiasse. **6** Pescênio, por fim, foi nomeado cônsul por Cómodo, passando à frente de Severo, que, por sua vez, ficou irritado, na suposição de que Nigro recebera o consulado por recomendação dos centuriões primipilos. **7** Na sua autobiografia, Severo diz que numa altura em que estava enfermo, ainda os filhos não haviam atingido a idade para poderem exercer o poder imperial, tivera em mente, para o caso de algo lhe acontecer, nomear com sucessores Pescênio Nigro e Clódio Albino, precisamente os dois que se revelaram os mais encarniçados inimigos de Severo. **8** Por aqui se torna evidente a opinião que também Severo tinha sobre Pescênio.

**V 1** Se acreditarmos em Severo, Nigro foi bastante desejoso de glória, fingido no modo de vida, depravado nos costumes e tinha já uma idade avançada quando usurpou o poder imperial. É por isto que Severo lhe censura a ambição política, como

se o mesmo Severo fosse mais novo quando chegou ao poder imperial, ele que encurta a sua idade, já que, depois de exercer o poder imperial durante dezoito anos, morreu aos oitenta e nove<sup>4</sup>.

**2** Severo enviou Heraclito para ocupar a Bitínia<sup>5</sup> e Fúlvio<sup>6</sup> para se apoderar dos filhos adultos de Nigro. **3** Contudo, Severo não fez qualquer menção de Nigro no senado, apesar de já ter ouvido falar da sua tomada do poder imperial, mas pôs-se ele mesmo a caminho para regularizar a situação no Oriente. **4** À sua partida, tratou, por certo, de enviar legiões para a África, para que Pescênio não se apoderasse dela e oprimisse o povo romano pela fome. **5** E parecia que ele o poderia fazer, atravessando a Líbia e o Egito, confinantes com África, embora o caminho por terra e por mar se apresentasse difícil. **6** Quanto a Pescênio, perante o avanço de Severo para o Oriente, ocupou a Grécia, as Trácias, a Macedónia, com massacre de muitos varões ilustres, ao mesmo tempo que convidava Severo a partilhar com ele o poder imperial. **7** À conta disso, por causa dos homens que executara, foi declarado inimigo público juntamente com Emiliano<sup>7</sup>. De seguida, num combate em que Emiliano teve o comando, foi vencido pelos generais de Severo. **8** E embora Severo lhe promettesse um exílio em segurança se depusesse as armas, ele persistiu e retomou os combates, mas foi vencido e, na fuga, foi ferido junto ao paul de Cízico e, assim conduzido até junto de Severo, acabou por morrer.

---

<sup>4</sup> De facto era alguns anos (entre 5 e 10) mais novo. Trata-se do mesmo erro na contagem dos anos de vida que encontrámos em *Sev.* 22.1. Ele viveu 65 anos segundo Díon Cássio (76.17.4).

<sup>5</sup> Ou a Britânia: cf. *Sev.* 6.11. Talvez o propósito do envio de Heraclito fosse atrair Clódio Albino para a sua causa.

<sup>6</sup> Fúlvio Plauciano.

<sup>7</sup> Sobre este procônsul da Ásia, cf. *Sev.* 8.13 *supra*.

**VI 1** A cabeça dele, enfiada na ponta de uma lança, foi enviada para Roma. Os seus filhos foram mortos, a mulher eliminada, os bens confiscados, a família aniquilada por completo. **2** Mas todos estes factos só aconteceram depois que houve conhecimento da rebelião de Albino, já que antes ele tinha enviado para o exílio tanto os filhos de Nigro como a mãe deles. **3** Mas ficou furibundo com esta segunda guerra — ou melhor, a terceira — e tornou-se mais intransigente. **4** Foi então que Severo tirou a vida a muitos senadores, pelo que uns lhe deram o nome de Sila Púnico, outros de Mário Púnico.

**5** Nigro era de elevada estatura, de aspecto agradável, usava o cabelo puxado de forma graciosa para o alto da cabeça, a sua voz era rouca mas potente, de modo que, quando falava num espaço amplo podia ser ouvido a uma milha de distância se o vento não soprasse contra; tinha um rosto respeitável e sempre corado; tinha a cerviz tão negra que, como dizem muitos, foi por isso que recebeu o nome de Nigro. **6** Quanto às restantes partes do corpo, era branco e mais cheio. Era ávido de vinho, frugal na comida; não tinha qualquer interesse por sexo, a não ser para gerar filhos<sup>8</sup>. **7** Assim, por consenso geral, foi-lhe confiada, na Gália, a celebração de certos ritos sagrados que são atribuídos aos mais castos. **8** Vemo-lo representado nos jardins de Cómodo, no pórtico abobadado, num mosaico, entre os amigos mais próximos de Cómodo, a levar os adereços rituais de Ísis, **9** aos quais Cómodo era tão devotado que até rapou a cabeça, transportou a imagem de Anúbis e cumpriu todas as estações da procissão.

---

<sup>8</sup> Parece contradizer 1.4 supra.

**10** Foi um excelente soldado, um tribuno sem par, um general de primeira categoria, um legado muito rigoroso, um cônsul insigne, um varão notável na paz e na guerra, mas um imperador desafortunado. Em suma, teria sido útil à república ao serviço de Severo, que era um homem repugnante, se tivesse querido ficar do lado deste.

**VII 1** Foi, contudo, enganado pelos conselhos canhestros de Aureliano, que, com a promessa de casar as suas filhas com os filhos de Nigro, o fez porfiar pelo poder imperial.

**2** Tinha tal autoridade que, ao verificar que as províncias eram prejudicadas pelas mudanças rápidas na administração, escreveu, primeiro a Marco e depois a Cómodo, no sentido de nenhum governador de província, legado ou procônsul, ser substituído antes de um quinquênio, de modo a não cessar o cargo antes de aprender a administrar. **3** Além disso, para que ninguém chegasse inexperiente à gestão da coisa pública, à exceção da administração militar, anunciou que os governadores seriam nomeados para as províncias que tinham servido como assessores<sup>9</sup>. **4** Tal diretiva foi posteriormente adotada por Severo e, depois, por muitos outros, como se prova com as prefeituras de Paulo e de Ulpiano<sup>10</sup>, que fizeram parte do conselho de Papiniano<sup>11</sup> e que, depois de trabalharem nas secretarias imperiais, um na “da memória” e outro na “das

---

<sup>9</sup> Assistentes para questões jurídicas dos governadores provinciais e outros cargos, como o caso de prefeito do pretório referido a seguir. O nome (*assessor*) resulta de se sentarem no tribunal com o magistrado.

<sup>10</sup> Famosos juristas muito citados nos *Digesta* de Justiniano.

<sup>11</sup> Jurista e prefeito do pretório que sucedeu a Plauciano. Foi morto depois do assassinato de Geta por Caracala em 212.

petições<sup>12</sup>, foram imediatamente nomeados prefeitos<sup>13</sup>. **5** Foi também diretiva sua que ninguém fosse assessor na sua própria província e que ninguém servisse na administração se não fosse cidadão de Roma, isto é, originário da Urbe<sup>14</sup>. **6** Acrescentou além disso um salário para os assessores dos juízes, para não serem um encargo para aqueles que assessorassem, dizendo que um juiz não deve dar nem deve receber<sup>15</sup>. **7** Tratava os soldados com tais restrições que, certa vez em que os soldados da fronteira<sup>16</sup>, no Egito, lhe pediam vinho, lhes respondeu: “Vocês têm o Nilo e procuram vinho?”. É que é tal a doçura da água daquele rio, que os locais não procuram vinho. **8** Da mesma forma, perante um motim de soldados que tinham sido vencidos pelos sarracenos<sup>17</sup> e que clamavam “Não nos deram vinho, não podemos lutar!”, ele replicou “Pois corem de vergonha! Os que vos venceram, bebem água!”. **9** De igual modo, aos palestinianos que suplicavam que lhes fosse aliviado o tributo, que tinha sido agravado, ele respondeu: “Vocês querem aliviar o tributo sobre as vossas terras, mas eu até o vosso ar que respiram desejava tributar!”.

---

<sup>12</sup> Trata-se das secretarias *a memoria* (arquivo dos documentos públicos do imperador onde se preparavam os discursos e decisões) e *a libellis* (respeitante aos requerimentos feitos ao imperador e respetivas respostas). A estas se juntavam as outras: *a studiis*, *ab epistulis*, e *a cognitionibus*. As secretarias imperiais foram, com Cláudio, dirigidas por libertos imperiais. A partir de Adriano foram entregues aos cavaleiros. cf. SHA *Hadr.* 22.8.

<sup>13</sup> Paulo não foi prefeito do pretório — trata-se de confusão, como demonstra Chastagnol (1994) xlix.

<sup>14</sup> Outros interpretam no sentido de que só em Roma possam governar nativos da Urbe e apenas estes.

<sup>15</sup> Cf. SHA *AlexSev.* 46.1.

<sup>16</sup> Designados por *Limitanei*.

<sup>17</sup> Nesta altura designava uns povos que habitavam na Península Arábica.

**VIII 1** Por fim, no auge da agitação da república, quando chegou a notícia de que havia três imperadores, Septímio Severo, Pescênio Nigro e Clódio Albino, diz-se que o vate de Apolo em Delfos, consultado sobre quem estaria em condições de melhor exercer o poder imperial, debitou o seguinte verso em grego:

“O melhor é o Fusco, o bom é o Africano, o pior é o Alvo!”

**2** Por aí se entendeu que, no oráculo, Nigro foi apelidado de Fusco, Severo de Africano e Albino de Alvo. **3** E nem faltou também a curiosidade de perguntar quem iria administrar a república. A isso ele respondeu com outro verso, o seguinte:

“Será derramado o sangue do alvo e do negro ainda em vida.  
Regerá o império universal o que provém de uma urbe púnica”.

**4** De igual modo, quando foi interrogado sobre quem lhe sucederia, diz-se que respondeu de novo com um verso grego:

“Aquele a quem as divindades celestiais tiverem permitido usar o nome de Pio!”

**5** Tal resposta não foi de modo algum entendida até ao momento em que Bassiano recebeu o nome de Antonino, que era a verdadeira marca distintiva de Pio. **6.** Da mesma forma, interrogado sobre quanto tempo Nigro seria imperador, diz-se que respondeu em grego:

“Com duas vezes dez navios se faz ao mar da Itália<sup>18</sup>,  
a ver se ao menos uma barca cruza o pélagos”.

---

<sup>18</sup> Cf. Verg. *A.* 1.381: *Bis denis Phrygium conscendi nauibus aequor.*

Por aqui se entendeu que cumpriria vinte anos.

**IX 1** Tais são, ó Diocleciano, o maior dos Augustos, os dados que sobre Pescênio aprendemos em muitos livros. De facto, não é fácil, como dissemos no princípio do livro, escrever livros sobre a vida daqueles que ou não foram príncipes da república, ou que não foram proclamados imperadores pelo senado, ou que, por terem sido rapidamente mortos, não conseguiram alcançar fama. **2** Daí que Vínex<sup>19</sup> seja obscuro, que Pisão<sup>20</sup> seja um desconhecido, que todos os que foram simplesmente adotados ou aclamados imperadores pelos soldados, como António<sup>21</sup> sob o principado de Domiciano, ou rapidamente mortos, pagaram com a vida a usurpação do poder imperial. **3** Impõe-se agora que eu fale de Clódio Albino, considerado uma espécie de parceiro de Nigro, já que se rebelaram, ambos, contra Severo e por este foram vencidos e mortos. **4** Também dele próprio não subsistem relatos suficientemente claros, já que teve a mesma sorte que Pescênio, apesar de as suas vidas serem bastante diferentes.

---

<sup>19</sup> Júlio Vínex, de ascendência gaulesa, foi governador da Gália Lugdunense e autor de uma revolta contra Nero na primavera de 68 d.C. A ele se aliou Galba, governador da Hispânia e futuro imperador (Suet. *Gal.* 9.2). Derrotado por Virgínio Rufo, comandante da Germânia Superior, na batalha de Vesonção (atual Besançon), Vínex suicidou-se.

<sup>20</sup> L. Calpúrnio Pisão Frúgi Liciniano foi adotado por Galba e apontado como sucessor, o que provocou a revolta de Otão. Este, por sua vez, foi aclamado pelos pretorianos (cf. Plu. *Gal.* 23; Tac. *Hist.* 1.18; Suet. *Nero* 40 ss; *Gal.* 17; *Otho* 5). No dia 15 de janeiro de 69 d.C., Galba e Pisão foram assassinados e decapitados no Foro juntamente com outros apoiantes (Plu. *Gal.* 27; Tac. *Ann.* 48-59; *Hist.* 1.41-43 e 46; Suet. *Gal.* 20).

<sup>21</sup> Lúcio António Saturnino, governador da Germânia Superior, revoltou-se contra Domiciano, em 88, com duas legiões e aliados germânicos que não chegaram a intervir (cf. Suet. *Dom.* 6).

**5** E para que não pareça que omitimos algum dos factos que dizem respeito à vida de Pescênio, ainda que possam ser conhecidos através de outros livros, dele disseram os vates a Septímio Severo que não viria a cair nem vivo nem morto nas mãos de Severo, mas que morreria junto das águas. **6** Dizem alguns que foi o próprio Severo quem proferiu tal vaticínio com base na astrologia, na qual era versado. E tal predição não andou longe da verdade, já que ele foi encontrado meio morto junto de um pântano.

**X 1** Era um homem de tal rigor que, ao ver que alguns soldados bebiam por um cálice de prata durante uma expedição, mandou retirar do uso, em expedições, todos os objetos de prata e acrescentou que deviam usar vasos de madeira, o que suscitou contra ele o ódio dos soldados. **2** Alegava que poderia acontecer as bagagens caírem em poder dos inimigos e que as nações bárbaras não se iriam vangloriar com a nossa prata, pois era evidente que objetos de outro material eram menos capazes de suscitar desejo de glória no inimigo. **3** Ordenou de igual modo que ninguém bebesse vinho durante uma expedição, mas que todos se contentassem com vinagre. **4** Proibiu igualmente os padeiros de seguirem a expedição, obrigando os soldados e toda a gente a contentar-se com pão de ração. **5** De forma semelhante, por causa do roubo de um único galinácio, mandou decapitar com uma secure dez camaradas de um manípulo que haviam comido o que por um único havia sido furtado. E tê-lo-ia feito, se o exército em peso lhe não tivesse pedido misericórdia, ao ponto de se chegar a temer uma revolta. **6** E, embora perdoasse, mandou os dez que se haviam banqueteados com o produto do furto devolverem ao provincial o preço de dez galináceos; acrescentou ainda a ordem de que, durante o resto da expedição, nesse manípulo, ninguém acendesse o lume ou tomasse alimento acabado de cozinhar e

que se alimentassem de pão e água fria. E colocou espíões para garantir o cumprimento destas ordens. **7** Da mesma forma, para os soldados mobilizados não levarem para a guerra moedas de ouro ou prata no cinturão, ordenou que as confiassem a uma conta comum, para receberem depois da campanha o que tinham depositado, acrescentando que, se lhes acontecesse alguma desgraça, o montante seria garantidamente devolvido aos herdeiros deles, filhos e esposas a quem tal fosse devido, de modo a que nenhum butim caísse nas mãos do inimigo. **8** Mas todas estas determinações, com a perversão que grassava nos tempos de Cómodo, redundaram em seu desfavor. **9** Em suma, embora fosse evidente que no seu tempo não havia general mais rigoroso, tal foi para ele mais lesivo que ..... ; depois de morto, quando a inveja e o ódio já tinham sido postos de lado, é que tais exemplos prevaleceram.

**XI 1** Além disso, em todas as expedições comia dos mantimentos militares diante de todos, em frente da tenda, e jamais exigiu para si proteção contra o sol ou contra a chuva quando os soldados a não tinham. **2** Finalmente, em tempo de guerra, depois de explicar a razão aos soldados, considerava que tanto ele como os seus escravos e companheiros de tenda deviam transportar o mesmo peso que os soldados, carregando os seus escravos com as provisões, para que estes não marchassem à vontade enquanto os soldados iam carregados, o que seria mal encarado pelo exército. **3** Jurou de igual modo, numa parada, que em todas as expedições que fizera, estava a fazer ou viria a fazer, não tinha procedido nem viria a proceder de forma diferente da de um mero soldado, com os olhos postos em Mário e outros generais da mesma tarimba. **4** E jamais contou histórias senão sobre Aníbal e outros que tais. **5** Finalmente, certa vez em que um fulano lhe queria recitar um panegírico, quando já fora nomeado imperador, disse-lhe: “Escreve antes um elogio

de Mário ou de Aníbal ou de qualquer outro excelente general já falecido e conta os seus feitos, para nós os imitarmos. **6** É que louvar os vivos é ridículo, sobretudo os imperadores, nos quais se deposita esperança, os quais inspiram temor, os quais podem atribuir cargos públicos, os quais podem dar a morte, os quais podem proscrever”. Disse ainda que, quanto a si, queria agradar enquanto fosse vivo, ser louvado depois de morto.

**XII 1** Entre os príncipes, apreciou Augusto, Vespasiano, Tito, Trajano, Pio, Marco; chamava aos restantes palhaços ou bruxos. Entre as personagens históricas admirou sobretudo Mário, Camilo<sup>22</sup>, Quíncio<sup>23</sup>, Márcio Coriolano<sup>24</sup>. **2** Interrogado sobre o que pensava dos Cipiões<sup>25</sup>, conta-se que respondeu que haviam sido mais afortunados do que fortes, e disso eram prova a vida particular e a juventude, que, tanto num como noutra, foram menos brilhantes em tempo de paz. **3** Em todos os autores se regista que, se tivesse detido o poder supremo, teria corrigido tudo o que Severo não pôde

---

<sup>22</sup> Trata-se de Marco Fúrio Camilo, notável chefe militar, conquistador de Veios e vencedor dos gauleses de Breno que saquearam Roma. A sua vida foi, por outro lado, marcada por enfrentamentos com a plebe, no contexto das lutas de ordens.

<sup>23</sup> Lúcio Quíncio Cincinato, que se tornou modelo de virtude cívica e de moderação, pois que, nomeado ditador, deixou os trabalhos do campo, recrutou um exército e, depois de vencer os équos na batalha do Monte Algido, em 458 a.C., licenciou o exército e voltou para a sua charrua.

<sup>24</sup> Gaio Márcio Coriolano, que ganhou o cognome pela sua vitória sobre Coríolos, cidade volsca. Em divergência com a plebe, exilou-se entre os volscos e atacou Roma em 488 a.C.. Só as súplicas da mãe, da esposa e dos filhos o demoveram. Shakespeare compôs uma peça sobre este herói romano.

<sup>25</sup> Cornélio Cipião Africano, o vencedor de Aníbal, e Cornélio Cipião Emiliano, o destruidor de Cartago e de Numância.

ou não quis emendar, mas sem crueldade; pelo contrário, até com brandura, mas de tipo militar e não frouxa, nem inábil e absurda.

4 Atualmente é possível visitar, no campo de Júpiter<sup>26</sup>, a casa dele, designada por Pesciniana, na qual, um ano depois, foi colocada, num espaço trilobado, a sua estátua em mármore tebano<sup>27</sup>, feita à sua imagem, que ele recebera de presente do rei de Tebas. 5 Subsiste também um epigrama em grego, que reza assim em latim:

6 Aqui se perfila o grande Nigro, terror do soldado egípcio,  
aliado de Tebas, desejoso de uma idade de ouro.

Amam-no os reis, amam-no os povos, ama-o a áurea Roma,  
a ele, que é caro aos Antoninos e ao império.

Nigro é o nome que tem, negro o esculpimos nós próprios,  
para que a sua aparência esteja em acordo, ó pedra, contigo.

7 Severo recusou-se a apagar tais versos, como sugeriam os prefeitos e os mestres dos ofícios, e acrescentou: 8 “Se ele foi assim, conheçam todos a grandeza de quem eu venci; se não foi assim, julguem todos que era assim o homem que venci. Deixem, pois, assim, já que ele assim foi!”

---

<sup>26</sup> Lugar desconhecido ou mesmo inventado.

<sup>27</sup> Trata-se de basalto negro.

## VIDA DE CLÓDIO ALBINO

*Por Júlio Capitolino*

**1** Depois da morte de Pertinaz, que foi assassinado por ordem de Albino<sup>1</sup>, foram proclamados imperadores, quase ao mesmo tempo, Juliano pelo senado em Roma, Septímio Severo pelo exército na Síria, Pescênio Nigro no Oriente, Clódio Albino na Gália. **2** E, na verdade, Herodiano diz que Clódio foi o César de Severo<sup>2</sup>. Mas como nenhum deles tolerava que o outro fosse imperador, e como nem os exércitos da Gália nem os dos Germânia tal podiam suportar, já que eles próprios tinham o seu príncipe específico, estalou por toda a parte a convulsão.

**3** Clódio Albino era de família nobre, mas oriundo de Adrumeto, em África. **4** Foi por isso que ele aplicou a si mesmo o oráculo que referi<sup>3</sup> na vida de Pescênio<sup>4</sup>, no qual Severo era louvado, recusando entender à letra a expressão “o pior é o Alvo” que constava do mesmo verso de elogio de Severo e aprovação de Pescênio Nigro. **5** Mas antes de dissertar sobre a vida e sobre a morte dele, é preciso dizer o que o tornou célebre.

---

<sup>1</sup> Não há em outros autores notícia desta afirmação, repetida também no final desta *Vida*, em 14.2 e 6.

<sup>2</sup> Segundo Díon Cássio (73.15.1-2) e Herodiano (2.15.3), a designação deste sucessor era uma estratégia para dar tempo a Severo enquanto estava ocupado com Nigro.

<sup>3</sup> O autor esquece que a *Vida de Pescênio* é atribuída a Élio Esparciano e não a Júlio Capitolino.

<sup>4</sup> Ver SHA *PescNig.* 8.1: “O melhor é o Fusco, o bom é o Africano, o pior é o Alvo!”

**II 1** De facto, certa vez em que Cómodo designava um sucessor de Albino, enviou-lhe uma carta, na qual o instava a assumir-se como César. Anexo uma cópia:

**2** “O imperador Cómodo a Clódio Albino. Enviei-te uma outra missiva oficial sobre a sucessão no cargo e a tua promoção, mas esta carta é completamente pessoal e privada, escrita pela minha própria mão, como podes ver. Nela te concedo poderes para, em caso de necessidade, te apresentares perante os soldados e assumires o nome de César. **3** Ouço dizer que Septímio Severo e Nónio Murco falam mal de mim junto dos soldados, de modo a obterem, para si, a dignidade da categoria de Augustos. **4** Terás, além disso, quando os assumires, plenos poderes para oferecer um soldo de até três moedas de ouro. Pois também sobre isto enviei cartas aos meus procuradores, as quais tu próprio receberás, assinadas com o sinete da Amazona<sup>5</sup>, e, quando for necessário, hás-de apresentá-las aos contabilistas, para não se negarem a obedecer-te quando quiseres exercer o teu poder sobre o tesouro. **5** E para que disponhas de alguma insígnia distintiva da majestade imperial, terás o direito de usar o manto escarlate, tu próprio, na minha ausência e na minha presença; e terás também o direito de usar púrpura, mas sem ouro, pois que tal direito também o meu bisavô Vero, que faleceu ainda novo<sup>6</sup>, o recebeu de Adriano, que o adotou”.

**III 1** Depois de receber esta carta, Albino decidiu não fazer o que lhe era ordenado, por entrever que, dados os seus

---

<sup>5</sup> Na *Vida de Cómodo* (11.8-9), diz-se que ele assinava como “Amazona” por causa do seu amor pela concubina Márcia, que gostava de vestir de amazona. Também Nero, segundo Suetónio (*Nero* 44.1), vestia as concubinas de amazonas.

<sup>6</sup> Trata-se de Élio César, que morreu com 36 anos (e não propriamente um *puer*). Era pai de Lúcio Vero, pelo que não era ascendente direto de Cómodo, embora pertencesse à família.

costumes, com os quais arruinara a república e se desonorara, Cómodo seria um dia assassinado, e por temer, também ele próprio, ser morto. **2** Subsiste ainda aquela arenga, na qual, quando recebeu o poder imperial, confirmado, segundo alguns, por vontade de Severo, ele traz à memória essa recusa. **3** Eis um passo dessa arenga: “Que foi contra a minha vontade, camaradas de armas, que fui elevado ao poder imperial, prova-o também o facto de eu ter recusado o nome de César que Cómodo me oferecia. Mas tenho de me submeter à vossa vontade e à de Severo Augusto, porque acredito que a república pode ser bem administrada sob a direção de um homem excelente e um varão forte”. **4** E não se pode negar, como também disse Mário Máximo<sup>7</sup>, que inicialmente Severo tinha a intenção de deixar em seu lugar Pescênio Nigro e Clódio Albino, caso algo lhe acontecesse. **5** Mas, depois disso, zelando pelo interesse dos filhos já crescidos e por inveja da popularidade de Albino, mudou de opinião e esmagou-os a ambos em combate, acima de tudo levado pelas súplicas da esposa. **6** Finalmente Severo designou-o também cônsul, o que jamais faria se não se tratasse de um excelente varão, cuidadoso como era na escolha dos magistrados.

**IV 1** Mas, para voltar a Albino, ele era, como disse, natural de Adrumeto, da nobreza local, mas descendente de famílias romanas, nomeadamente dos Postúmios, dos Albinos e dos Ceiónios. **2** Esta família é também hoje nobilíssima, ó tão grande Constantino, e por ti foi elevada e elevada será, ela que muitíssimo cresceu graças ao apoio de Galieno e dos Gordianos. **3** Todavia, ele nasceu numa casa modesta, com um

---

<sup>7</sup> Este biógrafo, que escreveu umas *Vidas*, desde Nerva a Heliogáballo, é uma importante fonte da *Historia Augusta*, pois conheceu os acontecimentos e neles participou.

património muito escasso, de pais virtuosos: o pai foi Ceiónio Póstumo e a mãe Aurélia Messalina, sendo o primeiro filho de seus pais. **4** Ao ser retirado do ventre materno, ao contrário do habitual nos meninos, que ao nascer costumam ser avermelhados, ele era muito branco, e por isso foi chamado Albino. **5** Que isto é verdade, atesta-o uma carta do pai enviada a Élio Bassiano, então procônsul de África e um dos seus próprios parentes, segundo parece. **6** Diz a carta de Ceiónio Póstumo a Élio Bassiano: “No dia sete antes das calendas de dezembro<sup>8</sup> nasceu-me um filho de tal modo branco por todo o corpo, que vencia em brancura a roupa de linho na qual foi recebido. **7** Por isso o aceitei na família dos Albinos, que partilho contigo, dando-lhe o nome de Albino. Faz por ser dedicado à república, a ti e a nós, como já és”.

**V 1** Passou toda a infância em África. Era pouco versado nas letras gregas e latinas, e já então mostrava um temperamento aguerrido e altivo. **2** Conta-se, de facto, que na escola declamava muito amiúde entre os meninos:

“Pego em armas como um louco, mesmo sem motivo suficiente para pegar em armas!”<sup>9</sup>

e repetia:

“Pego em armas como um louco!”

**3** Muitos presságios do poder imperial se lhe manifestaram desde que nasceu, segundo se diz. De facto, nasceu até um touro branco com chifres completamente cor de púrpura, o que

---

<sup>8</sup> Isto é, a 25 de novembro.

<sup>9</sup> Cita Virgílio, *A.* 2.314.

causou admiração, tanto os chifres como a cor da pele. **4** Os chifres foram, segundo se diz, pelo próprio Albino, quando já era tribuno, expostos durante longo tempo no templo de Apolo em Cumas. É que, segundo se diz, ao consultar ali o oráculo sobre o seu destino, foi-lhe respondido com os seguintes versos:

“Ele restabelecerá o Estado romano perturbado por grande desordem;

sendo cavaleiro, prostrará os púnicos e o gaulês rebelde.”<sup>10</sup>

**5** Com efeito, consta que também na Gália dominou muitos povos. Ele próprio pensava que era relativo a Severo o que lhe tinha sido predito com a expressão “prostrará os púnicos”, já que Septímio era africano. Houve ainda outro presságio do seu futuro poder imperial. **6** Como a família dos Césares tinha o costume peculiar de lavar os bebês em carapaças de tartaruga, quando o menino nasceu, foi dada de presente ao pai, por um pescador, uma enorme tartaruga. **7** O pai, como homem letrado que era, ao perceber o presságio, não só aceitou de bom grado a tartaruga, como mandou tratar dela e prepará-la para os banhos quentes do bebê, na expectativa de que ele saísse enobrecido por este meio. **8** Embora fosse raro avistar águias no lugar em que nasceu Albino, ao sétimo dia, pela hora do banquete destinado a festejar o nascimento do menino, quando lhe estavam a pôr os seus nomes, sete pequenas águias foram trazidas dos ninhos e colocadas, como por brincadeira, em volta do berço do bebê. Também este presságio, o pai não o rejeitou, pelo que mandou alimentar as águias e cuidar delas com desvelo. **9** Acresce um outro presságio: como os meninos

---

<sup>10</sup> Versos de Virgílio, *A.* 4.857-858.

desta família eram envolvidos em pequenas faixas avermelhadas e se dava o acaso de as pequenas faixas avermelhadas que a mãe preparara durante a gravidez estarem molhadas, por terem sido lavadas, ele foi envolvido nas faixas cor de púrpura da mãe: daí que, por gracejo da ama, lhe foi também dado o nome de Porfírio<sup>11</sup>. **10** Além destes, houve ainda outros sinais do seu futuro poder imperial. Quem os quiser conhecer, leia Élio Cordo, que enumera todas as minudências sobre este género de presságios.

**VI 1** Logo que atingiu a juventude, foi para o serviço militar e tornou-se conhecido dos Antoninos por intermédio de Lólio Sereno, Bébio Meciano e Ceiónio Postumiano, seus parentes. **2** Comandou como tribuno os cavaleiros dálmatas; comandou também os soldados da quarta e da primeira legiões; manteve fiéis os exércitos da Bitínia na altura em que Avídio Cássio se rebelou. **3** Depois foi transferido por Cómodo para a Gália, onde, por ter derrotado as nações de além do Reno, tornou o seu nome célebre entre os romanos e até entre os bárbaros. **4** Entusiasmado com tais feitos, Cómodo ofereceu-lhe o nome de César<sup>12</sup>, bem como a faculdade de pagar o soldo e de usar o manto escarlata. **5** De tudo isto ele prudentemente se absteve, alegando que Cómodo procurava quem com ele morresse ou quem pudesse ele mesmo matar com justa causa. **6** Foi-lhe concedida dispensa da questura. Após esta dispensa, foi edil não mais que dez dias, por ter sido enviado com urgência para o exército. **7** Depois, sob Cómodo, exerceu uma pretura bastante famosa. Com efeito, consta que, nos jogos que ofereceu, Cómodo participou nas lutas no foro e no teatro.

---

<sup>11</sup> Porfírio remete, em grego, para a cor púrpura ou o vermelho carregado, como as faixas.

<sup>12</sup> Tal concessão do título de César é considerada ficção.

**8** Foi nomeado cônsul por Severo, na altura em que este se preparava para o associar a si juntamente com Pescênio<sup>13</sup>.

**VII 1** Chegou ao poder imperial em idade bastante avançada e mais velho do que Pescênio Nigro, como o próprio Severo relata na sua autobiografia. **2** Mas este, depois de vencer Pescênio, como desejava reservar o poder imperial para os filhos e era testemunha da enorme simpatia do senado para com Clódio Albino<sup>14</sup>, por ser um varão de uma antiga família, enviou-lhe, por emissários, uma carta de extrema simpatia e de extrema afeição, na qual o exortava a administrar lealmente a república juntamente consigo, uma vez que Pescênio Nigro fora morto. Desta carta, Cordo apresenta a seguinte cópia:

**3** “O imperador Severo Augusto a Clódio Albino César, irmão amabilíssimo e muito estimado: saudações! **4** Depois de vencer Pescênio, enviei uma carta para Roma que o senado, com extrema simpatia por ti, acolheu de bom grado. Peço-te que administres a república como irmão no poder imperial, com o mesmo espírito com que por mim és amado como irmão do peito. **5** Bassiano e Geta saúdam-te. Também a minha Júlia<sup>15</sup> te saúda a ti e à tua irmã. Ao teu menino ... Pescênio Princo, vamos enviar presentes dignos do estatuto dele e do teu. **6** Desejaria que mantivesses os exércitos ao serviço da república e de mim, meu íntimo, meu caríssimo, meu amabilíssimo amigo”.

**VIII 1** Esta carta, confiou-a aos seus guarda-costas mais fiéis, que enviou com instruções para entregarem a missiva

---

<sup>13</sup> A carreira aqui descrita parece ser no essencial fictícia, dada a falta de informação, assumida pelo próprio autor. Vide Chastagnol 1994 372-373.

<sup>14</sup> Segundo Herodiano, 3.5.2, enviava-lhe cartas a incentivá-lo a tomar o poder na ausência de Severo.

<sup>15</sup> Júlia Domna, a imperatriz.

em público, mas depois dizerem que pretendiam fornecer-lhe em privado diversas informações relativas a questões bélicas, a segredos militares e à lealdade da corte. Mas, quando chegassem a um local apartado, sob pretexto de lhe transmitirem as ordens, cinco dos mais fortes matá-lo-iam com pequenos punhais escondidos nas roupas. **2** E, a eles, não faltou a lealdade. De facto, chegaram junto de Albino, entregaram a carta e, depois de este a ler, disseram que tinham informações mais secretas, pelo que solicitavam um local distante de quaisquer testemunhas. E como não aceitavam que absolutamente ninguém acompanhasse Albino até a um pórtico bastante longo, sob o pretexto de não traírem as ordens, Albino apercebeu-se da cilada. **3** Por fim, cedendo às suspeitas, entregou-os à tortura. Primeiro, eles negaram com toda a veemência; mas depois, vencidos pelo desespero, confessaram as instruções que Severo lhes dera.

**4** Então, revelados os factos e descoberta a cilada, Albino, ao verificar que era evidente aquilo de que já suspeitava, reuniu um enorme exército e avançou contra Severo e seus generais.

**IX 1** No primeiro recontro que teve com os generais de Severo, levou vantagem, mas depois o próprio Severo, que tinha tratado com o senado declarar Albino inimigo público, marchou contra ele e enfrentou-o na Gália com extrema determinação e bravura, mas com resultados incertos. **2** Finalmente, como, na sua inquietação, consultou os áugures, foi-lhe respondido, segundo afirma Mário Máximo, que Albino cairia em seu poder, mas nem vivo nem morto, o que de facto aconteceu. **3** É que, travado o último combate, depois de inúmeros soldados serem mortos, muitíssimos serem postos em fuga e muitos outros se renderem, Albino pôs-se em fuga e, como muitos autores dizem, trespassou-se a si próprio; segundo outros, foi trespassado por um escravo seu e levado meio morto a Severo,

confirmando-se assim o augúrio que fora antes anunciado. **4** Muitos outros dizem ainda que foi morto por soldados, os quais, com a morte dele, procuravam alcançar as boas graças de Severo.

**5** Albino teve um único filho, dizem alguns. Máximo diz que teve dois. A estes, inicialmente Severo perdoou-os, mas depois matou-os juntamente com a mãe e mandou lançar os corpos ao rio<sup>16</sup>. **6** Quanto à cabeça dele, depois de cortada, tratou de a fazer passear espetada na ponta de uma lança e de a enviar para Roma juntamente com uma carta ao senado, na qual este era insultado por amar Albino com tanto empenho, ao ponto de cumular de enormes honrarias os seus familiares e sobretudo o irmão. **7** Diz-se que o corpo de Albino ficou por terra em frente ao pretório de Severo por muitos dias, até cheirar mal, ser dilacerado pelos cães e lançado ao rio.

**X 1** Sobre o seu caráter, as afirmações variam. Quanto a Severo, no que dele relata, apresenta-o como depravado, maléfico, vil, desonrado, ganancioso e sumptuoso. **2** Mas disse estas coisas na altura do conflito ou depois deste, num período em que já não se lhe podia dar crédito, por falar dele como de um inimigo. **3** Verdade é que ele próprio lhe tinha enviado amiúde cartas, como se fossem muito amigos. Além disso, muitas pessoas pensavam bem de Albino e até o próprio Severo o quis chamar seu César e, ao matutar acerca de um sucessor, foi para ele que primeiro voltou os olhos. **4** Subsistem cartas de Marco sobre ele mesmo que dão testemunho das suas virtudes e do seu caráter. **5** Não é nada despropositado incluir aqui uma delas, dirigida aos prefeitos, a propósito do nome dele: **6** “Marco Aurélio Antonino aos seus prefeitos, saudações! A Albino, da

---

<sup>16</sup> Ao Ródano: cf. SHA *Sev.* 11.9.

família dos Ceiónios, um homem de facto africano, mas que não tem muito de africano, genro de Plautilo, entreguei o comando de duas cortes das alas<sup>17</sup>. **7** É um homem experiente, de vida austera e carácter rigoroso. Penso que ele será útil em questões castrenses; em todo o caso, estou bastante seguro de que prejudicial não será. **8** Atribuí-lhe um salário a dobrar, um fardamento militar normal, mas condizente com o seu posto, e um soldo a quadruplicar. Tratem vocês de o exortar a oferecer os seus dotes à república, para vir a receber a recompensa que merecer”.

**9** Há ainda outra carta, do tempo de Avídio Cássio, na qual Marco escreve sobre este mesmo Albino, cuja cópia é a seguinte: **10** “Deve ser louvada a firmeza de Albino, que seguiu os exércitos em plena deserção, quando estavam para se passar para o lado de Avídio Cássio — e se não fosse a presença dele, todos o fariam. **11** Temos, portanto, um varão digno do consulado, pelo que o colocarei no lugar de Cássio Papírio, que me disseram estar à beira da morte. **12** Não quero que divulgues esta decisão por enquanto, para que não chegue ao conhecimento do próprio Papírio ou dos seus entes queridos e não pareça que eu estou a nomear um substituto para o lugar de um cônsul que ainda está vivo”.

**XI 1** Portanto, estas cartas testemunham que Albino foi um homem firme, e principalmente que enviou dinheiro para restaurar as cidades que Nigro tinha arrasado, para mais facilmente com isso atrair os seus habitantes para a sua causa. **2** Que era um glutão, disse-o Cordo, que nos seus livros pormenoriza este tipo de informações, e glutão ao ponto de ingerir uma quantidade de frutos superior àquela que a condição

---

<sup>17</sup> Da cavalaria aliada, cf. *ClodAlb.* 6.2.

humana consegue suportar. **3** De facto, diz que ele, com fome, chegou a comer quinhentos figos secos, a que os gregos chamam *kallistrouthiae*, cem pêssegos da Campânia, dez melões de Óstia, vinte libras de uvas de Labico, cem papa-figos e quatrocentas ostras. **4** Já em relação ao vinho, diz que era contido, o que Severo nega. Este assevera que ele andava bêbedo até em guerra. **5** Nunca estava em harmonia com os seus, ou por causa da embriaguez, como diz Severo, ou por causa do seu carácter azedo. **6** Para com a esposa, era completamente odioso, com os escravos injusto, com os soldados brutal. De facto, amiúde mandava crucificar até centuriões ordinários<sup>18</sup>, quando a natureza da culpa o não exigia; mandava-os fustigar com vergastas muito frequentemente e nunca perdoava uma falta. **7** No vestir era de extremo requinte, nos banquetes era muito desmazelado e só se preocupava com a quantidade, era um femeeiro dos maiores, de relações homossexuais manteve-se sempre afastado e mostrou-se perseguidor de tais práticas. Era um grande perito em agricultura, ao ponto de até escrever umas *Geórgicas*. **8** Alguns dizem que era autor de uns *Contos Milésios*<sup>19</sup>, com os quais atingiu uma fama não desdenhável, embora a qualidade literária fosse medíocre.

**XII 1** Foi amado pelo senado como nenhum outro príncipe, particularmente por causa do ódio a Severo, que os senadores detestavam veementemente pela sua crueldade.

---

<sup>18</sup> *Centuriones ordinarii*, centuriões que comandavam as centúrias; não os que estavam destacados para outros serviços.

<sup>19</sup> Contos muito populares de natureza erótica, com enredos de viagens, amor e aventuras, que tiravam o nome da obra *Milisiaka* de Aristides de Mileto, traduzida em latim por L. Cornélio Sisena com o título de *Milesiae Fabulae*, a qual exerceu influência em obras como os romances latinos de Petrónio e Apuleio: este último confessa no início da sua obra que vai usar o *sermo milesius*.

**2** Consequentemente, quando Albino foi vencido, foram condenados à morte por Severo muitíssimos senadores que realmente tinham sido ou parecido seus partidários. **3** Além disso, depois de o matar junto de Lugduno, mandou imediatamente procurar as suas cartas, para descobrir quer a quem é que ele mesmo tinha escrito, quer aqueles que lhe haviam respondido. A todos aqueles cujas epístolas encontrou, fê-los declarar inimigos públicos pelo senado<sup>20</sup>. **4** E não os poupou, pois não só os mandou matar, como ainda confiscou os seus bens, que depositou no tesouro público. **5** Sobrevive uma carta enviada por Severo ao senado que revela o seu estado de espírito. Eis uma cópia dela: **6** “Nada de mais gravoso me pode acontecer, Pais Conscritos, do que Albino ser tido por vós em melhor conta que Severo. **7** Eu garanti o fornecimento de cereais à república; travei muitas guerras em favor da república; eu garanti ao povo romano o fornecimento de tanto azeite quanto a natureza alguma vez produziu; eu, com a morte de Pescênio Nigro, libertei-vos de flagelos tirânicos. **8** Grande recompensa me destes, não haja dúvida, grande agradecimento! Um africano e, ainda por cima, de Adrumeto, que finge ser descendente da linhagem dos Ceiónios, foi a ele que exaltastes ao ponto de o desejardes ter como príncipe, quando sou eu o príncipe e tenho filhos vivos! **9** Não havia mesmo mais ninguém neste excelente senado, pergunto eu, a quem devêsseis amar e que vos amasse? Exaltastes o irmão dele com honrarias; é dele que esperais receber consulados, dele preturas, dele as insígnias de qualquer magistratura. **10** Não me manifestastes o reconhecimento de que os vossos antepassados

---

<sup>20</sup> Também Herodiano (3.8.6) refere o uso destes documentos.

fizeram prova contra a conspiração de Pisão<sup>21</sup>, ou no apoio a Trajano, ou, mais recentemente, contra Avídio Cássio. Foi aquele impostor, pronto para todo o tipo de mentiras, que até inventou uma linhagem nobre, que preferistes a mim! **11** Mais ainda: teve que se ouvir no senado Estatílio Corfuleno a recomendar a atribuição de honras a Albino e ao seu irmão! E só faltou uma coisa: que este ilustre indivíduo lhe concedesse um triunfo sobre mim! **12** O meu pesar foi ainda maior pelo facto de muitos de vós considerarem que ele devia ser elogiado pelo seu mérito literário, ele que, ocupado com umas nébias de velhas, envelheceu entre contos milésios púnicos do seu Apuleio e outras ninharias literárias”. **13** Por aqui se vê o rigor com que exerceu vingança contra os partidários de Pescénio e de Clódio. **14** E todos estes factos constam da sua biografia. Mas quem os quiser conhecer com mais profundidade, leia, entre os autores latinos, Mário Máximo, entre os escritores gregos, Herodiano, que deram muitas informações fidedignas.

**XIII 1** Tinha estatura elevada, cabelo solto e encarapinhado, testa larga, a pele de uma brancura espantosa, pelo que muitos pensam que daí lhe vem o nome, uma voz feminina e quase com timbre de eunuco; era lábil nas suas emoções, intratável na cólera, terrível na fúria, irregular nos prazeres, umas vezes dado ao vinho e outras tantas abstémio, **2** conhecedor de armas, ao ponto de o chamarem, não sem fundamento, o “Catilina do seu tempo”.

**3** Não me parece despropositado apresentar as razões pelas quais Clódio Albino mereceu a simpatia do senado. **4** Na altura em que comandava os exércitos da Britânia por ordem de Cómodo e lhe chegou a notícia, então falsa, de que este

---

<sup>21</sup> Cabeça da conspiração contra Nero em 65, na sequência da qual pereceram muitos nobres, incluindo Séneca e Lucano.

tinha sido assassinado, e embora lhe tivesse sido atribuído pelo próprio Cómodo o nome de César, apresentou-se perante os soldados e fez esta arenga: **5** “Se o senado do povo romano detivesse o seu antigo poder e se um Estado tão grande não estivesse sob o domínio de um só, o destino coletivo não chegaria às mãos nem de Vitélios, nem de Neros, nem de Domicianos. Deteriam o poder consular aquelas nossas famílias dos Ceiónios, dos Albinos, dos Postúmios, com as quais os vossos pais aprenderam muitas coisas, que também esses tinham ouvido aos seus avós. **6** E foi inquestionavelmente o senado que juntou África ao império romano, foi o senado que adicionou a Gália, foi o senado que subjugou as Hispânicas, foi o senado que deu as leis aos povos do Oriente, foi o senado que atacou os partos, e tê-los-ia subjugado se a fortuna da república não nomeasse para o exército romano tão ambicioso comandante<sup>22</sup>. **7** César subjugou as Britânicas, mas como senador, e não ainda ditador. E quanto a este mesmo Cómodo, quanto melhor não teria sido se receasse o senado?! **8** E mesmo até Nero vigorou a autoridade do senado, que não receou condenar um príncipe vil e infame, ao ditar sentenças contra quem detinha o poder de vida e de morte, bem como o poder imperial. **9** Por isso, camaradas de armas, o nome de César que Cómodo me atribuiu, não o quero. Que os deuses façam com que mais ninguém o queira. **10** Que seja o senado a exercer o poder imperial, a distribuir as províncias; que seja o senado a fazer-nos cônsules. Mas porque digo eu... “senado”? Vós próprios e os vossos pais, vós próprios é que sereis os senadores!”

**XIV 1** Tal arenga foi levada para Roma enquanto Cómodo ainda estava vivo. Exasperado contra Albino, Cómodo enviou

---

<sup>22</sup> Deve referir-se a Crasso, que morreu numa campanha contra os partos, e à sua proverbial ambição por dinheiro.

logo um substituto, Júnio Severo, um dos seus íntimos<sup>23</sup>. **2** Porém, a arenga agradou tanto ao senado que este cumulou Albino de extraordinárias aclamações, apesar de ausente, quer com Cómodo vivo, quer, depois, com ele morto, de tal sorte que alguns instigaram Pertinaz a que o tomasse como aliado e, perante Juliano, a sua autoridade pesou bastante na decisão de assassinar o próprio Pertinaz. **3** Mas para que se perceba que isto é verdade, incluo aqui uma carta de Cómodo aos seus prefeitos do pretório, na qual revela a intenção de assassinar Albino:

**4** “Aurélio Cómodo aos seus prefeitos, saudações! Creio que tendes ouvido, antes de mais, falar da falsa notícia de que eu fora assassinado numa conspiração dos meus próximos e, depois, da arenga proferida por Clódio Albino aos meus soldados, em que ele muito se recomenda ao senado e, ao que me parece, não em vão. **5** Ora quem diz que não deve existir um príncipe único na república e quem defende que convém que toda a república seja gerida pelo senado, esse mesmo, através do senado, está a procurar o poder imperial para si. Tenham, portanto, o máximo cuidado, pois já sabeis quem é o homem que vós, soldados e povo, deveis evitar”

**6** Quando Pertinaz encontrou esta carta, tornou-a pública para suscitar aversão contra Albino. Foi por isso que Albino instigou Juliano a assassinar Pertinaz<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Não é verdade, porque Albino era governador da Britânia à morte de Cómodo.

<sup>24</sup> A *Vida* começa e termina, em *Ringkomposition*, com esta afirmação, que parece ser uma ficção caluniosa.

(Página deixada propositadamente em branco)

## VIDA DE ANTONINO CARACALA

*Por Élio Esparciano*

**1** Dos dois filhos que Septímio Severo deixou — a um dos quais o exército chamou Antonino, ao outro o seu pai —, Geta foi declarado inimigo público, ao passo que Bassiano, como é sabido, se tornou imperador. **2** Sobre os seus antepassados, julgamos que é desnecessário regressar a eles, uma vez que tudo isso já foi suficientemente tratado na *Vida de Severo*. **3** Posto isto, na sua infância foi amável, inteligente, afável para com os pais, agradável para com os amigos dos pais, benquisto pelo povo, estimado pelo senado e também eficaz a captar para si próprio a simpatia geral. **4** Não foi considerado ocioso nos estudos, nem frouxo na benevolência, nem avaro nas liberalidades, nem lento a demonstrar clemência, pelo menos enquanto esteve sob a autoridade dos pais. **5** Na verdade, se acontecia ver condenados serem lançados às feras, chorava ou desviava os olhos. Isto constituía, para o povo, uma demonstração de grande amabilidade. **6** Quando era um menino de sete anos, ao ouvir que um seu companheiro de brincadeira tinha sido severamente açoitado por causa da sua religião judaica, recusou, durante muito tempo, olhar quer para o seu pai quer para o pai do rapaz, na qualidade de responsáveis pelas chicotadas. **7** Por sua intervenção, restituiu os antigos direitos aos antioquenses e aos bizantinos, com os quais Severo tinha ficado irritado por terem ajudado Nigro<sup>1</sup>. Ganhou ódio a

---

<sup>1</sup> Isto é, Pescênio Nigro. Cf. SHA *Sev.* 9.4 e 16.8; e D.C. 74.10-14.

Plauciano<sup>2</sup> por causa da sua crueldade. **8** As prendas que recebia dos pais nas Sigilárias<sup>3</sup> oferecia-as, de livre vontade, ou aos seus clientes ou aos seus mestres. Mas isto foi na infância.

**II 1** Na verdade, quando deixou de ser criança, fosse pelos conselhos do pai, fosse por astúcia natural, fosse por pensar que deveria igualar Alexandre Magno da Macedónia, tornou-se mais reservado, mais austero e também de semblante mais truculento, de tal forma que muitos não acreditavam que aquele era o mesmo que tinham conhecido na infância. **2** Tinha sempre nos lábios Alexandre Magno e os seus feitos. Nas reuniões, elogiava frequentemente Tibério<sup>4</sup> e Sila<sup>5</sup>. **3** Foi mais arrogante do que o pai; desprezou o irmão por causa da sua grande modéstia.

**4** Depois da morte do pai, dirigiu-se ao acampamento dos pretorianos para se queixar aos soldados de que estava a ser encurralado por uma conspiração do seu irmão e, desse modo, fez com que o assassinassem no palácio. E ordenou que o seu corpo fosse cremado de imediato. **5** Mais ainda, disse no acampamento que o irmão lhe tinha preparado uma poção venenosa e que havia sido desrespeitoso para com a mãe; e agradeceu publicamente àqueles que haviam assassinado o irmão. **6** Em seguida, aumentou-lhes o estipêndio, como que em paga da grande lealdade para consigo. **7** Uma parte dos soldados

---

<sup>2</sup> Caio Fúlvio Plauciano, general romano, nomeado prefeito do pretório em 197 d.C. Ascendeu ao consulado em 203 d.C. e foi condenado à morte em 205 d.C.

<sup>3</sup> Festas romanas celebradas a 21 e 22 de dezembro, nas quais era comum a troca de presentes, nomeadamente de pequenas estatuetas de terracota. Nas famílias com maior poder económico, estes presentes poderiam ser de prata ou de ouro. Sobre este tema, vide Agnolon 2013 67-68.

<sup>4</sup> Imperador romano entre 14 d.C. e 37 d.C.

<sup>5</sup> Lúcio Cornélio Sila, ou Sula, nomeado ditador em 82 a.C.

estacionados junto a Alba<sup>6</sup> recebeu a notícia da morte de Geta com grande descontentamento, declarando todos que tinham jurado lealdade aos dois filhos de Severo e que deviam manter essa lealdade para com ambos; **8** e, fechadas as portas durante muito tempo, não foi permitida a entrada ao imperador senão quando os ânimos serenaram, aplacados não só pelas queixas e calúnias proferidas contra Geta, mas também, como é habitual, pelo enorme estipêndio que deu aos soldados. Em seguida, regressou a Roma. **9** Então, envergando uma couraça sob a veste senatorial, entrou na cúria acompanhado por soldados armados; a estes, dispô-los no meio, em fila dupla entre os bancos, e foi assim que pronunciou um discurso. **10** Queixou-se, de forma obscura e confusa, das ciladas do seu irmão, para o acusar a ele e se desculpar a si mesmo. **11** A verdade é que o senado não o escutou de bom-grado quando argumentou que tinha permitido tudo ao irmão, que o tinha salvo de uma cilada, ao passo que o irmão, pelo contrário, tinha urdido uma cilada gravíssima contra ele e não lhe tinha retribuído o amor fraternal.

**III 1** Depois disto, restituiu aos desterrados e exilados o direito de regressarem à pátria. Dali dirigiu-se ao encontro dos pretorianos e pernoitou no acampamento. **2** No dia seguinte, prosseguiu para o Capitólio, falou afavelmente com aqueles aos quais se preparava para dar morte e regressou ao palácio, apoiando-se em Papiniano<sup>7</sup> e em Cilão<sup>8</sup>. **3** Ao ver a mãe de Geta e outras mulheres a chorar depois da execução do irmão,

---

<sup>6</sup> O autor refere-se ao acampamento da II Legião Pártica, criado por Septímio Severo, que se situava junto a *Albanum*.

<sup>7</sup> Emílio Papiniano, jurista, nomeado prefeito da guarda em 205 d.C.; vide SHA *Sev.* 21.8.

<sup>8</sup> Lúcio Fábio Cilão, natural da Hispânia, desempenhou cargos importantes na hierarquia militar e civil, tendo, entre outros cargos,

sentiu-se tentado a matar essas mulheres, mas conteve-se por uma simples razão: para não amplificar a crueldade de ter matado o irmão. **4** Obrigou Leto<sup>9</sup> a suicidar-se, enviando-lhe ele próprio o veneno: assim, aquele que fora o primeiro a convencê-lo a matar Geta, esse foi também o primeiro a ser morto. **5** Ele próprio chorou a morte de Geta muitíssimas vezes. Mandou matar muitos dos que tinham sido cúmplices do seu assassinato, assim como um homem que tinha prestado honras ao seu retrato. **6** Depois disto, mandou matar o seu primo paterno Afro<sup>10</sup>, a quem tinha enviado, no dia anterior, vitualhas de um banquete seu. **7** Este, depois de se ter precipitado com medo dos assassinos e de se ter arrastado com uma perna partida para junto da sua mulher, foi apanhado pelos perseguidores e morto no meio de zombarias. **8** Também mandou matar Pompeiano<sup>11</sup>, neto de Marco, filho da sua filha e de Pompeiano, com quem Lucila casara depois da morte do imperador Vero e a quem Marco nomeara cônsul por duas vezes e dera o comando de todas as guerras, que ao tempo eram muito sérias; a morte deste foi planeada de forma a parecer que tinha sido assassinado por bandidos.

**IV 1** Em seguida, também Papiniano foi abatido com uma secure pelos soldados e executado na sua presença. Concluído isto, ele disse ao algoz: “Devias ter cumprido a minha ordem

---

sido cônsul substituto (*consul suffectus*) em 193 d.C., prefeito urbano em 203 d.C. e cônsul em 204 d.C.

<sup>9</sup> Mécio Leto era prefeito do pretório, isto é, comandante da guarda pretoriana, juntamente com Papiniano. Díon Cássio, 77.5.4, oferece-nos uma versão distinta da história: Caracala teria poupado a vida a Leto, em virtude de este se encontrar muito doente.

<sup>10</sup> Chastagnol 1994 410, n. 1, sustenta que se trata de P. Spetímio Apro, primo do pai de Septímio Severo por via materna.

<sup>11</sup> Lúcio Aurélio Cómodo Pompeiano, filho de Ânía Lucila, filha do imperador Marco Aurélio, e de Tibério Cláudio Pompeiano.

com uma espada”. **2** Patruíno<sup>12</sup> foi igualmente assassinado por sua ordem, em frente do templo do divino Pio<sup>13</sup>, e os corpos de ambos foram arrastados pelas ruas mais largas sem qualquer consideração de humanidade. Também executou o filho de Papiniano, que, na qualidade de questor, havia oferecido magníficos jogos de gladiadores três dias antes. **3** Por esses dias foram mortas inúmeras pessoas que haviam tomado o partido do seu irmão. Foram mortos ainda os libertos que tinham gerido os assuntos de Geta. **4** Seguiram-se massacres por toda a parte. Até nos banhos públicos foi feita uma carnificina. Vários foram mortos enquanto jantavam, entre eles Sereno Samónico<sup>14</sup>, autor do qual ainda subsiste um grande número de livros de erudição. **5** No mais alto perigo incorreu também Cilão<sup>15</sup>, duas vezes prefeito e cônsul, pelo facto de ter apelado à concórdia entre os irmãos. **6** E no dia em que o mesmo Cilão, já despojado da veste senatorial e com os pés descalços, era levado à força pelos soldados das coortes urbanas<sup>16</sup>, Antonino teve de reprimir uma revolta<sup>17</sup>. **7** Além destes, Caracala fez

---

<sup>12</sup> Valério Patruíno foi prefeito do pretório juntamente com Papiniano.

<sup>13</sup> Templo de Antonino Pio e de sua mulher, Ânia Galéria Faustina.

<sup>14</sup> Erudito romano, autor de múltiplas obras hoje perdidas ou das quais subsistem apenas fragmentos. A única sobrevivente intitula-se *De medicina praecepta*, que reúne um conjunto de receitas e fórmulas mágicas usadas contra doenças, entre as quais a vulgarizada “abracadabra”.

<sup>15</sup> Embora este nome, no original, ostente a grafia *Chilo*, de acordo com Dión Cássio, 77.4, trata-se do mesmo sujeito histórico (*Cilo*, isto é, Cilão) referido supra, 3.2.

<sup>16</sup> As coortes urbanas (aqui referidas com o termo *urbanicianii*) eram uma das três unidades da guarnição de Roma, chefiadas pelo *praefectus Vrbi*, responsável pela segurança e ordem pública. Ver Ricci 2011.

<sup>17</sup> O episódio, aqui narrado de forma elíptica e obscura, é relatado por Dión Cássio, 77.4, que esclarece que a população e as tropas da

depois muitos massacres<sup>18</sup> na cidade; por toda a parte, vários homens foram levados à força pelos soldados e mortos, como se se estivesse a punir uma revolta. **8** Matou Hélio Pertinaz, cônsul substituto<sup>19</sup>, pela única razão de que era filho de um imperador<sup>20</sup>. **9** E jamais deixou de matar, em diversas ocasiões, aqueles que tinham sido amigos de seu irmão. **10** Investiu, de forma arrogante, muitas vezes contra o senado, muitas vezes contra o povo, quer por meio de editos publicados, quer por meio de discursos que proferia, mostrando que haveria de ser um segundo Sila.

**V 1** Depois destes acontecimentos, partiu para a Gália e, logo que aí chegou, mandou matar o procônsul<sup>21</sup> da Narbonense<sup>22</sup>. **2** Consequentemente, ao suscitar terror em todos os que estavam envolvidos na administração da Gália, provocou neles o ódio votado aos tiranos, apesar de por vezes se fingir gentil, ele que era truculento por natureza. **3** E, depois de ter tomado muitas medidas contra as pessoas e contra os direitos das cidades, atacado por uma doença, esteve em grande perigo. E foi deveras cruel com aqueles que cuidavam dele. **4** Seguidamente, depois de ordenar uma expedição ao Oriente<sup>23</sup>, desistiu

---

cidade reagiram mal à prisão e ao tratamento dado a Cilão. Segundo o mesmo autor, Caracala, com medo de uma revolta, impediu a sua execução.

<sup>18</sup> Segundo D. C. 74.4, foram mortas 20 000 pessoas.

<sup>19</sup> Isto é, o cônsul eleito para terminar o mandato de um *consul ordinarius*, em caso de morte ou de outro impedimento.

<sup>20</sup> Filho do imperador Pertinaz. Cf. SHA *Pert.* 6.9 e 15.3; *AntCar.* 10.6; *AntGeta* 6.6.

<sup>21</sup> Funcionário administrativo encarregado de governar uma província senatorial.

<sup>22</sup> Província romana situada no sul da Gália, cuja capital era Narbo.

<sup>23</sup> A expedição teve início na primavera de 214 d.C.

da marcha e estacionou na Dácia<sup>24</sup>. Na Récia<sup>25</sup>, matou um não pequeno número de bárbaros<sup>26</sup>. Quanto aos seus soldados, exortou-os e presenteou-os como se fossem soldados de Sila. **5** Proibiu em absoluto que o apelidassem com nomes dos deuses, coisa que Cómodo aceitara, quando, por ter matado um leão e outras feras, começaram chamar-lhe Hércules. **6** Mas, depois de ter submetido os germanos, apelidou-se de Germânico, afirmando, não se sabe se a sério se a brincar, uma vez que era imbecil e louco, que se tivesse vencido os lucanos<sup>27</sup>, deveria ser apelidado de Lucânico<sup>28</sup>. **7** Nessa época, foram condenados à morte os que urinaram nos lugares onde havia estátuas ou bustos do príncipe e os que retiraram grinaldas dos seus bustos para aí porem outras; e condenados foram também os que traziam ao pescoço amuletos contra as febres quartãs e terças. **8** Fez uma viagem pelas Trácias<sup>29</sup> acompanhado pelo prefeito do pretório<sup>30</sup>; daí, ao fazer a travessia para a Ásia, correu risco de naufrágio ao partir-se a antena do navio, de tal modo que

---

<sup>24</sup> Província romana situada entre os Montes Cárpatos e o Danúbio, em regiões da atual Roménia e da Moldávia.

<sup>25</sup> Província romana na região dos Alpes Orientais, situada entre o Reno e o Danúbio.

<sup>26</sup> Estes acontecimentos ocorreram, na verdade, no ano anterior, durante a campanha de 213, omitida nesta *Vida*.

<sup>27</sup> Os lucanos eram um povo itálico, estabelecido no sul de Itália.

<sup>28</sup> *Lucanicum*, em latim, designava um paio ou salpicão.

<sup>29</sup> O plural justifica-se talvez porque a península do Quersoneso Trácio se encontrava sob a administração direta do imperador e não de um governador da província. Pode constituir, todavia, reflexo da época de redação desta vida, tendo em conta que a Trácia foi formalmente dividida em quatro províncias por Diocleciano.

<sup>30</sup> Comandante da guarda pretoriana. Esta magistratura, criada por Augusto em 2 a.C., agregou mais tarde funções administrativas e jurisdicionais. Normalmente havia dois *praefecti praetorii* e, até ao tempo dos Antoninos, eram da classe equestre.

foi obrigado a saltar para uma chalupa juntamente com os seus guardas pessoais, e salvou-se ao ser acolhido numa trirreme pelo prefeito da armada<sup>31</sup>. **9** Capturou javalis com frequência e também enfrentou um leão. Nessa ocasião, vangloriou-se em cartas enviadas aos amigos e gabou-se por ter atingido a força de um Hércules.

**VI 1** Depois disso, virou-se para a guerra contra os arménios e partos e nomeou como comandante do exército um homem cujo carácter condizia com o seu. **2** Em seguida, partiu para Alexandria, convocou o povo para um ginásio e repreendeu-o; além disso, ordenou que fossem mobilizados os homens aptos para o serviço. **3** Porém, matou os que tinha mobilizado, seguindo o exemplo de Ptolemeu Evergetes<sup>32</sup>, o oitavo apelidado com este nome. Além disso, ordenou aos soldados que matassem os seus hóspedes, perpetrando um grande massacre em Alexandria. **4** Daqui, atravessou precipitadamente as terras dos cadúsios<sup>33</sup> e dos babilónios e lançou o exército em luta desordenada contra os sátrapas dos partos<sup>34</sup>, arreme-

---

<sup>31</sup> *Praefectus classis* designa o comandante da armada. A partir de Augusto, o império passou a contar com dois prefeitos, um estacionado em Ravena, com a missão de patrulhar o mar Adriático, e o outro em Miseno, na costa ocidental.

<sup>32</sup> Ptolemeu VIII Fisco Evergetes II (182 a.C.-116 a.C.), identificado como Ptolemeu VII em algumas fontes, teria ordenado o massacre da antiga elite política na cidade de Alexandria em 125 a.C., no quadro das disputas pelo poder com o seu irmão Ptolemeu VI Filómetor e sua mulher Cleópatra II. Vide Adler 2005.

<sup>33</sup> Povo da Ásia que vivia no noroeste do atual Irão.

<sup>34</sup> Os partos são um povo de origem indo-europeia que se instalou no Planalto Iraniano e deu origem ao império parto ou arsácida, cujo território se estendeu do Eufrates ao Indo. Dión Cássio, 79.1, oferece-nos outra versão sobre esta campanha: apesar de Caracala ter tomado muitas fortalezas, ter conquistado Arbela e profanado as tumbas reais, retirando e espalhando as ossadas, não chegou a entrar em batalha, uma

tendo inclusive com animais selvagens contra o inimigo. **5** Depois enviou ao senado uma carta como que de vitória e foi apelidado de Pártico<sup>35</sup>; o nome de Germânico já o tinha obtido, na verdade, no tempo em que seu pai estava vivo<sup>36</sup>. **6** Depois disso, como queria mover nova guerra contra os partos, passou o inverno em Edessa<sup>37</sup> e daí prosseguiu para Carras<sup>38</sup>, para homenagear o deus Luno<sup>39</sup>; no oitavo dia antes dos idos de abril<sup>40</sup>, dia do seu aniversário, e no decorrer das próprias Megalésias<sup>41</sup>, quando se afastou do caminho para satisfazer necessidades da natureza, foi assassinado numa cilada engendrada por Macrino, o prefeito do pretório que, depois dele, usurpou o poder imperial. **7** Os cúmplices do assassinato

---

vez que os partos se refugiaram nas montanhas para além do Tibre. O mesmo autor afirma que o imperador omitiu propositadamente este facto e tomou para si o crédito de ter derrotado inimigos que, na verdade, nem chegara a ver.

<sup>35</sup> O relato é incongruente, uma vez que os eventos relatados dizem respeito ao ano de 216 d.C. e o cognome Pártico tinha sido atribuído ao imperador em 199 d.C., na sequência da vitória de Severo, seu pai, contra os partos.

<sup>36</sup> O título de Germânico Máximo tinha sido, na verdade, obtido dois anos após a morte do pai, depois da campanha de 213 d.C., omitida nesta *Vida*, no quadro da qual o imperador derrotou os alamanos no norte da Récia. Cf. ainda SHA *AntCar.* 5.6.

<sup>37</sup> Cidade situada no norte da Mesopotâmia.

<sup>38</sup> Cidade do norte da Mesopotâmia que, juntamente com Edessa, constituía uma das mais importantes cidades da região.

<sup>39</sup> Deus lunar, equivalente à Lua ou *Luna*, cultuado no Médio Oriente sob forma masculina.

<sup>40</sup> Isto é, a 6 de abril de 217. Todavia a data de nascimento de Caracala é 4 de abril.

<sup>41</sup> Festival instituído em 204 a.C. em honra de Cíbele, celebrado em Roma entre 4 a 10 de abril.

foram Nemesiano<sup>42</sup>, o seu irmão Apolinário<sup>43</sup> e Triciano<sup>44</sup>, que servia como prefeito da II Legião Pártica<sup>45</sup> e comandava a cavalaria extraordinária<sup>46</sup>; a par da situação estavam Márcio Agripa<sup>47</sup>, que comandava a armada, e também numerosos oficiais, instigados por Marcial<sup>48</sup>.

**VII 1** Foi, pois, assassinado a meio da viagem entre Carras e Edessa, quando desmontou do cavalo com o propósito de aliviar a bexiga e se encontrava no meio da sua guarda pessoal, conjurada para o assassinar. **2** Por fim, quando o ajudava a montar o cavalo, o seu estribeiro trespassou-lhe os costados com um punhal, conclamando todos que fora Marcial quem o tinha feito.

**3** E uma vez que fizemos menção do deus Luno, deve saber-se que foi transmitida por homens sumamente eruditos a seguinte tradição, a qual os Carrenses ainda hoje mantêm bem viva: quem julgar que a Lua deve ser designada por nome e sexo femininos, esse estará sempre destinado, como escravo, a servir as mulheres. **4** Quem, pelo contrário, acreditar que o deus é masculino, esse será senhor da sua esposa e não sofrerá

---

<sup>42</sup> Tribuno da guarda pretoriana.

<sup>43</sup> Tribuno da guarda pretoriana.

<sup>44</sup> Aélio Décio Triciano foi nomeado por Macrino governador da Panónia Inferior em 218 d.C. Vide Southern 2001 74.

<sup>45</sup> Legião criada por Septímio Severo, estacionada na Mesopotâmia.

<sup>46</sup> Os *equites extraordinarii* eram um corpo de cavalaria organizado por Caracala precisamente para a expedição contra os partos e comandado pelo prefeito da II Legião Pártica. Vide Strobel 2011 275.

<sup>47</sup> Márcio Agripa, escravo de origem, depois de ter desempenhado vários cargos nos principados de Septímio Severo e de Caracala, foi nomeado por Macrino governador da Panónia e, mais tarde, da Dácia. Vide Southern 2001 74; Reinhold 2002.

<sup>48</sup> Segundo Herodiano, 4.13.1, Júlio Marcial foi o autor material do assassinato.

perfidias por parte de nenhuma mulher. **5** Daí resulta que, embora os gregos e egípcios<sup>49</sup>, pela mesma razão com que chamam homem a um ser feminino, também falem da Lua como um deus, chamando-lhe, contudo, Luno nos rituais místéricos.

**VIII 1** Eu sei que muitos autores relataram o homicídio de Papiniano nos seus escritos de forma a não admitirem a causa do seu assassinato, tão divergentes são as versões; eu, pelo contrário, preferi apresentar a diversidade de opiniões a silenciar o assassinato de um tão grande homem. **2** É do conhecimento geral que Papiniano foi um amigo muito chegado do imperador Severo e, como mencionam alguns, também seu parente por parte da sua segunda mulher. **3** Foi especialmente a ele que Severo confiou ambos os filhos, razão pela qual apoiou também o entendimento entre os irmãos Antoninos. **4** Além disso, tentou que Geta não fosse morto quando Bassiano começou a queixar-se das suas ciladas; por tal motivo, foi assassinado pelos soldados juntamente com os que tinham apoiado Geta, não apenas com o consentimento, mas até por ordem de Antonino. **5** Muitos contam que, após a morte do irmão, Bassiano ordenou a Papiniano que, em seu lugar, justificasse o crime no senado e perante o povo, ao que Papiniano respondera que não era tão fácil conseguir ilibar um fratricídio como perpetrá-lo. **6** Também existe aquela historieta de que Papiniano se recusou a compor um discurso em que o irmão deveria ser vituperado, para com isso favorecer a causa daquele que o tinha assassinado; e que, ao recusar, respondeu que uma coisa era ilibar um fratricídio, outra era acusar um inocente assassinado. **7**

---

<sup>49</sup> Cf. Plu. *Dio* 43.

Mas esta explicação é inteiramente inapropriada: na verdade, nem o prefeito podia proferir discursos, como também está firmemente estabelecido que Papiniano foi morto por ser reputado como apoiante de Geta. **8** E, de facto, diz-se que Papiniano, quando foi arrastado pelos soldados e levado para o palácio para ser morto, previu o futuro, dizendo que aquele que fosse designado para o seu lugar seria um completo tolo se não vingasse a prefeitura cruelmente atacada. **9** E isto veio a realizar-se: na verdade, Macrino matou Antonino, como expusimos acima. **10** Este, nomeado imperador no acampamento juntamente com o filho que se chamava Diadúmeno, chamou Antonino a este seu descendente pelo motivo de um Antonino ser muito desejado pelos pretorianos.

**IX 1** Bassiano viveu quarenta e três anos<sup>50</sup>. Foi imperador seis anos. **2** Foi honrado com um funeral público. Deixou um filho, o qual, posteriormente veio, também ele, a ser chamado Marco Antonino Heliogábalos<sup>51</sup>; com efeito, o nome dos Antoninos estava de tal forma enraizado que não podia ser arrancado dos espíritos dos homens, pois instalara-se nos corações de todos do mesmo modo que o nome de Augusto.

**3** Era um homem de maus costumes e ainda mais cruel que o seu implacável pai. Era ávido de comida e também de grande propensão para o vinho, odioso para os seus e, com exceção dos guardas pretorianos, detestado em todos os acampamentos. Em resumo, entre ele e o seu irmão não havia qualquer semelhança.

**4** Quanto a obras públicas, deixou em Roma as esplêndidas termas com o seu nome, cuja sala em forma de sandália,

---

<sup>50</sup> Caracala faleceu, na verdade, aos vinte e nove anos.

<sup>51</sup> O pai de Heliogábalos era Sexto Vário Marcelo, mas os rumores de que seria filho do imperador Caracala estão presentes na historiografia antiga.

afirmam os arquitetos, tal como foi construída, é completamente impossível de reproduzir. **5** Com efeito, segundo dizem, os pilares de cobre ou de bronze formavam a base na qual se apoiava, na sua totalidade, uma abóbada de tão grande dimensão que os tecnicamente versados afirmam ser impossível fazer tal construção. **6** Também deixou um pórtico com o nome do seu pai, destinado a preservar os seus feitos, tanto os triunfos como as guerras. **7** Ele próprio recebeu o nome de Caracala a partir da vestimenta<sup>52</sup> que descia até aos tornozelos, por ele distribuída à população, e que antes não se usava. **8** Por isso, ainda hoje se chamam antonianas às caracalas desse tipo, que são muito comuns e frequentemente usadas pela plebe romana. **9** Também construiu uma nova via, que passa perto das suas termas, ou seja, as Termas Antonianas: mais bela do que esta, não é fácil encontrar outra entre as mais largas ruas de Roma. **10** Introduziu em Roma os ritos sagrados de Ísis e construiu em toda a parte magníficos templos para essa deusa, cujos ritos celebrou com maior reverência do que a que existia nas celebrações anteriores. **11** No tocante a esta questão, parece-me realmente estranho dizer-se que foi por sua iniciativa que os rituais de Ísis chegaram pela primeira vez a Roma, pois Antonino Cómodo já os celebrava com tanto empenho que não só carregava a estátua de Anúbis como respeitava as suas estações<sup>53</sup>. A não ser que, porventura, queiram dizer que ele expandiu a celebração — e não que foi ele o primeiro a introduzi-la.

---

<sup>52</sup> Sc. uma espécie de capa, sem mangas e com capuz.

<sup>53</sup> Cf. SHA *CommAnt.* 9.4-6.

**12** O seu corpo foi depositado no túmulo dos Antoninos<sup>54</sup> de forma a que pudesse receber os seus restos mortais a mesma casa que lhe tinha aditado o nome.

**X 1** É de interesse saber o modo como, segundo se diz, ele casou com a sua madrasta Júlia<sup>55</sup>. **2** Ela, uma mulher muito bela, deixou desnudar, como que por descuido, a maior parte do corpo e Antonino disse-lhe: “Querias-te, se fosse lícito”. Conta-se que ela replicou: “Se me queres, é lícito. Ou não sabes que és imperador e que és tu a dar leis, não a receber-las?” **3** Ao ouvir isto, a sua paixão incontida ganhou forças para perpetrar um crime, acabando por celebrar umas núpcias que, se soubesse que era a si que verdadeiramente cabia dar leis, ele, mais do que ninguém, deveria ter proibido. **4** Na verdade, casou com a mãe — nenhum outro nome se lhe devia chamar — e a um fratricídio acrescentou um incesto, pois uniu-se em matrimónio com a mulher a quem tinha recentemente matado o filho.

**5** Não é despropositado acrescentar também um certo comentário irónico dirigido contra ele. **6** Com efeito, quando assumiu os nomes de Germânico e Pártico e Árabe e Alamanico — pois também submetera a nação dos alamanos —, diz-se que Hélio Pertinaz, filho de Pertinaz,<sup>56</sup> lhe disse jocosamente: “Acrescenta também, se te parecer bem, Gético Máximo”. É que ele tinha matado o irmão Geta e chamam-se getas aos godos que ele tinha vencido em confusas escaramuças quando avançava para o Oriente.

**XI 1** Surgiram muitos presságios sobre a morte de Geta, como iremos expor na sua *Vida*. **2** Na verdade, embora ele

---

<sup>54</sup> Sc. o mausoléu de Adriano.

<sup>55</sup> Na verdade, Júlia Domna era mãe de ambos, Caracala e Geta.

<sup>56</sup> I.e., filho do imperador Pertinaz.

tenha morrido antes do irmão, nós, contudo, seguimos um plano segundo o qual o primeiro a nascer e o que primeiro começou a ser imperador, esse será o primeiro sobre o qual se há de escrever.

**3** Na verdade, na altura em que, ainda em vida de seu pai, foi apelidado de Augusto pelos soldados sob o pretexto de que aquele, sofrendo de gota, parecia incapaz de governar o império, diz-se que Severo, depois de reprimir os ânimos dos soldados e tribunos, revolveu no espírito a ideia de o matar também, mas os seus prefeitos, homens sérios, opuseram-lhe resistência. **4** Alguns autores dizem que, pelo contrário, os prefeitos queriam que isso se fizesse, mas foi Severo que não quis, não só para que a sua austeridade não fosse manchada com a reputação de crueldade, mas — tendo em conta que os autores do crime tinham sido os soldados —, também para que o jovem não sofresse as penas de uma temeridade insensata com o labéu de um suplício tão grave como o de parecer ter sido morto pelo pai.

**5** Enfim, este, o mais cruel de todos os homens, e, para resumir numa palavra, fraticida e incestuoso, inimigo do pai, da mãe e do irmão, foi, por temor dos soldados, sobretudo dos pretorianos, incluído entre os deuses por Macrino, que o tinha matado. **6** Tem um templo, tem sálios<sup>57</sup>, tem *sodales Antonianos*<sup>58</sup>, ele que desapossou Faustina do seu templo e do seu nome divino — **7** seguramente um templo que o marido tinha fundado para ela no sopé do monte Tauro<sup>59</sup> e no qual,

---

<sup>57</sup> O sálíos eram um corpo de sacerdotes do deus Marte e não há notícia de que tivessem exercido funções adstritas ao culto imperial.

<sup>58</sup> Os *sodales Antoniniani* estavam encarregados do culto de um imperador divinizado.

<sup>59</sup> Cadeia montanhosa da Ásia Menor.

posteriormente, o seu filho Heliogábalos Antonino<sup>60</sup> construiu um templo, não se sabe ao certo se para si próprio, se para Júpiter Sírio ou se para o Sol.

---

<sup>60</sup> Vide 9.2 supra.

## VIDA DE ANTONINO GETA

*Por Élio Esparciano*

**1** Estou ciente, Constantino Augusto, de que muita gente, além da Tua Clemência, pode questionar por que razão apresento também a vida de Geta Antonino. Antes de escrever tanto sobre a sua vida como sobre a sua morte, vou expor a razão pela qual seu pai Severo lhe deu, também a ele, o nome de Antonino. **2** Com efeito, não há muito a dizer sobre a sua vida, ele que foi arrancado ao mundo dos humanos antes de ter podido exercer o poder imperial juntamente com o irmão.

**3** Em dado momento, Septímio Severo, depois de ter feito uma consulta e pedido que lhe fosse revelado quem seria o seu sucessor quando morresse, viu, em sonhos, que lhe sucederia um Antonino. **4** Por tal motivo, dirigiu-se imediatamente ao exército e apelidou Bassiano, o seu filho mais velho, de Marco Aurélio Antonino. **5** Depois de isto fazer, levado pela sua reflexão de pai ou, como alguns relatam, advertido por sua esposa Júlia<sup>1</sup> — que era versada em oniromancia e tivera conhecimento do sonho —, de que, com tal gesto, ele mesmo tinha barrado o acesso do seu filho mais novo ao poder imperial, ordenou que também Geta, seu filho mais novo, se chamasse Antonino<sup>2</sup>. **6** Consequentemente, ele foi sempre tratado assim pelo pai nas cartas aos familiares, que, quando estava ausente,

---

<sup>1</sup> Júlia Domna, mãe de Caracala e de Geta e avó dos futuros imperadores Heliogábalo e Alexandre Severo.

<sup>2</sup> Esta afirmação não tem sustentação nas fontes históricas.

escrevia: 7. “Saudai os Antoninos, meus filhos e meus sucessores”. Mas de nada valeu o cuidado do pai, já que unicamente lhe sucedeu o que primeiro recebeu o nome de Antonino. E isto é o que há a dizer acerca do nome Antonino.

**II 1** Por outro lado, recebeu o nome Geta ou do seu tio paterno ou do seu avô paterno, sobre cuja vida e carácter Mário Máximo<sup>3</sup> escreveu bastante copiosamente no primeiro setenário da *Vida de Severo*. **2** Além disso, Geta foi chamado Antonino também pelo facto de Severo desejar que, futuramente, todos os imperadores, do mesmo modo que se chamavam Augustos, também se chamassem Antoninos, em virtude do seu afeto por Marco<sup>4</sup>, a quem chamava sempre seu pai e cujos ensinamentos filosóficos e cultura literária ele sempre procurou imitar. **3** Dizem alguns que o nome de Antonino lhe não foi conferido apenas em honra de Marco, uma vez que Marco o teria recebido por adoção, mas também em honra daquele que foi cognominado Pio, isto é, o sucessor de Adriano, **4** precisamente pelo facto de ter transferido Severo das lides forenses para advogado do fisco<sup>5</sup> – pois o auspício do primeiro cargo ou honra concedido por Antonino abriu-lhe o caminho para enormes êxitos – **5** e, simultaneamente, porque nenhum imperador lhe parecia mais venturoso para legar o seu nome do que este príncipe, cujo nome pessoal já tinha sido usado por quatro príncipes<sup>6</sup>.

**6** Sobre o mesmo Geta, diz-se que Severo, conhecedor do seu horóscopo, matéria na qual, tal como a maior parte dos

---

<sup>3</sup> Biógrafo do século III e uma das fontes mais citadas pelos SHA.

<sup>4</sup> Sc. Marco Aurélio, imperador entre 161 d.C. e 180 d.C.

<sup>5</sup> Cargo da administração pública, estabelecido por Adriano, cujos oficiais defendiam os interesses do fisco nos processos, e que se tornou o primeiro patamar da carreira equestre.

<sup>6</sup> Sc. Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cómodo.

Africanos, era muito entendido, afirmou: 7 “Parece-me estranho, meu muito estimado Juvenal<sup>7</sup>, que o nosso Geta venha a ser ‘divino’<sup>8</sup>, pois no seu horóscopo não vejo nada de imperial”. Juvenal era, na verdade, o seu prefeito do pretório. E não se enganou. 8 Com efeito, conta-se que Bassiano, tendo-o matado e temendo o ferrete de tirano por causa do fratricídio, e tendo ouvido que podia mitigar o crime se declarasse divino o seu irmão, afirmou: 9 “Que seja divino, desde que não esteja vivo”. De seguida, incluiu-o entre os divinos<sup>9</sup> e, por essa via, apesar de fraticida, de certa maneira ganhou prestígio na opinião pública.

**III 1** Apesar de outros autores terem transmitido uma versão diferente, Geta nasceu no consulado de Severo e de Vitélio, em Mediolano, no sexto dia antes das calendas de junho<sup>10</sup>; a sua mãe era Júlia, com quem Severo tinha casado, porque descobrira que ela, segundo o seu horóscopo, seria mulher de um rei. Severo era então um cidadão privado, mas com uma posição elevada na república. 2 Imediatamente após o seu nascimento foi anunciado que uma galinha tinha posto um ovo de cor púrpura no pátio. 3 Quando o trouxeram, o seu irmão Bassiano agarrou-o e, como se fosse uma criança pequena, atirou-o ao chão e partiu-o; conta-se que Júlia disse em tom de brincadeira: “Maldito assassino, mataste o teu irmão!” Tratava-se de uma brincadeira. Mas este dito,

---

<sup>7</sup> Flávio Juvenal, prefeito do pretório nomeado por Dídio Juliano e por Septímio Severo. Cf. SHA *Sev.* 6.5.

<sup>8</sup> Isto é, *diuus*, título dados aos imperadores divinizados após a sua morte.

<sup>9</sup> Geta não só não foi divinizado como lhe foi decretada a *damnatio memoriae*.

<sup>10</sup> Nascido a 27 de maio de 189 a.C. na atual cidade de Milão. Em SHA *AlexSev.* 4.2, é dada uma versão alternativa.

**4** tomou-o Severo mais a sério do que qualquer um dos presentes e, mais tarde, os circunstantes perceberam que fora proferido como que por inspiração divina. **5** Houve ainda outro presságio: na propriedade de um certo Antonino, homem da plebe, nasceu um cordeiro com uma mancha de lã púrpura na fronte no mesmo dia e hora em que Geta nasceu e, como o proprietário tinha ouvido de um adivinho que um Antonino se tornaria imperador depois de Severo, julgou que a profecia se referia a si próprio. Então, com receio do indício de tão importante destino, degolou o cordeiro com um cutelo. **6** E este foi mais um sinal de que o próprio Geta havia de ser assassinado por Antonino, o que depois se tornou bastante claro. **7** Houve ainda outro presságio, como subsequentemente o seu colossal desfecho veio esclarecer, do crime que ocorreu: **8** tendo Severo decidido celebrar o aniversário do seu filho Geta, a vítima sacrificial foi golpeada por um sacerdote de nome Antonino. **9** Isto, na altura, não suscitou questões nem chamou a atenção, mas mais tarde tornou-se bastante evidente.

**IV 1** Era um jovem belo, de temperamento desagradável, mas não imoral, glutão, ávido de comida e vinho aromatizado de diversas maneiras. **2** Conta-se que fez um comentário notável quando era criança, a saber: numa ocasião em que Severo projetava matar uns indivíduos de fações adversárias e dizia entre os seus “vou livrar-vos dos inimigos”, e tendo Bassiano aquiescido a ponto de dizer que, se dependesse do seu conselho, até os filhos deles seriam mortos, Geta, segundo se diz, perguntou qual era o número dos que seriam executados. **3** Tendo o pai respondido, ele perguntou: “Esses indivíduos têm pais, têm parentes?” Como a resposta foi que tinham, exclamou a chorar: “Então haverá na cidade mais gente triste do que alegre com a nossa vitória!” **4** E a sua opinião teria prevalecido se Plauciano, que era o prefeito, ou Juvenal não

tivessem insistido, na esperança de que houvesse proscricções, com as quais enriqueceram. A eles juntava-se a enorme crueldade do irmão Bassiano. **5** A este, que teimava em afirmar, meio a brincar meio a sério, que todos os que pertenciam a fações opostas deviam ser mortos juntamente com os filhos, Geta, segundo se conta, replicou: “Tu, que não poupas ninguém, és capaz de matar até o teu irmão”. Este seu comentário passou em branco naquele momento, mas posteriormente foi interpretado como um presságio.

**V 1** Na prossecução dos estudos, não só era adepto dos escritores antigos como também fiel guardador dos ensinamentos do seu pai; foi sempre detestado pelo irmão, mais amável com a mãe do que o irmão, com uma voz bem timbrada, apesar da gaguez. **2** Gostava muito de vestes elegantes, a ponto de fazer rir o pai. Quando recebia alguma prenda dos pais, aplicava-a na sua apresentação, nunca dava nada a ninguém. **3** Depois da guerra pártica<sup>11</sup>, quando o pai florescia com uma glória imensa e Bassiano fora proclamado colega no poder imperial, Geta também recebeu o nome de César e, segundo dizem alguns, o de Antonino. **4** Tinha por hábito propor questões aos gramáticos, para que dissessem que voz emitia cada um dos animais, como por exemplo: **5** os cordeiros balem, os leitões grunhem, as pombas arrulham, os ursos bramam, os leões rugem, os leopardos glapem, os elefantes barrem, as rãs coaxam, os cavalos relinçam, os burros zurraram, os touros mugem, vozes que legitimava com os autores antigos. **6** Estava muito familiarizado com os livros de Sereno Samónico<sup>12</sup>, dedicados a Antonino<sup>13</sup>. **7** Tinha também por costume ordenar a escravos

---

<sup>11</sup> Cf. SHA *Sev.*14.11-16.5.

<sup>12</sup> Vide SHA *AntCar.* 4.4 e nota correspondente.

<sup>13</sup> Isto é, a Caracala.

instruídos que fizessem banquetes, especialmente almoços, que obedecessem a cada uma das letras do alfabeto, **8** nos quais, por exemplo, havia *anser* (ganso), *apruna* (javali), *anas* (pato); e também *pullus* (frango), *perdix* (perdiz), *pavus* (pavão), *porcellus* (leitão), *piscis* (peixe), *perna* (pernil) e todos os géneros de alimentos que começassem por essa letra; e ainda *fasianus* (faisão), *farrata* (papas de farinha), *ficus* (figos) e outros que tais. Por tal motivo, consideravam-no elegante já na juventude.

**VI 1** Depois da sua morte, a parte dos soldados que não fora corrompida recebeu a notícia do fratricídio com grande descontentamento, declarando todos que haviam jurado fidelidade aos dois filhos e aos dois a deviam manter; e, fechadas as portas, não foi permitida entrada ao imperador durante muito tempo. **2** Em suma, se não fosse pelas queixas que proferiu contra Geta e por ter amaciado os ânimos dos soldados, incluindo com os enormes pagamentos que lhes fez, Bassiano não teria podido regressar a Roma. **3** Depois disto, não só Papiniano, mas também muitos outros, que eram favoráveis à concórdia ou partidários de Geta, foram finalmente assassinados, de tal maneira que homens de ambas as ordens<sup>14</sup> foram abatidos, quer nos banhos, quer enquanto jantavam, quer em público; o próprio Papiniano foi abatido com uma *secure*, o que Bassiano desaprovou pelo facto de o assassinio não ter sido perpetrado com uma espada. **4** Finalmente, isto chegou ao ponto de haver uma sublevação das tropas urbanas, que, na verdade, Bassiano reprimiu com mão pesada, e cujo tribuno<sup>15</sup>, segundo alguns referem, foi morto, ou segundo outros,

---

<sup>14</sup> Ou seja, das ordens senatorial e equestre.

<sup>15</sup> Esta informação é historicamente incongruente, uma vez que, nesta altura, as tropas urbanas tinham três guarnições, cada qual com o seu prefeito.

relegado. **5** No entanto, ele próprio teve tanto medo que inclusive entrou na cúria envergando uma couraça sob o laticlavo<sup>16</sup>, e foi assim que fez o relato dos seus atos e da morte de Geta. **6** Diz-se que foi precisamente nessa altura que Hélio Pertinaz, filho de Pertinaz<sup>17</sup>, que mais tarde foi executado pelo mesmo Bassiano, disse a um pretor que lia em voz alta os seus feitos auspiciosos, chamando-lhe Sarmático Máximo<sup>18</sup> e Pártico Máximo: “Acrescenta também Gético Máximo”, um trocadilho com Gótico. **7** Este comentário atingiu o âmago do coração de Bassiano, como depois se provou com a morte de Pertinaz, e não só de Pertinaz mas também, como acima dissemos, dos outros, mortos por toda a parte e de forma iníqua. **8** E também considerou Hélio suspeito de aspirar à tirania, porque este era amado por todos e filho do imperador Pertinaz, situação que dificilmente se afigura segura para qualquer indivíduo privado.

**VII 1** Os funerais de Geta, diz-se, foram mais esmerados do que os requeridos para um homem que, ao que tudo indica, foi assassinado pelo irmão. **2** Foi inumado no sepulcro dos seus antepassados, isto é, no de Severo, que está situado na Via Ápia<sup>19</sup>, à direita de quem vai em direção à porta, construído ao estilo do Septizónio<sup>20</sup>, e que Severo, ainda em vida, embelezara para si. **3** Caracala também quis matar a mãe de

---

<sup>16</sup> Faixa purpúrea usada sobre a toga pelos senadores romanos.

<sup>17</sup> Cf. SHA *AntCar.* 4.8.

<sup>18</sup> Não existe evidência histórica de que Caracala tivesse tido este cognome honorífico.

<sup>19</sup> Severo foi tumulado no Mausoléu de Adriano, que não se situa no local aqui referido. A indicação topográfica corresponde à localização do próprio Septizónio.

<sup>20</sup> Edifício construído pelo imperador Septímio Severo. Vide SHA *Sev.* 24.3.

Geta, sua madrasta<sup>21</sup>, por ter lamentado a morte do irmão, bem como as mulheres que encontrou a chorar depois do seu regresso da cúria. **4** Antonino foi, além disso, daquele tipo de desumanidade que lisonjeava especialmente aqueles que tinha destinado à morte, pelo que se temia mais a sua lisonja do que a sua ira. **5** Na verdade, a todos parecia insólito que chorasse a morte de Geta tantas vezes quantas as que se mencionava o seu nome e quantas as que via o seu retrato ou a sua estátua. **6** Contudo, a inconstância de Antonino Bassiano era tão grande, e sobretudo tão grande a sua sede de sangue, que ora matava os partidários ora os inimigos de Geta, conforme o que o acaso lhe apresentasse. Por esta razão, as saudades de Geta ainda eram maiores.

---

<sup>21</sup> Júlia Domna era mãe de Geta e também de Caracala. Cf. SHA *AntCar.* 10.1. ss.

## VIDA DE OPÍLIO MACRINO

*Por Júlio Capitolino*

**1** As vidas dos príncipes, quer tiranos<sup>1</sup> quer Césares, que não chegaram a ser imperadores durante um longo período de tempo, permanecem ocultas na obscuridade, porque não há, acerca das suas vidas privadas, informações dignas de serem mencionadas — na verdade, nem sequer seriam conhecidos, não fosse a circunstância de terem aspirado ao poder imperial —, e porque sobre o poder imperial que não mantiveram durante muito tempo não há muito a dizer. Contudo, nós traremos à luz informações extraídas de várias obras históricas, pelo menos aquelas que forem dignas de menção. **2** Na verdade, não há ninguém que, durante a sua vida, não tenha feito, em cada dia, uma coisa qualquer. No entanto, é dever daquele que começa a escrever biografias alheias contar apenas o que é digno de ser conhecido. **3** Júnio Cordo<sup>2</sup>, por exemplo, dedicou-se a publicar as biografias daqueles imperadores que considerava mais obscuros, mas não teve grande êxito. **4** Na verdade, as informações que recolheu foram poucas e não eram dignas de menção. Asseverava ele que era seu desígnio esquadri-nhar todas as minudências, como se, no caso de um Trajano ou

---

<sup>1</sup> O autor usa a palavra ‘tirano’, herdada da teoria política, que, no caso concreto da *História Augusta*, tem como referente os usurpadores, isto é, todos aqueles que se aclamaram ou fizeram aclamar imperadores, em contexto no qual um imperador legítimo governava.

<sup>2</sup> Suposto historiador romano, cuja obra não subsistiu.

de um Pio ou de um Marco, fosse preciso saber quantas vezes apareciam em público, quando alteravam a dieta, quando mudavam de roupa e a quem, e quando, promoviam. **5** Ao enumerar tudo isto, registando pormenores de tal natureza, encheu os seus livros com mito-histórias, quando absolutamente nada, ou então muito pouco, daquilo que é trivial deve ser registado, a não ser que a partir daí se possa avaliar o carácter, que é na verdade o que importa conhecer ...<sup>3</sup> mas apenas em parte, para que daí se infira o restante.

**II 1** Assim, após o assassinato de Antonino Bassiano, Opílio Macrino<sup>4</sup>, seu prefeito do pretório<sup>5</sup>, que anteriormente administrara a sua propriedade privada, arrebatou o poder imperial. Sendo este de origem humilde e com a impudência estampada no espírito e no rosto, proclamou-se quer Severo quer Antonino<sup>6</sup>, apesar de ser odiado por todos, tanto civis como soldados. **2** Partiu imediatamente para a guerra contra os partos, retirando aos soldados a oportunidade de formarem uma opinião sobre ele e aos rumores que o perseguiram a ocasião de ganharem força. **3** Não obstante, o senado, por ódio a Antonino Bassiano, aceitara-o de bom grado como imperador, uma vez que no senado houve um pronunciamento unânime: **4** “Qualquer um, exceto um fraticida; qualquer um, exceto um incestuoso; qualquer um, exceto um infame; qualquer um, exceto um assassino do senado e do povo!”

---

<sup>3</sup> O texto apresenta uma lacuna, depreendendo-se no entanto o contexto programático sobre o qual o autor escreve neste início da *Vida*.

<sup>4</sup> Apesar de a *História Augusta* registar o nome Opílio, as fontes numismáticas e epigráficas conservam a forma *Opellius* (Opélio).

<sup>5</sup> Cf. SHA *AntCar.* 5.8.

<sup>6</sup> Macrino, na verdade, nunca adotou o nome de Antonino, pois o seu nome (Marco Severo Opélio Macrino Augusto) foi assumido depois de ascender ao poder imperial.

5 É possível que a todos possa parecer insólito o motivo pelo qual Diadúmeno<sup>7</sup>, filho de Macrino, desejou tomar o nome de Antonino, tendo em conta que o pai tinha sido apontado como responsável pela morte de um Antonino.

**III 1** A respeito de Macrino, relatarei os factos registados nos *Anais*: a sacerdotisa de Celeste<sup>8</sup> em Cartago, que, inspirada pela deusa, costuma anunciar a verdade, em certa ocasião no tempo de Antonino Pio, vaticinava o futuro a um procônsul, o qual, como era costume, a consultava sobre os assuntos públicos bem como sobre o seu próprio cargo; quando o assunto chegou aos príncipes, ela ordenou-lhe que contasse em voz alta o número de vezes que dissesse “Antonino”, e então, para espanto de todos, ela proferiu o nome de Antonino Augusto oito vezes. **2** Todos acreditaram que Antonino Pio governaria por oito anos, mas ele ultrapassou esse número de anos, pelo que aqueles que confiavam na sacerdotisa, concordaram que ela indicara algo diverso, fosse para o presente, fosse para o futuro. **3** Com efeito, contando todos os que se chamaram Antonino, chega-se a esse número de Antoninos. **4** De facto, Pio foi o primeiro Antonino, Marco, o segundo, Vero, o terceiro, Cómodo, o quarto, Caracala, o quinto, Geta, o sexto, Diadúmeno, o sétimo, Heliogábalo, o oitavo. **5** Os dois Gordianos não devem ser incluídos entre os Antoninos, quer porque tiveram apenas o prenome dos Antoninos, quer também porque foram chamados Antónios, não Antoninos. **6** Daqui se conclui que

---

<sup>7</sup> Tal como sucede com a variante Opílio / Opélio do nome de seu pai (vide supra, 2.1), a *História Augusta* regista o nome Diadúmeno, apesar de a forma correta ser *Diadumenianus* (Diadumeniano).

<sup>8</sup> Deusa Cartaginesa, de nome *Thanit* (com as variantes *Tanith*, *Tent*, *Tinith*, *Tinnit*, *Rat-tanit*), protetora de Cartago, cultuada no império romano sob o nome de *Dea Caelestis*, *Virgo Caelestis* e *Caelestis Afrorum Dea*. Cf. De Lafayette 2015 15-17.

não foi só Severo que se chamou a si próprio Antonino, mas também muitos outros, incluindo Pertinaz e Juliano e o próprio Macrino<sup>9</sup>. **7** E até os Antoninos, que foram os verdadeiros sucessores de Antonino, mantiveram mais este nome do que o seu próprio. **8** Isto é o que dizem alguns. Outros, todavia, contam que Diadúmeno foi apelidado de Antonino pelo seu pai Macrino exatamente para afastar dos soldados a suspeita de que Antonino fora morto por Macrino. **9** Outros, pelo contrário, dizem que havia uma saudade tão grande deste nome que, se o povo e os soldados não ouvissem o nome Antonino, a ninguém considerariam mercedor do poder imperial.

**IV 1** E, quanto a Macrino, quando foi anunciado que Vário Heliogábalo fora feito imperador, e tendo já Alexandre sido nomeado César<sup>10</sup> pelo senado, foram muitos os que apresentaram informes no senado que mostravam a sua vileza, sordidez e indignidade. **2** Em suma, as palavras de Aurélio Vítor, cujo cognome era Pínio, foram estas<sup>11</sup>: **3** “Macrino era filho de um liberto, era um prostituto masculino, ocupado em tarefas servis na casa imperial, de palavra à venda e de vida sórdida no tempo de Cómodo; foi demitido por Severo até das suas baixíssimas tarefas e relegado para a África, onde, para esconder a desonra da sua condenação, se dedicou aos estudos, defendeu causas menores, fez declamações e, finalmente, advogou nos tribunais. **4** Todavia, depois de agraciado com os

---

<sup>9</sup> Na verdade, nenhum destes imperadores adotou o nome de Antonino.

<sup>10</sup> Isto é, os futuros imperadores Heliogábalo (218-222 d.C.) e Alexandre Severo (222-235 d.C.). No tocante à nomeação de Alexandre, esta ocorreu mais tarde, provavelmente em 221 d.C.

<sup>11</sup> Esta citação não se encontra em Aurélio Vítor e supõe-se que é inteiramente ficcional.

anéis de ouro<sup>12</sup> em virtude do apoio do seu co-liberto Festo, foi nomeado advogado do fisco<sup>13</sup> no tempo de Vero Antonino<sup>14</sup>. **5** Contudo, não apenas estes dados são considerados duvidosos como ainda foram transmitidas informações diferentes por outros autores, que não deixaremos em silêncio. Na verdade, muitos disseram que participou num combate de gladiadores e que, depois de receber a vara de licenciamento<sup>15</sup>, partiu para África, **6** onde primeiro foi caçador<sup>16</sup>, depois tabelião e, por fim, advogado do fisco. A partir deste cargo, ascendeu às mais altas honrarias. **7** Depois, como prefeito do pretório, após afastar o seu colega, assassinou Antonino Caracala, o seu imperador, por meio de um embuste<sup>17</sup> de tal ordem que parecia não ter sido morto por ele. **8** Com efeito, depois de subornar o seu escudeiro e de lhe fazer grandes promessas, tratou de agir de modo a que se dissesse que ele fora morto como que

---

<sup>12</sup> Isto é, depois de lhe ser conferida a *dignitas equestris*. O uso de anéis de ouro constituía uma marca de estrato social. Díon Cássio, em 48.45, afirma que em tempos antigos o uso deste acessório em ouro era prerrogativa apenas de senadores e cavaleiros. Com o tempo, o uso de anéis de ouro alargou-se a outras classes e foi formalmente concedido por Justiniano aos libertos (cf. *Nouellae* 78).

<sup>13</sup> Vide SHA *AntGeta* 2.4.

<sup>14</sup> A informação carece de fidedignidade histórica, uma vez que Vero foi co-imperador com Marco Aurélio entre 161 d.C. e 169 d.C. e Macrino teria nascido por volta de 165 d. C.

<sup>15</sup> *Rudis*, em latim, é a espada de madeira dada aos gladiadores como símbolo de final de carreira e consequente dispensa dos *munera*. Vide Pimentel 2002 138 ss.

<sup>16</sup> No original, *uenator*, que tanto pode significar 'caçador' como um tipo de gladiador, isto é, o que combatia contra animais selvagens na arena, e ainda 'observador /investigador'.

<sup>17</sup> Cf. SHA *AntCar.* 6.6-7.2.

em resultado de uma cilada dos soldados, desagradados com o fratricídio ou com o incesto<sup>18</sup>.

**V 1** Apropriou-se, então, do poder imperial, nomeando como partícipe do poder o seu filho Diadúmeno e, como dissemos, ato contínuo, ordenou aos soldados que o passassem a chamar Antonino. **2** Em seguida, enviou o corpo de Antonino para Roma, para ser tumulado no sepulcro dos seus antepassados. **3** Ordenou ao prefeito do pretório, um seu antigo colega, que cumprisse com o seu dever e, especialmente, que sepultasse Antonino com as devidas honras, com um cortejo fúnebre digno de um rei, pois sabia que, em virtude da distribuição de vestimentas que oferecera ao povo<sup>19</sup>, ele era muito amado pela plebe. **4** A isto acrescia também o facto de temer uma sublevação do exército que, a acontecer, lhe impediria o acesso ao poder imperial, ao qual tinha chegado por usurpação, mas como se o aceitasse contra a sua vontade. **5** São assim os homens que se dizem obrigados a determinadas coisas que eles próprios aprontam, inclusive por meio de crimes. Temia também que o seu colega desejasse ele próprio ser imperador, pois todos tinham a esperança de que, se lhe fosse prometido o apoio de uma única divisão e se ele não o recusasse, todas as outras fariam o mesmo de muito boa vontade pelo ódio a Macrino, motivado quer pela sua vida depravada quer pelo seu baixo nascimento, **6** tanto mais que todos os imperadores anteriores tinham sido de origem nobre. **7** Apoderou-se, ainda, do nome de Severo, apesar de não ter com este nenhuma relação de parentesco. Este facto deu origem ao dito jocoso: “Macrino é um Severo do mesmo modo que Diadúmeno é um Antonino”. Contudo, para de imediato abafar uma sublevação de

---

<sup>18</sup> Cf. SHA *AntCar.* 10.4.

<sup>19</sup> Cf. SHA *AntCar.* 9.7-8.

soldados, atribuiu um estipêndio maior do que era costume, tanto a legionários como a pretorianos, **8** pois desejava atenuar o crime do assassinato do imperador. O dinheiro beneficiou, como de costume, quem não devia beneficiar de inocência. E assim se manteve bastante tempo no poder imperial o homem de todos os vícios.

**9** De seguida, enviou uma carta ao senado sobre a morte de Antonino, na qual o tratava por “divino” e se justificava e jurava que nada sabia sobre o seu assassinato. Desta forma, de acordo com o costume dos indivíduos depravados, quando escreveu ao senado, ao seu crime acrescentou o perjúrio, um começo bem apropriado a um homem perverso.

**VI 1** É de interesse saber que género de mensagem foi aquela com que se justificou, de forma a que se conheça não apenas a falta de vergonha deste homem, mas também o sacrilégio com que este perverso imperador inaugurou o seu poder. **2** Excertos da mensagem dos imperadores Macrino e Diadúmeno<sup>20</sup>: “Nós desejaríamos, Pais Conscritos<sup>21</sup>, rever a Vossa Clemência, não só com o nosso Antonino a salvo, mas também regressando nós em triunfo. É que somente então, numa república próspera, seríamos todos felizes e viveríamos sob o príncipe que os deuses nos deram em lugar dos Antoninos. **3** Contudo, uma vez que isto não pôde acontecer por causa de um motim do exército, vamos anunciar, primeiro, o que o exército fez de nós mesmos; **4** seguidamente, e esse é o nosso primeiro dever, vamos decretar honras divinas para

---

<sup>20</sup> Como sucede com a maioria dos discursos, cartas e outros documentos transcritos na *Historia Augusta*, também não existe qualquer prova da autenticidade desta carta.

<sup>21</sup> A fórmula *Patres Conscripti* passou a ser usada após a reforma de Lúcio Júnio Bruto, que usou essa designação para os cem membros adicionais então inscritos no senado.

aquele homem a quem jurámos lealdade; na verdade, o exército não considerou existir nenhum outro vingador mais digno da morte de Bassiano do que o seu prefeito, a quem ele próprio certamente teria mandado punir o conluio se o tivesse descoberto ainda em vida.” **5** E, mais adiante: “Entregaram-me o poder imperial, cuja tutela, Pais Conscritos, eu aceitei por agora; conservarei o leme, se também vos aprouver aquilo que aprouve aos soldados, aos quais já paguei também o estipêndio e dei todas as diretivas, de acordo com o costume imperial”. **6** E, de novo, mais adiante: “Ao meu filho Diadúmeno, que é conhecido de vós, os soldados atribuíram quer o poder imperial quer o nome, ao apelidá-lo de Antonino, para que ele possa ser honrado, primeiro com este nome, mas também com a honra de deter o poder supremo. **7** Pedimo-vos, Pais Conscritos, que isto aproveis com bom e ditoso auspício, para não ficardes privados do nome dos Antoninos, que amais acima de tudo”. **8** E mais adiante: “O exército decretou honras divinas para Antonino e também nós as decretamos. A vós, Pais Conscritos, não obstante podermos dar-vos ordens por direito imperial, todavia rogamos que as decreteis também, dedicando-lhe duas estátuas equestres, duas pedestres com traje militar, duas sentadas com traje civil; e ainda duas estátuas triunfais ao divino Severo. **9** Tudo o que por nós foi piedosamente solicitado em honra dos que nos precederam, vós, Pais Conscritos, ordenareis que se cumpram”.

**VII 1** Depois de lida esta carta no senado, contrariamente à expectativa geral, o senado não só recebeu a morte de Antonino com regozijo<sup>22</sup> como ainda, esperançado de que Opílio Macrino zelaria pela liberdade pública, logo o admitiu entre

---

<sup>22</sup> Cf. D.C. 78.18.

os patrícios, a ele que era um “homem novo”<sup>23</sup> e que até há pouco tempo tinha sido procurador dos bens privados<sup>24</sup>.

**2** A esse mesmo indivíduo, que fora escriba de um dos pontífice que hoje se chamam pontífices menores, o senado proclamou-o Pontífice Máximo, dando-lhe por decreto o nome de Pio. **3** Contudo, depois de lida a carta, uma vez que absolutamente ninguém acreditava na morte de Antonino, fez-se um longo silêncio. **4** Mas, depois de se ter confirmado o assassinato, o senado invetivou-o como a um tirano. Em seguida, concederam imediatamente a Macrino o poder proconsular e o poder tribunício.

**5** Depois de ele próprio ter recebido o nome de Feliz, chamou ao seu filho, que até então se dizia Diadúmeno, Antonino, de forma a afastar de si a suspeita de ter assassinado Antonino.

**6** Este nome, na verdade, também Vário Heliogábalo o veio a receber mais tarde, ele que dizia ser filho de Bassiano, mas que era homem da mais baixa condição, nascido de uma meretriz.

**7** Por fim, subsistem uns versos de um poeta, com os quais se demonstra que o nome Antonino começou com Pio e se deteriorou paulatinamente durante os Antoninos até chegar ao cúmulo da baixaza, pois só Marco parece ter elevado este venerável nome com a exemplaridade da sua vida, enquanto Vero o abastardou e Cómodo profanou até a reverência devida a este nome sagrado. **8** E que dizer de Antonino Caracala ou que dizer deste Diadúmeno? Por fim, que dizer também de Heliogábalo, o último dos Antoninos, que é recordado como tendo vivido na mais profunda imoralidade?

---

<sup>23</sup> Isto é, um homem sem antepassados que tenham sido senadores ou cônsules.

<sup>24</sup> Ou seja, dos bens privados do imperador.

**VIII 1** Em suma, depois de proclamado imperador, Macrino declarou guerra contra os partos e partiu com grande aparato, desejoso de apagar a baixeza do seu nascimento e a infâmia da sua vida anterior com a grandiosidade de uma vitória. **2** Mas, depois de travar uma batalha contra os partos, foi morto devido a uma defeção das legiões, que desertaram para Vário Heliogábalos. **3** Todavia, foi imperador por mais de um ano.

**3** É certo que, apesar de estar em inferioridade nesta guerra que Antonino havia declarado pelo facto de Artabano<sup>25</sup> pretender vingar severamente a morte dos seus cidadãos, no início Macrino resistiu; mas depois enviou legados a pedir a paz, que o parto concedeu de boa vontade depois da morte de Antonino. **4** Em seguida, retirou-se para Antioquia e entregou-se a uma vida dissoluta, oferecendo ao exército uma justa causa para o assassinarem e para apoiarem aquele que pensavam ser o filho de Bassiano, isto é, Heliogábalos Bassiano Vário, que mais tarde se veio a chamar não só Bassiano, mas também Antonino.

**IX 1** Existiu uma certa mulher, chamada Mesa ou Vária<sup>26</sup>, da cidade de Émesa, irmã de Júlia, mulher de Severo Pertinaz, o Africano<sup>27</sup>, a qual, depois da morte de Antonino Bassiano, tinha sido expulsa da corte em virtude da arrogância de Macrino; todavia, Macrino concedera-lhe que ficasse com todos bens que juntara ao longo de muito tempo. **2** Ela tinha duas filhas, Semiamira e Mameia; Heliogábalos [que tomou o nome quer de Bassiano quer de Antonino] era filho da mais velha. Heliogábalos é, na verdade, como os fenícios chamam

---

<sup>25</sup> Artabano IV, o último arsácida a governar o império pártico.

<sup>26</sup> Trata-se de Júlia Mesa, irmã de Júlia Domna e cunhada do imperador Septímio Severo. As suas filhas, Júlia Semiamira ou Soémia e Júlia Mameia, foram mães, respetivamente, dos imperadores Heliogábalos e Alexandre Severo.

<sup>27</sup> Isto é, o imperador Septímio Severo.

ao Sol. **3** E Heliogábalo sobressaía pela sua beleza e estatura, e pelo seu sacerdócio<sup>28</sup>, e era conhecido de todas as pessoas que vinham ao templo, principalmente soldados. **4** A estes, Mesa ou Vária disse-lhes que Bassiano era filho de Antonino, facto que, a pouco e pouco, ecoou entre todos os soldados. **5** Além disso, Mesa era, ela própria, extremamente rica — razão pela qual Heliogábalo era também muito dado ao luxo — e foi pelas promessas que ela fez aos soldados que as legiões foram arrebatadas a Macrino. **6** Desta forma, certa noite, depois de ter sido acolhida com os seus dentro da cidade<sup>29</sup>, o seu neto foi apelidado de Antonino e foram-lhe conferidas as insígnias do poder imperial.

**X 1** Quando estes acontecimentos foram anunciados a Macrino, estacionado em Antioquia, admirado com a audácia desta mulher e subestimando-a ao mesmo tempo, ele enviou o seu prefeito Juliano<sup>30</sup> para os sitiar com as suas legiões. **2** Mas estas, logo que Antonino lhes foi mostrado, inclinaram-se todas para ele com uma assombrosa afeição e, depois de matarem o prefeito Juliano, passaram todas para as suas fileiras. **3** Depois, reunindo a parte do exército que se juntara a ele, Antonino avançou contra Macrino, que se apressava ao seu encontro, e, no combate que se travou, Macrino saiu vencido, em virtude da traição dos seus soldados e da afeição destes por Antonino. Ao fugir com o filho e com alguns homens, Macrino foi assassinado, juntamente com Diadúmeno, numa aldeia da Bitínia, e a sua cabeça foi decepada e levada a Antonino. **4** Além disto, convém saber que se diz que o jovem

---

<sup>28</sup> Cf. SHA *AntHeliog.* 1.5-6 e respetivas notas.

<sup>29</sup> Isto é, no acampamento da III Legião Pártica. Sobre os acontecimentos relatados no parágrafo seguinte, vide Kulikowski 2016 105.

<sup>30</sup> Úlpio Juliano, legado da II Legião Pártica.

Diadúmeno, sobre o qual muitos autores referiram ter tido um poder imperial igual ao do pai, foi César, e não Augusto. **5** Igualmente morto foi o filho, a quem o poder imperial ofereceu uma única coisa: o ser morto às mãos dos soldados. **6** De facto, na sua vida não haverá nada que mereça ser contado, além do facto de ter sido acrescentado ao nome dos Antoninos, quase como se fosse um bastardo.

**XI 1** Durante a vida como imperador, Macrino foi, no entanto, um pouco mais rígido e austero, esperando que todas as suas ações anteriores fossem entregues ao esquecimento, embora essa mesma severidade tenha dado ocasião para o censurarem e atacarem. **2** Na verdade, quis receber tanto o nome de Severo como o de Pertinaz, dois nomes que lhe pareciam evocar “dureza”. E quando o senado lhe atribuiu os nomes de Pio e Feliz, aceitou o nome Feliz, mas rejeitou Pio<sup>31</sup>. **3** Desta circunstância parece subsistir, não sem graça, um epigrama contra ele da autoria de um certo poeta grego, que em latim tem a seguinte versão:

**4** Um ator já velho, torpe, severo, duro e iníquo,  
deseja ser ímpio e feliz ao mesmo tempo;  
embora não queira ser pio, quer, contudo, ser venturoso:  
mas o que a natureza nega, a razão não o consente.  
Na verdade, podia ter-se chamado, e parecido, pio e feliz :  
ímpio e infeliz é e sê-lo-á sem remédio.

**5** Não sei quem, de entre os poetas latinos, afixou no foro estes versos junto àqueles que estavam expostos em grego.

---

<sup>31</sup> A afirmação é incongruente com o que é dito em *OpilMacr.* 7.2. As inscrições epigráficas de Macrino registam o cognome Pio.

Quando os ouviu, Macrino, segundo consta, respondeu com os seguintes versos:

6 Tivessem os fados criado um poeta grego da mesma espécie que a deste latino enforcadiço,  
o povo não sabia nada, nada teria sabido a cúria, trapaceiro<sup>32</sup>  
algun teria escrito estes horríveis versos contra mim.

7 Com estes versos, de longe piores do que aqueles em latim, Macrino convenceu-se de que tinha respondido, mas não foi menor motivo de riso do que aquele poeta que se limitara a traduzi-los de grego para latim.

**XII 1** Em suma, foi soberbo e sanguinário, desejando ser imperador de acordo com a prática militar, criticando até a disciplina dos tempos idos e colocando, acima dos restantes, apenas Severo. **2** Na verdade, chegou a crucificar soldados e puniu-os sempre com castigos reservados aos escravos; e quando era vítima de revoltas militares, fazia frequentemente dizimações e, por vezes, também “centimações”, um termo criado por ele, que se dizia clemente quando “centizimava” aqueles que mereciam a dizimação ou a vigimização<sup>33</sup>. **3** Seria

---

<sup>32</sup> No original, *mango*, isto é um vendedor que adorna as suas mercadorias para conseguir um preço melhor; ou ainda, um vendedor de escravos.

<sup>33</sup> A dizimação (*decimatio*) constituía uma prática, de aplicação excepcional, usada no exército para castigar os soldados; reunidos em grupos de dez, um dos soldados desse grupo, escolhido por sorteio, era torturado até à morte pelos outros nove. Os termos vigimização e centimização esclarecem o número de soldados que seriam agrupados, pelo que um em vinte, no primeiro caso, ou um em cem, no segundo caso, sofreriam a execução. No entanto, não há evidências históricas desta prática no principado de Macrino.

demorado revelar todas as suas crueldades; mesmo assim, vou expor uma única, não grande, como ele próprio considerava, mas mais angustiante do que todas as atrocidades dos tiranos. **4** Como alguns soldados se tivessem metido com uma escrava do seu hóspede, escrava que já perdera a sua boa reputação há algum tempo, Macrino, ao saber disso por intermédio de um frumentário<sup>34</sup>, ordenou que lhos trouxessem e perguntou-lhes se isso tinha acontecido de verdade. **5** Perante a confirmação dos factos, mandou de súbito abrir dois bois ainda vivos e de admirável porte e introduzir neles cada um dos soldados, com a cabeça de fora para que pudessem conversar entre eles. E foi esta a pena que lhes aplicou, não obstante tal suplício não ter sido estabelecido nem mesmo para os adúlteros, nem entre os antepassados, nem no seu tempo. **6** Todavia, lutou contra os partos, lutou contra os arménios, lutou contra os árabes, a que chamam “felizes”, com não menor coragem do que êxito. **7** A um tribuno que permitiu que as torres de vigia fossem abandonadas, arrastou-o atrelado à parte de baixo de um carro com rodas durante todo o caminho, primeiro vivo e depois já cadáver. **8** Restabeleceu igualmente o suplício de Mezêncio<sup>35</sup>, que consistia em atar vivos a mortos e obrigá-los a morrer, consumidos por uma lenta putrefação. **9** Daqui resultou que também no

---

<sup>34</sup> Os *frumentarii*, antigos oficiais que supervisionavam a compra e distribuição de cereal, tornaram-se, nos séculos II e III d.C., um corpo de polícia secreta, que viria a ser substituída pelo corpo de *agentes in rebus* no principado de Diocleciano. Cf. SHA *Hadr.* 11.4.

<sup>35</sup> Mezêncio é um rei mítico da Etrúria e personagem tirânica da *Eneida* de Virgílio, conhecida pela sua crueldade e pelo suplício, semelhante ao mencionado nesta biografia, a que votava alguns condenados à morte.

circo, em um momento em que se manifestava apoio público a Diadúmeno, se tenha gritado:

Um jovem de uma beleza invulgar  
que por pai não merecia ter Mezêncio.

**10** Encerrou também homens entre paredes construídas para o efeito. Aos condenados por adultério, queimou-os sempre vivos e sempre com os corpos atados um ao outro. Aos servos fugidos aos seus senhores, uma vez apanhados, condenou-os a combater como gladiadores. **11** Aos delatores, quando não apresentavam provas, condenou-os à pena capital; se as apresentavam, depois de lhes dar uma recompensa em dinheiro, mandava-os embora com o ferrete da infâmia.

**XIII 1** Macrino não foi inábil em matéria de jurisprudência, como o prova o facto de ter determinado abolir todos os rescritos<sup>36</sup> dos príncipes anteriores, de forma a que a justiça se guiasse pelo direito e não pelos rescritos. Alegava que parecia ilícito considerar como leis as vontades de um Cómodo e de um Caracala e de homens não qualificados; e que Trajano nunca respondera a petições, para evitar que decisões que pudessem ser tomadas a título de favor se tornassem precedente para outras causas. **2** Foi muito generoso na distribuição da anona<sup>37</sup>, mas muito parcimonioso nas de ouro. **3** Nos açoites aos serviçais da corte era tão perverso, tão pertinaz e tão duro que os seus escravos não lhe chamavam Macrino, mas

---

<sup>36</sup> Sc. as respostas do imperador a questões particulares (libellos) e cujas decisões passavam a ser consideradas para efeitos de jurisprudência.

<sup>37</sup> Poderá referir-se especificamente às distribuições frumentárias.

Macelino<sup>38</sup>, porque a sua morada, à imagem de um talho, estava manchada com o sangue dos vernas. **4** Era muito ávido de comida e de bebida, por vezes até à ebriedade, mas apenas a horas vespertinas. Na verdade, quando almoçava, mesmo em privado, era muito frugal, mas ao jantar era completamente desregrado. **5** Convidava homens de letras para os banquetes, para que a conversa sobre os estudos liberais o obrigasse a manter a sobriedade.

**XIV 1** Mas, as pessoas, ao refletirem na sua antiga baixa condição, ao observarem a sua extraordinária crueldade, não conseguindo suportar um homem hediondo no poder imperial, e sobretudo os soldados, que recordavam muitas das suas ações funestíssimas e, por vezes, profundamente desonrosas, organizaram um conluio e mataram-no, juntamente com o seu jovem filho Diadúmeno, isto é, o cognominado Antonino, do qual se disse que só em sonhos foi Antonino. **2** Sobre este facto, conservam-se também os seguintes versos:

Vimos em sonhos, cidadão, se não me engano, também isto:  
o nome dos Antoninos o levava aquele rapaz,  
nascido de pai venal, mas de mãe casta,  
que a cem amantes se deu e a cem se ofereceu;  
amante foi também o próprio careca que depois foi marido,  
que foi Pio, que foi Marco, mas Vero, na verdade, é que não  
foi.

**3** Estes versos foram traduzidos de grego para latim; na verdade, em grego são bastante elegantes, mas parece-me que foram traduzidos por um poeta vulgar. **4** Quando Macrino

---

<sup>38</sup> Nome ficcional, formado a partir de *macellum*, cuja significação, entre outras, é a de “talho”.

ouviu o poema, compôs uns iambos que não se conservam mas que, diz-se, eram bastante aprazíveis. **5** Tais versos desapareceram precisamente no mesmo tumulto em que ele próprio foi assassinado e todos os seus bens saqueados pelos soldados.

**XV 1** A forma como morreu, conforme dissemos, foi a seguinte: tendo-se o exército inclinado a favor de Antonino Heliogábalo, Macrino fugiu e foi derrotado e morto em combate num povoado da Bitínia, depois de uma parte dos seus se ter rendido, de outra parte ter sido morta, de outra parte se ter posto em fuga. **2** Com isto ganhou Heliogábalo a fama de ser um homem notável, pois parecia ter vingado a morte do pai, e, com isso, acedeu ao poder imperial, que ele desonrou com os seus vícios enormes — luxúria, depravação, prodigalidade, soberba e crueldade. Também obteve, ele próprio, uma morte condizente com a sua vida.

**3** Sobre Macrino, são estes os factos que chegaram ao nosso conhecimento, alguns dos quais com variantes em muitos autores, como acontece em toda a historiografia. **4** Estes factos, colhidos em muitas fontes, oferecêmo-los à Tua Serenidade, Diocleciano Augusto, porque soubemos do teu interesse pelos imperadores antigos.

(Página deixada propositadamente em branco)

## VIDA DE DIADÚMENO ANTONINO

*Por Élio Lamprídio*

**I 1** A vida do jovem Antonino Diadúmeno<sup>1</sup>, a quem, depois de Bassiano ter sido assassinado por obra da conspiração macriniana, o exército proclamou imperador<sup>2</sup> juntamente com o pai Opílio Macrino, nada tem de memorável a não ser o facto de se ter chamado Antonino e de admiráveis presságios lhe prometerem um poder imperial que não duraria muito, como veio a acontecer. **2** Na verdade, logo que se soube entre as legiões que Bassiano tinha sido morto, um enorme pesar assolou os corações de todos ao pensarem que, não havendo um Antonino à frente da república, o império romano iria morrer com Bassiano. **3** Quando isto foi comunicado a Macrino, que já era imperador, receando este que o exército se inclinasse a favor de algum dos Antoninos, e entre os generais contavam-se muitos familiares de Antonino Pio, ordenou que se preparasse imediatamente uma parada e apelidou o seu filho, ainda uma criança, de Antonino. **4** Eis a sua arenga: “Como vedes, camaradas, eu já sou de idade avançada e Diadúmeno é um jovem que, se os deuses assim quiserem, tereis como príncipe durante muito tempo. **5** Além disso, reconheço que perdura

---

<sup>1</sup> O seu nome seria *Marcus Opellius Antonius Diadumenianus* (Diadumeniano); cf. SHA *OpilMacr.* 2.5.

<sup>2</sup> A afirmação carece de fundamento. Além da *História Augusta*, apenas Eutrópio transmite esta versão. Pelo contrário, Dión Cássio, 78.20, diz que Diadúmeno foi proclamado imperador após a derrota de Juliano. Cf. SHA *OpilMacr.* 10.2.

entre vós um profundo apego ao nome dos Antoninos. Por esse motivo, uma vez que a mim, em virtude da natural fragilidade humana, parece não me restar muito tempo de vida, vou, por vossa autoridade, conferir o nome de Antonino a este rapaz, que por muito tempo representará para vós um Antonino.”

**6** Seguiu-se uma aclamação: “Imperador Macrino, que os deuses te guardem! Antonino Diadúmeno, que os deuses te protejam! Longa vida a Antonino, é o que todos rogamos!

**7** Júpiter Ótimo e Máximo, longa vida para Macrino e Antonino! Tu, Júpiter, sabes que Macrino não pode ser vencido!

Tu Júpiter, sabes que Antonino não pode ser vencido! **8**

Temos um Antonino, temos tudo! Os deuses deram-nos um Antonino! O jovem Antonino é digno do poder imperial!”

**II 1** Disse o imperador Macrino: “Em suma, camaradas, recebi três áureos pela concessão do poder imperial e cinco áureos pela atribuição do nome Antonino, bem como as promoções habituais, mas em duplicado. Que os deuses permitam que estas se façam mais frequentemente! Dar-vos-emos, no entanto, a cada quinquénio, o mesmo que entendemos dar-vos hoje”. **2** Depois disto, o próprio juvenzinho, imperador Diadúmeno Antonino, tomou a palavra<sup>3</sup>: “Agradeço-vos, camaradas, por me terdes atribuído tanto o poder imperial como o nome, uma vez que nos considerastes, a mim e ao meu pai, dignos de sermos nomeados imperadores de Roma e de nos ser confiada a república. **3** O meu pai certamente tratará de não defraudar o poder imperial e eu esforçar-me-ei por não defraudar o nome dos Antoninos. Sei bem que recebi o nome de Pio, de Marco e de Vero, e que é muito difícil estar à altura deles. **4** Entretanto, porém, por este poder imperial e pelo nome,

---

<sup>3</sup> Diadúmeno teria, nesta altura, nove anos, o que torna este discurso inverosímil.

prometo-vos tudo aquilo que o meu pai enumerou, e na mesma quantidade, duplicando as distinções, como prometeu também o meu venerando pai Macrino, aqui presente”. **5** O escritor grego Herodiano desconsidera estes pormenores e diz apenas que o jovem Diadúmeno recebeu dos soldados o nome de César e que foi assassinado juntamente com o pai.

**6** Terminada esta parada, começou de imediato a cunhar-se moeda em Antioquia com o nome de Antonino Diadúmeno; a de Macrino foi adiada até ordem do senado. **7** Também foi enviada ao senado uma carta, na qual o nome de Antonino foi dado a conhecer. Por essa razão, diz-se, também o senado o aceitou de boa vontade como imperador, embora alguns penssem que o fez por ódio a Antonino Caracala. **8** O imperador Macrino, na verdade, tinha decidido distribuir pênulas<sup>4</sup> de cor vermelha ao povo em honra do seu filho Antonino, as quais deveriam ser chamadas “antonianas”, tal como se chamavam “caracalas” às de Bassiano, afirmando que seria mais acertado chamar Penúlio ou Penulário ao seu filho do que Bassiano ter sido chamado Caracala. **9** Prometeu também uma gratificação por um edito antoniano, como o próprio edito pode demonstrar. **10** Termos do edito: “Desejaria, Quirites, que nos encontrássemos já na vossa presença: o vosso Antonino vos daria uma gratificação em seu nome. Além disso, inscreveria quer rapazes como antonianos quer raparigas como antonianas<sup>5</sup>, para propagarem a glória de um nome tão estimado.” E assim por diante.

---

<sup>4</sup> No original, *paenula*, uma capa com capuz usada nos dias de chuva e em viagens.

<sup>5</sup> Trata-se de uma referência aos colégios de sacerdotes (*sodales*) encarregados do culto de um imperador divinizado.

**III 1** Depois disto, ordenou que, nos acampamentos, as bandeiras e estandartes passassem a antonianos, e fez umas estátuas de Bassiano em ouro e prata; e celebraram-se ainda sete dias de preces públicas pelo nome de Antonino.

**2** Diadúmeno foi, de todos, o jovem mais belo, de estatura longilínea, de cabeleira loira, olhos pretos, nariz adunco, de queixo com perfil bonito, boca em forma de beijo, forte por natureza mas bastante elegante graças ao exercício físico.

**3** Logo que recebeu as vestes escarlates e purpúreas e as restantes insígnias militares do poder imperial, resplandeceu como se fosse um astro do céu, de tal forma que foi amado por todos por causa da sua beleza.

**4** Isto é o que merece ser dito sobre este jovem. Passemos agora aos presságios relativos ao poder imperial, os quais, se em outros casos são surpreendentes, neste o são ainda mais.

**IV 1** No dia em que nasceu, o seu pai, que por acaso na altura era procurador do tesouro maior<sup>6</sup>, inspeccionou umas vestes purpúreas e, escolhidas as mais brilhantes, ordenou que as levassem ao quarto no qual, duas horas depois, nasceu Diadúmeno. **2** Costumam os recém-nascidos, além disso, distinguir-se por uma membrana<sup>7</sup> natural que as parteiras lhes tiram e vendem a advogados crédulos, porque se diz que isso auxilia os causídicos. **3** Este menino, pelo contrário, não tinha essa membrana, mas um ténue diadema, todavia tão forte que não se conseguia rasgar, com nervos entrelaçados a aparentar as cordas de um arco. **4** Dizem, por fim, que o rapaz foi apelidado de Diademato, mas que, quando cresceu, passou a chamar-se

---

<sup>6</sup> O cargo a que muito provavelmente o autor se refere é o de *procurator thesaurorum* ('procurador do tesouro') ou o de *procurator rei priuatae* ('procurador dos bens privados').

<sup>7</sup> Isto é, a bolsa amniótica.

Diadúmeno, o nome do seu avô materno, apesar de o nome Diadúmeno não se afastar muito do significado de Diademato. **5** Numa propriedade do seu pai nasceram, segundo se diz, doze ovelhas de cor púrpura, das quais apenas uma era variegada. **6** No mesmo dia em que ele nasceu, é coisa assente, uma águia trouxe-lhe delicadamente um pombinho régio e depositou-o no berço onde dormia, afastando-se sem lhe fazer mal. Pantágos<sup>8</sup> fizeram ninho em casa do seu pai.

**V 1** Na altura em que Diadúmeno nasceu, os astrólogos, depois de interpretarem o seu horóscopo, exclamaram que ele era não só filho de imperador mas também imperador, como se a sua mãe tivesse cometido adultério<sup>9</sup>, acusação que andava nas bocas do mundo. **2** No decurso de um passeio pelo campo, uma águia tirou-lhe o barrete e, quando a gritaria dos seus companheiros de infância se fez sentir, diz-se que o colocou num monumento real que ficava junto à casa de campo na qual o seu pai então vivia, precisamente sobre a estátua de um rei, de uma forma tal que ficou enfiado na cabeça da estátua. **3** Este facto, muitos o julgaram ominoso e sinal de morte, mas o destino revelou que era luminoso. **4** Nasceu, além disso, no dia do aniversário de Antonino, não só à mesma hora mas também quase na conjugação dos mesmos signos de Antonino Pio. Por tal motivo, predisseram os astrólogos que ele era não apenas filho de imperador, mas que seria também imperador, embora não por muito tempo. **5** No dia em que nasceu, que era o dia de aniversário de Antonino, diz-se que uma mulher, sua parente, exclamou: “Que se chame Antonino!”, mas que

---

<sup>8</sup> Palavra formada a partir do grego, por aglutinação dos termos *pan* ('tudo') + *agathós* ('bom'), para designar aves de bom augúrio, de espécie não identificada.

<sup>9</sup> Cf. SHA *OpilMacr.* 14.2.

Macrino teve receio, pois ninguém da sua linhagem tinha sido registrado com esse nome, e evitou o nome imperial, tanto mais que já se tinha espalhado um rumor sobre a significação do seu horóscopo. **6** Muitos registaram nos seus escritos que aconteceram estes e outros presságios, mas deram particular importância ao seguinte: estando um dia Diadúmeno no berço, um leão feroz, quebrando os grilhões, dizem alguns, pôs-se em fuga e aproximou-se seu berço, lambeu a criança e deixou-a incólume, ao passo que a ama, que se lançou contra o leão, morreu ferida pelas suas dentadas; esta era, por casualidade, a única pessoa que se encontrava no pequeno pátio em que a criança estava deitada.

**VI 1** Estas são as coisas que me pareceram dignas de memória no caso de Antonino Diadúmeno. A sua vida, eu tê-la-ia juntado à dos feitos do seu pai se o nome dos Antoninos não me tivesse obrigado a publicar uma exposição específica sobre a vida do rapazinho. **2** Na verdade, o nome dos Antoninos era realmente tão popular naqueles tempos que quem não se apoiasse nesse nome não pareceria digno do poder imperial. **3** Daqui resulta inclusivamente que alguns pensem que tanto Severo, como Pertinaz como Juliano devem ser honrados com os prenomes<sup>10</sup> dos Antoninos, e que foi por esse motivo que, posteriormente, os dois Gordianos, pai e filho, foram cognominados Antoninos. **4** Mas uma coisa é quando se adota o nome, outra é quando se possui esse nome<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Esta informação não é verdadeira para nenhum dos imperadores mencionados.

<sup>11</sup> Segundo Chastagnol 1994, p. 482, nota 1, neste texto (6.3-10), *praenomen* (isto é, 'nome próprio') e *nomen* ('nome de família') têm significações distintas das tradicionais, ou seja, *praenomen* significa 'nome de família' e *nomen* significa 'cognome'.

**5** Na verdade, Pio teve como verdadeiro nome Antonino, e como cognome Pio; pelo contrário, Marco teve como verdadeiro nome Veríssimo, mas depois de este ser suprimido e abolido, não recebeu o prenome de Antonino, mas o nome. **6** Vero, por seu lado, teve como nome Cómodo e, abolido este, recebeu o de Antonino, não como nome de família, mas como cognome. **7** Marco, por outro lado, apelidou Cómodo de Antonino e assim o registou publicamente no dia do seu nascimento. **8** Já quanto a Caracala Bassiano, é coisa bastante assente que Severo, provavelmente por causa de um sonho que tinha tido, ao pressentir que lhe estava destinado um Antonino como sucessor<sup>12</sup>, o proclamou Antonino no seu décimo terceiro ano, na altura em que lhe deu também, segundo se diz, o poder imperial. **9** Pelo contrário, Geta, o qual muitos negam ter sido Antonino, é bastante certo que foi assim apelidado pela mesma razão que Bassiano, para suceder a seu pai Severo<sup>13</sup>, o que não veio a acontecer. **10** Depois disto, este mesmo Diadúmeno foi apelidado de Antonino para se tornar aceitável aos olhos do exército, do senado e do povo romano, uma vez que, como é bem sabido, existia um enorme carinho por Bassiano Caracala.

**VII 1** Conserva-se uma carta de Opílio Macrino, pai de Diadúmeno, na qual se vangloria, não tanto por ter chegado ao poder imperial, ele que era o segundo na hierarquia do poder imperial<sup>14</sup>, mas porque, em virtude da paternidade, se tornara pai de um Antoniniano, nome naqueles tempos mais ilustre que qualquer outro, mesmo de deuses. **2** Antes de incluir esta

---

<sup>12</sup> Cf. SHA *Sev.* 10.4; *AntGeta* 1.3.

<sup>13</sup> Cf. SHA *Sev.* 10.5.

<sup>14</sup> O autor alude à posição conferida pelo cargo de prefeito do pretório.

carta, gostaria de introduzir uns versos escritos contra Cómodo, que se tinha apelidado a si mesmo de Hércules, para que todos entendam que o nome dos Antoninos foi tão ilustre que nem parecia apropriado juntar-lhe sequer o nome dos deuses. **3** Versos escritos contra Cómodo Antonino:

Cómodo deseja ter o nome de Hércules,  
o dos Antoninos não reputa por bom.  
Sem experiência dos direitos de um homem e do poder imperial,  
pretende que é mais ilustre ser um deus  
do que ser um príncipe de nome egrégio.  
Pois não será tal indivíduo um deus, nem sequer um homem.

**4** Estes versos, compostos por um grego que desconheço, foram traduzidos para latim por um mau poeta. Entendi que os devia incluir aqui para que todos saibam que os Antoninos valiam mais do que os deuses, e isto por causa do amor a três príncipes, um amor que immortalizou a sabedoria, a bondade e a piedade: a piedade de Antonino, a bondade de Vero, a sabedoria de Marco. **5** E agora regresso à carta de Macrino Opílio:

“Opílio Macrino à sua esposa, Nónia Celsa. O que de bom alcançámos, minha esposa, não é possível avaliá-lo. E talvez penses que falo do poder imperial, mas não é relevante aquilo que a Fortuna concedeu também a indignos. **6** Tornei-me pai de um Antonino, tornei-te mãe de um Antonino. Felizes de nós, ó casa afortunada, ilustre glória do império, agora finalmente feliz! **7** Queiram os deuses e a benévola Juno, que tu cultuas, que ele imite o mérito de Antonino e que eu, que sou pai de um Antonino, a todos pareça digno.”

**VIII 1** Esta carta demonstra quanta glória ele julgava ter obtido para si pelo facto de o filho se chamar Antonino.

2 Contudo, no décimo quarto mês do seu poder imperial, por culpa do violento e duro principado de seu pai, foi morto juntamente com o pai, mas não por culpa própria. 3 Não obstante, descobri que também ele foi cruel com muita gente, para além dos limites da sua idade; prova-o uma carta que ele mesmo enviou ao pai. 4. Com efeito, quando certos homens incorreram na suspeita de defeção e Macrino os castigou severamente, o seu filho, que por acaso estava ausente, ao ouvir que os promotores da defeção tinham sido mortos mas que os cúmplices, entre os quais estava o governador da Arménia<sup>15</sup> e também o legado da Ásia e da Arábia<sup>16</sup>, tinham sido absolvidos em razão de uma antiga amizade, diz-se que enviou uma carta ao pai, e também uma semelhante à mãe, cuja cópia entendi ser minha obrigação inserir aqui pelo seu valor histórico:

5 “O filho Augusto<sup>17</sup> a seu pai Augusto. Parece-me, meu pai, que não te mantiveste firme nos teus costumes com respeito ao amor que me tens, tu que salvaste os cúmplices de uma tentativa de tirania, na esperança de que eles se venham a tornar mais simpatizantes da tua causa se os poupares, ou considerando que deviam ser absolvidos em função de uma antiga amizade. 6 Isso não devia ter sido feito e de nada te servirá. De facto, para começar, feridos pelas suspeitas, não te podem amar neste momento. Em seguida, os inimigos mais cruéis são aqueles que, esquecidos de uma velha amizade, se uniram aos

---

<sup>15</sup> O cargo só foi criado no final do século III.

<sup>16</sup> Não existe evidência histórica relativamente à existência de um legado único para a Ásia e a Arábia.

<sup>17</sup> Dado o carácter ficcional dos documentos citados, também neste caso não há evidência histórica que ateste a existência desta missiva. Além disso, Diadúmeno não só não foi cognominado Augusto como teria nesta altura nove anos.

teus piores inimigos. Acrescenta o facto de que também têm um exército.

7 Se a ti não te move a glória de tão grandes feitos,  
lembra-te de Ascânio a crescer e das esperanças de teu  
herdeiro Iulo,  
a quem são devidos o reino de Itália e a terra romana.<sup>18</sup>

8 Esses indivíduos devem ser abatidos, se desejas estar em segurança. Na verdade, tendo em conta a imperfeição da espécie humana, outros não faltarão, se estes forem poupados.”

9. Alguns dizem que esta carta é da sua autoria, outros afirmam que é do seu mestre Celiano, outrora retor em África, e nela fica patente quão duro viria a ser este jovem se tivesse sobrevivido.

**IX 1** Subsiste outra carta, enviada por ele à mãe, que é a seguinte: “O nosso Senhor e nosso Augusto nem te ama a ti nem se ama a si próprio, ele que poupa os seus inimigos. Portanto, trata de fazer amarrar ao poste Arabiano e Tusco e Gélío, pois não deixarão de aproveitar ocasião que se lhes ofereça.” **2** E, como refere Lólio Úrbico na *História* do seu tempo, estas cartas, trazidas ao conhecimento público pelo secretário, causaram, segundo se diz, muito prejuízo ao rapaz junto dos soldados, conforme se diz. **3** Na verdade, quando mataram o pai, alguns quiseram preservá-lo, mas apareceu um criado de quarto que leu estas cartas numa parada de soldados.

**4** Consequentemente, depois de ambos terem sido assassinados e de as suas cabeças serem espetadas numa lança, o exército inclinou-se para Marco Aurélio Antonino, em virtude da estima por este nome. Dizia-se que ele era filho de Bassiano

---

<sup>18</sup> Os três versos são citados de Virgílio, *A.* 272; 274-275.

Caracala. **5** Era, todavia, sacerdote do templo de Heliogábalo,<sup>19</sup> o mais celerado de todos os homens e que, por um acaso do destino, desfigurou o império romano. **6** E, como há muitas informações, dele falarei no lugar próprio.

---

<sup>19</sup> Sobre a filiação e o sacerdócio, ver supra SHA *AntCar.* 9.1; e infra SHA *AntHeliog.* 1.4-6.

(Página deixada propositadamente em branco)

## ANTONINO HELIOGÁBALO

*Por Élio Lamprídio*

**1** Jamais teria escrito a vida de Antonino Heliogábalo, também chamado Vário, para que se não soubesse que ele foi príncipe dos romanos, se antes dele o império não tivesse tido Calígulas, Neros e Vitélios<sup>1</sup>. **2** Mas, tal como a mesma terra tanto produz venenos como trigo e outras coisas saudáveis, tanto produz serpentes como animais domésticos, também o leitor diligente encontrará, por si, compensação contra estes monstruosos tiranos ao ler as vidas de Augusto, Trajano, Vespasiano, Adriano, Pio, Tito e Marco<sup>2</sup>. **3** Ao mesmo tempo, ele entenderá o discernimento dos romanos, pois estes últimos foram imperadores durante muito tempo e tiveram uma morte natural, enquanto aqueles foram mortos, arrastados pelas ruas, e até apelidados de tiranos, pelo que ninguém ousa pronunciar os seus nomes.

---

<sup>1</sup> Gaio (37-41 d.C.), Nero (54-68 d.C.) e Vitélio (69 d.C.), imperadores cujas biografias homónimas foram escritas por Suetónio, num sentido particularmente negativo.

<sup>2</sup> Augusto (27 a.C.-14 d.C.), Vespasiano (69-79 d.C.), Tito (79-81 d.C.), Trajano (98-117 d.C.), Adriano (117-138 d.C.), Antonino Pio (138-161 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.), imperadores cujas biografias homónimas foram escritas por Suetónio e pelos autores da *História Augusta*, num sentido particularmente positivo.

4 Assim, depois do assassinio de Macrino<sup>3</sup> e do seu filho Diadúmeno<sup>4</sup>, o qual, com a partilha do poder imperial também havia recebido o nome de Antonino, o poder imperial foi confiado a Vário Heliogábalo, de quem se dizia ser filho de Bassiano<sup>5</sup>. 5 Na verdade, ele era um sacerdote de Heliogábalo<sup>6</sup> (ou de Júpiter ou do Sol) que tinha adotado o nome de Antonino, ou como forma de legitimar a sua origem ou porque percebera que esse nome era tão caro às pessoas que, por causa desse nome, até um parricida como Bassiano era amado<sup>7</sup>. 6 De facto,

---

<sup>3</sup> Marco Opílio Macrino, morto em 218 d.C. Vide SHA *OpidMacr.* 14.1.

<sup>4</sup> Diadúmeno Antonino, morto em 218 d.C. Vide SHA *AntDiad.* 9.4.

<sup>5</sup> Lúcio Septímio Bassiano, o imperador Caracala (211-217 d.C.), que era filho de Júlia Domna e, portanto, primo da mãe de Heliogábalo, Júlia Soémia. O texto não é explícito. As referências, em 1.5, a *Bassianus parricida*, e, em 2.1, a *Antonino autem Caracallo*, confirmam tratar-se de Caracala, que ordenou a morte do irmão, Geta.

<sup>6</sup> O autor usa a forma “Heliogábalo” (*Heliogabalus*), a mesma com que se refere sempre ao imperador Vário Antonino, para designar o deus de origem síria Elagábalo. Esta é, no entanto, a forma usada nas moedas cunhadas sob este imperador. Elagábalo era uma divindade originalmente cultuada em Émesa, na Síria, cujo nome era *ilāh hag-gabal* “o deus da montanha”. O culto difundiu-se por todo o império romano, sobretudo a partir do século III d.C. Em Roma, foi um culto associado ao sol (*Sol Inuictus*, o Sol Invencível) e particularmente promovido pelo imperador que assumiu o nome do deus e que era originário de Émesa, Sexto Vário Avito Bassiano (218-222 d.C.). A oscilação entre as formas “Elagábalo” e “Heliogábalo” deverá radicar numa afinidade fonética, por um lado, mas também no facto de a divindade oriental se relacionar com o Sol e, em grego, este dizer-se *Helios*. Vide A. Chastagnol 1994 493; R. Villeneuve 2010, esp. 25-27.

<sup>7</sup> O texto latino usa *parricida*, termo que significava aquele que matava um qualquer parente, incluindo o fratricídio. O texto refere-se a Caracala, que arquitetou a morte do próprio irmão, Geta (209-211 d.C.). Vide SHA *AntCar.* 1-4.

no início, chamavam-lhe Vário; depois, Heliogábalos, por ser sacerdote do deus Heliogábalos, que ele trouxe consigo da Síria e para o qual ergueu um templo em Roma, no mesmo lugar onde antes estava um santuário dedicado a Orco<sup>8</sup>; 7 por fim, quando recebeu o poder imperial, foi apelidado de Antonino e foi o último dos Antoninos no império romano.

**II 1** Ele era tão submisso à mãe, Semiamira<sup>9</sup>, que não tomava nenhuma decisão sobre a coisa pública contra a vontade dela, apesar de ela viver na corte como uma meretriz e se dedicar a todo o tipo de torpezas. A relação ilícita que manteve com Antonino Caracala<sup>10</sup> era tão conhecida que este Vário, ou Heliogábalos, era geralmente considerado como fruto dessa relação. **2** Alguns também afirmam que o nome “Vário” lhe foi posto pelos seus colegas de escola, porque eles pensavam que ele era fruto de “várias” sementes, como filho que era de uma meretriz. **3** Conta-se que, quando o seu alegado pai, Antonino,

---

<sup>8</sup> Nas crenças populares romanas, Orco era o espírito da morte, confundindo-se com Plutão ou até mesmo com os Infernos, local onde os mortos residem. A sua iconografia representava-o como um gigante barbudo e hirsuto. Vide Lucr. 1.115; 6.763. Esta é a única referência conhecida a um alegado templo dedicado a esta divindade, em Roma. Quanto ao Heliogábalo ou *Heliogabalium*, este templo de Heliogábalos localizava-se no Palatino, junto da posterior igreja de São Sebastião, na Vigna Barberini. Vide R. Turcan 1985 120-121.

<sup>9</sup> Trata-se de Júlia Soémia. Apesar de a forma “Semiamira” ser a mais usual, e que adotamos, o texto latino apresenta a forma *Symiamira*, que em rigor daria “Simiamira” ou “Sumiamira”. Este nome parece evocar o da lendária Semíramis, personagem oriental mítico-lendária associada pelos gregos à Babilónia e referida, entre outros, por Diodoro Sículo (2.4.6) e pelo romance helenístico *Nino e Semíramis*, todavia praticamente desaparecido. Por sua vez, Semíramis deverá estar associada a uma figura histórica, Samuramat, rainha neo-assíria, mulher de Shamshi-Adad V, que viveu no século IX a.C.

<sup>10</sup> O já referido imperador Marco Aurélio Antonino, também conhecido como Caracala (211-217 d.C.).

foi morto pelos partidários de Macrino, ele se refugiou no templo do deus Heliogábalo, como lugar de asilo, para não ser assassinado por Macrino, que então exercia o poder imperial com a maior ferocidade, juntamente com o seu debochado e cruel filho (sc. Diadúmeno). **4** Mas, sobre o nome, basta!, apesar de ele ter manchado aquele que era o nome sagrado dos Antoninos, que tu, ó sacratíssimo Constantino<sup>11</sup>, tanto veneras, ao ponto de teres colocado estátuas em ouro de Marco e de Pio<sup>12</sup> entre os Constâncios e os Cláudios, como se fossem também teus antepassados<sup>13</sup>. Em conformidade com os teus costumes, adotaste as virtudes dos antigos, que tanto prezas e te são caros.

**III 1** Mas regressemos a Antonino Vário. Depois de receber o poder imperial, ele enviou mensageiros a Roma<sup>14</sup>, entusiasmado todas as ordens, e até o povo todo, com o nome de Antonino, que parecia ter sido restituído não apenas em título, como tinha acontecido com Diadúmeno, mas também pelo seu sangue, visto que ele escrevera que era filho de Antonino Bassiano<sup>15</sup>, gerando-se um enorme carinho por ele. **2** Além disso, havia também a fama que, depois de um tirano, costuma recair sobre os novos príncipes e que não permanece senão com os mais virtuosos, e que muitos príncipes medíocres deixaram

---

<sup>11</sup> Esta biografia é dedicada a Constantino-o-Grande, imperador romano de 306 a 324 d.C.

<sup>12</sup> Antonino Pio (governou de 138 a 161 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.).

<sup>13</sup> Referência à genealogia de Cláudio-o-Godo, que Constantino fez relacionar com Constâncio Cloro, em 310 d.C.

<sup>14</sup> Heliogábalo estava então em Antioquia, na Síria. Vide D.C. 79.1.

<sup>15</sup> I.e. Lúcio Septímio Bassiano, que assumiu o nome imperial de Marco Aurélio Antonino e ficou conhecido como Caracala. O autor da biografia da Heliogábalo mistura o nome de nascimento com o nome com que assumiu o poder.

escapar. **3** Assim, quando a carta de Heliogábalos foi lida no senado, de imediato se pronunciaram votos de felicidade a favor de Antonino e maldições contra Macrino e o seu filho. E, de acordo com a vontade e a firme confiança de todos, Antonino foi proclamado príncipe. Assim são as piedosas esperanças dos homens, rápidos a acreditar, quando querem muito que aquilo que desejam se torne realidade. **4** Mas, assim que ele entrou em Roma, negligenciando todos os assuntos das províncias, consagrou Heliogábalos no monte Palatino e ergueu-lhe um templo<sup>16</sup>, próximo das mansões imperiais, com o objetivo de para aí transferir a imagem da Grande Mãe<sup>17</sup>, o fogo de Vesta, o Paládio<sup>18</sup>, os escudos<sup>19</sup> e tudo o que é venerado pelos romanos, de modo a que nenhum outro deus, além de Heliogábalos, fosse cultuado em Roma. **5** Dizia, além disso, que as religiões dos judeus e dos samaritanos, assim como a devoção cristã<sup>20</sup>, deveriam ser também para ali transferidas, de modo a que os sacerdotes de Heliogábalos fossem os guardiões dos mistérios de todos os cultos.

**IV 1** Depois, logo a partir do primeiro dia em que o senado se reuniu, ele mandou convocar a sua própria mãe para

---

<sup>16</sup> Trata-se do *Elagabalium* ou *Heliogabalium*, o templo dedicado à divindade de Émesa e referido em *AntHeliog.* 1.6 supra.

<sup>17</sup> Cibele, a deusa de origem frígia.

<sup>18</sup> O Paládio era a estátua de Atena / Minerva, feita em madeira (*xoanon*), que segundo o mito havia sido roubada de Tróia por Ulisses e Diomedes e levada por Eneias para Roma; cf. Virgílio, *A.* 2.162-194.

<sup>19</sup> Trata-se dos *ancilia* ou doze escudos sagrados de Marte, que eram considerados penhores do império e por isso religiosamente guardados pela confraria dos Sálios.

<sup>20</sup> Ao se referir a judeus, samaritanos e cristãos no mesmo bloco, o autor da biografia revela já consciência das diferenças e, ao mesmo tempo, das afinidades, como a origem oriental, destas crenças, organizações e práticas religiosas.

o senado. **2** Quando ela chegou, foi convidada a sentar-se junto dos cônsules e participou nos trabalhos de redação, ou seja, ela assistiu como terceiro à elaboração dum *senátus-consulto*. Ele foi o único dos imperadores sob quem uma mulher ingressou no senado, tomando o lugar de um homem, como se fosse alguém muito ilustre<sup>21</sup>. **3** Também instalou na colina do Quirinal um pequeno senado, ou seja, um senado de mulheres, no mesmo sítio onde antes se reunia uma assembleia de matronas, ainda que somente em dias solenes ou quando alguma matrona era obsequiada com as insígnias decorrentes do seu casamento com um cônsul. Os antigos imperadores ofereciam essas insígnias às suas parentes, muito em especial àquelas que não tinham maridos nobres, para que elas não perdessem a sua nobreza. **4** Mas, com Semiamira, o senado promulgou *senátus-consultos* ridículos respeitantes à legislação sobre matronas, tais como: quem se poderia apresentar com determinados adereços, quem devia dar precedência a quem, quem devia beijar quem, quem podia andar de carro, quem podia andar a cavalo, quem podia usar um animal de carga ou quem podia andar de burro, quem podia andar num carro puxado a mulas ou num puxado a bois, ou quem podia usar liteira e se esta podia ser de pele ou de osso ou de marfim ou de prata, e quem podia usar sapatos cravejados a ouro ou pedras preciosas.

**V 1** A verdade é que, quando passou o inverno em Nicomédia e se entregou a tudo o que era sórdido e teve relações sexuais passivas e ativas com homens, os soldados logo se arrependeram de ter conspirado contra Macrino para fazerem Heliogábalo príncipe e começaram a inclinar o espírito para

---

<sup>21</sup> O texto latino usa o adjectivo *clarissima*, feminino do epíteto *clarissimus* dado aos senadores.

um primo dele, Alexandre<sup>22</sup>, a quem o senado proclamara César depois de Macrino ter sido assassinado. **2** De facto, quem poderia suportar um príncipe que fazia de todas as cavidades do seu corpo recetáculos de prazer, coisa que ninguém teria tolerado sequer numa besta do mesmo jaez? **2** E até em Roma ele não fez outra coisa senão enviar emissários a procurar por todo o lado homens bem fornidos de órgão sexual para os levarem para a corte, para que pudesse desfrutar dessa característica. **4** Além disso, recriava a história de Páris, em casa, desempenhando ele mesmo o papel de Vénus. De repente, deixava cair aos pés as suas vestes e, com uma mão sobre o seio e outra sobre as partes pudendas<sup>23</sup>, ajoelhava-se nu e erguia o traseiro, que esticava e oferecia ao enrabador. **5** Assumia também no rosto a expressão que os pintores dão a Vénus e depilava todo o corpo<sup>24</sup>, considerando que o principal desfrute da vida consistia em parecer digno e ao mesmo tempo capaz de satisfazer o prazer do maior número de pessoas possível.

**VI 1** Heliogábalos vendia honras, dignidades e poderes, tanto pessoalmente como através dos seus servos e de todos aqueles que lhe proporcionavam prazeres. **2** Fez admissões ao senado sem levar em conta idade, património ou nascimento, sendo o dinheiro o único mérito. E vendeu inclusive os cargos de chefia militar, de tribuno, de legado e de general, e até os de procurador e de oficiais do palácio. **3** Aos aurigas Protógenes e Górdio, antes seus companheiros nas corridas de

---

<sup>22</sup> Alexandre Severo (222-235 d.C.).

<sup>23</sup> Vide Mart. 3.68.4-10.

<sup>24</sup> A depilação tornou-se comum antes do tempo de Heliogábalos. Quintiliano, por exemplo, no século I d.C., já a refere como uma prática bastante difundida em Roma, quer entre mulheres, quer entre homens (1.6.44, 5.9.14; 8. pref.19).

carros, fê-los depois participar em todos os atos da sua vida<sup>25</sup>. **4** Muitos foram os que, por o atraírem fisicamente, ele tirou da cena, do circo e da arena e levou para a corte. **5** Era tal o seu amor por Hiérocles<sup>26</sup> que lhe beijava os órgãos genitais, o que é indecoroso de referir, afirmando que era a sua forma de celebrar os ritos de Flora<sup>27</sup>. Cometeu incesto<sup>28</sup> com uma virgem vestal<sup>29</sup>. **6** Profanou a religião do povo romano, roubando santuários. **7** Quis até extinguir o fogo perpétuo<sup>30</sup>. E não foram apenas as religiões dos romanos que ele quis extinguir, mas as de todo o orbe terrestre, sendo o seu único desiderato fazer com que o deus Heliogábalo fosse adorado em todo o lado. E, estando ele próprio poluído pelo total contágio de maus costumes com todos os que com ele se tinham poluído, irrompeu pelo santuário de Vesta, no qual apenas podem entrar as virgens

---

<sup>25</sup> Protógenes e Górdio são aurigas referidos por outras fontes, nomeadamente D.C. 79.15.1; *IG* 14.2409.2.

<sup>26</sup> Hiérocles era um servo originário da Cária e discípulo de Górdio, como atesta D.C. 79.15-16, cf. 79.19.2, 79.21.3. Foi expulso do palácio imperial em 221 d.C., pela guarda pretoriana.

<sup>27</sup> Os *Floralia*, festivais em honra de Flora, relacionavam-se com o ciclo agrário e celebravam-se de 28 de abril a 3 de maio de cada ano. Caraterizavam-se por práticas liberais, sobretudo na sexualidade, que chegava a ser exposta em encenações de tipo teatral. Ver Tert. *De spect.* 17 e Lact. *Inst. Div.* 1.20.

<sup>28</sup> Quando as vestais ingressavam no colégio de que faziam parte, deixavam a autoridade dos seus pais e tornavam-se “filhas do Estado”. A castidade a que estavam obrigadas estava directamente relacionada com o bem-estar do Estado romano. Por conseguinte, manter relações sexuais com um qualquer cidadão era considerado um ato de traição e um crime de *incestum*. Vide H. N. Parker 2007 80.

<sup>29</sup> Trata-se de Júlia Aquília Severa, com quem Heliogábalo se casou em 221 d.C., depois de se ter divorciado da sua primeira mulher, Júlia Cornélia Paula.

<sup>30</sup> Referência ao fogo de Vesta, chama eterna que ardia no templo da deusa, em Roma.

e os pontífices<sup>31</sup>. **8** Pensando tratar-se de algo genuíno, tentou levar do santíssimo um objecto sagrado, mas furtou, como se fosse verdadeiro, um vaso singelo que a virgem máxima lhe mostrara para o enganar<sup>32</sup>. Quando descobriu que o vaso nada continha, atirou-o ao chão, fazendo-o em pedaços. Mas nada disto prejudicou o culto de Vesta, pois, segundo se diz, tinham sido feitos vários vasos iguais, para que jamais alguém pudesse levar o verdadeiro. **9** Mesmo assim levou consigo a imagem que ele acreditava ser o Paládio<sup>33</sup> e, depois de a ter banhado a ouro, colocou-a no templo do seu deus.

**VII 1** Iniciou-se também nos rituais da Grande Mãe, participando no taurobólio<sup>34</sup>, para que pudesse transportar a imagem da deusa e outros objectos sagrados, que eram mantidos em local absolutamente secreto. **2** Chegou mesmo a agitar a cabeça entre os eunucos do culto, em delírio, a atar os seus próprios genitais e a fazer tudo o que

---

<sup>31</sup> Na verdade, nessa época, enquanto *princeps*, Heliogábalo era também *pontifex maximus* por inerência, com autoridade para entrar no templo. O autor da biografia parece esquecer esse aspeto. Talvez o faça deliberadamente para desacreditar Heliogábalo.

<sup>32</sup> O *Penus Vestae* era o recinto sagrado do templo da deusa, uma espécie de santíssimo do edifício dedicado à deusa romana do fogo. Aí se guardavam vários objetos sagrados que podiam ser manuseados e contemplados apenas pelas vestais e pelos pontífices. Entre eles estaria o Paládio. Cf. Plu. *Cam.* 20.

<sup>33</sup> Vide *AntHeliog.* 3.4 e nota correspondente.

<sup>34</sup> Referência a um ritual de iniciação e purificação relacionado com o culto da Grande Mãe ou Cíbele: o taurobólio, sacrifício de um touro, particularmente popular em Roma nos II e III séculos d.C. O crente, ou neófito, colocava-se dentro de um espaço, como se fosse um poço, coberto com tábuas com orifícios, sobre as quais o touro era sacrificado. O sangue do animal caía então sobre a pessoa ali colocada, purificando-a e iniciando-a no culto de Cíbele, como se de um renascimento espiritual se tratasse. Sobre este culto, vide e.g. M. J. Vermaseren 1977.

era costume os Galos fazerem<sup>35</sup>, e levou para o santuário do seu deus uma imagem que tinha furtado. **3** Também venerou Salambo<sup>36</sup>, com todas as lamentações e gesticulação próprias desse rito siríaco, assim pressagiando a iminência da sua própria ruína. **4** Ele afirmava que todos os deuses eram meros ministros do seu deus, chamando seus camareiros a alguns deles, servos a outros e servidores de diversos assuntos a outros ainda. **5** Quis retirar do seu próprio templo as pedras consideradas divinas e levar do templo de Laodiceia a estátua de Diana, que Orestes ali colocara<sup>37</sup>. **6** Na verdade, diz-se que Orestes terá colocado não apenas uma única estátua de Diana num único lugar, mas sim várias e

---

<sup>35</sup> Alusão a rituais de tipo extático e orgiástico, que incluíam a auto-castração dos sacerdotes de Cíbele, conhecidos como *Galli*. Os Galos ofereciam assim a sua virilidade ao deus que cultuavam, Átis, cujo mito se relacionava com a deusa Cíbele. Este era um culto de origem próximo-oriental e deverá ter-se relacionado também com o culto de Elagábalo, e, conseqüentemente, com o próprio Heliogáballo. Vide D.C. 79.11.3.

<sup>36</sup> Salambo era uma deusa de origem semítica, cujo culto era próximo ou semelhante aos da Afrodite dos gregos e da Tanit dos cartagineses (este por sua vez já subjacente ao culto de Celeste, divindade romana de origem norte-africana). Um dos elementos comuns a estes cultos era a cerimônia de lamentação da deusa e suas sacerdotisas pela morte do jovem deus / herói por quem estava enamorada. No caso da Afrodite grega, isso é perceptível no mito e culto de Adónis.

<sup>37</sup> Alusão ao mito atrida. Laodiceia era uma cidade da costa síria, hoje Lataquia. A divindade feminina local foi identificada com Ártemis *Tauropolos*, que acabou por ser associada a Ártemis Táurica, dada a proximidade fonética dos epítetos. Esta, por sua vez, associou-se ao mito atrida através da tragédia *Ifigénia entre os Tauros*, composta por Eurípidés. Assim, contava-se que a imagem de Ártemis *Tauropolos*, que Seleuco I Nicator oferecera a Laodiceia, era a originalmente trazida por Orestes e Ifigénia do país dos Tauros. Segundo Pausânias (3.16.8), essa mesma imagem teria sido levada da Ática pelos persas para a cidade de Susa, no tempo das guerras medo-persas.

em vários lugares. **7** Depois de se ter purificado nos Três Rios, perto do Hebro<sup>38</sup>, em obediência a um oráculo, Orestes fundou ainda a cidade de Oresta<sup>39</sup>, que um destino fatal tantas vezes manchou de sangue humano. **8** Oresta é também a cidade a que Adriano mandou impor o seu próprio nome no tempo em que começara a padecer de loucura e em obediência a um oráculo que lhe havia respondido que se apoderasse da casa ou do nome de algum louco. **9** Foi por isso, conta-se, que melhorou da sua insanidade, com a qual condenara à morte muitos senadores. Depois de os salvar, Antonino mereceu o nome de Pio **10** ao levá-los para o senado, quando todos pensavam que tinham sido assassinados por ordem do príncipe<sup>40</sup>.

**VIII 1** Heliogábalos fez também sacrifícios humanos, escolhendo para isso crianças da nobreza e de grande beleza, por toda a Itália, que tivessem ainda pais e mães, para que, desse modo, creio eu, a dor, sendo de dois progenitores, fosse maior. **2** Por fim, andava sempre acompanhado de toda a espécie de magos que para ele praticavam diariamente, a seu pedido, e dava graças aos deuses por estes se lhe revelarem favoráveis

---

<sup>38</sup> Rio da Trácia atualmente conhecido como Maritsa (Bulgária). Na atual Edirne (antiga Adrianópolis), o rio Tundža junta-se ao Maritsa, confluindo ambos depois no Arda. Entende-se assim a referência aos “três rios” da região.

<sup>39</sup> Cidade da Trácia mais tarde renomeada Adrianópolis por Adriano, em 132 d.C. (atual Edirne, Turquia). Em 323, esta cidade foi o cenário da batalha que opôs Constantino e Licínio e, em 378, foi o local da derrota de Valente frente aos godos. Alguns autores consideram que estes dois acontecimentos ecoam neste texto, usando o passo como argumento para reforçar a hipótese de a *História Augusta* ser um produto do final do século IV d.C. Mas também nos parece evidente que este período quebra o ritmo da narrativa, sendo muito provavelmente uma adição posterior ao texto central.

<sup>40</sup> Vide SHA *AntHeliog.* 24.4; *Pius* 2.4.

quando examinava as entranhas das crianças e torturava as vítimas seguindo os rituais das suas gentes<sup>41</sup>.

3 Quando iniciou o seu consulado, distribuiu pelo povo não moedas de prata ou de ouro, ou sequer guloseimas ou pequenos animais, mas bois bem engordados, assim como camelos, burros e veados<sup>42</sup>, para que fossem disputados pelo povo, proclamando ser isto digno de um imperador.

4 Atacou ferozmente a fama de Macrino e bem mais ainda a de Diadúmeno por este ter sido chamado Antonino, apelidando-o, por isso, de Falso Antonino<sup>43</sup>, a exemplo de Falso Filipe<sup>44</sup>, e porque, apesar de ser um homem extremamente debochado, ele havia granjeado fama de muito corajoso, muito bom, muito austero e muito rigoroso. 5 E chegou mesmo a

---

<sup>41</sup> Este aspeto é também referido por D.C. 80.11.3. Ao lermos sobre esta questão na vida de um imperador de origem síria, imediatamente recordamos referências como *Lv.* 20.2-5; *2Rs* 23.10; *Jr* 32.35, nas quais se alude à prática de sacrifícios de crianças a Moloch, entre os cananeus. Vide S. Ribichini 2020-2021.

<sup>42</sup> Algumas lições indicam aqui o termo *seruos* e não *ceruos*, que assumimos. Efetivamente, a aceitar-se a leitura *seruos*, deparamos com o problema de resolver a sua eventual relação com *diripiendos* (de *diripio*, “partir em pedaços”). Levando em conta o contexto, não seria inusitado pensar que o autor se referia a uma distribuição de servos pela população de Roma, matando-os e despedaçando-os. Mas o facto é que, apesar de tudo, de toda a alegada vilania e desumanidade de Heliogábalos, faz mais sentido assumir aqui o substantivo *ceruus* (“veado” ou “cervo”, consonante com os bois, camelos e burros mencionados antes), considerando a proposta *seruus* um erro de leitura.

<sup>43</sup> Ver D.C. 78.34.3.

<sup>44</sup> A frase *ut Pseudophilippum* que aqui traduzimos não aparece em todas as lições da *Vida de Heliogábalos*. De qualquer modo, a referência alude ao nome dado a Andrisco, um aventureiro que em 148 a.C. apareceu na Macedónia e que se fez passar por Filipe, o filho do rei Perseu. Heliogábalos usaria essa fórmula para se referir a Diadúmeno. Vide Liv. *Epit.* 49.50.52; D.C. 32.9.

coagir alguns escritores a referirem coisas execráveis, senão mesmo ímpias, sobre os excessos de Diadúmeno, tal como está escrito na biografia dele.

**6** Instalou banhos públicos nos edifícios da corte, ao mesmo tempo que abriu ao público os de Plauciano, para desse modo aí recrutar homens bem fornidos de órgãos sexuais. **7** E procurou diligentemente, por toda a cidade e junto dos marinheiros, os “armados como um burro”<sup>45</sup>, que era o que se chamava aos que pareciam ser bastante viris.

**IX 1** Como Heliogábalos estava determinado a fazer guerra contra os marcomanos, a qual tinha já sido levada a cabo com muito êxito por Antonino, alguns disseram-lhe que Marco Antonino a tinha conduzido com a ajuda de caldeus<sup>46</sup> e de magos, para que desse modo os marcomanos<sup>47</sup> se tornassem de uma vez por todas amigos dedicados do povo romano, e que isso fora feito com encantamentos e fórmulas mágicas. Mas quando ele quis saber em que consistia e onde podia encontrar isso, não obteve resposta. **2** Na verdade, constava que ele procurava saber dessa execração apenas para a neutralizar, na esperança de desencadear a guerra, tanto mais que tinha ouvido que um oráculo predissera que só um Antonino terminaria a guerra contra os marcomanos. E por isso chamavam-lhe Vário e Heliogábalos e era alvo de chacota pública, pois manchava o nome Antonino, de que se apropriara. **3** No entanto, ele foi

---

<sup>45</sup> A tradução literal da palavra grega *onobelos*, latinizada como *onobelus*, será “lança de burro” ou “verga de burro”, i.e. Heliogábalos teria procurado homens cujos pênis fossem tão grandes e desmesurados quanto os de um burro. Cf. SHA *CommAnt.* 10.9.

<sup>46</sup> Nome com que, na literatura latina, é frequente aludir aos astrólogos, pela associação destes à Babilónia e aos caldeus do período neo-babilónico.

<sup>47</sup> Tribo germânica que habitava a região ao sul do rio Danúbio.

traído sobretudo por aqueles que se ressentiram pelo facto de ele ter preferido homens bem fornidos de grandes testículos e de pénis maiores do que os deles, para assim satisfazer os seus desejos. Foi então que alguns começaram a pensar na sua morte. Mas, quanto a assuntos domésticos, basta.

**X** 1 Ora os soldados não mais conseguiam suportar uma peste como aquela, enfeitada com o nome de imperador, e começaram a trocar palavras, primeiro entre si e depois em grupos, virando-se todos para Alexandre, que, por essa altura<sup>48</sup>, já fora proclamado César pelo senado e que era primo do nosso Antonino, tendo ambos Vária como avó, sendo por causa dela que Heliogábalo era chamado Vário.

**2** Sob ele, Zótico<sup>49</sup> teve tanta influência que todos os responsáveis de cargos o consideravam o marido do senhor. **3** Além disso, era este mesmo Zótico que, abusando desse tipo de intimidade, vendia todas as palavras e gestos de Heliogábalo — ainda que tudo aquilo não passasse de ilusão —, ameaçava uns, fazia promessas a outros, enganava a todos, assim reunindo uma enorme riqueza. Quando ficava só, abordava cada um deles, dizendo: “isto é o que disse sobre ti”, “isto é o que ouvi acerca de ti”, “isto é o teu futuro”. **4** Assim são os homens deste jaez: quando admitidos numa excessiva familiaridade com um príncipe, vendem a fama dos maus e dos bons príncipes e, aproveitando-se da estultícia ou da ingenuidade dos imperadores que disso não se apercebem, alimentam-se de boataria infame. **5** Foi a esse homem que Heliogábalo se uniu através de

---

<sup>48</sup> Algumas lições incluem a frase *eo tempore quo Macrinus interemptus* “no tempo em que Macrino foi assassinado”, mas nem todos os editores a consideram.

<sup>49</sup> Aurélio Zótico era um atleta originário de Esmirna, levado para Roma por ordem de Heliogábalo.

núpcias, estando presente inclusive uma prónuba<sup>50</sup> que gritava: “Afinfa-lhe, cozinheiro!” E isso aconteceu numa altura em que Zótico estava doente<sup>51</sup>. **6** Depois perguntava, sem qualquer vergonha, a filósofos e a varões muito austeros, se também eles, na sua juventude, se tinham sujeitado ao mesmo que ele. **7** É que ele nunca se poupava a palavras infames, acompanhadas de gestos vergonhosos com os dedos, e não mostrava qualquer pudor, estivesse numa assembleia, estivesse numa audiência com o povo.

**XI 1** Heliogábalo fez dos seus libertos governadores, legados, cônsules, generais, e poluiu todos os cargos com a baixeza de homens da pior espécie. **2** Quando convidou uns amigos nobres para as vindimas, sentou-se entre os cestos e começou a perguntar a cada um dos mais austeros que ali estavam se ainda eram capazes de fazer sexo. Ao ver corar os mais velhos, exclamou: “Corou! Ainda há esperança!”<sup>52</sup>, assumindo o silên-

---

<sup>50</sup> *Pronuba*, mulher que, tendo sido casada apenas uma única vez, acompanhava a noiva no dia da boda e a conduzia ao leito nupcial e a instruí-a relativamente ao que se deveria seguir.

<sup>51</sup> A expressão latina é *concide Magire* (do grego Μάγειρος, “cozinheiro”), literalmente, “despedaça, ó cozinheiro”. Zótico seria alcunhado de “cozinheiro” porque o pai dele exercia esse ofício. A fórmula, no entanto, deveria ter um sentido essencialmente obsceno, como conseguimos apreender pela leitura complementar de D.C. 79.16. Durante a boda, o rival de Zótico, Hiérocles, ter-lhe-ia dado a beber uma poção para o privar de quaisquer capacidades. Consequentemente, Zótico terá sido incapaz de manter uma ereção, o que deverá justificar o uso aqui do verbo *aegroto* e o que teria feito com que o príncipe o expulsasse do palácio imperial. A fórmula usada remete por certo para cenas plautinas, autor que apresenta sempre os cozinheiros de forma brutalhada e não raramente associados a uma linguagem intencionalmente ambígua, entre o universo culinário e a sexualidade.

<sup>52</sup> O autor da vida de Heliogábalo recorre novamente à comédia, desta vez a de Terêncio, *Adelphoi* 643. Literalmente, a fórmula diz: “Corou! A coisa está salva!” (*Erubuit, salua res est*).

cio e o rubor como concordância. **3** Depois, contou os seus próprios feitos, sem qualquer véu de pudor. **4** Ao ver os velhos corar e calar-se, pois tudo aquilo era contrário tanto à idade como à dignidade deles, virou-se para os jovens e começou a fazer-lhes perguntas acerca de tudo. **5** E quando deles ouviu respostas congruentes com a sua idade, manifestou o seu regozijo, dizendo que vindimas como aquelas eram celebrações verdadeiramente livres<sup>53</sup>. **6** São muitos os que dizem que ele mesmo foi o primeiro a promover a prática de, durante as festas das vindimas, os escravos lançarem contra os seus donos, inclusive na presença deles, muitos remoques, que ele mesmo compusera, sobretudo em grego. Mário Máximo transcreve muitos deles na sua vida do próprio Heliogábalo. **7** Ele tinha uns amigos depravados, alguns já velhos, com ares de filósofos, que enfiavam a cabeça numa rede, que diziam praticar todo o tipo de torpezas e que se jactavam de ter maridos. Mas alguns dizem que eles fingiam, para, ao imitarem os seus vícios, serem mais apreciados por Heliogábalo.

**XII 1** Nomeou um dançarino, que em Roma fora histrião, para a prefeitura do pretório<sup>54</sup>; fez de Górdio, um auriga, prefeito dos guardas noturnos<sup>55</sup>; e de Cláudio, um cabeleir-

---

<sup>53</sup> Com a fórmula *uere liberam uindemiam*, o autor pretende afirmar que a frase atribuída ao imperador tinha um sentido licencioso, mas acentuando-se também a relação com Líber, antiga divindade itálica que acabou por ser associada e até mesmo sincretizada com o grego Baco / Dioniso, e com Líbera, versão feminina dessa antiga divindade.

<sup>54</sup> Eventualmente, Públio Valério Comazão Eutiquiano, um liberto membro de uma família de dançarinos e atores que substituiu Mário Máximo no cargo de prefeito da cidade; cf. D.C. 80.21.2; Herodiano 5.7.6, que refere o dançarino promovido a prefeito, sem, no entanto, o nomear.

<sup>55</sup> O *praefectus uigilum* era um dos comandantes das sete coortes criadas por Augusto e recrutadas de entre escravos e libertos, as quais

reio, prefeito da anona<sup>56</sup>. **2** Promoveu às restantes honrarias gente que lhe era recomendada apenas pela enormidade dos seus membros pudibundos. Não só pôs um muleteiro como curador do imposto que cobrava um vigésimo das heranças<sup>57</sup>, como nomeou um corredor, um cozinheiro e um serralheiro. **3** Quando entrava num acampamento ou na cúria, levava consigo a avó, que se chamava Vária, de quem falámos acima<sup>58</sup>, para, através da autoridade dela, beneficiar de um prestígio que ele, por si, não possuía. E, como já referimos, antes dele nenhuma outra mulher tinha entrado no senado para ser convidada a redigir decretos ou emitir pareceres. **4** Nos banquetes, colocava preferencialmente prostitutos<sup>59</sup> ao seu lado, sentindo especial prazer nos seus toques e carícias. Quando bebia, eram eles que normalmente lhe passavam a taça.

**XIII 1** Entre as calamidades de uma vida extremamente dissoluta, mandou que Alexandre, a quem tinha adotado, fosse afastado de si, dizendo que se arrependia da adoção; e ordenou ao senado que lhe retirasse o nome de César. **2** Mas quando isso foi anunciado no senado, fez-se um enorme silêncio,

---

tinham a função de combater incêndios e assegurar a ordem na cidade durante a noite. Este Górdio é referido em outros passos: *AntHeliog.* 6.3 e 15.2.

<sup>56</sup> O *praefectus annonae* era um cargo criado por Augusto, confiado a membros da ordem equestre, que tinha a função de zelar pelo abastecimento da cidade. Originalmente, eram os edis os responsáveis por essa função.

<sup>57</sup> I.e. 5% de imposto, que era cobrado sobre as heranças (imposto sucessório). Esse serviço era por norma desempenhado por um procurador, não raramente de origem equestre.

<sup>58</sup> Cf. supra 10.1. Em *AntHeliog.* 4.2, a mulher referida é a mãe de Heliogábalos.

<sup>59</sup> O termo latino usado é *exoleti*, i.e. “usados”, “amadurecidos”, “pervertidos”, “degenerados”, “rapazes favoritos” ou “prostitutos”.

pois Alexandre era um excelente rapaz, o que mais tarde foi confirmado pela sua forma de exercer o poder imperial, desagradando ao seu pai apenas por não ser dissoluto. **3** Por outro lado, dizem alguns, ele era primo de Heliogábalos, amado pelos soldados e bem aceite pelo senado e pela ordem equestre. **4** Nem isso o dissuadiu da loucura de ir até ao fim com o seu terrível projeto de morticínio. Assim, contra ele enviou assassinos, como passo a expor: **5** deixando no palácio a mãe, a avó e o primo, o próprio imperador isolou-se nos jardins da Esperança Antiga<sup>60</sup>, como se fosse formular votos contra um jovem inocente, e assim mandou assassinar um excelente rapaz, indispensável à república. **6** Também enviou uma carta aos soldados, na qual mandava retirar o nome de César a Alexandre; **7** e enviou indivíduos para, no acampamento, cobrirem de lama as inscrições das suas estátuas, como é costume fazer-se com os tiranos; **8** enviou, ainda, quem transmitisse ordens aos seus educadores para que, sob promessa de prémios e honrarias, o matassem como quisessem: ou no banho ou com veneno ou pela espada.

**XIV 1** Mas os vis nada podem contra os inocentes. Com efeito, ninguém se deixou pressionar para cometer tamanho crime, pelo contrário, as armas que preparava contra os outros viraram-se contra o próprio: de facto, foi morto pelas mesmas armas com que procurava atacar outros.

**2** Mas, assim que as inscrições nas estátuas foram cobertas de lama, todos os soldados ficaram furiosos e, espalhando-se,

---

<sup>60</sup> A *Spes Vetus*. Trata-se dos jardins do templo da Esperança, construído durante a I Guerra Púnica, restaurado primeiro em 212 a.C. e, depois, em 17 d.C., por ordem de Germânico. Localizava-se no Esquilino, mais concretamente no *forum holitorium* ou mercado dos legumes.

parte deles dirigiu-se ao palácio, outra parte aos jardins onde Vário estava para vingarem Alexandre e finalmente expulsarem da república um homem impuro e de alma parricida<sup>61</sup>. **3** Ao chegarem ao palácio, conduziram Alexandre, a mãe e a avó<sup>62</sup> ao acampamento, colocando-os sob a sua diligente proteção. **4** Preocupada com o filho, Semiamira, a mãe de Heliogábalo, seguiu-os a pé. **5** Dali, foram para os jardins, onde encontraram Vário a organizar um concurso de aurigas e ansiosamente à espera do momento em que lhe anunciariam que o primo estava morto. **6** Aterrorizado com a súbita gritaria dos soldados, escondeu-se no canto de um quarto cobrindo-se com o anteparo de uma cortina que estava à entrada do quarto<sup>63</sup>, **7** depois de enviar um dos prefeitos a acalmar os soldados nos acampamentos e outro a apaziguar os que já tinham chegado aos jardins. **8** Então um desses prefeitos, Antioquiano, convenceu os soldados que tinham ido para os jardins, lembrando-lhes o juramento militar que tinham feito, a não matarem Heliogábalo, até porque nem eram muitos os que até ali tinham chegado, tendo a maior parte deles ficado junto do estandarte que o tribuno Aristómaco mantinha consigo na retaguarda. Foi isto que aconteceu nos jardins.

**XV 1** Porém, nos acampamentos, aos pedidos do prefeito os soldados responderam que poupariam Heliogábalo se ele arredasse de si os homens impuros, os aurigas, os histriões, e se regressasse aos bons valores, apartando de si sobretudo aqueles que, para sofrimento de todos, tinham muito poder

---

<sup>61</sup> O texto latino usa *parricidalis*, que remete para *parricida*, sobre cujo significado ver supra *AntHeliog.* 1.5 e nota correspondente.

<sup>62</sup> De Heliogábalo, naturalmente. Ainda que a avó de Heliogábalo, Vária, fosse também avó de Alexandre.

<sup>63</sup> Cena com reminiscências de Suet. *Cl.* 10.1-2.

sobre ele e aqueles que vendiam tudo o que vinha dele, fosse realidade ou ilusão. **2** Foram assim dele afastados Hiérocles, Górdio, Mirismo<sup>64</sup> e dois familiares ímprobos que o tornavam ainda mais louco do que o louco que ele já era. **3** Além disso, os soldados ordenaram aos prefeitos que não permitissem que ele levasse por mais tempo aquele tipo de vida, que protegessem Alexandre, que nenhuma violência se abatesse sobre ele e que, ao mesmo tempo, o César não contactasse com nenhum dos amigos do Augusto<sup>65</sup> para que a sua depravação não fosse imitada. **4** Heliogábalo, porém, não só pedia insistentemente para ver Hiérocles, esse homem impudico, como continuava a maquirar ciladas diariamente contra o César. **5** E, nas calendas de janeiro<sup>66</sup>, tendo ambos sido designados cônsules, Heliogábalo não quis apresentar-se publicamente com o primo. **6** Por fim, como a avó e a mãe lhe disseram que os soldados estavam na iminência de o eliminar, no caso de verificarem que os dois primos não chegavam à concórdia entre si, pela sexta hora do dia envergou a toga pretexta<sup>67</sup> e apresentou-se no senado, depois de a avó ser convocada para o senado e mandada sentar na sua cadeira. **7** No entanto, posteriormente recusou ir ao Capitólio pronunciar os votos e executar os ritos solenes, pelo que todos os atos foram executados pelo pretor urbano, como se os cônsules não estivessem ali presentes.

**XVI 1** Heliogábalo não abandonou a ideia de executar o primo, mas, temendo que o senado se inclinasse para apoiar outro qualquer, caso ele matasse o primo, ordenou aos

---

<sup>64</sup> Não temos mais informação acerca desta personagem, apesar de o seu nome surgir numa inscrição; cf. *PIR* II, p. 395, nº 563.

<sup>65</sup> I.e., Alexandre Severo (César) e Heliogábalo (Augusto).

<sup>66</sup> A 1 de janeiro de 222 d.C.

<sup>67</sup> Toga debruada a púrpura, usada pelos rapazes romanos antes de assumirem a toga viril.

senadores que abandonassem a cidade de imediato. E foi ordenado que todos partissem de imediato, inclusive os que não tinham veículos ou servos, pelo que uns foram transportados por carregadores, outros por animais encontrados ao acaso ou a troco de pagamento. **2** E como Sabino<sup>68</sup>, um homem de estatuto consular a quem Ulpiano dedicou alguns livros<sup>69</sup>, ficou na cidade, Heliogábalo chamou um centurião e, em voz baixa, deu-lhe ordem de o matar. **3** Mas como o centurião era bastante duro de ouvido, pensou que lhe fora ordenado que o expulsasse da cidade, o que fez. Assim, foi graças a um defeito físico do centurião que Sabino se salvou<sup>70</sup>. **4** Heliogábalo afastou também o jurisconsulto Ulpiano apenas porque era um homem bom, e o retor Silvino, que ele nomeara professor do César. Também Silvino foi morto, mas Ulpiano foi poupado. **5** Porém, os soldados, sobretudo tratando-se de pretorianos, ou porque estavam cientes dos malefícios que Heliogábalo maquinava <contra Alexandre>, ou porque viam que <a sua simpatia por Alexandre> lhe causava inveja, <conferenciaram entre si e> organizaram uma conspiração para libertar a república. Assim, primeiro <mataram, dando-lhes vários> tipos de morte, os cúmplices <da sua libidinagem>: a uns, eliminaram-nos, depois

---

<sup>68</sup> Trata-se muito provavelmente de Fábio Sabino, membro do conselho de Alexandre Severo.

<sup>69</sup> O famoso jurista romano Domício Ulpiano (150-223 d.C.) escreveu um comentário a um outro célebre jurisconsulto do século I, chamado Masúrio Sabino, que, todavia, não será o indivíduo aqui mencionado; este deverá ser Fábio Sabino, referido também pelos SHA *AlexSev.* 68.1, onde é identificado como filho de um outro Sabino, “um Catão do seu tempo”. Sobre a questão, vide R. Turcan 1993 190.

<sup>70</sup> A fórmula latina *sic uitium ... saluti fuit* implica um jogo de palavras que remete para uma ironia difícil de traduzir de modo satisfatório em português, designadamente “assim, por uma doença... foi a saúde”.

de lhes cortarem os genitais; a outros, empalaram-nos, para que a sua morte estivesse de acordo com a sua vida.

**XVII 1** Depois lançaram-se contra ele e mataram-no numa latrina onde se refugiara. De seguida, arrastaram-no pelas vias públicas. Por fim, juntou-se a profanação do cadáver, que os soldados atiraram para um esgoto. **2** Mas como aconteceu não caber no esgoto, lançaram-no da ponte Emília<sup>71</sup> ao Tibre, amarrado a um peso para que não flutuasse e jamais pudesse ser sepultado. **3** E antes de ser lançado ao Tibre, o cadáver também foi arrastado pela arena do circo. **4** Por ordem do senado, o seu nome, isto é, Antonino, foi apagado, ficando o de Vário Heliogábalo, uma vez que usara indevidamente aquele, no desejo de ser visto como filho de Antonino. **5** Depois da sua morte, foi apelidado de Tiberino<sup>72</sup>, Arrastado<sup>73</sup> e Impuro e muitos outros nomes, conforme os acontecimentos vividos no tempo dele a que queriam referir-se. **6** De todos os príncipes, foi ele o único a ser arrastado, atirado para um esgoto e lançado ao Tibre. **7** Isto aconteceu por motivo do ódio partilhado por todos, contra o qual devem os imperadores precaver-se, pois também não merecerão sepultura aqueles que não merecerem o amor do senado, do povo e dos soldados.

**8** Das obras públicas que levou a cabo, não resta nenhuma para além do templo dedicado ao deus Heliogábalo, a quem alguns chamam Sol e outros Júpiter; do anfiteatro que foi restaurado depois de um incêndio<sup>74</sup>; e dos banhos do bairro

---

<sup>71</sup> Trata-se da primeira ponte construída em pedra e em arcada sobre o Tibre, entre 179 e 142 a.C.

<sup>72</sup> Cf. D.C. 80.1.1; 80.21.3.

<sup>73</sup> *Tractaticius*, por ter sido arrastado em cadáver pelas ruas.

<sup>74</sup> Incêndio que ocorreu sob o principado de Macrino, em 217 d.C.; D.C. 77.25.2-3.

Sulpício, que foram começados por Antonino, o filho de Severo<sup>75</sup>. **9** Esses banhos foram consagrados por Antonino Caracala, que aí se banhou e os abriu ao público. Mas faltavam então os pórticos, que foram depois erguidos pelo nosso alegado Antonino e concluídos por Alexandre<sup>76</sup>.

**XVIII 1.** Este foi o último dos Antoninos (apesar de muitos considerarem que, mais tarde, os Gordianos usaram o cognome Antonino; mas, na verdade, eram chamados Antónios, não Antoninos), tão odioso pela sua vida, pelos seus costumes e depravação que o senado apagou o seu nome<sup>77</sup>.

**2** Nem eu devia chamar-lhe Antonino, a não ser por uma questão de identificação, que muitas vezes obriga a que até se usem nomes que foram abolidos. Com ele, foi assassinada a mãe, Semiamira, uma mulher absolutamente infame e digna do seu filho<sup>78</sup>. **3** Depois da morte de Antonino Heliogábalo, promulgou-se, antes de mais, que mulher alguma entraria no senado e que seria consagrada aos infernos e amaldiçoada a cabeça de quem tal promovesse.

**4** Acerca da sua vida, foram escritas muitas obscenidades, das quais, por serem dignas de memória, considerei pertinente registar apenas as que dizem respeito aos excessos, alguns alegadamente cometidos quando era ainda um cidadão privado, outros quando era já imperador. O próprio dizia que, como

---

<sup>75</sup> Antonino Caracala.

<sup>76</sup> Cf. SHA *AlexSev.* 25.6.

<sup>77</sup> Alusão à prática romana da *damnatio memoriae*. Segundo SHA *Gord.* 3.3, Gordiano I terá escrito uma *Antoniniáda*, epopeia em trinta livros sobre os principados de Antonino Pio e Marco Aurélio.

<sup>78</sup> Em D.C. 79.20.2, lemos que Heliogábalo foi morto nos braços da mãe, tendo os corpos de ambos sido depois arrastados pelas ruas de Roma.

cidadão privado, imitava Apício<sup>79</sup>, mas, como imperador, imitava <Nero>, Otão e Vitélio.

**XIX 1** Com efeito, Heliogábalo foi o primeiro de todos os cidadãos privados a cobrir leitos com coberturas entretecidas a ouro, o que então era permitido seguindo o exemplo de Marco Antonino<sup>80</sup>, que tinha vendido em hasta pública o mobiliário imperial. **2** Depois, ofereceu banquetes estivais coloridos: hoje verde, outro dia transparente, depois azul-marinho, e assim sucessivamente, variando as cores durante todos os dias de verão. **3** Ele foi também o primeiro a possuir fogareiros de prata, o primeiro com caçarolas de prata, assim como vasos de cem libras de prata, cinzelados, alguns conspurcados com figuras muito libidinosas. **4** Foi ele o inventor do vinho aromatizado com mástique e com poejo<sup>81</sup>, e tudo aquilo que ainda hoje apreciamos como luxo. **5** Quanto ao vinho rosado<sup>82</sup>, cuja receita era de outros, melhorou o seu aroma com pinhões ralados. Com efeito, este tipo de bebida não se encontra descrito

---

<sup>79</sup> Marco Gávio Apício (25 a.C.-37 d.C.), gastrônomo latino, terá escrito um tratado culinário conhecido ou reformulado como *De re coquinaria*. Os capítulos seguintes desta biografia parecem de alguma forma inspirados pela obra de Apício, sugerindo imitação, senão mesmo paródia do gastrônomo.

<sup>80</sup> I.e. Marco Aurélio (121-180 d.C.). Cf. SHA *AntPhil.* 17.4-6, 21.9. O texto latino emprega *torus*, mas não o adjetivo *nuptialis*, o que, além do contexto simposial do passo, reforça a ideia de tratar-se de um leito convivial e não nupcial.

<sup>81</sup> O texto refere *mastichatum et puleiatum*, subentendendo-se “vinho”. Mástique é uma resina que se obtém do lentisco e que origina uma espécie de goma que pode ser mastigada. Cf. Apício 1.1.1,

<sup>82</sup> Ao contrário do que se poderá pensar, não seria um “vinho-rosé”, mas um vinho aromatizado com rosas. Cf. Apício 1.3.1. O *rosatum* era um vinho preparado com o resultado da maceração de pétalas de rosas frescas, renovadas por três vezes de sete em sete dias, a que se juntava mel antes de ser consumido. Vide J. André 1981 166.

antes de Heliogábalos. **6** Para ele, a vida não era mais do que buscar novos prazeres. Ele foi o primeiro a confeccionar pastéis de peixe, o primeiro a fazê-los de ostras, de ostras de concha lisa<sup>83</sup> e de outros bivalves marinhos semelhantes, de lagosta, de camarão e de esquilas. **7** Cobriu de rosas triclinios, leitos e pórticos, passeando-se depois por cima deles. Fez o mesmo com todo o tipo de flores: lírios, violetas, jacintos e narcisos<sup>84</sup>. **8** Só nadava em piscinas perfumadas com perfumes nobres e impregnadas de açafraão. **9** E só gostava de se reclinar em acúbitos que estivessem cobertos com peles de lebre ou com penas da parte inferior das asas de perdiz, trocando, aliás, muitas vezes de coxins.

**XX 1** Por vezes, desprezou de tal modo o senado que aos senadores chamava “servos togados”, dizia que o povo romano era “lavrador de um só campo” e tinha a ordem equestre

---

<sup>83</sup> As lições publicadas por Robert Turcan (Belles Lettres) e André Chastagnol (Robert Laffont) lêem *lithostreis*, abstendo-se o segundo de propor uma tradução específica para o termo, e avançando o primeiro com o qualificativo *pierreuses* para classificar este tipo de ostras. No entanto, em grego e em latim, *lithostrotos* e *lithostrotum* será algo relacionado com pavimento de mosaicos. Como o mosaico é constituído por pequenos quadrados de pedra ou vidro justapostos, poderá sugerir-se algo de aparência escamosa, tal como o mosaico. *Lithostrea* será mesmo um *hapax*. Em contrapartida, a lição publicada por David Magie escreve a forma *leiostreis*. De facto, *leiostreum*, ou *liostracon*, deverá relacionar-se com fauna malacológica. Daí a proposta de tradução “similar shell-fish” que encontramos nessa edição (Loeb). Literalmente, o grego e o latim *leiostreis* indicam “ostra de concha lisa”, o que sugere algo como o *isognomon*, um molusco bivalve marinho semelhante às ostras. Vide A. C. Andrews 1948. Cf. Apício 2.1.1.

<sup>84</sup> Estas são as mesmas flores que aparecem na antologia de Perséfone, no *Hino Homérico a Deméter* 5-10, 425-430. O tópico é também usado por Ovídio, *Fast.* 4.437-441 e Claudiano, *De raptu Proserp.* 2.128-132, no âmbito do mesmo episódio mitológico. Deverá tratar-se, portanto, da evocação de um tópico literário.

como um estatuto nulo. **2** Frequentemente, convidava o prefeito da cidade para beber, depois do jantar<sup>85</sup>, juntamente com os prefeitos do pretório, que, no caso de recusarem, eram obrigados a aceitar o convite pelos mestres dos ofícios<sup>86</sup>. **3** Também quis criar prefeitos urbanos em cada uma das regiões da Urbe<sup>87</sup>. E tê-lo-ia feito se tivesse vivido mais tempo, para tal promovendo todos os homens mais torpes e das mais baixas profissões.

**4** Ele possuía leitos feitos de prata maciça nos triclinios e nos quartos. **5** Imitando Apício, acontecia muitas vezes comer cascos de camelos, cristas de galinhas cortadas estando elas ainda vivas, línguas de pavão e de rouxinol, porque se dizia que comer isso prevenia a peste. **6** E aos do palácio, ele servia enormes travessas cheias de miúdos de salmonete, mioleira de flamingo, ovos de perdiz, mioleira de tordo e cabeças de papagaio, de faisão e de pavão. **7** E, em vez de mastruços ou de erva-cidreira ou de favas em vinagre ou de feno-grego, mandava servir barbatanas de salmonete de grande tamanho em vasos de cozer favas bem cheios e em pratos redondos. Era tudo realmente de pasmar.

**XXI 1** Heliogábalo alimentava os cães com fígados de ganso. Comprazia-se com leões e leopardos destituídos de garras, devidamente adestrados por domadores, que, inesperadamente, durante o segundo ou terceiro prato, mandava deitar junto dos convivas, todos eles ignorantes de que os animais estavam desprovidos de garras, assim provocando um

---

<sup>85</sup> Esta prática correspondia ao chamado simpósio (*symposion*, termo grego) ou convívio (*conuiuium*, termo latino).

<sup>86</sup> *Magistri officiorum*, os chefes das várias secções administrativas.

<sup>87</sup> A divisão de Roma em catorze regiões, entregues a catorze *curatores*, foi feita por Alexandre Severo, SHA *Alex.Sev.* 33.1.

pavor que suscitava riso. **2** Enviava uvas de Apameia<sup>88</sup> para os estábulos dos seus cavalos e alimentava os leões e outros animais com papagaios e faisões. **3** Durante dez dias, à ordem de trinta por dia, serviu úberes de porca com as respetivas vulvas, ervilhas com moedas de ouro, lentilhas com ceráunia<sup>89</sup>, favas com âmbar e arroz com pérolas brancas<sup>90</sup>. **4** Também polvilhou peixes e trufas com pérolas brancas em vez de pimenta. **5** E cobria os seus parasitas<sup>91</sup>, reclinados em triclínios giratórios<sup>92</sup>, com violetas e outras flores, ao ponto de alguns, incapazes de se reerguerem, terem exalado a alma. **6** Misturava na água das piscinas e das banheiras vinho aromatizado, vinho com rosas e com absinto. Depois, convidava a multidão a beber e ele próprio bebeu tanto com o povo que, quando se aperceberam da quantidade que, só ele, tinha bebido, pensaram que tinha bebido uma piscina inteira. **7** Como presentes

---

<sup>88</sup> Muito provavelmente, a cidade siríaca, localizada nas margens do Orontes.

<sup>89</sup> Pedra preciosa que a tradição popular diz ter origem nos raios que caem na terra.

<sup>90</sup> O carácter inusitado do que Heliogábalos teria servido, segundo o autor da *História Augusta*, só pode ter como objectivo acentuar a extravagância e a natureza alegadamente estranha, exótica, oriental, do imperador.

<sup>91</sup> “Parasitas” eram, entre os gregos, aqueles que ajudavam os sacerdotes nos vários cultos. Entre os romanos, eram aqueles que ajudavam os oficiais civis nas celebrações religiosas, sendo mantidos pelo Estado. Originou-se aí o sentido pejorativo do termo, uma vez que passaram a ser associados àqueles que comiam à custa de outros, tornando-se mesmo uma personagem-tipo da comédia latina.

<sup>92</sup> Aparentemente, fala-se de um mecanismo que permitia a mobilidade da sala, próximo do referido por Petrónio no episódio de Trimalquião (*Sat.* 60) e por Suetónio na biografia de Nero (31). Assim, trata-se possivelmente do recurso a um *topos* literário, intencionalmente usado na biografia de Heliogábalos.

de mesa<sup>93</sup>, ofereceu eunucos, ofereceu quadrigas, cavalos com arreios, mulas, liteiras, carros de viagem e também ofereceu mil moedas de ouro e cem pesos de prata.

**XXII 1** Heliogábalo sorteava entre os convivas prêmios de lotaria gravados em colheres, de tal natureza que um saía dali com “dez camelos”, outro com “dez moscas”, outro com “dez libras de ouro”, outro com “dez de chumbo”, outro com “dez avestruzes” outro com “dez ovos de galinha”: eram verdadeiros sorteios em que os destinos mandavam.

**2** Heliogábalo fez o mesmo nos jogos que organizava, sorteando dez ursos, dez arganazes, dez alfices, dez libras de ouro. **3** Aliás, foi o primeiro a instituir este gênero de sorteios, que ainda hoje vemos. E, na verdade, foi também para um sorteio que ele convidou atores, a quem couberam em sorte cães mortos, uma libra de carne de boi, cem moedas de ouro, mil de prata<sup>94</sup>, cem bolsas de moedas de bronze<sup>95</sup> e outras coisas que tais. **4** E o povo aceitou tudo isto com tanto agrado que se congratulava por tê-lo como imperador.

---

<sup>93</sup> Os *apophoretai* eram presentes usualmente dados a convivas em circunstância de banquete.

<sup>94</sup> *Argenteus* foi uma moeda de prata criada no tempo de Diocleciano, que governou entre 284 e 305 d.C., depois de Heliogábalo, para substituir o *antoninianus* e relançar o denário do tempo de Nero. Por conseguinte, trata-se de um anacronismo incluído nesta biografia e o autor deverá estar a utilizar uma terminologia do seu próprio tempo, não do tempo do biografado.

<sup>95</sup> Estas moedas de bronze, *folles aeris*, foram, na verdade, também uma criação do imperador Diocleciano. Trata-se, portanto, de mais um anacronismo. No tempo de Diocleciano, um *follis aeris* era equivalente a dois denários. O termo *follis* passou também a significar “saco de couro para moedas” e, por isso, a ser sinónimo de grandes quantidades de dinheiro.

**XXIII 1** Conta-se que, no circo, ofereceu jogos navais em euripos<sup>96</sup> cheios de vinho, que derramou óleo de enanto sobre os mantos dos espetadores, que conduziu no Vaticano quadrigas puxadas por quatro elefantes<sup>97</sup>, destruindo os sepulcros que os obstaculizavam, que jungiu quatro camelos a um carro, num espectáculo privado, no circo. **2** Conta-se que, com a ajuda de sacerdotes do povo dos marsos<sup>98</sup>, juntou algumas serpentes, e que, de repente, antes de amanhecer, quando o povo costuma afluir a jogos muito concorridos, elas se espalharam por todo o lado, de modo que muitas pessoas foram vítimas das mordeduras ou da fuga. **3** Ele usava túnicas todas de ouro, usava outras em púrpura, usava também túnicas persas com pedras preciosas, dizendo-se oprimido pelo peso dos seus prazeres. **4** Tinha pedras preciosas até nos sapatos, algumas com gravações. Isto provocava o riso de todos, como se as gravações de artistas de renome pudessem ser vistas nas pedras preciosas que estavam presas aos pés<sup>99</sup>. **5** De modo a ficar ainda mais bonito e com rosto mais parecido ao de uma mulher, decidiu usar também um diadema com pedras preciosas. Aliás, também

---

<sup>96</sup> *Euripi* eram canais que delimitavam a arena no circo ou que ornamentavam a *spina* ou espinha central na planta do edifício em que os jogos se realizavam.

<sup>97</sup> A quadriga puxada por elefantes é uma iconografia associada a Dioniso e ao seu triunfo indiano. Vide R. Turcan 1966, esp. p. 463. O pleonasma evidente nesta frase, *quattuor quadrigas*, foi já notado por vários filólogos.

<sup>98</sup> Os marsos habitavam a Itália Central. Os sacerdotes marsos eram reputados encantadores de serpentes, extraíndo-lhes o veneno e usando-o contra moderduras dos répteis. Deste modo, acabaram por fazer parte das tradições itálicas, como sugerem Virgílio, *A.* 7.750; Sílio Itálico, 8.499; Plínio, *Nat.* 7.15, 21.78, 28.19.

<sup>99</sup> Aqui, sugere-se a feminilidade do imperador. Neste passo, como no seguinte, há implícita uma comparação com Gaio Calígula, como se percebe por Suet. *Cal.* 22.2; 52.2.

o usava em casa. **6** Conta-se que prometeu aos seus convidados uma fénix<sup>100</sup> ou, na falta dela, mil libras de ouro, para se despedir deles de um modo digno de um imperador. **7** Em lugares distantes, sobretudo no interior, mandou construir piscinas com água do mar, esvaziando-as depois de cada um dos seus amigos aí nadar, para as encher de novo com peixes. **8** Num certo verão, mandou vir neve para com ela fazer uma montanha no jardim da sua casa. Perto do mar, nunca comia peixe; mas quando estava em lugares bem distantes do mar, servia-se sempre de tudo o que era marinho. Nesses lugares interiores alimentava os camponeses a láctea de moreia e de robalos.

**XXIV 1** Os peixes que comia eram sempre cozinhados num preparado azul, como se fosse em água do mar, para preservar a sua cor. Construiu piscinas temporárias, cheias de vinho rosado e rosas, em que se banhava com todos os do seu círculo, utilizando caldeiras cheias de nardo. Também usava bálsamo nas lucernas. **2** À exceção da esposa, nunca repetiu uma mulher. Montou lupanares em casa para os seus amigos, clientes e servos<sup>101</sup>. **3** Nunca gastou em jantares menos de cem sestércios, isto é, trinta libras de prata. Fazendo contas a tudo, por vezes gastou em jantares três milhões de sestércios. **4** Na verdade, ultrapassou os jantares quer de Vitélio quer de Apício<sup>102</sup>. Mandou acarretar peixes dos seus viveiros em carros puxados a bois. E ao passar pelo mercado, lamentava a

---

<sup>100</sup> Segundo algumas tradições, a lendária ave fénix vivia cinco séculos, antes de renascer das suas próprias cinzas.

<sup>101</sup> Segundo D.C. 80.13.1, Heliogábalo só se deitava com mulheres para aprender e depois imitar o seu comportamento sexual.

<sup>102</sup> Sobre Apício, vide 18.4 supra. Quanto a Vitélio, deverá tratar-se do imperador homónimo, que governou apenas no ano 69 d.C., e que, segundo algumas fontes, organizava e participava em extravagantes jantares; vide e.g. D.C. 65.2.

mendicidade do povo. **5** Atava parasitas a uma roda hidráulica e, rodando-a, submergia-os e trazia-os de novo à superfície, chamando-lhes os seus “amigos Ixíones”<sup>103</sup>. **6** Pavimentou com pedras da Lacedemónia e de pórfiro os pátios do palácio, a que chamou Antonianos. Essas pedras mantiveram-se ali até ao nosso tempo, mas foram recentemente retiradas e removidas. **7** Projetou construir uma única, mas enorme coluna, por dentro da qual se poderia subir, colocando no seu topo o deus Heliogábalos; mas não encontrou pedra do tamanho necessário em Tebas<sup>104</sup>, de onde pensara trazê-la.

**XXV 1** Muitas vezes, quando os amigos estavam ébrios, fechava-os num quarto durante a noite e, inesperadamente, introduzia aí leões, leopardos e ursos, a que tinham sido

---

<sup>103</sup> Ixíon é uma personagem mitológica grega. Rei dos Lápidas, na Tessália, foi convidado por Zeus para ir ao Olimpo, onde tentou seduzir Hera. Percebendo o que se passava, Zeus modelou uma nuvem com a imagem de Hera e apresentou a reprodução a Ixíon, que se uniu a ela, pensando que estava a unir-se à deusa. Dessa união nasceram os Centauros. Ixíon foi então castigado por Zeus, que o amarrou com serpentes a uma roda inflamada, que gira no Tártaro para a eternidade.

<sup>104</sup> Os comentadores dividem-se quanto à identificação desta Tebas, considerando alguns tratar-se da cidade grega da Beócia e outros da cidade do Alto Egipto. Alguns autores relacionaram este passo com o obelisco de Constâncio II, erguido em 357 d.C. na *spina* do Circo Máximo, hoje exibido na praça de S. João de Latráo, em Roma. Este obelisco veio de Tebas, no Egipto (Amiano Marcelino 17.42), e é monolítico, como Heliogábalos pretendia que a sua coluna fosse. Além disso, enquanto obelisco, construção de origem egípcia, era um monumento erguido ao Sol, elemento particularmente adorado por Heliogábalos. Estes factores terão feito pensar que a Tebas referida deveria ser a egípcia. No entanto, o facto de, ainda hoje, a região grega de Tebas ser rica em extração de mármore, leva-nos a crer que se trata de uma alusão à cidade helénica.

extraídas as garras<sup>105</sup>. Desse modo, ao despertarem com a luz do dia ou, pior ainda, durante a noite, deparavam com leões, ursos e panteras no quarto, o que causou a morte a muitos deles. **2** Instalava muitos dos amigos de baixa de condição em odres cheios de ar em vez de acúbitos, esvaziando-os enquanto comiam, pelo que rapidamente se encontravam a comer a um nível inferior ao da mesa. **3** Por fim, foi o primeiro a ter a ideia de colocar os leitos de mesa em semicírculo no chão<sup>106</sup> e não em divãs, para que os jovens escravos sentados a seus pés pudessem desatar os odres e assim soltarem o ar. **4** Como era costume simular adultérios nas representações de mimos, ordenou que fossem praticados a sério. **5** Era comum comprar meretrizes a todos os proxenetas para depois as emancipar. **6** Uma vez, numa conversa privada, surgiu como assunto a quantidade dos que na cidade de Roma teriam hérnias. Heliogábalo mandou então registá-los a todos, fê-los comparecer nos seus banhos e banhou-se com eles, havendo entre eles alguns respeitáveis. **7** Antes dos banquetes, era frequente oferecer combates de gladiadores e de pugilistas. **8** Instalou o seu triclínio na última fila de um espaço lúdico<sup>107</sup> e, enquanto almoçava,

---

<sup>105</sup> Como refere R. Turcan 1993 213, o que lemos neste passo é uma repetição de 21.1, mas agora com o efeito da dramatização noturna. Nota o mesmo autor que este recurso retórico dá uma ideia da forma como o texto foi sendo composto. Note-se a acentuação, por parte do autor, da crueldade de Heliogábalo.

<sup>106</sup> Trata-se de aplicar a disposição dos convidados do banquete “em meia-lua” ou “sigma” (*simma*, no texto latino), cuja prática remonta a finais da República, mas que se generalizou sobretudo nos séculos II e III d.C.

<sup>107</sup> O termo que aqui traduzimos por “espaço lúdico” é *lusorius*, i.e., um “sítio onde decorriam jogos”. Por norma, contudo, a partir do século I, os combates de gladiadores pertenciam ao conjunto de *ludi* que decorriam em anfiteatros. R. Turcan 1993 214 sugere tratar-se do

oferecia a si próprio a execução de criminosos e caçadas. **9** Aquando do segundo prato, era frequente servir aos parasitas um jantar em cera, outras vezes em madeira, muitas vezes em marfim, de quando em vez em barro, por vezes ainda em mármore ou em pedra, para que todos eles pudessem contemplar, no que lhes era servido em materiais diversos, o que ele próprio jantava, limitando-se eles, entre cada prato, a beber e a lavar as mãos, como se estivessem a comer.

**XXVI 1** Diz-se que foi o primeiro dos romanos a usar roupa toda em seda, quando estava já em uso o cetim<sup>108</sup>. Nunca tocava num tecido de linho que tivesse sido lavado e chamava mendigos aos que usassem linho já lavado. **2** Depois do jantar, era frequentemente visto em público com uma dalmática<sup>109</sup>. Apelidava-se então a si mesmo Fábio Gurges<sup>110</sup> e Cipião<sup>111</sup>, por-

---

Anfiteatro Castrense, localizado próximo da que é hoje conhecida como Basílica da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma. Pausânias (5.12.6) refere-se-lhe como um dos mais importantes edifícios do tempo de Trajano.

<sup>108</sup> Na verdade, segundo Suet. *Cal.* 52.2, perto de dois séculos antes, Gaio Calígula teria já usado vestes *holosericae*, i.e., confeccionadas completamente em seda. Optamos pela forma “cetim” porque o latim indica *subserica*, isto é, “meia-seda”. Efetivamente, tal como a seda, o cetim é originário da China, terá chegado à bacia mediterrânea também pelo século I d.C. e era originalmente confeccionado com fios de seda misturados com fios de lã, linho ou algodão. Por conseguinte, é possível que o texto se refira a um tecido como cetim.

<sup>109</sup> Túnica longa, interior, feita em lã da Dalmácia. Originalmente, usada apenas em privado, pelo que era associada a homens de práticas efeminadas. Daí o escândalo de o próprio imperador aparecer com estas vestes em público. Para mais sobre esta questão, vide R. Turcan 1993 215.

<sup>110</sup> Provavelmente Quinto Fábio Máximo Gurges, cônsul em 292, 276 e 265 a.C.

<sup>111</sup> É difícil dizer a que Cornélio Cipião se refere o autor, visto conhecermos mais de uma dezena de indivíduos com esse nome e o texto ser lacónico na observação.

que usava o traje com que Fábio e Cornélio foram apresentados pelos pais em público enquanto adolescentes, para corrigir os seus costumes.

**3** Reuniu em edifícios públicos todas as meretrizes do circo, do teatro, do estádio e de todos os lugares, incluindo os banhos, discursou perante elas como se fosse numa parada militar, chamando-lhes camaradas, e debateu com elas todos os tipos de posições e de prazeres<sup>112</sup>. **4** Depois convocou para essa parada proxenetas, prostitutas vindos de toda a parte, assim como os miúdos e os rapazes mais dissolutos. **5** E apresentando-se perante as meretrizes vestido de mulher, de seio descoberto, e perante os prostitutas com o aspeto dos miúdos que se prostituem, depois de arengar prometeu-lhes um donativo de três moedas de ouro, como se fossem soldados, e pediu-lhes que pedissem aos deuses para que ele encontrasse outros que merecessem ser-lhe por estes mesmos recomendados.

**6** Gostava tanto de trocar dos servos que chegava a ordenar-lhes que lhe trouxessem mil libras de teias de aranha a troco de um prémio. E diz-se que chegou a reunir dez mil libras de teias de aranha, dizendo que também nisso se podia entender quão grande Roma era. **7** Como salário anual, em vez de provisões, enviava aos parasitas vasos com rãs, escorpiões, serpentes e outros monstros que tais. **8** Em vasos semelhantes, metia uma infinidade de moscas, chamando-lhes abelhas domesticadas.

---

<sup>112</sup> Neste passo, ecoam as práticas que Suet. *Nero* 27.2 atribui ao último dos Júlio-Cláudios. De referir que, em Roma, alguns lugares, como a zona do circo, eram particularmente dedicados à prostituição, uma vez que eram áreas de intensa passagem de transeuntes. Vide e.g. Juv. *Sat.* 3.65; N. S. Rodrigues 2009.

**XXVII 1** Sempre que almoçava e jantava, oferecia a si mesmo quadrigas circenses nos triclinios<sup>113</sup> e nos pórticos, obrigando os convidados mais velhos a conduzi-las, sendo alguns deles respeitáveis. **2** Já imperador, ordenou que lhe trouxessem dez mil ratos, mil doninhas, mil musaranhos. **3** Tinha doceiros e leiteiros<sup>114</sup> tais que — fossem quais fossem as diversas iguarias apresentadas pelos seus cozinheiros, servidores ou fruteiros —, eles confeccionavam iguarias idênticas ora com doces ora com derivados de leite. **4** Aos parasitas, ora oferecia jantares com comida de vidro, ora, por vezes, punha sobre a mesa tantas toalhas pintadas com as iguarias a colocar na mesa quantos os pratos que iam ser servidos, de modo que a esses era servido apenas o painel feito com agulha ou em tecido<sup>115</sup>. **5** No entanto, por vezes eram-lhes apresentados quadros pintados, para que, desse modo, como que lhes fosse apresentado tudo o que ia ser comido, e mesmo assim fossem macerados pela fome. **6** Misturava pedras preciosas com frutas e flores. Lançava pela janela tanta comida quanto aquela que oferecia aos amigos. **7** Ordenara que entregassem às meretrizes, aos proxenetas e aos prostitutas que residiam dentro da cidade o equivalente a um ano do tributo pago ao povo romano, tendo prometido

---

<sup>113</sup> Como assinala R. Turcan 1993 216, do triclinio em que o imperador se instalava com os seus convidados, deveria ver-se um pórtico e uma pista onde os carros eram exibidos. Este passo tem sido relacionado com a parte da *uilla* Adriana conhecida como *Poecile*.

<sup>114</sup> O termo latino que aqui traduzimos por “leiteiros” é *lactarii*, literalmente, “aqueles que trabalham com leite”. Muito por certo, o autor refere-se a quem fazia comida delicada, como queijos, natas, sobremesas com cremes à base de leite.

<sup>115</sup> Os bordados eram conhecidos em Roma como uma especialidade artesanal de origem frígia, Plin. *Nat.* 9.196. A tecelagem colorida era originária da Babilónia e de Alexandria. R. Turcan 1993 217.

o mesmo aos que residiam fora dela<sup>116</sup>, pois naquele tempo Roma tinha tanto cereal quanto o tributo de sete anos, graças à providência de Severo e de Bassiano.

**XXVIII 1** Heliogábalos atrelou quatro cães enormes a um carro e assim se passou dentro da sua casa régia, tal como fizera nas suas propriedades quando era apenas um cidadão privado. **2** Também apareceu em público num carro atrelado com quatro cervos enormes<sup>117</sup>. Atrelou também leões ao seu carro, chamando-se a si mesmo Grande Mãe<sup>118</sup>. E ainda atrelou tigres, chamando-se então a si mesmo Líber<sup>119</sup>, apresentando-se de cada vez com o mesmo traje com que cada um dos deuses que imitava era representado em pinturas. **3** Tinha em Roma pequenas serpentes do Egito, a que ali chamam bons gênios<sup>120</sup>. Possuía ainda hipopótamos, um crocodilo, um rinoceronte e todas as espécies egípcias que, pela sua natureza,

---

<sup>116</sup> Sob os imperadores, o *canon* podia ser um tributo anual, fixado por lei, consistindo em cereal, ouro, prata ou roupas. Trata-se, aqui, de uma *frumentatio* ou distribuição gratuita de trigo pela população. Havia, no entanto, grupos excluídos dessa benesse.

<sup>117</sup> Cf. SHA *AntPhil.* 33.3 e Mart. 1.104.4.

<sup>118</sup> Alusão óbvia a Cíbele, a deusa frígia também conhecida como Grande Mãe, iconograficamente representada num carro puxado por leões.

<sup>119</sup> Deus itálico que se associou ao deus de origem greco-oriental conhecido como Dioniso ou Baco, iconograficamente representado sobre carros puxados por felinos. Note-se como neste passo o autor da biografia faz Heliogábalos comparar-se sucessivamente a Diana / Hércules, Cíbele e Líber / Dioniso / Baco, através de alusões aos animais que remetem para essas divindades.

<sup>120</sup> *Agathodaemones* é a versão latina do grego *agathodaimones*, entidades representadas sob a forma de serpentes e que eram associadas a uma faceta benévola. Os *agathodaimones* eram espíritos protetores dos indivíduos e das casas, particularmente cultuados em Alexandria.

podiam ser exibidas<sup>121</sup>. **4** Por várias vezes serviu avestruzes nos banquetes, dizendo que era comida obrigatória dos judeus<sup>122</sup>.

**5** Diz-se ainda que fez uma coisa que parece digna de admiração: quando convidou varões excelentes para um almoço, mandou cobrir os leitos de mesa semicirculares com flores de açafraão, dizendo que lhes servia feno<sup>123</sup> em atenção à sua dignidade. **6** Durante o dia, realizava ações noturnas e, durante a noite, ações diurnas, considerando que uma forma de luxo era deixar o sono para mais tarde, para depois de receber as saudações<sup>124</sup> e, em contratartida, começar a dormir já de madrugada. **7** Dava presentes diariamente aos amigos e não era fácil despedir algum sem uma dádiva, exceto os virtuosos, que ele considerava uns desvairados.

**XXIX 1** Tinha veículos adornados com pedras preciosas e ouro, desprezando os que tinham prata, marfim ou bronze. **2** A um pequeno carro de uma única roda, atrelava quatro belíssimas mulheres, ou duas de cada vez, ou três, ou mais, e assim se passeava, muitas vezes nu, puxando elas o carro, também nuas.

---

<sup>121</sup> A tonalidade egípcia deste passo é evidente.

<sup>122</sup> Este passo corresponde a uma paródia ou até mesmo a algum sarcasmo, formulando-se assim uma provocação anti-judaica. Com efeito, de acordo com a lei judaica, a avestruz era um animal proibido para consumo, vide *Lv.* 11,16.

<sup>123</sup> A ironia de Heliogábalos estaria em chamar bovinos ou burros a tais indivíduos. O passo ecoa o que lemos em *Suet. Cal.* 55.3, e a forma como Gaio trata o seu cavalo *Incitato*.

<sup>124</sup> Era comum o imperador receber a *salutatio* dos seus cortesãos, tal como o patrono recebia a dos seus clientes. Tratava-se de uma forma de cumprimento, mas também de demonstração de respeito e até de veneração. Por norma, durante a República e o Principado, a *salutatio* era matinal, pelo que se pretende mostrar como Heliogábalos inverteu o costume romano.

3 Tinha ainda como costume convidar oito carecas para jantar, assim como oito zanolhos, oito gotosos, oito surdos, oito negros, oito altos e oito gordos, e como todos juntos não conseguiam caber num único leito de mesa semicircular, isso provocava risada geral. 4 Dava aos convidados toda a prata usada no banquete e todo o serviço de taças, e fê-lo frequentemente. 5 Foi o primeiro general romano a oferecer publicamente hidrogaro<sup>125</sup>, que antes era um prato militar e que, depois, Alexandre repôs sem demora. 6 Além disso, propunha-lhes determinados temas para inventarem novos molhos para temperar as iguarias; ao autor da invenção que mais lhe agradasse, dava-lhe o melhor prémio, presenteando-o, por exemplo, com uma veste em seda, o que nesse tempo era visto como uma raridade e uma honra. 7 Por outro lado, se um molho lhe desagradava, ordenava ao seu autor que dele se servisse sempre até inventar um melhor. 8 Tomava sempre assento entre flores e perfumes dispendiosos. 9 Gostava que lhe dissessem que os preços das coisas servidas à sua mesa eram mais elevados do que eram, assegurando que isso lhe abria o apetite para o banquete.

**XXX** 1 Fez-se pintar como um pasteleiro<sup>126</sup>, como perfumista<sup>127</sup>, como estalajadeiro, como taberneiro, como proxeneta, papéis que sempre desempenhava, todos, em sua casa. 2 Durante muitos meses, serviu num só jantar as

---

<sup>125</sup> *Hydrogarum*, i.e., o conhecido molho feito à base de peixe em salmoura misturado com água. O hidrogaro obtinha-se da mistura de uma medida de garo com sete de água e era usado na confeção de pequenos bolos. Vide J. André 1981 200.

<sup>126</sup> *Cuppedinarius* sugere alguém que prepara iguarias. A nossa opção por “pasteleiro” relaciona-se com o carácter *gourmet* da doçaria.

<sup>127</sup> *Seplasiarius* de *Seplasia*, nome de uma rua da cidade Cápua conhecida pelos seus perfumistas, cf. Val. Max. 9.1.

cabeças de seiscentas avestruzes, para delas se comer a mioleira. **3** E, certa vez, ofereceu um banquete tal que foram servidos vinte e dois pratos com enorme quantidade de iguarias, e, entre cada um deles, ele e os seus amigos banhavam-se e faziam uso de mulheres, garantindo, sob juramento, que satisfaziam o seu desejo. **4** Organizou também o seguinte banquete: cada serviço era preparado na casa de cada amigo seu e — apesar de um morar no Capitólio, outro no Palatino, outro junto às muralhas<sup>128</sup>, outro no Célio e outro para além do Tibre —, todos comeram os pratos uns dos outros, onde quer que cada um morasse, e por ordem, na casa de cada um, passando pelas casas de todos eles. **5** Assim, um dia completo mal dava para terminar um banquete, até porque cada um se lavava e desfrutava de mulheres entre cada prato. **6** Apresentava sempre um serviço sibarítico, feito à base de azeite e garo<sup>129</sup>, que os sibaritas inventaram no ano em que desapareceram<sup>130</sup>. **7** Diz-se que mandou construir banhos em muitos lugares e que os mandou destruir imediatamente após terem sido utilizados uma única vez, para não recorrer a banhos já usados. Diz-se que fez o mesmo com

---

<sup>128</sup> O *agger Tarquinii Superbi* “Campo de Tarquínio-o-Soberbo” era uma parte da muralha de Sérvio Túlio que, no período republicano, era localizada na parte leste da cidade, a partir da Porta Colina, passando pelas colinas do Quirinal e do Esquilino (cf. Plin. *Nat.* 3.67). Atualmente corresponde à Porta de S. Lourenço.

<sup>129</sup> *Garum* era o famoso molho à base de peixe posto em salmoura e ao sol durante algum tempo, utilizado para temperar legumes ou carne ou misturar com azeite e vinagre, conferindo um paladar mais intenso.

<sup>130</sup> Síbaris era uma colónia grega da região da Lucânia, no golfo de Tarento, destruída em 510 a.C. O termo “sibarita” acabou por ganhar uma semântica associada “àquele que se entrega a prazeres”, o que se coaduna com a imagem de Heliogábalos.

os seus palácios, com as residências de campo<sup>131</sup>, e com as de veraneio<sup>132</sup>. **8** Mas tanto estas como <outras coisas> pouco fiáveis são, creio eu, falsidades criadas por aqueles que queriam cair nas graças de Alexandre, denegrindo Heliogábalo.

**XXXI 1** Conta-se que comprou por cem mil sestércios uma muito conhecida e belíssima meretriz, que manteve intacta, tratando-a como se fosse uma virgem. **2** Quando Heliogábalo era ainda um cidadão privado, alguém lhe perguntou: “Não temes ficar pobre?”. Diz-se que lhe respondeu: “O que há de melhor do que eu ser o meu próprio herdeiro e o da minha mulher?” **3** Aliás, ele tinha posses em abundância, que muitos lhe tinham deixado por consideração ao pai dele. E também dizia que não desejava ter filhos, não fossem eles sair virtuosos. **4** Mandava queimar aromas da Índia<sup>133</sup> para fumar as casas de veraneio, mas sem carvão. Quando era um cidadão privado, nunca fez uma viagem com menos de sessenta veículos, por mais que a sua avó Vária lhe gritasse que ficaria arruinado. **5** Na verdade também se diz que, enquanto imperador, levava um cortejo de seiscentos veículos, alegando que o rei persa viajava com dez mil camelos e que Nero se tinha feito ao caminho com quinhentas carruagens<sup>134</sup>. **6** O motivo para tantos veículos era o grande número de proxenetas, alcoviteiras, meretrizes, prostitutas e debochados bem fornidos de órgãos genitais. **7** Ele ia

---

<sup>131</sup> *Praetorium* pode corresponder a várias realidades: a tenda de um general em campanha, a residência oficial de um governador de província, uma cela, um edifício magnífico ou uma residência de veraneio. Pelo contexto, parece-nos ser esta a aceção mais provável.

<sup>132</sup> De igual modo, *zaeta* ou *diaeta* pode significar um ambiente, um modo de vida, uma moradia temporária ou uma casa de veraneio.

<sup>133</sup> Eventualmente nardo, açafraão, amomo, mirra, mástique, malabato ou canela.

<sup>134</sup> Esta informação vai ao encontro do que lemos em Suet. *Nero* 70.8.

sempre aos banhos com mulheres, de modo que ele próprio as depilava com um depitalório<sup>135</sup>, cuidando também, o que me envergonha de contar, da própria barba com o mesmo depilatório com que cuidava das mulheres, e ao mesmo tempo. E raspava as partes viris dos seus debochados por sua própria mão com a mesma navalha com que depois fazia a barba. **8** Pavimentou um pórtico com rasas de ouro e de prata, lamentando não poder fazer o mesmo com âmbar; frequentemente fez o mesmo em qualquer caminho que percorria, a pé, até ao cavalo ou até à carruagem, como hoje se faz com areia dourada<sup>136</sup>.

**XXXII 1** Heliogábalo nunca repetia calçado; também se diz que nunca repetia anéis. Muitas vezes rasgou em pedaços vestes de grande valor. Capturou uma baleia, pesou-a e ofereceu aos amigos o peso determinado em peixes. **2** No porto, afundou navios completamente carregados, dizendo que isso era prova da sua magnanimidade. **3** Despejava a carga do seu ventre em recipientes de ouro e urinava em vasos múrrinos e de ónix<sup>137</sup>. **3.** É-lhe atribuído este dito: “Se eu tiver um herdeiro,

---

<sup>135</sup> O texto diz, literalmente, “para que ele próprio tratasse delas com o *psilothrum*”. O *psilothrum* era um preparado feito à base de arsénico aquecido e de cal viva, utilizado como creme depilatório tanto por mulheres como por homens, sobretudo aqueles que buscavam uma aparência feminina. Cf. Mart. 3.74; 6.93; Juv. 8.114; Suet. *Dom.* 22.1.

<sup>136</sup> A referência não é clara, mas parece dizer respeito ao que lemos sobre Calígula e Nero, que mandavam polvilhar a areia do circo com crisocola, um carbonato ou silicato de cobre ou malaquite, criando uma cor esverdeada. Suet. *Cal.* 18.3; Plin. *Nat.* 33.90. Segundo Herod. 5.6.8, quando Heliogábalo andava às arrecuas defronte do carro que transportava o deus seu homónimo, para que não escorregasse ou caísse, espalhavam areia dourada debaixo dos pés do imperador. A cor dourada remetia para o Sol, elemento com o qual Heliogábalo se identificava.

<sup>137</sup> Vasos extremamente valiosos, importados do Oriente e da Germânia.

dar-lhe-ei um tutor que o obrigue a fazer o mesmo que eu próprio fiz e o que pretendo fazer”. **4** Tinha também o hábito de oferecer a si mesmo jantares como os seguintes: durante um dia, apenas comia faisão, empanturrando-se unicamente com essa carne em todos os serviços; de igual modo, noutro dia, apenas frango; noutro, este ou aquele peixe; noutro, porco; noutro, avestruzes; noutro, vegetais; noutro, frutas; noutro, doces; noutro, laticínios. **5** Por várias vezes, fechou amigos seus com umas velhinhas etíopes em albergues, de noite, e reteve-os ali até amanhecer, dizendo que naquele lugar estavam mulheres belíssimas à disposição deles. **6** Também fez o mesmo com rapazinhos, pois naquela época, como era comum antes de Filipe<sup>138</sup>, isso era permitido. **7** E por vezes ria-se de tal modo que, entre o público do teatro, só se ouvia a ele. **8** Ele mesmo cantava, dançava, recitava ao som da flauta, tocava trompeta, tangia pandura<sup>139</sup> e acompanhava a órgão. **9** Também se conta que, num só dia, interagiu com todas as meretrizes do circo, do teatro, do anfiteatro, de todos os lugares de Roma, usando um barrete de almocreve na cabeça para não ser reconhecido. E mesmo sem ter praticado sexo, deu moedas de ouro de presente a todas as meretrizes, acrescentando: “Que ninguém saiba que Antonino vos dá isto de presente!”

---

<sup>138</sup> Filipe-o-Árabe, imperador de 244 a 248 d.C., proibiu a prostituição masculina e a pederastia. Vide Aurélio Vítor 28.6 e SHA *AlexSev.* 24.4.

<sup>139</sup> Instrumento de três cordas de invenção síria, semelhante ao alaúde.

**XXXIII 1** Inventou novos tipos de libidinagem, ultrapassando mesmo os debochados<sup>140</sup> dos antigos imperadores<sup>141</sup>, pois estava a par de todas as extravagâncias de Tibério, Calígula e Nero<sup>142</sup>.

**2** Fora-lhe predito por sacerdotes sírios que teria uma morte violenta. **3** Por isso, havia preparado cordas de seda, púrpura e escarlata, entrançando-as, para que, se fosse necessário, com elas fizesse um nó e acabasse com a vida. **4** Preparara também gládios de ouro para com eles se matar, em caso de força maior. **5** E preparara também venenos, que colocou dentro de ceráunias, de jacintos<sup>143</sup> e de esmeraldas, para com eles se matar, caso algo bastante grave o ameaçasse. **6** Mandara construir também uma torre altíssima, com as tábuas da base forradas, na sua presença, a ouro e pedras preciosas, para dela se precipitar, dizendo que também a sua morte deveria ser preciosa e uma espécie de luxo, e para que se dissesse que ninguém tinha morrido assim. Mas de nada estas coisas lhe valeram. **7** E, como dissemos, foi

---

<sup>140</sup> O texto latino usa *spinthria*, nome dado a indivíduos que, segundo Suetônio e Tácito, inventavam formas bizarras e menos comuns de manter relações sexuais.

<sup>141</sup> As lições usadas por R. Turcan (Belles Lettres) e por D. Magie (Loeb) leem neste passo *ueterum malorum*, o que poderá traduzir-se por “dos vícios antigos”. A. Chastagnol, porém, lê no mesmo passo *ueterum <i>m</i><per>atorum*, reconstituindo-o como “dos antigos imperadores”, e fazendo-o concordar com o que lemos no final do período. Optamos por esta proposta.

<sup>142</sup> Cf. Suet. *Tib.* 43.1; 16.1; Tac. *Ann.* 6.7.

<sup>143</sup> Pelo contexto, deduzimos que se trata não da flor conhecida como “jacinto”, mas da pedra preciosa. A. Chastagnol 1994 540 chama a nossa atenção para a coincidência entre esta enumeração de pedras preciosas e as que figuram nos textos bíblicos como adornos das vestes dos sacerdotes de Israel, *Ex* 28, 15-20 e 39; vide também o comentário de S. Jerónimo em *Ep.* 64 (carta a Fabíola). Vide também R. Turcan 1993 230-231.

morto por soldados da sua guarda, arrastado pelas ruas mais largas, atirado vergonhosamente para os esgotos e lançado ao Tibre.

**8** Assim terminou o nome dos Antoninos na república, sabendo todos que este foi um falso Antonino, tanto pela vida que teve como de nome.

**XXXIV 1** Talvez pareça extraordinário a alguém, ó venerável Constantino, ter esta calamidade que acabei de descrever chegado ao lugar de príncipe e, na verdade, por quase três anos. Por certo, ninguém na república foi então capaz de afastá-lo do leme da majestade romana, sendo que nunca faltou um tiranicida contra Nero<sup>144</sup>, Vitélio, Calígula e outros que tais. **2** Mas, antes de mais, eu próprio peço perdão por ter passado a escrito tudo o que encontrei em diversos autores, mas mantendo silêncio sobre muitas coisas vis, sobre as quais não se pode falar sem se ter o máximo pudor. **3** E quanto às que referi, dissimulei-as sob palavras escolhidas o mais que pude. **4** Além disso, sempre acreditei que se deve respeitar o que a tua Clemência costuma dizer: “Ser imperador é coisa da fortuna”. **5** De facto, houve reis menos bons e outros péssimos. Na verdade há que pôr em prática o que a tua Piedade também costuma dizer, que sejam dignos do poder imperial aqueles a quem a força do destino impôs a obrigação de governar. **6** E uma vez que este foi o último dos Antoninos e que, na república, depois dele, este nome não foi usado mais vezes na posição de príncipes, também acrescento a seguinte nota, para

---

<sup>144</sup> Na verdade, relativamente a Nero (príncipe de 54 a 68 d.C.), a informação é discutível pois, segundo outras fontes, ter-se-á suicidado com a ajuda do seu liberto Epafrodito: vide e.g. D.C. 63.29.2. Sobre a morte de Vitélio (69 d.C.), Suet. *Vit.* 18.1. Sobre a de Gaio Calígula (37-41 d.C.), Suet. *Cal.* 58.2.

que não surja nenhum erro quando eu começar a falar dos dois Gordianos, pai e filho: eles queriam que os dissessem descendentes da família dos Antoninos; mas, inicialmente, para eles, esse não era um nome, mas um prenome; 7 depois, tal como encontrei em muitos livros, eles chamavam-se Antónios e não Antoninos<sup>145</sup>.

**XXXV 1** E é tudo sobre Heliogábalo, cuja vida quiseste que escrevesse contra a minha vontade, o que fiz com relutância, recorrendo a autores gregos e latinos e oferecendo-ta, depois de ter feito o mesmo com as anteriores. **2** Vou agora começar a escrever as dos que se seguem. Destes, Alexandre foi excelente, havendo que falar dele com diligência, pois foi príncipe por treze anos, enquanto os outros o foram por seis meses ou mal chegaram a um ou dois anos. Aureliano foi o principal, mas foi Cláudio, fundador da tua família, o esplendor de todos eles. **3** Escrevendo para a tua Clemência, tenho escrúpulo em dizer a verdade sobre ele, não vão os malévolos achar que sou um adulator; mas manter-me-ei indiferente à inveja dos vis, pois hão de verificar que outros autores o têm como brilhante. **4** A esses príncipes há que juntar Diocleciano, o pai do século de ouro<sup>146</sup>, e Maximiano, o pai do de ferro, como

---

<sup>145</sup> Vide supra, *AntHeliog.* 18.1.

<sup>146</sup> Evocação de um velho tema mítico-literário, e utópico, o da sucessão das idades, que, em ambiente clássico, remonta pelo menos a Hes. *Erga* 181. Mais tarde, Aristid. *Or.* 26 transfere o tema para o âmbito romano, aplicando-o a Roma: a instituição do império marca aí o fim da Idade de Ferro e o início da nova Idade de Ouro. Para o cristianismo, será o principado de Constantino-o-Grande, nomeadamente o ano 312 d.C., depois de Diocleciano, a marcar o início de novo tempo áureo. O autor desta biografia parece estar a par dessa questão, ao enfatizar que fora Diocleciano, um perseguidor dos cristãos, o inaugurador da Idade de Ouro. Sobre esta problemática, vide R. Turcan 1993 234-235, e A. Chastagnol 1994 542-543.

geralmente se diz<sup>147</sup>, e os restantes, até à tua Piedade. **5** Ora, a ti, ó venerável Augusto, em muitas páginas, e essas mesmas mais elegantes, serás celebrado por aqueles a quem a natureza conceder essa felicidade. **6** A estes príncipes, há que acrescentar Licínio, Severo, Alexandre e Maxêncio<sup>148</sup>, cuja condição veio a cair totalmente sob a tua autoridade, mas cuja excelência não deve ser diminuída. **7** Com efeito, não vou seguir o costume de muitos escritores, ou seja, denegrir os que foram vencidos, pois, ao publicar, com base na verdade, tudo aquilo que de bom eles realizaram, entendo que estou aumentar a tua glória.

---

<sup>147</sup> Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto, imperador de 285 a 310 d.C. Entre 285 e 286, governou juntamente com Diocleciano. Segundo a tradição historiográfica antiga, em 306 teria inaugurado uma Idade de Ferro que teria contribuído para arruinar o sistema tetrárquico.

<sup>148</sup> Gaio Valério Liciniano Licínio Augusto governou de 308 a 324 d.C., tendo unificado o império romano do Oriente em 313 d.C. Foi executado por Constantino em Tessalonica, em 325 d.C. Lúcio Domício Alexandre governou como usurpador e com o apoio do exército em 308-310 d.C. Foi executado por Rúfio Volusiano, o prefeito do pretório de Maxêncio, em 311 d.C. Marco Aurélio Valério Maxêncio Augusto foi imperador usurpador entre 306 e 312 d.C. Morreu neste ano, na batalha da Ponte Mílvia, em que Constantino se sagrou vencedor. Sobre este passo, R. Turcan 1993 236, fala em “elegância cáustica” relativamente aos condenados da História, no tempo de Constantino. Esta enumeração reforça a hipótese de esta biografia ter sido escrita depois da morte de Licínio, em 324 d.C.

## BIBLIOGRAFIA

- Adler, J. (2005). "Governance in Ptolemaic Egypt: from Raphia to Cleopatra VII (217-31 BC), class based' colonialism'?", *Akroterion* 50 27-38.
- Agnolon, A. (2013). *A Festa de Saturno: o Xênia e o Apoforeta de Marcial* (Diss.). São Paulo, Universidade de São Paulo.
- André, J. (1981). *L'Alimentation et la cuisine à Rome*. Paris, Les Belles Lettres.
- Andrews, A. C. (1948). "Oysters as a Food in Greece and Rome", *CJ* 43 299-303.
- Arrizabalaga y Prado, L. (2010). *The Emperor Elagabalus. Fact or Fiction?*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Babelon, J. (1957). *Impératrices Syriennes*. Paris, Albin Michel.
- Barbieri, G. (1952). "Aspetti della politica di Settimio Severo", *Epigraphica* 14 3-48.
- Barbieri, G. (1936). "Sulle falsificazioni della Vita di Pertinace", *Studi Italiani di Filologia Classica* 13 183-206.
- Barnes, T. D. (1967). "The Family and career of Septimius Severus", *Historia* 6 87-107.
- Bersanetti, G. M. (1949). "Su Pescennio Nigro: Nigro contro Pertinace?", *Aegyptus* 29 76-90.
- Birley, A. R. (1999). *Septimius Severus. The African Emperor*. Oxford/ New York, Routledge.
- Blásquez, J. M. (1989). "Los Severos", in J. M. Roldán, J. M. Blásquez, A. Castillo, *Historia de Roma. Tomo II. El Imperio Romano*. Madrid, Ediciones Cátedra, 237-266.

- Brandão, J. L. (2020). “Galba, Otão e Vitélio: a crise e experiências de 68-69”, in F. de Oliveira, J. L. Brandão coords, *História de Roma Antiga*. Volume II – *Império Romano e Romanidade Hispânica*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 97-110.
- Chastagnol, A. (1994). *Histoire Auguste. Les Empereurs romains des IIe et IIIe siècles*. Paris, Robert Laffont.
- Eadie, J. (1974). “The reliability and origin of the *Vita Didii Iuliani*”, *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* 4 1409-1442.
- Ghedini, F. (1984). *Giulia Domna tra Oriente e Occidente. Le fonti archeologiche*. Roma, L’Erma di Bretschneider.
- Grant, M. (1996). *The Severans. The Changed Roman Empire*. London/New York, Routledge.
- Gualerzi, S. (2005). *Né Uomo, né Donna. Né Dio, né Déa. Ruolo sessuale e ruolo religioso dell’imperatore Elagabalo*. Bologna, Pàtron editore.
- Hay, J. S. (1972). *The Amazing Emperor Heliogabalus*. Roma, «L’Erma» di Bretschneider.
- Heinen, H. (1971). “Zur Tendenz der Caracalla-Vita in der H.A.”, *Chiron* 1 421-435.
- Hirschfeld, O. (1897). “D. Clodius Albinus”, *Historische Zeitschrift* 452-484.
- Hohl, E. (1950). “Das Ende Caracallas. Eine quellenkritische Studie”, *Miscellanea Academica Berolinensia* 2/1 276-293.
- Icks, M. (2011). *The Crimes of Elagabalus. The Life and Legacy of Rome’s Decadent Boy Emperor*. London/New York, I. B. Tauris.
- Kulikowski, M. (2016). *The Triumph of Empire*. Cambridge, MA, Harvard University Press.

- Lafayette, M. de (2015). *Mega Book: Encyclopedia of Gods and Goddesses of Mesopotamia Phoenicia, Ugarit, Canaan, Carthage, and the Ancient Middle East*. Lulu. com.
- Letta, C. (1985-1980). “Caracalla e Iulia Domna: tradizioni storio-grafiche come echi di propaganda politica”, *Abruzzo* 23-28 521-529.
- Levick, B. (2007). *Julia Domna: Syrian Empress*. London, Routledge.
- Magie, D. (1953/1954), *The Scriptores Historiae Augustae*, 3 vol. Cambridge, Massachusetts/London, The Loeb Classical Library.
- Mayer i Olivé, M. (2014). “*Asinus in tegulis*: la pervivencia de un tópico literario. A propósito de SHA Pert. 1, 1-4”, in C. Bertrand-Dagenbach, F. Chausson, eds., *Historiae Augustae Colloquium Nanceiense*. Atti dei Convegni sulla Historia Augusta XII. Bari, 335-340.
- Mellor, R. (2002). *The Roman Historians*. New York, Routledge.
- Mertens, P. (1960). “La *damnatio memoriae* de Géta dans les papyrus”, in *Hommages a Léon Herrmann*. Bruxelles, Latomus, 541-552.
- Momigliano, A. (1954) “An unsolved problem of historical forgery: the *Scriptores Historiae Augustae*”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 17 22-46.
- Mommsen, T. (1890). “Die *Scriptores Historiae Augustae*”, *Hermes* 25 228–292.
- Parker, H. N. (2007) “Why were the Vestals Virgins? Or the Chastity of Women and the Safety of the Roman State”, in B. MacLachlan & J. Fletcher eds., *Virginity Revisited: Configurations of the Unpossessed Body*. Toronto/Buffalo/London, University of Toronto Press.

- Penella, R. J. (1980). “Caracalla and his mother in the *Historia Augusta*”, *Historia* 19 382-384.
- Perret, L. (1925). “L’histoire de l’empereur Géta”, *Revue des Études Historiques* 91 119-130.
- Petrikovits, H. von (1938). “Die Chronologie der Regierung Macrins”, *Klio* 31 103-107.
- Pflaum, H.-G. (1974a). “Les personnages nommément cités dans la *Vita Pertinacis* de l’H. A.”, in A. Alföldi ed., *Bonner Historia–Augusta–Colloquium*. Bonn, Rudolf Habelt, 113-137.
- Pflaum, H.-G. (1974b), “Les personnages nommément cités par la *Vita Didi Iuliani* de l’H.A.”, in J. A. Alföldi ed., *Bonner Historia–Augusta–Colloquium*. Bonn, Rudolf Habelt, 139-156.
- Pimentel, M. C. (2002). “Os jogos na Roma Antiga”, *Diana: Revista do Departamento de Linguística e Literaturas* 3-4 99-149.
- Reinhold, M. (2002, reimp.). *Studies in Classical History and Society*. Oxford, Oxford University Press.
- Ribichini, S. (2020-2021). *Moloch. Il Dio che mangiava Bambini. Archeo Monografie* 40, dic./gen. Roma, Timeline Publishing.
- Ricci, C. (2011). “*In custodiam Urbis*: notes on the *Cohortes Urbanae* (1968-2010)”, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 484-508.
- Rodrigues, N. S. (2009), “Nas margens da sexualidade em Roma: do *lupanar à lupa*”, in J. A. Ramos, M. C. Fialho, N. S. Rodrigues, coords, *A Sexualidade no Mundo Antigo*. Lisboa/Coimbra, CH-ULisboa, CECHUC, 383-406.
- Rohrbacher, D. (2016). *The Play of Allusion in the Historia Augusta*. Madison, The University of Wisconsin Press.
- Rohrbacher, D. (2013). “The Sources of the *Historia Augusta* Re-examined”, *Histos* 7 146-180.

- Sánchez Sánchez, J. I. (2017). *La introducción del culto de El Gabal en Roma*. Madrid / Salamanca, Signifer Libros.
- Seager, R. (1972). "Factio: Some Observations", *Journal of Roman Studies* 62 53-58.
- Southern, P. (2015). *The Roman Empire from Severus to Constantine*. London, Routledge.
- Strobel, K. (2011), "Strategy and army structure", in P. Erdkamp, (ed.). (2011). *A companion to the Roman army*. Wiley-Blackwell, 267-285.
- Syme, R. (1972a). "The Composition of the *Historia Augusta*: Recent Theories", *Journal of Roman Studies* 62 123-133.
- Syme, R. (1972b). "The Son of the Emperor Macrinus", *Phoenix* 26 275-291.
- Syme, R. (1971). *Emperors and Biography: Studies in the Historia Augusta*. Oxford, Oxford University Press, 56-58.
- Teixeira, C. A., Brandão, J. L., Rodrigues, N. S. (2013). *História Augusta*. Volume I. Coimbra, IUC.
- Turcan, R. (1993), *Histoire Auguste. Vies de Macrin, Diaduménien, Héliogabale*. Paris, Les Belles Lettres.
- Turcan, R. (1985), *Héliogabale et le sacre du soleil*. Paris, Albin Michel.
- Turcan, R. (1966). *Les sarcophages romains à représentations dionysiaques*. Paris, E. de Boccard.
- Turton, G. (1974). *The Syrian Princesses. The Women who Ruled Rome, AD 193-235*. London, Cassell.
- Vermaseren, M. J. (1977). *Cybele and Attis. The Myth and the Cult*. London, Thames & Hudson.
- Villeneuve, R. (1984). *Le divin Héliogabale. César et prêtre de Baal*. Paris, Guy Trédaniel Editeur.

(Página deixada propositadamente em branco)

# ÍNDICE

## A

- Abgaro: *Sev.* XVIII. 1
- Adriano: *Sev.* I.6; XX.1; *AntGeta* II.3; *AntHeliog.* I.2; VII.8; *PescNig.* IV.3; *ClodAlb.* II.5
- Adrumeto: *DidIul.* I.2; *Sev.* XI.3; *ClodAlb.* I.3; IV.1; XII.8
- África: *Pert.* IV.2; *DidIul.* II.3; *Sev.* I.1; II.3-5; II.8; VIII.7; XXIV.3; *PescNig.* V.4-5; *ClodAlb.* I.3; IV. 5; V.1; XIII.6; *OpilMacr.* IV.3; IV.5; *AntDiad.* VIII.8
- Afro: *AntCar.* III.6
- Alba: *AntCar.* II.7
- Alamanos: *AntCar.* X.6
- Albinos: *ClodAlb.* IV.1; IV.7; XIII.5
- Alexandre Magno: *AntCar.* II.1; II.2
- Alexandre Severo: vide Severo, Alexandre
- Alexandria: *Sev.* XVI.9; *AntCar.* VI.2; VI.3
- Ânia Lucila: *AntCar.* III.8
- Aníbal: *PescNig.* XI.4-5
- Antioquia: *Sev.* IX.4; XVI.8; *OpilMacr.* VIII.4; 10.1; *AntDiad.* II.6
- Antioquiano: *AntHeliog.* XIV.8
- Antístio Burro: *Pert.* III.7
- Antonianos: *AntCar.* XI.6 (*sodales*); *AntDiad.* II.10; III.1 (bandeiras e estandartes); *AntHeliog.* XXIV.6 (pátios do palácio)
- Antonianas: *AntDiad.* II.10
- Antonino Caracala, Bassiano: *Sev.* X.3-4; X.6; XIV.3; XIV.8; XVI.3; XVI.7; XVIII.9; XIX.2; XX.2; XXI.6; XXI.9; XXI. 11; XXII.3; XXIII.7; *PescNig.* VIII.5; *ClodAlb.* VII.5; *AntCar. passim*; *AntGeta* I.4; II.8; III.3; IV.2; IV.4; V.III; VI.2; VI.3; VI.4; VI.6; VI.7; VII. 6; *OpilMacr.* II.1; II.3; IV.7; V.8; VI.4; VII.6; VIII.4; IX.1; IX.2; IX.4; *AntDiad.* I.1; I.2; II.7; II.8; III.1 VI.8; VI.9; VI.10; IX.4; *AntHeliog.* I.4-5; II.1; II.3; III.1; XVII.8-9; XXVII.7
- Antonino Geta: *Sev.* VIII.4-5;

- XIV.8; XVI.4; XIX.2; XX.2; XXI.7; XXII.3; *ClodAlb.* VII.5; *AntCar.* I.1; II.7; II.8; III.3; III.4; III.5; IV.3; VIII.4; VIII.7; X.6; XI.1; *AntGeta passim*; *OpilMacr.* III.4; *AntDiad.* VI.9;
- Antonino Heliogábalo: *AntCar.* IX.2; XI.7; *OpilMacr.* III.4; IV.1; VII.6; VII.8; VIII.2; VIII.4; IX.2; IX.3; IX.5; XV.1; XV.2; *AntDiad.* IX.5; *AntHeliog. passim*
- Antonino Pio: *Pert.* 1.6 (Tito Aurélio); *Sev.* XX.1-2; XXI.4; *PescNig.* VIII.5; XII.1; *AntCar.* IV.2; *AntGeta* II.3; *OpilMacr.* I.4; III.1; III.2; III.4; VII.7; *AntDiad.* I.3; II.3; V.4; VI.5; *AntHeliog.* I.2; II.4; VII.9; IX.1
- Antonino, Falso: *AntHeliog.* VIII.4; XXXIII.8
- Antonino (nome): *AntHeliog.* I.4; I.5; III.1; VIII.4; XVII.4; XVIII.12
- Antoninos: *Sev.* XXI.1; XXI.4; XXII.2; XXIII.3; XXIV.2; *PescNig.* XII.6; *ClodAlb.* VI.1; *AntCar.* IX.2; IX.12 (tumulo dos); *AntGeta* I.7; II.2; *OpilMacr.* III.3; III.5; III.6; VI.2; VI.7; VII.7; VII.8; X.6; XIV.2; *AntDiad.* I.3; I.5; II.3; VI.1; VI.2; VI.3; VII.2; VII.3; VII.4; *AntHeliog.* II.4; XVIII.1; XXXIII.8; XXXIV.6-7
- António Balbo: *Sev.* XIII.2
- António Fusco: *PescNig.* I.3
- António Saturnino, Lúcio: *PescNig.* IX.2
- Antónios: *OpilMacr.* III.5; *AntHeliog.* XVIII.1; XXXIV.7
- Anúbis: *PescNig.* VI.9; *AntCar.* 9.11
- Apameia: *AntHeliog.* XXI.2
- Ápia (via): *AntGeta* VII.1
- Apício: *AntHeliog.* XVIII.4; XX.5; XXIV.4
- Apolo: *PescNig.* VIII.1; *ClodAlb.* V.4
- Apolinar: v. Sulpício
- Apolinário: *AntCar.* VI.7
- Apuleio (escritor): *ClodAlb.* XII.12
- Apuleio Rufino: *Sev.* IV.4
- Apro (tio paterno de S.Severo): *Sev.* I.2
- Aquílio: *DidIul.* V.8; *PescNig.* II.6
- Aquino: *PescNig.* I.3
- Arábia: *Sev.* IX.9; XII.6; *AntDiad.* VIII.4 (legado da)
- Arabiano: *AntDiad.* IX.1
- Aristómaco: *AntHeliog.* XIV.8
- Arménia: *AntDiad.* VIII.4 (governador da).

Árrio Antonino: *Pert.* III.7  
 Artabano: *OpilMacr.* VIII.3  
 Aureliano: *PescNig.* VII.1  
 Aurunculeio Corneliano: *Sev.* XIII.2  
 Asélio Claudiano: *Sev.* XIII.1  
 Ásia: *AntCar.* V.8; *AntDiad.* VIII.4 (legado da);  
 Atenas: *Sev.* III.7  
 Ateneu: *Pert.* XI.1;  
 Augusto (título): *Sev.* XVIII.9;  
*PescNig.* II.2; *ClodAlb.* II.3;  
*AntCar.* XI.3; *OpilMacr.* X.4; *AntDiad.* VIII.5; IX.1;  
*AntHeliog.* XV.3; XXXV.5  
 Augusto, Octávio: *Sev.* VII.6;  
 XXI.3; *PescNig.* XII.1; *AntCar.* IX.1; *AntHeliog.* I.2  
 Aurélia Messalina: *ClodAlb.* IV.3  
 Aureliano: *AntHeliog.* XXXV.2  
 Aurélio Vítor: *OpilMacr.* 4.2.  
 Avídio Cássio: *Pert.* II.10; *ClodAlb.* VI.2; X.9-10; XII.10

## B

Bassiano: v. Antonino Caracala  
 Basso: *Sev.* VIII.8  
 Bébio Meciano: *ClodAlb.* VI.1  
 Bélgica: *DidIul.* I.7  
 Belona (templo): *Sev.* XXII.6  
 Bética: *Sev.* II.3-5  
 Bitúnia: *DidIul.* II.2; *PescNig.*

V.2; *ClodAlb.* VI.2; *OpilMacr.* X.3; XV.1  
 Bizâncio: *Sev.* VIII.12  
 Britânia(s): *Pert.* II.1; III.5;  
 III.8; V.1; *Sev.* VI.10; XVIII.2;  
 XIX.1; XXII.4; XXIV.1;  
*ClodAlb.* XIII.4; XIII.7  
 Brundísio: *Sev.* XV.2

## C

Calígula: *AntHeliog.* I.1;  
 XXXIII.1; XXXIV.1  
 Camilo, M. Fúrio: *Sev.* XXI.1;  
*PescNig.* XII.1  
 Campânia: *ClodAlb.* XI.3  
 Campo de Júpter: *PescNig.* XII.4  
 Capitólio: *Pert.* V.4; *DidIul.* IV.6;  
*Sev.* VII.1; XIV.7; *AntCar.* III.1;  
*AntHeliog.* XV.7; XXX.4  
 Cápua: *DidIul.* VIII.3  
 Carnuto: *Sev.* V.1  
 Carras: *AntCar.* VI.6; VII.1  
 Cartago: *OpilMacr.* III.1  
 Caspério Agripino: *Sev.* XIII.3  
 Caspério Emiliano: *Sev.* XIII.4  
 Cássio Papírio: *ClodAlb.* X.11-12;  
 Catílina: *ClodAlb.* XIII.2  
 Catões: *Sev.* XXI.1  
 Ceiónio Albino: *Sev.* XIII.3

- Ceiónio Cómodo: *Pert.* X.2  
Ceiónio Postumiano: *ClodAlb.*  
VI.1  
Ceiónio Póstumo: *ClodAlb.*  
IV.3; IV.6  
Ceiónios: *ClodAlb.* IV.1; X.6;  
XII.8; XIII.5  
Celeste (deusa): *OpilMacr.* III.1  
Cilão, Lúcio Fábio: *AntCar.*  
III.2; IV.5; IV.6;  
Celiano: *AntDiad.* VIII.9  
Célio: *AntHeliog.* XXX.4  
Cerélio Faustiniano: *Sev.* XIII.6  
Cerélio Juliano: *Sev.* XIII.6  
Cerélio Macrino: *Sev.* XIII.6  
César (título): *Pert.* VI.9; *DidIul.*  
VIII.8; *Sev.* VI.9; VIII.3;  
XIV.3; XVI.3-4; *ClodAlb.*  
I.2; II.1-2; III.3; VI.4; X.3;  
XIII.4; XIII.9; *AntGeta* 5.3;  
*OpilMacr.* IV.1; 10.4; *Ant-*  
*Diad.* II.5; *AntHeliog.* V.1;  
X.1; XIII.1; XIII.6; XV.3-4;  
XVI.4; XIII.4  
César, Júlio: *Sev.* XVII.2; *Clod-*  
*Alb.* XIII.7  
Césares: *ClodAlb.* V.6; *OpilMacr.*  
I.1  
Cícero, M. Túlio: *Sev.* XXI.2  
Cipião: vide Cornélio Cipião  
Cipiões: *PescNig.* XII.2  
Circo Máximo: *PescNig.* III.1  
Cízico: *Sev.* VIII.16; IX.1; *Pesc-*  
*Nig.* V.8  
Cincinato: v. Quíncio  
Cíncio Severo: *Sev.* XIII.9  
Clara Emília: *DidIul.* I.2  
Claro: *Pert.* XV.6  
Cláudio (cabeleireiro): *AntHe-*  
*liog.* XII.1  
Cláudio (Cláudio II): *AntHeliog.*  
XXXV.2  
Cláudio Arabiano: *Sev.* XIII.7  
Cláudio Pompeiano: *Pert.* II.4;  
IV.10; *DidIul.* VIII.3; *Ant-*  
*Car.* 3.8.  
Cláudio Sulpiciano: *Sev.* XIII.3  
Cláudio Rufo: *Sev.* XIII.2  
Clemência (virtude imperial):  
*AntGeta* I.1; *AntHeliog.*  
XXXIV.4; XXXV.3  
Clódio Albino: *Sev.* VI.9; X.1-3;  
X.7-8; XI.1; XI.3; XI.6-9;  
XII.1; XII.5-7; *PescNig.* II.1;  
IV.7; VI.2; VIII.1-2; IX.3;  
*ClodAlb. passim*  
Clódio Celsino: *Sev.* XI.3  
Clódio Rufino: *Sev.* XIII.5  
Cocceio Vero: *Sev.* XIII.4  
Cómodo Antonino: *Pert.* III.5;  
III.8; IV.4-5; IV.7; IV.10;  
V.1; V.2; V.7; VI.2-3; VI.6;  
VI.10; VII.4; VII.6; VII.8;  
VIII.1; VIII.10; IX.8; XII.8;  
*DidIul.* II.1; II.6; III.7; VI.2;  
*Sev.* IV.3-4; V.1; VI.9; XI.4;  
XII.8; XIV.1; XIX.3; XXI.5;  
*PescNig.* I.5; III.5; IV.4; IV.6;

- VI.8-9; VII.2; X.8; *ClodAlb.* II.1-2; III.1-2; VI.3-5; VI.7; XIII.7; XIII.9; XIV.1-4; *AntCar.* V.5; IX.11; *OpilMacr.* III.4; IV.3; VII.7; XIII.1; *AntDiad.* VI.7; VII.2; VII.3
- Constantino: *ClodAlb.* IV.2; *AntGeta* I.1; *AntHeliog.* II.4; XXXIV.1
- Cordo: v. Élio Cordo e Júnio Cordo
- Coriolano: v. Márcio
- Cornélio Balbo: *PescNig.* IV.1.
- Cornélio Cipião Emiliano: *Sev.* XXI.1
- Cornélio Cipião: *AntHeliog.* XXVI.2
- Cornélio Repentino: *DidIul.* III.6; VIII.6
- Cornificia: *Pert.* XIII.8
- Crispino: v. Túlio
- Crispo, Salústio: *Sev.* XXI.2; XXI.10
- Ctesifonte: *Sev.* XVI.1
- Cumas: *ClodAlb.* V.4
- D**
- Dácia: *Pert.* II.4; II.10; *AntCar.* V.4;
- Dalmácia: *DidIul.* I.9
- Danúbio: *Pert.* II.10
- Delfos: *PescNig.* VIII.1
- Demóstenes: *Sev.* XXI.2
- Diadúmeno: *AntCar.* VIII.10; *OpilMacr.* II.5; III.4; III.8; V.1; V.7; VI.1; VI.6; VII.5; VII.8; X.3; X.4; XII.9; XIV.1; *AntDiad. passim*; *AntHeliog.* I.4; II.3; III.1; VIII.45
- Diana: *AntHeliog.* VII.5-6
- Dídia Clara: *DidIul.* III.4
- Dídio Juliano: *Pert.* XIV.4-5; XIV.9; *DidIul. Passim*; *Sev.* I.1; II.1; V.1; V.5; V.7; V.9; VI.1; VI.5; VII.4; VIII.3; XVII.5; *PescNig.* II.1-7; III.1-2; *ClodAlb.* I.1; *OpilMacr.* III.6; *AntDiad.* VI.3
- Dídio Próculo: *DidIul.* I.2
- Diocleciano: *Sev.* XX.4; *PescNig.* IX.1; *OpilMacr.* XV.3; *AntHeliog.* XXXV.4
- Domícia Lucila: *DidIul.* I.3-4
- Domiciano (imp.): *PescNig.* IX.2
- Domicianos: *ClodAlb.* XIII.5
- Domício Alexandre, Lúcio: *AntHeliog.* XXXV.6
- Domício Dextro: *Sev.* VIII.8
- Domício Ulpiano: *AntHeliog.* XVI.2; XVI.4
- E**
- Ebóraco: *Sev.* XIX.1
- Écio: *Sev.* VIII.1
- Ecleto: *Pert.* IV.5-6; XI.11

- Edessa: *AntCar.* VI.6; VII.1  
Egito: *Sev.* VIII.7; *PescNig.* V.5;  
VII.7; *AntHeliog.* XXVIII.3  
Egnatuleio Honorato: *Sev.*  
XIII.5  
Elba: *DidIul.* I.7  
Élio Bassiano: *ClodAlb.* IV.5-6  
Élio Celso: *Sev.* XIII.2  
Élio Cordo: *ClodAlb.* V.10;  
VII.2; XI.2  
Élio Cordueno: *PescNig.* IV.4  
Élio Mauro: *Sev.* XX.1  
Émesa: *OpilMacr.* IX.1  
Emília (ponte): *AntHeliog.*  
XVII.2  
Emília (via): *Pert.* II.2  
Emiliano, Gaio Asélio: *Sev.*  
VIII.13; VIII.15-16; *Pesc-*  
*Nig.* V.7  
Erúcio Claro (cons. de 146): *Sev.*  
I.3  
Erúcio Claro: *Sev.* XIII.4  
Esperança Antiga: *AntHeliog.*  
XIII.5  
Estátílio Corfuleno: *ClodAlb.*  
XII.11

## F

- Fábria: *Pert.* X.2  
Fábio Máximo Gurges, Quinto:  
*AntHeliog.* XXVI.2  
Fábio Paulino: *Sev.* XIII.3

- Fábio Sabino: *AntHeliog.*  
XVI.2-3  
Falcão: *Pert.* V.2; X.1; X.4-6;  
X.10; XV.6  
Faustina, Ânia: *AntCar.* XI.6  
Festo (liberto): *OpilMacr.* IV.4  
Filipe, Falso: *AntHeliog.* VIII.4  
Filipe-o-Árabe: *AntHeliog.*  
XXXII.6  
Fávia Ticiano: *Pert.* V.4  
Flávio Genial: *DidIul.* III.1;  
VIII.6  
Flávio Juvenal: *Sev.* VI.5; *AntGe-*  
*ta* II.6  
Flávio Sulpiciano: *Pert.* XIII.7  
Flávio Valério Severo: *AntHeliog.*  
XXXV.6  
Flégon: *Sev.* XX.1  
Flora: *AntHeliog.* VI.5  
Fortuna (deusa): *Sev.* XXIII.5-7;  
*AntDiad.* VII.5  
Fúlvia Pia: *Sev.* I.2  
Fúlvio Plauciano: v. Plauciano  
Fúlvio Pio: *Sev.* I.2  
Fuscino: *Pert.* IV.3

## G

- Gália(s): *Sev.* V.3; X.1; XI.1;  
XII.3; *PescNig.* II.1; III.4;  
III.9; VI.7; *ClodAlb.* I.2; V.5;  
VI.3; IX.1; *AntCar.* V.1; V.2  
Gélio: *AntDiad.* IX.1

- Galieno: *ClodAlb.* IV.2  
 Galos (sacerdotes): *AntHeliog.* VII.2  
 Germânia: *Pert.* II.2-3; *Didlul.* I.6; I.9; *Sev.* IV.4-5; IV.7; V.1; *ClodAlb.* I.2  
 Geta, pai de Severo: *Sev.* I.2  
 Geta, irmão de Severo: *Sev.* VIII.10; X.3; XIV.8  
 Geta, filho de severo: v. Antonino Geta  
 Gordianos: *ClodAlb.* IV.2; *OpilMacr.* III.5; *AntDiad.* VI.3; *AntHeliog.* XVIII.1; XXXIV.6  
 Górdio: *AntHeliog.* VI.3; XII.1; XV.2  
 Grande Mãe: *AntHeliog.* III.4; VII.1; XXVIII.2  
 Grécia: *Sev.* VIII.12; *PescNig.* V.6
- H**
- Hebro: *AntHeliog.* VII.7  
 Helesponto: *Sev.* VIII.16  
 Heliogábalos (divindade): *OpilMacr.* IX.2; *AntHeliog.* I.6; II.3  
 Heliogábalos: vide Antonino Heliogábalos  
 Helvianos (*sodales*): *Pert.* XV.4; *Sev.* VII.8  
 Hélivio Pertinaz: vide Pertinaz, Hélivio
- Hélivio Sucesso: *Pert.* I. 1  
 Heraclito: *Sev.* VI.10; *PescNig.* V.2  
 Hércules: *AntCar.* 5.5; 5.9; *AntDiad.* VII.2; VII.3  
 Herénio Nepos: *Sev.* XIII.7  
 Herodiano: *ClodAlb.* I.2; XII.14; *AntDiad.* II.5  
 Hiérocles: *AntHeliog.* VI.5; XV.2; XV.4  
 Hispânia (s): *Sev.* III.4; XII.3; *ClodAlb.* XIII.6  
 Homero: *Sev.* XXI.2
- I**
- Ilíria/Ilírico: *Didlul.* V.1-2  
 Índia: *AntHeliog.* XXXI.4  
 Interamna: *Sev.* VI.2  
 Ísis: *PescNig.* VI.8-9; *AntCar.* IX.10; IX.11  
 Itália: *Didlul.* II.1; *Sev.* XII.3; *AntDiad.* VIII.7; *AntHeliog.* VIII.1  
 Íxiones: *AntHeliog.* XXIV.5
- J**
- Júlia Domna: *Sev.* III.9; XVIII.8; XX.2; XXI.7; *ClodAlb.* VII.5; *AntCar.* X.1; *AntGeta* I.5; III.1; III.3; *AntDiad.* IX.1

Júlia Semiamira ou Soémia: *AntDiad.* IX.1; *AntHeliog.* II.1; IV.4; XIV.4; XVIII.2

Júlia Mameia: *AntDiad.* IX.1

Júlia Mesa (ou Júlia Vária): *OpilMacr.* IX.1; IX.4; *AntHeliog.* X.1; XII.3; XXXI.4

Júlio Leto: *DidIul.* VIII.1

Júlio Marcial: *AntCar.* VI.7; VII.1

Júlio Rufo: *Sev.* XIII.2

Júnio Cordo: *OpilMacr.* I.3

Júnio Severo: *ClodAlb.* XIV.1

Juno: *AntDiad.* VII.7

Júpiter: *AntDiad.* I.7; *AntHeliog.* I.5; XVII.8

Júpiter Sírío: *AntCar.* XI.7

## L

Labicana (Via): *DidIul.* VIII.10

Labico: *ClodAlb.* XI.3

Lacedemónia: *AntHeliog.* XXIV.6

Lamprídia: *PescNig.* I.3

Laodiceia: *AntHeliog.* VII.5

Léptis: *Sev.* I.2; II.6; XV.3

Leto, Emílio: *Pert.* IV.5-6; V.1-2; X.8; XI.7; *DidIul.* VI.2; *Sev.* IV.4; XV.3

Leto, Mécio: *AntCar.* III.4

Líber: *AntHeliog.* XXVIII.2

Líbia: *Sev.* VIII.7; *PescNig.* V.5

Licínio Augusto, Gaio Valé-

rio Liciniano: *AntHeliog.* XXXV.6

Ligúria: *Pert.* III.3-4

Loliano Genciano: *Pert.* VII.7

Loliano Ticiano: *DidIul.* VIII.3

Lólio Avito: *Pert.* I.5

Lólio Professo: *Sev.* XIII.2

Lólio Sereno: *ClodAlb.* VI.1

Lólio Úrbico: *AntDiad.* IX.2

Lucílio: *Pert.* IX.5

Lúcio Estilão: *Sev.* XIII.4

Lúcio Pompeiano: *AntCar.* 3.8

Lugdunense: *Sev.* III.8; *PescNig.* III.3

Lugduno: *ClodAlb.* XII.3

Lua: *AntCar.* VII.3; VII.5

Luno: *AntCar.* VI.6; VII.3; VII.5

## M

Macedónia: *PescNig.* V.6; *AntCar.* II.1

Macrino: *AntCar.* VI.6; VIII.9; XI.5; *OpilMacr. passim*; *AntDiad.* I.VII; II.1; II.4; II.6; II.8; V.5; VII.1; VII.4; VIII.4; *AntHeliog.* I.4; II.3; III.3; V.1; VIII.4

Macro (avô paterno de S. Severo): *Sev.* I.2

Mália (ou Mânlia) Escantila: *DidIul.* III.4; VIII.10

- Márcia (amante de Cómodo): *Pert.* V.2; *DidIul.* VI.2
- Márcia (esposa de Severo): *Sev.* III.2
- Marcianos (*sodales*): *Pert.* XV.4; *Sev.* VII.8
- Márcio Coriolano: *PescNig.* XII.1
- Márcio Agripa: *AntCar.* VI.7
- Marco Aselião: *Sev.* XIII.7
- Marco Aurélio: *Pert.* II.4; II.6-7; II.9; III.1; IV.10; XV.4; *DidIul.* I.3; I.5-6; *Sev.* I.5; III.1; III.3; X.7; XIX.2-3; XX.1; XXI.4-5; *PescNig.* IV.1; VII.2; XII.1; *ClodAlb.* X.4-6; X.9; *AntCar.* III.8; *AntGeta* II.2; II.3; *OpilMacr.* I.4; III.4; VII.7; *AntDiad.* II.3; VI.5; VI.7; VII.4; *AntHeliog.* I.2; II.4; IX.1; XIX.3
- Mário, Gaio: *PescNig.* VI.4; XI.3; XI.5; XII.1
- Mário Máximo: *Pert.* II.8; XV.8; *Sev.* XV.3; *ClodAlb.* III.4; IX.2; IX.5; XII.14; *AntGeta* II.1; *AntHeliog.* XI.6
- Massília: *Sev.* III.6
- Mastício Fabiano: *Sev.* XIII.3
- Maurêncio: *DidIul.* III.1
- Maxêncio: *AntHeliog.* XXXV.6
- Maximiano: *AntHeliog.* XXXV.4
- Mediolano (Milão): *AntGeta* III.1
- Megalésias (festival das): *AntCar.* VI.6
- Mémio Rufino: *Sev.* XIII.4
- Mezêncio: *OpilMacr.* XII.8; XII.9
- Mênfis: *Sev.* XVII.4
- Mémnon: *Sev.* XVII.4
- Mésia: *Pert.* II.1; II.10
- Micipsa: *Sev.* XXI.10
- Mirismo: *AntHeliog.* XV.2
- Múmio Secundino: *Sev.* XIII.1
- Narciso: *Sev.* XIV.1
- Neápolis (Palestina): *Sev.* IX.5
- Nemesiano: *AntCar.* VI.7
- N**
- Nero: *ClodAlb.* XIII.8; *AntHeliog.* I.1; XVIII.4; XXXI.5; XXXIII.1; XXXIV.1
- Neros: *ClodAlb.* XIII.5
- Nicomédia: *AntHeliog.* V.1
- Nilo: *PescNig.* VII.7
- Nónio Graco: *Sev.* XIII.3
- Nónio Murco: *ClodAlb.* II.3
- Nórico: *Pert.* II.6
- Nóvio Rufo: *Sev.* XIII.7
- Numa Pompílio: *Sev.* XXI.1
- Númio Albino: *DidIul.* I.2
- O**
- Orco: *AntHeliog.* I.6
- Oresta (cidade): *AntHeliog.* VII.7-8

Orestes: *AntHeliog.* VII.5-7

Óstia: *ClodAlb.* XI.3

Otão: *AntHeliog.* XVIII.4

**P**

Paládio: *AntHeliog.* III.4; VI.9

Palatino: *Sev.* VII.2; XXII.7;  
XXIV.4; *AntHeliog.* III.4;  
XXX.4

Palestina: *Sev.* IX.5

Panónia(s): *Sev.* IV.2; X.7

Papiniano, Emílio (jurista): *Sev.*  
XXI.8; *PescNig.* VII.4; *Ant-*  
*Car.* III.2; IV.1; IV.2; VIII.1;  
VIII.2; VIII.5; VIII.6;  
VIII.7; VIII.8; *AntGeta* VI.3

Pápío Fausto: *Sev.* XIII.2

Páris: *AntHeliog.* V.4

Paulo (jurista): *PescNig.* VII.4

Pártia: *Sev.* XVI.1

Perene: *Pert.* III.3; III.5

Perinto: *Sev.* VIII.13

Pertinaz, Hélivio: *Pert. Pas-*  
*sim*; *DidIul.* I.1; II.3; II.6;  
III.7; III.9; IV.8-10; VIII.5;  
*Sev.* V.4; VII.8-9; VIII.11;  
XVII.5; XXIII.4; *PescNig.*  
II.3; III.1; *ClodAlb.* I.1;  
XIV.2; XIV.6; *AntCar.* X.6;  
*AntGeta* VI.6; VI.8; *OpilMa-*  
*cr.* III.6; *AntDiad.* VI.3

Pertinaz, Hélivio (filho do im-  
perador Hélivio Pertinaz):

*AntCar.* IV.8; X.6; *AntGeta*  
VI.6; VI.7; VI.8

Pescénio Aureliano: *Sev.* XIII.6

Pescénio Albino: *Sev.* XIII.6

Pescénio Festo: *Sev.* XIII.6

Pescénio Juliano: *Sev.* XIII.6

Pescénio Materiano: *Sev.* XIII.6

Pescénio Nigro: *DidIul.* IV.7;  
V.1-2; *Sev.* V.8; VI.7-8;  
VI.10; VIII.7; VIII.12-15;  
VIII.17; IX.1-3; IX.5-9;  
XIV.6; XV.3; *PescNig. pas-*  
*sim*; *ClodAlb.* I.1; I.4; III.4;  
VI.8; VII.1; VII.4; XI.1;  
XII.7; XII.13; *AntCar.* I.7

Pescénio Princo: *ClodAlb.* VII.5

Pescénio Veraciano: *Sev.* XIII.6

Petrónio Dídio Severo: *DidIul.*  
I.2

Petrónio Júnior: *Sev.* XIII.6

Piedade (virtude imperial): *Ant-*  
*Heliog.* XXXIV.5; XXXV.4

Pisão, Gaio Calpúrnio: *ClodAlb.*  
XII.10

Pisão Frúgi Liciniano, L. Cal-  
púrnio: *PescNig.* IX.2

Plauciano, G. Fúlvio: *Sev.* VI.10;  
XIV.5; XIV.7-8; XV.3;  
*PescNig.* V.2; *AntCar.* I.7;  
*AntGeta* IV.4; *AntHeliog.*  
VIII.6

Pláucio Quintilo: *DidIul.* VI.6

Plautilo: *ClodAlb.* X.6

Plauto: *Sev.* XXI.2

Pompeiano, Lúcio Aurélio Cómodo: *AntCar.* III.8

Pompeiano, Tibério Cláudio: *AntCar.* III.8

Porta Setimiana: *Sev.* XIX.5

Pórtico de Severo: *Sev.* XXI.12

Postúmio Severo: *Sev.* XIII.2

Postúmios: *ClodAlb.* IV.1; XIII.5

Probo: *Sev.* VIII.1

Protógenes: *AntHeliog.* VI.3

Ptolemeu Evergetes: *AntCar.* VI.3

Publício Floriano: *DidIul.* II.5

## Q

Quíncio Cincinato, L.: *PescNig.* XII.1

Quirinal: *AntHeliog.* IV.3

## R

Ragónio Celso: *PescNig.* III.9

Ravena: *DidIul.* VI.3

Récia(s): *Pert.* II.6; *AntCar.* V.4

Remo: *Sev.* I.8

Reno: *ClodAlb.* VI.3

Roma: *DidIul.* VI.4; VII.8; *Sev.* I.5-6; *Sev.* IV.5; V.3; V.10-11; VI.4; VI.6; VI.10; VII.1; VII.6; VIII.8; X.1; XI.6; XII.7; XXI.12; XXIII.1-2; XXIV.1; *PescNig.* II.2; III.1; VI.1; VII.5; XII.6; *ClodAlb.*

I.1; VII.3; IX.6; XIV.1; *AntCar.* II.8; IX.4; IX.9; IX.10;

IX.11; *AntGeta* VI.4; *OpilMacr.* V.2; *AntDiad.* II.2;

*AntHeliog.* I.6; III.1; III.4; V.3; XII.1; XXV.6; XXVI.6;

XXVIII.3; XXXII.9

Rómulo: *Sev.* I.8; XXI.1

## S

Salambo: *AntHeliog.* VII.3

Sálíos (sacerdotes): *AntCar.* XI.6

Salústio: v. Crispo

Sálvio Juliano (avô de Dídio Juliano): *DidIul.* I.1.

Sálvio Juliano (tio-avô de Dídio Juliano): *DidIul.* I.2

Sálvio Juliano, P. (jurisconsulto): *DidIul.* II.1; *Sev.* XVII.5

Sardínia: *Sev.* II.4-5

Saxa Rubra: *Sev.* VIII.9

Semiamira: vide Júlia Semiamira

Septizónio: *Sev.* XIX.5; XXIV.3; *AntGeta* VII.2

Serápis: *Sev.* XVII.3

Sereno Samónico: *AntCar.* IV.4; *AntGeta* V.6

Sérgio Lustral: *Sev.* XIII.3

Severo (tio paterno de Septímio): *Sev.* I.2-3

Severo, Alexandre: *Sev.* XIV.5; *OpilMacr.* IV.1; *AntHeliog.* V.1; X.1; XIII.1-2; XIII.6;

- XIV.2-3; XV.3; XVI.5; XVII.9; XXIX.5; XXX.8; XXXV.2
- Severo, Septímio: *Pert.* XV.1; XV.4; *DidIul.* V.2-5; V.7-8; VI.1-5; VI.8; VII.5-8; VII.11; VIII.1; VIII.4-5; VIII.7-8; VIII.10; *Sev. passim*; *PescNig.* II.1; II.2; II.5; II.7; III.23; III.5; III.9; IV.1; IV. 5-8; V.1-8; VI.4; VI.10; VII. 4; VIII.1-2; IX.3; IX.56; XII.3; XII.7-8; *ClodAlb.* I.1; I.2; I.4; II.3; III.2-3; III.6; V.5; VI.8; VII.1-3; VIII.34; IX.1-7; X.1; X.3; XI.4-5; XII.1-2; XII.5-6; *AntCar. passim*; *AntGeta passim*; *OpilMacr.* III.6; IV.3; VI.8; *AntDiad.* VI.3; VI.8; VI.9; *AntHeliog.* XVII.8; XXVII.7
- Sicília: *Sev.* IV.2-3
- Sigilárias: *AntCar.* IV.8
- Sila: *PescNig.* VI.4; *AntCar.* II.2; IV.10; V.4
- Silvino: *AntHeliog.* XVI.4
- Síria: *Pert.* I.6; II.10; II.11; III.1; *DidIul.* V.1-2; *Sev.* III.9; V.8; VI.7; XV.2; XVI.5; XVI.7-8; *PescNig.* I.5; II.1; *PescNig.* II.1; *ClodAlb.* I.1; *AntHeliog.* I.6
- Sodales Antonianos*: *AntCar.* XI.6
- Sol: *AntCar.* XI.7; *OpilMacr.* IX.2; *AntHeliog.* I.5; XVII.8
- Sulpiciano, T. Flávio Cláudio: *DidIul.* II.3; II.6-7; III.1; III.6
- Sulpício (bairro): *AntHeliog.* XVII.8
- Sulpício Apolinar: *Pert.* I.4
- Sulpício Cano: *Sev.* XIII.7

## T

- Tarracina: *DidIul.* VIII.3
- Tarragona: *Sev.* III.4
- Tauro (monte): *AntCar.* XI.7
- Tebas: *AntHeliog.* XXIV.7
- Terêncio: *Sev.* XXI.2
- Termas Antonianas: *AntCar.* IX.4; IX.9
- Termas Setimianas: *Sev.* XIX.5
- Termas Severianas: *Sev.* XIX.5
- Tiberino: *AntHeliog.* XVII.5
- Tibério: *AntCar.* II.2; *AntHeliog.* XXXIII.1
- Tibre: *AntHeliog.* XVII.2; XVII.6; XXX.4; XXXIII.7
- Tinúrcio: *Sev.* XI.1
- Tirário Materno Lascivo: *Pert.* VI.4
- Tito: *PescNig.* XII.1; *AntHeliog.* I.2
- Tito Aurélio: vide Antonino Pio
- Trácia(s): *Sev.* VIII.12; *PescNig.* V.6; *AntCar.* V.8

- Trajano: *Pert.* IX.3; *Sev.* XXI.3; *PescNig.* IV.3; XII.1; *ClodAlb.* XII.10; *OpilMacr.* I.4; XIII.1; *AntHeliog.* I.2  
 Três Rios: *AntHeliog.* VII.7  
 Triciano, Élio Décio: *AntCar.* VI.7  
 Trípolis: *Sev.* XVIII. 3  
 Túlio: v. Cícero  
 Túlio Crispino: *DidIul.* III.1; VI.4; VII.4; VII.6; VIII.1;  
 Tusco: *AntDiad.* IX.1
- U**
- Ulpiano (jurista): *PescNig.* VII.4  
 Úlpio Juliano: *OpilMacr.* X.1  
 Úmbria: *DidIul.* VIII.4
- V**
- Vada Sabácia: *Pert.* IX.4; XIII.4  
 Valeriano: *Pert.* XII.7  
 Valério Catulino: *DidIul.* V.7  
 Valério Catulino: *Sev.* XIII.7  
 Vária: vide Júlia Mesa  
 Vário (Antonino Heliogábalos):  
*AntHeliog.* I.1; I.4; I.6; II.1-2; III.1; IX.2; X.1; XIV.2; XIV.5; XVII.4  
 Vaticano: *AntHeliog.* XXIII.1  
 Véccio Apro: *DidIul.* II.5  
 Veios: *Sev.* IV.5  
 Vénus: *AntHeliog.* V.4-5  
 Vero, Lúcio: *Pert.* XV.6; *Sev.* XX.1; *ClodAlb.* II.5; *AntCar.* III.8; *OpilMacr.* III.4; IV.4; VII.7; *AntDiad.* II.3; VI.6; VII.4  
 Vespasiano: *PescNig.* XII.1; *AntHeliog.* I.2  
 Vesprónio Cândido: *DidIul.* V.6  
 Vesta: *AntHeliog.* III.4; VI.7-8  
 Vetúrio Macrino: *DidIul.* VII.5  
 Viminácio: *Sev.* X.3  
 Vindex: *PescNig.* IX.2  
 Virgílio: *Sev.* XXI.2  
 Vitálio Vítor: *Sev.* XIII.2  
 Vitélio: *AntHeliog.* I.1; XVIII.4; XXIV.4; XXXIV.1  
 Vitélio (cônsul): *AntGeta* III.1  
 Vitélios: *ClodAlb.* XIII.5
- Z**
- Zótico: *AntHeliog.* X.2-3; X.5

(Página deixada propositadamente em branco)

**VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES**  
**GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS**

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
5. Ana Alexandra Sousa: *Sêneca. Medeia*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2011).
6. Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues: *História Augusta. Volume I*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
7. Reina Marisol Troca Pereira: *Plauto. A Comédia do Fantasma ('Mostellaria')*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
8. Reina Marisol Troca Pereira: *Plauto. As três moedas (Trinummus)*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
9. Aires Pereira do Couto: *Plauto. O Mercador*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
10. Nuno Simões Rodrigues, Cláudia Teixeira, Francisco Oliveira, José Luís Brandão: *Vidas de Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo* (Coimbra, IUC, 2021).

(Página deixada propositadamente em branco)

## Resumo da Obra

Este segundo volume inclui as biografias de Pertinaz, Dídio Juliano, Setímio Severo, Pescénio Nigro, Clódio Albino, Caracala, Geta, Macrino, Diadúmeno e Heliogábalo. Assim, levando em conta a acessão de Pertinaz ao trono imperial e a morte de Heliogábalo, o volume abrange o período da História de Roma que vai de 192 a 222 d.C. Mas, se tomarmos como ponto de partida o nascimento de Pertinaz (122 d.C.), o conjunto perfaz cerca de um século. O período abrangido pelas *Vidas* aqui reunidas coincide com o da instituição da dinastia dos Severos, que se seguiu à dos Antonínos, que marcou a vários níveis o apogeu imperial romano. De todas as biografias reunidas neste volume, a de Heliogábalo deverá ser, pela riqueza das descrições, a que melhor corresponde a um certo imaginário contemporâneo — ainda que não necessariamente factual — da Roma Antiga: uma civilização pautada pela desmesura, pelo excesso, pelo exotismo, pela crueldade e pela perversão.

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



1 2 9 0



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

